

Universidades Lusíada

Andrade, João Miguel Pascoal Vieira de, 1988-

Abordagem comparativa à pedagogia e metodologia da iniciação ao violino em duas escolas oficiais do ensino da música

<http://hdl.handle.net/11067/2518>

Metadata

Issue Date	2016-07-12
Abstract	A presente dissertação foi desenvolvida no âmbito do mestrado em Ensino da Música da Universidade Lusíada de Lisboa. Tem como objectivo abordar considerações teóricas e metodológicas musicais relativas ao ensino do violino ao nível da iniciação no contexto do ensino oficial. Para o efeito, são apontadas diferentes metodologias e competências que definem e condicionam a iniciação ao violino, através da perspectiva docente, contextualizando-as na Escola de Música do Conservatório Nacional e no Con...
Keywords	Violino - Instrução e estudo - Portugal, Violino - Métodos, Violino - Estudos e exercícios
Type	masterThesis
Peer Reviewed	No
Collections	[ULL-FCHS] Dissertações

This page was automatically generated in 2018-10-13T10:25:00Z with information provided by the Repository



UNIVERSIDADE LUSÍADA DE LISBOA
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

METROPOLITANA

ACADEMIA NACIONAL SUPERIOR DE ORQUESTRA

ACADEMIA NACIONAL SUPERIOR DE ORQUESTRA

Mestrado em Ensino de Música

Abordagem comparativa à pedagogia e metodologia da iniciação ao violino em duas escolas oficiais do ensino da música

Realizado por:

João Miguel Pascoal Vieira de Andrade

Orientado por:

Prof. Doutor Ricardo Nuno Futre Pinheiro

Prof. Doutor Pedro Filipe Russo Moreira

Constituição do Júri:

Presidente:	Prof. Doutor Carlos César Lima da Silva Motta
Orientador:	Prof. Doutor Ricardo Nuno Futre Pinheiro
Arguente:	Prof. Doutor Rui Miguel Cabral Lopes
Vogal:	Prof. ^a Doutora Teresa Paula Rodrigues de Oliveira Leite Maurer

Dissertação aprovada em: 11 de Julho de 2016

Lisboa

2015



METROPOLITANA

ACADEMIA NACIONAL SUPERIOR DE ORQUESTRA

UNIVERSIDADE LUSÍADA DE LISBOA
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

ACADEMIA NACIONAL SUPERIOR DE ORQUESTRA

Mestrado em Ensino de Música

**Abordagem comparativa à pedagogia e metodologia
da iniciação ao violino em duas escolas oficiais do
ensino da música**

João Miguel Pascoal Vieira de Andrade

Lisboa

Novembro 2015



METROPOLITANA

ACADEMIA NACIONAL SUPERIOR DE ORQUESTRA

UNIVERSIDADE LUSÍADA DE LISBOA
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

ACADEMIA NACIONAL SUPERIOR DE ORQUESTRA

Mestrado em Ensino de Música

**Abordagem comparativa à pedagogia e metodologia
da iniciação ao violino em duas escolas oficiais do
ensino da música**

João Miguel Pascoal Vieira de Andrade

Lisboa

Novembro 2015

João Miguel Pascoal Vieira de Andrade

**Abordagem comparativa à pedagogia e metodologia
da iniciação ao violino em duas escolas oficiais do
ensino da música**

**Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências
Humanas e Sociais da Universidade Lusíada de Lisboa
e à Academia Nacional Superior de Orquestra para a
obtenção do grau de Mestre em Ensino de Música.**

Orientador: Prof. Doutor Ricardo Nuno Futre Pinheiro

Co-orientador: Prof. Doutor Pedro Filipe Russo Moreira

Lisboa

Novembro 2015

Ficha Técnica

Autor João Miguel Pascoal Vieira de Andrade
Orientador Prof. Doutor Ricardo Nuno Futre Pinheiro
Co-orientador Prof. Doutor. Pedro Filipe Russo Moreira
Título Abordagem comparativa à pedagogia e metodologia da iniciação ao violino em duas escolas oficiais do ensino da música
Local Lisboa
Ano 2015

Mediateca da Universidade Lusíada de Lisboa - Catalogação na Publicação

ANDRADE, João Miguel Pascoal Vieira de, 1988-

Abordagem comparativa à pedagogia e metodologia da iniciação ao violino em duas escolas oficiais do ensino da música / João Miguel Pascoal Vieira de Andrade ; orientado por Ricardo Nuno Futre Pinheiro, Pedro Filipe Russo Moreira. - Lisboa : [s.n.], 2015. - Dissertação de Mestrado em Ensino de Música, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Lusíada de Lisboa, em regime de associação com a Academia Nacional Superior de Orquestra.

I - PINHEIRO, Ricardo Nuno Futre, 1977-

II - MOREIRA, Pedro Filipe Russo, 1981-

LCSH

1. Violino - Instrução e estudo - Portugal
2. Violino - Métodos
3. Violino - Estudos e exercícios
4. Universidade Lusíada de Lisboa. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - Teses
5. Teses - Portugal - Lisboa

1. Violin - Instruction and study - Portugal

2. Violin - Methods

3. Violin - Studies and exercises

4. Universidade Lusíada de Lisboa. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - Dissertations

5. Dissertations, Academic - Portugal - Lisbon

LCC

1. MT265.A53 2015

APRESENTAÇÃO

Abordagem Comparativa à Pedagogia e Metodologia da Iniciação ao Violino em duas escolas oficiais do ensino da música

João Miguel Pascoal Vieira de Andrade

A presente dissertação foi desenvolvida no âmbito do mestrado em Ensino da Música da Universidade Lusíada de Lisboa. Tem como objectivo abordar considerações teóricas e metodológicas musicais relativas ao ensino do violino ao nível da iniciação no contexto do ensino oficial.

Para o efeito, são apontadas diferentes metodologias e competências que definem e condicionam a iniciação ao violino, através da perspectiva docente, contextualizando-as na Escola de Música do Conservatório Nacional e no Conservatório Regional de Ponta Delgada.

Enquadrada no formato de Estudo de Caso analisam-se, nesta investigação efectuada mediante a pesquisa e a entrevista, a orgânica do curso de iniciação ao violino oficial e as práticas pedagógicas e metodológicas em voga por parte do corpo docente envolvido nestas instituições a um nível comparativo.

Esta dissertação tem como finalidade documentar e apresentar resultados, no sentido de ampliar o conhecimento e contributo sobre esta realidade.

Palavras-chave: Iniciação ao violino, Ensino de música oficial, Escola de Música do Conservatório Nacional, Conservatório Regional de Ponta Delgada, Pedagogia do violino, Metodologia de violino.

PRESENTATION

Pedagogical and Methodological Comparative approach to the Introduction to violin in two official musical schools

João Miguel Pascoal Vieira de Andrade

This dissertation was developed within the Master's in Music Education Degree offered at the Lusfada University in Lisbon. It has as an objective to analyze theoretical and methodological musical considerations in what concerns the teaching of violin at the basic level within the context of the state official system.

In order to accomplish this, different methodologies and skills are referred which define and condition the initiation to violin, through the eyes of the teacher, within the context of the National Conservatory of Music in Lisbon and the Regional Conservatory in Ponta Delgada.

Within the context of the case study scenario, and based upon the study developed through research and interviews, it is analyzed the structure of the introduction of the official teaching of violin and a comparative analysis of the usual pedagogical and methodological practices used by the faculty of those two institutions.

This dissertation has, as its main goal, to document and present results, in order to increase the knowledge and to contribute to a better understanding of this reality.

Key words: Introduction to violin; Official Teaching of music; The Music School at the National Conservatory; Regional Conservatory of Ponta Delgada; violin pedagogy; violin methodology.

SUMÁRIO

1. Introdução	17
1.1. Justificação do tema	17
1.2. Objectivos do estudo	18
1.3. Procedimentos metodológicos	19
1.4. Estrutura da dissertação	19
2. Revisão da literatura	21
3. A iniciação ao violino: fundamentação teórica	25
3.1. Aptidão musical	25
3.2. O papel do professor na relação com o aluno no ensino do instrumento	26
3.3. Os professores do conservatório: uma visão	28
3.3.1. Provas de selecção	28
3.3.2. Pedagogia e técnica violinística: conceitos estruturantes	29
3.3.3. Primeiro contacto com o violino	29
3.3.4. Programa e repertório	30
3.3.5. Competências, audições, concursos e avaliação	30
4. Metodologia	33
4.1. A entrevista	33
4.2. Estudo de caso	35
4.3. Caracterização dos entrevistados	35
5. Caracterização pedagógica de duas escolas oficiais de música	39
5.1. A Escola de Música do Conservatório Nacional	39
5.1.1. Contextualização histórica	39
5.1.2. Projecto pedagógico: a iniciação	42
5.2. O Conservatório Regional de Ponta Delgada	45
5.2.1. Contextualização histórica: música e insularidade	45
5.2.2. Projecto pedagógico: a iniciação	49
6. Estudo de caso comparativo da iniciação em violino: apresentação e discussão dos resultados	53
6.1. Apresentação	53
6.2. Discussão dos resultados	95
7. Conclusão	99
Referências	103
Bibliografia	107

Apêndices	109
Lista de apêndices	111
Apêndice A	113
Apêndice B	117

1. INTRODUÇÃO

O ensino da música instrumental tem vindo a ser ministrado no nosso país, a vários níveis, no seio de instituições de ensino especializado. A oferta existente actualmente, tanto ao nível do ensino oficial como do ensino particular e cooperativo, é bastante abrangente tanto no que diz respeito aos diferentes níveis de ensino como à sua distribuição geográfica. Por seu turno, os Conservatórios oficiais têm, há já algum tempo a esta parte, assumido uma posição de referência no que diz respeito a uma tradição do ensino da música, nomeadamente instrumental, assente na sua herança histórica.

De uma forma particular, o ensino a crianças de um instrumento como o violino tem sido considerado como uma das ofertas de estudo destas instituições de uma forma transversal ao longo dos últimos anos. Denominada de iniciação, é neste plano que o processo de aprendizagem do violino se proporciona de uma forma individualizada, de um para um, assumindo o docente um papel importante na relação com o discípulo. No caso de serem membros da comunidade educativa, que é um conservatório oficial, estes encontram-se necessariamente vinculados à mesma.

1.1. JUSTIFICAÇÃO DO TEMA

As escolas oficiais de música têm encarado a Iniciação como basilar na consolidação dos seus planos de estudos, não só devido à sua considerável procura por parte dos pais e crianças, como também pela urgência na precoce instrução musical. Deste modo, o desenvolvimento instrumental de crianças que frequentam o ensino especializado oficial correlaciona-se directamente com as perspectivas de natureza pedagógica dos professores inseridos neste âmbito. Por outro lado, estas orientações pedagógicas encontram-se naturalmente relacionadas com a instituição a que pertencem. Ao analisarmos este assunto, deparámo-nos com uma questão que surgiu como o mote da presente dissertação.

Os currículos das escolas do ensino Especializado da Música e os seus programas estão desactualizados sendo, nalguns casos, considerados obsoletos. De facto, pelo menos alguns dos programas existentes e em vigor são de 1930 (!) estando obviamente inadequados à realidade sob muitos (todos?) pontos de vista (e.g., pedagógico, didáctico, artístico, formação musical). As escolas têm vindo a proceder a ajustamentos mas, pelo que foi possível apurar, sem uma verdadeira articulação entre si. [...] As escolas têm feito um investimento que parece ser interessante no domínio das classes de iniciação musical entre os 6 e os 10 anos. Trata-se de uma iniciativa

que se compreende e que parece positiva, no entanto, não é fácil, também identificar uma estrutura e uma organização curricular consistente e articuladas entre todas as escolas, parecendo que há uma diversidade de mobilidades que interessa compreender e relacionar com a natureza dos percursos posteriores das crianças. (Fernandes et al., 2007, p. 47 e 48).

Deste modo, a problemática associada a esta consideração veio motivar a reflexão e a procura de respostas visando o maior esclarecimento sobre que pressupostos assentam as iniciações em violino, de um ponto vista actual.

Sabendo que são vários os conservatórios oficiais e professores que leccionam a disciplina de violino no curriculum destas escolas, é pertinente compreender os seus conceitos estruturantes na orientação dos seus alunos, não só individualmente como grupo, pretendendo-se analisar a existência de aspectos comuns e/ou distintos entre estes. Assim, atendendo ao elevado número de instituições e professores, a escolha de dois conservatórios de música prendeu-se com as características de cada um ao nível do contexto político-administrativo, geográfico, social e cultural em que se inserem serem diferentes, sendo eles a Escola de Música do Conservatório Nacional, sediado em Lisboa, e o Conservatório Regional de Ponta Delgada.

Para além disso, este tema está não só relacionado com um aprofundamento pedagógico do ensino individualizado do violino, como também com uma actual e futura prática profissional de leccionação a este nível, tendo em vista um maior conhecimento e qualidade sobre este.

1.2. OBJECTIVOS DO ESTUDO

Esta dissertação centrou-se, com base na perspectiva do professor, no conhecimento geral da realidade da iniciação em violino a um nível oficial, assentando essencialmente nos seguintes pressupostos:

- Analisar o legado pedagógico da tradição do ensino de violino.
- Definir e conhecer os antecedentes e actuais contornos do curso de Iniciação.
- Compreender a função do Professor no ensino de violino a crianças entre os 6 e os 9 anos de idade.
- Caracterizar o desenvolvimento da sua pedagogia desde a primeira aula, salientado os seus principais objectivos

- Caracterizar e comparar os grupos de docentes que integram a sua instituição e compreender o seu envolvimento com a mesma.

1.3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Tendo em vista o desenvolvimento dos objectivos enunciados, este estudo baseou-se fundamentalmente em dados recolhidos a dois níveis: no da dimensão teórica e consequente pesquisa bibliográfica que remeteu para a temática inerente; e do estudo de caso realizado através da aplicação de uma entrevista estruturada a cada docente visando a caracterização dos dados obtidos e a sua análise comparativa. A pesquisa de foro histórico e legal foi igualmente considerada com o intuito de caracterizar as duas escolas integrantes deste estudo.

1.4. ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

A demonstração das temáticas objectivas desta dissertação foi demonstrada através da revisão da literatura aliada ao quadro conceptual desenvolvidos seguidamente, onde se espelham os conceitos sobre o papel conferido ao professor no âmbito do ensino violinístico anteriormente enunciado. Posteriormente, a metodologia e a caracterização pedagógica das duas escolas oficiais de música vêm de encontro a estes mesmos aspectos de uma forma particular e detalhada, permitindo uma visão mais minuciosa sobre a iniciação em violino através da apresentação, discussão e conclusões dos resultados obtidos.

2. REVISÃO DA LITERATURA

No presente capítulo, aprez contextualizar a tradição do ensino de violino através de uma perspectiva histórica ao nível dos estudos pedagógicos desenvolvidos anteriormente neste âmbito.

As origens do ensino de violino remontam ao século XVI assente numa transmissão de conhecimento quase unicamente de tradição oral entre mestre e discípulo. Os escassos registos de manuais e tratados desta altura assim demonstram esta tendência.

A aprendizagem do violino e a sua origem, que remonta ao século XVI, fez-se individualmente de mestre para aluno, tendo-se verificado desde cedo a procura dos grandes intérpretes da época por parte de jovens violinistas que ambicionavam adquirir os segredos desta arte. (Trindade, 2010, p. 3)

Segundo Trindade (2010), os primeiros manuais ou tratados de execução violinística começaram a surgir como resultado de uma consciencialização de uniformizar algumas práticas instintivas ou tradicionais de tocar, sendo exemplo disso, segundo Stowell (2001), o primeiro método para violino escrito por John Lenton The Violin Explained (1693). Posteriormente, os tratados escritos por Francesco Geminiani¹, em 1751, intitulado Art of Playing on the Violin, que apresentou considerações de técnica violinística mais abrangente no que respeita a ilustrações direccionadas para o estudo, e o de Giuseppe Tartini², em 1754, Trattato di musica secondo la vera scienza dell'armonia, sobre técnica e ornamentação na execução, vieram provar um considerável desenvolvimento desta área em Itália nesta altura. Apesar disso, apenas mais tarde surgiria pelas mãos de Leopold Mozart³, em 1765, o tratado Versuch einer Gründlichen Violinschule, sobre os princípios fundamentais para tocar violino, nomeadamente acerca da ornamentação e técnica de arco, perfazendo a publicação mais completa que surgiu nesta época.

Com a criação do Conservatório de Paris em 1795, foi através da influência do violinista italiano Giovanni Battista Viotti⁴ que Paris começou a afirmar-se como o principal centro de desenvolvimento do estudo de violino na Europa, pois segundo

¹ Violinista e teórico italiano (1687-1762), aluno de Alessandro Scarlatti e Arcangelo Corelli, tendo escrito também um tratado de harmonia intitulado Guida Harmonico (1752).

² Violinista, pedagogo e compositor italiano (1692-1770) conhecido pela sua Sonata No. 2, Op.1 em Sol menor, O Trilo do Diabo.

³ Johann Georg Leopold Mozart (1719-1787), pai de Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791), foi violinista, compositor e maestro alemão.

⁴ Nascido em Itália (1755-1824), virtuoso violinista autor de várias obras concertantes, nomeadamente o seu Concerto para Violino e Orquestra No. 22, em Lá menor (1792).

Trindade, Viotti foi “[...] aclamado o fundador da moderna escola de violino ou da tradição Franco-Belga, o responsável pela criação de um sistema francês de técnica e pedagogia violinística [...]” (p. 4). Com efeito, a sua actividade como pedagogo neste Conservatório viria a criar o que se pode considerar uma tradição que duraria várias gerações, sendo exemplos disso mesmo os violinistas e pedagogos Pierre Rode (1774-1830), Rodolphe Kreutzer (1766-1831) e Pierre Baillot (1771-1842). Autores de várias obras e métodos de violino, nomeadamente os 42 Estudos ou Caprichos para violino solo de Kreutzer (1796) e os 24 Caprichos de Rode (1813), compilaram e publicaram, segundo Stowell (2001), uma obra intitulada Méthode de Violin (1803), adoptado pelo Conservatório de Música de Paris, posteriormente completado por Baillot no seu próprio método L'Art du Violon: Nouvelle Méthode (*Idem*, 2001).

A forte dinâmica criada por Viotti em Paris no início do século XVIII veio, através dos seus discípulos directos, criar um grande número de violinistas e pedagogos que continuaram a ensinar no Conservatório. Entre estes, contam-se notórios violinistas como Lambert, Mazas (autor de vários estudos importantes, Estudos especiais, brilhantes e para artistas), Dancla e Habaneck, este último autor do tratado Méthode Théorique et Pratique de Violon em 1835 (Stowell, 2001). Habanek foi professor de outros importantes como Lalo⁵, Hubert, Léonard e Alard.

Por seu turno, a consequente disseminação das práticas desenvolvidas por estes vultos foi efectiva através das influências notadas na vizinha Bélgica. Com efeito, no Conservatório de Bruxelas assistiu-se a um crescimento de tradição violinística através de Charles Bériot⁶ e Henri Vieuxtemps⁷, ambos ocupando lugares no dito Conservatório. Outras gerações de violinistas viriam, sendo representantes desta casa Eugène Ysaÿe⁸, Henryk Wieniawski⁹, Fritz Kreisler¹⁰, Joseph Joachim¹¹ e Carl Flesch.

⁵ Enquanto compositor (1823-1892), a sua obra para violino e orquestra Symphonie Espagnole, Op. 21, em cinco andamentos, tornou-se numa das mais importantes do repertório de concerto desde instrumento.

⁶ Violinista e compositor belga (1802-1870), escreveu dez concertos para violino de carácter pedagógico, para além da peça Scène de Ballet, Op. 100, para violino e orquestra.

⁷ Henri François Joseph Vieuxtemps (1820-1881, autor de várias obras, nomeadamente os seus cinco concertos para violino e orquestra.

⁸ Violinista e pedagogo belga (1811-1892). De entre as suas obras, destacam-se as Seis sonatas para violino solo, Op. 27.

⁹ Violinista e compositor polaco (1835-1880), autor de dois célebres concertos para violino e orquestra, No. 1 em Fá sustenido menor (1853) e No. 2 em Ré menor (1862), para além de outras peças de concerto, juntamente com o seu compêndio L'École Moderne: 10 Étude-caprices.

¹⁰ Violinista e autor austríaco (1875-1962), autor de cadências célebres para os concertos para violino de Ludwig van Beethoven (1770-1827), Wolfgang Amadeus Mozart, Niccolò Paganini (1782-1840).

¹¹ De origem húngara (1831-1907), várias obras do repertório de violino foram-lhe dedicadas, nomeadamente o Concerto para Violino e Orquestra, Op. 77, em Ré Maior, composto em 1878, de Johannes Brahms (1833-1897), para o qual escreveu a sua primeira cadência.

Violinistas como o italiano Niccolò Paganini¹² ou o alemão Spohr¹³ receberam igualmente influências da escola outrora criada por Viotti (Trindade, 2010). Posteriormente, com a criação do Conservatório de S. Petersburgo no início do século XIX, é através de Wieniawski e Leopold Auer¹⁴, e seguidamente, com a fundação do Conservatório de Moscovo, com Ferdinand Laub (1832-1875) e Adolph Brodsky (1851-1929), surgiria o início de uma tradição russa de violino muito forte, que se prolongaria até ao século XX. Acarretando várias influências, nomeadamente de Dont (1815-1888) e Hellmesberger (1828-1893) em Viena, Auer teve como principais discípulos Konstantin Mostras (1886-1965), Mischa Elman (1891-1967), Zimbalist (1890-1985), Heifetz (1901-1987), Milstein (1904-1992), posteriormente emigrando para os Estados Unidos da América onde continuou a exercer funções docentes, em Nova Iorque e em Filadélfia (Sá, 2009).

Paralelamente, o contributo de Carl Flesch (1873-1944), que dividiu a sua actividade tanto pela Europa como pelos Estados Unidos da América, foi notório principalmente pelo legado de obras teóricas e pedagógicas produzidas, nomeadamente, segundo Trindade (2010) Das Skalensystem für Violine (1926), Das Klangproblem in Geigenspiel (1931) publicado três anos depois em inglês The problem of Production in Violin Playing, Die hohe Schule des Fingerstates auf der Geige (1960) e Die Kunst des Violin-Spiel em 1923 e 1928 que foi posteriormente traduzido e editado em inglês: The Art of Violin Playing (1924 e 1930).

Já em pleno século XX, devido à grande herança de ensino de violino, tornou-se difícil caracterizar a proveniência das influências já seculares. Assim, constatou-se uma assimilação e mistura de várias técnicas e tradições resultando na emergência de várias personalidades que marcaram o ensino de violino e uma forma individual em vários pontos do planeta, questão esta que extravasa o âmbito desta dissertação¹⁵.

Apesar do considerável número de tratados teóricos, métodos de estudos e orientações técnico-musicais anteriormente enunciados, existe um grande espólio

¹² Um dos mais famosos violinistas da história, para além dos seus concertos para violino, escreveu os 24 Caprichos para violino solo, Op.1.

¹³ Violinista alemão (1784-1859), conhecido pelo seu Concerto para violino e orquestra No. 8, Op. 47, em Lá menor.

¹⁴ Natural da Hungria (1845-1930), publicou um método dividido em oito volumes, Graded Violin Course (1926), como também Violin Playing as I Teach It (1921), Violin Master Works and Their Interpretation (1925) e My Long Life in Music (1923).

¹⁵ Neste contexto, é de salientar a importância do contributo de Ivan Galamian (1903-1981), através das suas obras Principles of Violin Playing and Teaching e Contemporary Violin Technique, ambos escritos em 1962.

adjacente a esta tradição violinística descrita que tem sido recorrentemente utilizado por pedagogos e discípulos como veículos de aprendizagem, tanto direcionados a níveis mais elementares, como também progressivos e avançados, de estudo do violino. Os compêndios escritos por Henry Schradieck (1846-1918) Scale Studies for the Violin e The School of Violin Technics, em dois volumes, Otokar Sevcik (1852-1934) Preparatory Exercises in Double-Stopping, Op. 9, Preparatory Trill Studies, Op. 7, School of Violin Techniques, Op. 1, entre outros, Johann Hrimaly (1844-1915), Scale Studies for the Violin, para além de uma grande variedade de métodos de professores e autores de leste da europa, quase na totalidade escritos pelo próprio professor para utilização ao nível da sua classe, o repertório associados ao método desenvolvido por Shinichi Suzuki¹⁶, entre outros, revelam a grande diversidade de material didático disponível como suportes inerentes ao desenvolvimento violinístico¹⁷.

¹⁶ Shinichi Suzuki (1898-1998) implementou em 1931/1932 uma revolução na pedagogia do instrumento. Segundo Trindade, "[...] escreveu os seus manuais divididos em dez volumes. Os primeiros volumes incluem temas tradicionais infantis reescritos para violino e obras do Barroco e Clássico de compositores como Bach, Beethoven, Schumann, Handel, Boccherini. Suzuki desenvolveu o conceito de *tonalization*, à semelhança de *vocalization* para os cantores, o termo refere-se a tocar com bom som e boa afinação (*tone, intonation*), por isso, cada peça começa com um exercício de *tonalization*. Os volumes seguintes contemplam concertos, andamentos de sonatas, peças virtuosas de Vivaldi, Bach, Mozart, Corelli, entre outros." (2010, p. 23).

¹⁷ De entre estes, destacam-se os de Franz Wohlfahrt (1833-1884), 60 Studies for the Violin, Op. 45, Hanns Sitt (1850-1922) Zwölf Etüden für Violine, Op. 30, Heinrich Kayser (1815-1888) 36 Etudes for violin Op. 20, e os concertos de carácter pedagógico de Oskar Rieding (1840-1918), nomeadamente os seus concertos Op. 35 em Si menor e Op. 21 em Lá menor, "ao estilo húngaro", Friederich Seitz (1848-1918), com o seus oito concertos, Jean Baptiste Accolay (1833-1900), Concerto em Lá menor, num único andamento, Ferdinand Küchler (1867-1937), nomeadamente o seu Concertino em Ré Maior, Op. 35, "no estilo de Antonio Vivaldi", entre outros.

3. A INICIAÇÃO AO VIOLINO: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente capítulo aborda as temáticas do quadro conceptual criado para esta dissertação, assente numa reflexão sobre os conceitos de aptidão musical e a sua orientação por parte da figura docente, bem como os parâmetros de provas de selecção, abordagem pedagógica elementar, programa, competências, avaliação e apresentações públicas.

3.1. APTIDÃO MUSICAL

Todos os alunos são capazes de aprender música. Contudo, uma vez facultadas a orientação e a formação devidas, tudo quanto aprendem e como aprendem, individualmente, depende do nível de aptidão musical de cada um. (Gordon, 2000, p. 41)

Segundo a teoria de aprendizagem musical de Gordon, cada indivíduo possui um nível próprio de aptidão musical, característica esta que se define no potencial inerente para aprender música. No ensino a crianças com uma faixa etária sensível entre os 6 e os 9 anos de idade, “Uma criança nasce com um determinado nível de aptidão musical. Esse nível muda de acordo com a qualidade do seu ambiente musical, formal e informal, até a criança atingir os nove anos de idade.” (*Idem*, p. 65).

Assim, aptidão, no seu significado mais geral, significa potencial de aprendizagem. No caso da música, falar em aptidão é falar na potencialidade que uma pessoa possui para aprendê-la. Com efeito,

[...] a aptidão musical é o produto da conjugação de um potencial inato com as influências ambientais, formais e informais. Se o nível de aptidão musical com que uma criança nasce não for constantemente incrementado por um bom ambiente musical, essa aptidão irá diminuindo e, com toda a probabilidade, estará praticamente perdida.” (Gordon, 2000, p. 9).

Na mesma linha de ideias, podemos notar esta posição em Sloboda (1994) ou em Davidson (1998). O que estes autores defendem é que existem diversos factores que interferem na capacidade de aprendizagem das crianças: estes podem partir da influência do meio envolvente (número de experiências musicais na infância, níveis de prática, níveis de incentivo familiar, modo de ensino do professor e oportunidades para responder emocionalmente à música) ou ainda estarem relacionados com a própria personalidade da criança (grau de atenção, concentração e distracção, interesses e preferências pessoais, motivação e competitividade, confiança pessoal, entre outros

aspectos). No que diz respeito à personalidade, as diferenças entre dois irmãos gémeos, educados do mesmo modo, podem ter predisposições distintas para aprender música.

A génese desta questão, devido à sua complexidade inerente, extravasa o intuito do estudo aqui exposto. No entanto, esta linha de ideias assume relevância orientadora básica tendo em conta o papel e visão que o professor assume e desempenha, como apresentado seguidamente.

3.2. O PAPEL DO PROFESSOR NA RELAÇÃO COM O ALUNO NO ENSINO DO INSTRUMENTO

Apraz reflectir, antes de mais, sobre a relação crucial que se estabelece entre os dois principais agentes intervenientes no processo educativo, a relação professor-aluno. Segundo Miranda (2008, p. 4), “[...] a relação professor-aluno, deve sempre buscar a afectividade e a comunicação entre ambos, como base e forma de construção do conhecimento e do aspecto emocional.” Este binómio é de difícil definição visto o seu considerável nível de complexidade inerente. Os vários planos em que este actua não passam apenas por, à primeira vista, uma transmissão de conhecimento. Neste sentido, o professor assume um papel moderador, principalmente, destes dois planos. Este mote revela, também, particular importância no processo de aprendizagem de um instrumento. Assim sendo, segundo Harder (2008, p. 129), citando Bastien (1995), acerca do ensino de um instrumento, as qualidades básicas de um professor bem-sucedido consistem no conhecimento, personalidade, entusiasmo, autoconfiança, entre muitos outros atributos pessoais. O autor apresenta quatro características principais necessárias à personalidade de um professor de instrumento para que este obtenha sucesso em seu ensino: ser agradável, entusiástico, ser encorajador e ser paciente.

Deste modo, de uma forma mais específica, Schön (2000, p. 138) salienta a postura do professor de instrumento face ao trabalho a desenvolver com o aluno numa estrutura tripartida – domínio técnico do instrumento e da expressividade da obra, adequação destas informações de forma faseada e metódica ao aluno em causa e a relação pessoal a desenvolver com o mesmo. Assim, numa primeira fase, “[...] a primeira tarefa do professor seria lidar com os problemas substantivos da execução.”, seguindo-se

[...] a de adaptar seus conhecimentos e o que deve ser ensinado às especificidades do aluno em questão, levando em conta as necessidades e potenciais deste aluno e o momento óptimo para a aprendizagem, decidindo 'o que', 'quando' e 'como' falar ao mesmo ao ministrar instruções [...]. (Schön, 2000, p. 138)

A terceira fase correlaciona-se com as duas anteriores no sentido em que as faz “[...] dentro de um papel que escolhe cumprir e em um tipo de relacionamento que deseja estabelecer com o estudante [...]” (Schön, 2000, p. 138).

Aliado a estes conceitos, discernimos a importância do factor motivacional no processo de aprendizagem. Na mesma linha de ideias, o modelo defendido por Hallam (1998) revela, segundo a autora, um incremento positivo da motivação dos alunos ao aprender um instrumento, intimamente ligados à comunicação entre os intervenientes no processo e sempre direccionado para o aluno. Assim, através da atenção cuidadosa prestada às dificuldades do discípulo, “Esse mesmo professor deverá atentar para os pontos de vista do seu aluno, tentando não tomar todas as decisões quanto ao ensino sozinho, mas sim em parceria com o mesmo.” (p. 130), resultando numa crescente prática individual do instrumento e num incremento da sua motivação.

Outro aspecto a considerar, concretamente na pedagogia de um instrumento, reside na especificidade da relação mestre-discípulo. Ao contrário da maior parte de outros, o binómio que temos vindo a descrever centra-se numa relação, em termos de momento efectivo de desenvolvimento, entre apenas dois indivíduos. Deste modo, a via de comunicação oral assume um papel importante. De facto, segundo Harder (2008, p. 133), “[...] no século XXI, apesar das modificações ocorridas ao longo dos séculos, as aulas de instrumento continuam a seguir, quase que exclusivamente uma tradição oral, em um processo de transmissão no estilo “mestre-discípulo” em aulas individuais.”. Não obstante, esta característica engloba duas vertentes que se complementam, nomeadamente a exemplificação e a oralidade propriamente dita. Deste modo, segundo Harder,

[...] o processo de transmissão da linguagem musical se concentra em aulas individuais e nessa comunicação existe uma grande utilização de linguagem corporal, tanto do professor quanto do aluno, o que acaba por substituir de maneira significativa as palavras durante as aulas.” (*Idem*, p. 134)

Apesar disso, a oralidade assume também importância, pois tendo em conta a relação anteriormente descrita, é através do diálogo que Hallam (2006), referida por Harder, suporta a sua ideia de que “[...] tais correcções são efectuadas principalmente através do uso de declarações verbais [...], dividindo a comunicação professor-aluno em

quatro modelos: declarativo, comando, questões e formas não verbais. [...]” (*Idem*, p. 135).

3.3. OS PROFESSORES DO CONSERVATÓRIO: UMA VISÃO

A considerável tradição de ensino de violino no seio dos Conservatórios portugueses tem estado intimamente ligada a uma grande especificidade, nomeadamente o modelo de aprendizagem individualizado, baseado na relação mestre/discípulo. Partindo da premissa que os professores de violino ocupam um lugar fulcral na gestão do potencial dos seus alunos, na linha do que foi anteriormente referido, estes assumem-se como agentes activos em todo este processo evolutivo. Atendendo a esta envolvimento, a incontornável obra de Kingsbury (1988), Music, Talent and Performance, A Conservatory Cultural System, revelou-se importante na estruturação deste pensamento, sendo os docentes os principais intervenientes neste estudo, procurando perceber quais as linhas orientadoras que têm em mente, como também as obras de Sá (2013) e Gomes (2015), acerca da metodologia e métodos de trabalho nos primeiros graus do violino e uma abordagem preparatória em violoncelo em crianças entre os 3 e 5 anos, bem como a de Cruz (2013) sobre análise ao trabalho de técnica de base do Professor Aníbal Lima. Deste modo, atendendo à sua pluralidade, típico de consideráveis instituições, tendemos a delinear um perfil de identidade dos mesmos, não só individual, mas essencialmente como um grupo. Assim sendo, optou-se por abranger vários campos temáticos importantes inerentes à iniciação em violino para discernir esses mesmos pensamentos individuais e a sua tradução colectiva.

3.3.1. PROVAS DE SELECÇÃO

Associando-se à questão da aptidão musical, as provas de selecção têm feito parte do processo de acesso ao curso de Iniciação em violino ministrados. A problemática da avaliação de alunos para efeitos de selecção, juntamente com os factores que condicionam a aprendizagem musical e a sua influência para o sucesso e insucesso do percurso educativo, tem sido um objecto de estudo e ponderação nos Conservatórios. Atendendo à natureza de uma escola pública de ensino especializado, esta deveria proporcionar uma igualdade de oferta e acesso a todos os que quisessem estudar música. Contudo, devido aos recursos limitados e o considerável número de candidatos, as provas de selecção têm sido um mecanismo utilizado. Tendo em conta a natureza destas instituições de tanto formar executantes que adquiram e

desenvolvam as competências necessárias para poder prosseguir estudos a nível superior, como também ouvintes qualificados, espera-se que os alunos desenvolvam competências auditivas, motoras, expressivas, de leitura e performativas (Cardoso, 2009, p.1). Deste modo, a perspectiva dos professores em relação à aprendizagem musical tem seguido duas grandes correntes, uma em que valoriza o papel da genética, a aptidão musical inata na aprendizagem e na aquisição de competências, e outro que o desvaloriza, assumindo que todas as crianças têm potencial para aprender música, concentrando-se na capacidade para aprender e evoluir e na forma como estes ajudam a superar eventuais dificuldades de aprendizagem (Cardoso, 2008, p. 8). Esta forma de encarar a aptidão musical está na génese da criação destes testes de aptidão, discutindo-se o seu real valor de medição, e quais os seus resultados efectivos sentidos durante este percurso por parte dos docentes.

3.3.2. PEDAGOGIA E TÉCNICA VIOLINÍSTICA: CONCEITOS ESTRUTURANTES

Os factores determinantes para o sucesso na aprendizagem musical correlacionam-se com o interesse sustentado em música, a autodisciplina, a utilização de competências metacognitivas no estudo, a vontade interior de ser bem-sucedido e a forma como os pais participam no processo de aprendizagem. Deste modo, a motivação liga-se naturalmente à forma como os professores estabelecem metas elevadas mas possíveis de atingir e a relação intensa com o instrumento, juntamente com o tempo investido a estudar (Cardoso, 2008, p. 14).

Na mesma linha de ideias, os conceitos práticos de aplicação destes objectivos traduzem-se em métodos e técnicas utilizadas. Partindo de que "O método refere-se ao porque ensinamos o que ensinamos e, talvez ainda mais relevante, quando ensinamos. A técnica refere-se a como ensinamos." (Gordon, 2000, p. 45), resolveu-se agrupar três grandes temáticas adjacentes.

3.3.3. PRIMEIRO CONTACTO COM O VIOLINO

Através deste estudo, tentou-se perceber qual a familiaridade dos alunos admitidos nas classes dos respectivos professores relativamente ao instrumento e em que consistia as primeiras aulas. De acordo com Mills (2007), a qualidade, conteúdo e ethos das primeiras aulas de instrumento poderão ter um impacto significativo no modo como o aluno se vê como instrumentista, aludindo à Teoria do Caos, segundo a

qual uma pequena mudança no início de algo pode conduzir a enormes diferenças no futuro, traduzindo-se na forma como os alunos encararão as aulas seguintes, e como irão progredir, influenciados pelas primeiras situações de aprendizagem formal. Ainda na perspectiva do mesmo autor, acerca da estruturação da primeira aula, o professor deverá ter em conta a experiência musical prévia do aluno, sendo aconselhável realizar alguns ajustes caso se aperceba de que a criança sabe mais ou menos do que aquilo que inicialmente se previa. Durante a aula, deverá encorajar o aluno a fazer música – fazendo-a também – e prestar atenção e melhorar a qualidade do som que produz.

3.3.4. PROGRAMA E REPERTÓRIO

A constatação da ausência de um programa e conteúdo programático descritivo, como existe noutros níveis de ensino nos Conservatórios, para a iniciação em violino resultou num interesse em aprofundar esta questão, correlacionando-a directamente com o repertório adoptado e utilizado pelos professores, remetendo para a revisão da literatura anteriormente enunciada, juntamente com os elementos técnico-expressivos violinísticas inerentes, posteriormente descritos e analisados. Segundo Leão, citando Contanza & Russel:

Para catalogar estas atividades, materiais e procedimentos aplicados no ensino do instrumento, que tomam o nome de técnicas, métodos, curriculum, e metodologias, podem-se definir os diferentes termos: Técnica: atividade ou estratégia de ensino utilizada para atingir um determinado objetivo; Método: procedimento ou processo que visa obter determinado objetivo através de um plano sistemático apresentado numa sequenciação de instruções; Currículo: um plano de estudos que descreve o que deve ser ensinado, e em que ordem, e que pode ou não incluir informações sobre como deve ser ensinado; Metodologia: um conjunto de técnicas, métodos e curriculum baseados num sistema filosófico [...] A partir do conhecimento das várias Técnicas, dos diversos Métodos e dos Currículos ou Programas de Estudo, os professores de instrumento podem, e devem, criar de uma forma informal e flexível, a Metodologia mais adequada à sua forma de ensinar, tendo sempre em conta a conformidade do processo individual de aprendizagem de cada um dos seus alunos. [...] (Leão, 2011, p. 8)

3.3.5. COMPETÊNCIAS, AUDIÇÕES, CONCURSOS E AVALIAÇÃO

O processo de aprendizagem instrumental envolve a aquisição de uma grande diversidade de competências. Tendo em conta que, segundo Cardoso, no processo de aprendizagem musical as competências motoras a desenvolver “[...] têm de estar sempre relacionadas com a produção de som [...]”, o autor afirma que “Ser

competente em termos motores implica ser capaz de executar movimentos com níveis elevados de precisão, coordenação e pouco ou nenhum esforço cognitivo.” (Cardoso, 2009, p. 1). Deste modo, as competências de leitura desenvolvem-se “[...] em todas as disciplinas relacionadas com música [...]”. De acordo com o autor, é competente em termos de leitura musical o aluno que é “[...] capaz de descodificar a notação musical, utilizando os dois eixos em simultâneo, a uma velocidade que permita a audição interior do que está escrito” (Cardoso, 2009, p. 2).

Por seu turno, o desenvolvimento de competências expressivas tem como base, segundo menciona, “[...] a moldagem expressiva orientada pelo professor [...]” e a “[...] compreensão prática dos elementos e regras expressivas, de como e onde esses elementos e regras podem ser utilizados”. Refere ainda que “[...] Ser competente em termos expressivos implica ter a capacidade de fazer os ajustes tímbricos, frásicos, de dinâmica, de agógica e de tempo necessários para que determinado estilo sobressaia” (Cardoso, 2009, p. 2).

Paralelamente, a execução instrumental violinística é de natureza concertística, sendo a apresentação pública inerente a esta actividade. Deste modo, ao nível do ensino musical formal, a apresentação dos alunos passa pela sua participação activa em audições e concertos. Estas são basilares e realça a importância do professor tanto na preparação técnica como também na preparação emocional (Idem, 2009).

Englobando estas vertentes, e sendo a avaliação um processo que se relaciona com a gestão da aprendizagem dos alunos, a sua subjectividade resulta numa dificuldade em avaliar de uma forma clara e simples. Contudo, ela faz parte integrante da tarefa dos professores.

Relativamente à propensão dos professores introduzirem os alunos em audições e concursos, foi considerada a dissertação de Guimarães (2013), A motivação e os Concursos de Violino: um estudo de caso com alunos dos 3º ao 7º graus da Escola de Música do Conservatório Nacional. Segundo a autora, acerca dos concursos:

[...] a apresentação de alunos em público e as consequências desse acontecimento não são encaradas da mesma forma, variando de acordo com a experiência individual de cada professor, havendo a destacar o facto de a apresentação de um aluno poder ser um factor de publicitação do próprio pedagogo assim como o é para o aluno ou simplesmente um momento de aferição dos actuais padrões de qualidade artística e técnica [...]. (Guimarães, 2013, p. 40)

4. METODOLOGIA

Após o enquadramento teórico, pretende-se nesta secção expor a metodologia contemplada nesta dissertação, visando uma maior amplitude de conhecimento sobre o envolvimento dos docentes da iniciação em violino oficial, prevendo-se a aplicação de entrevista para o estudo de caso em questão como também a caracterização da amostra.

4.1. A ENTREVISTA

A principal ferramenta utilizada para a realização deste estudo foi a entrevista. Tendo em conta a sua natureza de “[...] coletar dados que não seriam possíveis somente através da pesquisa bibliográfica e da observação” (Boni & Quaresma, 2005, pp. 71/72), a entrevista permitiu recolher informação imprescindível para a compreensão e análise directa do curso de Iniciação e pedagogia em voga. Haguette descreve a entrevista como sendo um “processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado.” (1997, p. 86). No estudo em causa, optou-se pela entrevista estruturada. Esta escolha prendeu-se pelo considerável número de professores envolvidos neste processo (7 docentes da Escola de Música do Conservatório Nacional e 6 do Conservatório Regional de Ponta Delgada), de forma a assegurar resultados objectivos e concretos passíveis de caracterização e análise, não havendo hipótese de falta de informação comparável. Assim sendo, na entrevista estruturada,

[...] as perguntas são previamente formuladas e tem-se o cuidado de não fugir a elas. O principal motivo deste zelo é a possibilidade de comparação com o mesmo conjunto de perguntas e que as diferenças devem refletir diferenças entre os respondentes e não diferença nas perguntas.” (Boni & Quaresma, 2005, ps. 73/74)

Não obstante o facto de este tipo de entrevista permitir a ausência do entrevistador, funcionando ou até, por vezes, sendo um questionário, devido à sua objectividade comparativa e à ordem previamente estabelecida das perguntas, as entrevistas foram gravadas com a presença do entrevistador e entrevistado de modo a conseguir criar uma atmosfera mais próxima da entrevista semi-estruturada. Tendo em consideração a definição da mesma,

O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o

assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha “fugido” ao tema ou tenha dificuldades com ele. (Boni & Quaresma, 2005, p. 75)

procurou-se manter sempre a característica de um discurso fluente, deixando transparecer livremente os pensamentos de cada docente relativos ao assunto. Desta forma, conseguiu-se ao mesmo tempo obter as informações necessárias, direccionando-as, mas também com uma amplitude considerável relativamente aos conceitos tidos pelos entrevistados e de forma pormenorizada. Deste modo, os docentes envolvidos no processo de leccionação a crianças dos 6 aos 9 anos de idade, na Escola de Música do Conservatório Nacional e no Conservatório Regional de Ponta Delgada foram contactados, primeiramente via correio electrónico, entre Novembro de 2012 e Março de 2013, a fim de averiguar a disponibilidade de cada um para ser entrevistado. Assim, foram mencionadas as instituições Academia Superior de Orquestra da Metropolitana e Universidade Lusfada de Lisboa, tal como o ciclo de estudos do Mestrado em Ensino da Música, juntamente com a identidade do solicitador da entrevista, de forma a contextualizar o docente. Para além disso, foi dado a conhecer o tema sobre o qual o estudo se debruçava e que o mesmo tinha objectivos puramente académicos, salientando a importância do seu contributo para o processo de investigação. Obtendo uma resposta favorável da maioria dos docentes, procedeu-se a um contacto telefónico de modo a articular o dia, a hora e o local mais conveniente para o entrevistado. As entrevistas decorreram presencialmente entre Novembro de 2012 e Julho de 2013 em Ponta Delgada, ilha de São Miguel, Açores, em locais como o Conservatório Regional de Ponta Delgada, Coliseu Micaelense, em casa do participante ou em local público, e em Lisboa, Portugal Continental, em locais como a Escola de Música do Conservatório Nacional, Metropolitana, Escola de Música Nossa Senhora do Cabo, Academia de Música de Lisboa, em casa dos entrevistados ou em local público, resultando em sete entrevistas validadas pelo grupo docente da Escola de Música do Conservatório Nacional e seis entrevistas validadas do Conservatório Regional de Ponta Delgada. Aquando da entrevista, após alguma conversa de circunstância e agradecimento mais uma vez da sua disponibilidade, foram dados dois documentos a cada entrevistado, o primeiro autorizando a gravação áudio da mesma, com fins exclusivamente científicos, e o segundo um questionário¹⁸ com o objectivo de traçar um perfil dos dois grupos de docentes. Decorrida a

¹⁸ Apêndice A.

entrevista, procedeu-se à sua transcrição com o intuito da informação recolhida ser passível de análise.

4.2. ESTUDO DE CASO

O estudo de caso define-se por uma abordagem metodológica de investigação adequada quando procuramos compreender, explorar ou descrever acontecimentos e contextos complexos, nos quais estão simultaneamente envolvidos diversos factores.

É uma investigação que se assume como particularística, isto é, que se debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única ou especial, pelo menos em certos aspectos, procurando descobrir a que há nela de mais essencial e característico e, desse modo, contribuir para a compreensão global de um certo fenómeno de interesse. (Ponte, 2006, p. 2)

Atendendo à índole da entrevista comparativa, o estudo de caso desta dissertação assenta na recolha de dados essencialmente qualitativos. Como sugere Coutinho, citando Mertens e Ponte, “Segundo a natureza dos dados, a investigação é qualitativa quando interpreta uma realidade particular” (2011, p. 37), ou seja a iniciação em violino oficial, estando desta forma o interesse mais direccionado para o conteúdo do que no procedimento, partindo-se posteriormente para a análise dos dados, fundamentando-se na interpretação da informação. Ainda segundo a mesma autora, “Tem sempre forte cariz descritivo apoiando-se em “descrições compactas” (*thick description*) do caso [...]”, o que não impede todavia que possam ter “[...] um profundo alcance analítico, interrogando a situação, confrontando-a com outros casos já conhecidos ou com teorias existentes, ajudando a gerar novas teorias e novas questões para futura investigação” (Ponte, 1994, p. 4). Relativamente à sua tipologia, este estudo de caso enquadra-se no instrumental,

[...] quando um caso é examinado para fornecer introspecção sobre um assunto, para refinar uma teoria, para proporcionar conhecimento sobre algo que não é exclusivamente o caso em si [...] de cariz colectivo, pois este funciona como um instrumento para compreender outro(s) fenómeno(s), quando o caso instrumental se estende a vários casos, para possibilitar, pela comparação, conhecimento mais profundo sobre o fenómeno, população ou condição. (Coutinho, 2011, p. 226).

4.3. CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

O corpo docente da Escola de Música do Conservatório Nacional participante neste estudo é constituído por indivíduos de nacionalidade portuguesa com idades

compreendidas entre 24 e 57 anos de idade, perfazendo uma média de 34 anos sensivelmente, sendo 4 do sexo feminino e 3 do sexo masculino. A sua formação académica superior foi obtida em Portugal (6), em Instituições como o Conservatório Nacional, Academia Nacional Superior de Orquestra, Escola Superior de Música de Lisboa, Universidade Lusíada de Lisboa, Universidade Aberta e Universidade de Aveiro, e no estrangeiro (1), como a École Normale de Musique A. Cortot (França). Dentro das personalidades que mais influenciaram cada um dos entrevistados no seu percurso académico, artístico e pedagógico, salientam-se os nomes Agnes Sarosi, Alberto Gaio Lima, Alexei Mijlin, Aníbal Lima, Anna Katrochvilova, António Anjos, António Oliveira e Silva, António Ramos, Gareguin Aroutunian, Gerardo Ribeiro, Inês Barata, Manuel Gomes, Sandor Vegh, Serguei Aroutunian. Este conjunto de professores encontra-se activo no ensino entre 5 a 26 anos na totalidade (com uma maioria a leccionar há 13/14 anos) e entre 3 e 25 anos na Escola de Música do Conservatório Nacional (com uma média a incidir nos 8/9 anos). A maior parte dos entrevistados já leccionou a todos os níveis nesta instituição (Iniciação, Básico e Complementar), sendo que todos já levaram um aluno a concluir a Iniciação, uma maioria o curso Básico (5º grau), e uma minoria o curso complementar em violino (8º grau).

Por seu turno, o grupo de docentes do Conservatório Regional de Ponta Delgada perfaz um mais heterogéneo quando à sua nacionalidade, sendo elas portuguesas (3), americana (1), ucraniana (1) e italiana (1). Com idades compreendidas entre 31 e 63 anos idade, a sua média equivale a sensivelmente 47 anos de idade e quatro indivíduos são do sexo feminino e dois do sexo masculino. Relativamente à sua formação académica superior, esta foi realizada em Portugal, na Academia Nacional Superior de Orquestra, Escola Superior de Música de Lisboa e Universidade de Aveiro, e no estrangeiro, nomeadamente nos Conservatórios Superiores de Kiev e Lvov (Ucrânia) e no Conservatório N. Piccini (Itália) e Hoogeschool Enschede (Holanda), recebendo influências de personalidades como Augusto Trindade, A. Melnik, A. Vaisfeld, Aníbal Lima, António Anjos, B. Kotorovich, Christian Bohe, Daniel Rowland, David Loid, Gemma Loseto, Gerardo Ribeiro, L. Moniak, P. Scholts, Shelley Ross. Leccionam já entre 14 e 33 anos (média de 22 anos) e entre 2 e 30 no Conservatório Regional de Ponta Delgada (com uma média de 13 anos, aproximadamente) e a grande maioria já lidou com alunos de todos os níveis, Iniciação, Básico e Complementar, acompanhou alunos durante os quatro anos da

Iniciação no Conservatório, no entanto apenas metade já levou alunos a concluir o curso complementar.

5. CARACTERIZAÇÃO PEDAGÓGICA DE DUAS ESCOLAS OFICIAIS DE MÚSICA

Os Conservatórios Oficiais enquanto escolas públicas de ensino definem-se através dos contextos sociais, históricos e político-administrativos em que se inserem. Neste capítulo prevê-se uma contextualização da Escola de Música do Conservatório Nacional e do Conservatório Regional de Ponta Delgada, apresentando as instituições e os seus projectos.

5.1. A ESCOLA DE MÚSICA DO CONSERVATÓRIO NACIONAL

5.1.1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

O ensino da música em Portugal, predominantemente durante todo o curso da história ao início do século XIX, esteve intimamente ligado à cultura da Igreja. Até à Revolução Liberal de 1834¹⁹, as capelas musicais faziam parte das dioceses portuguesas com o intuito de formarem músicos para as cerimónias religiosas (Alegria, 1983). Neste sentido, o Seminário da Patriacal²⁰ em Lisboa manteve a sua actividade até ao ano da Revolução.

Em 1834, a Igreja Patriacal foi extinta mas o seu Seminário, por Decreto de D. Maria II, a 5 de Maio de 1835, veio dar origem a um Conservatório de Música anexo à Casa Pia²¹. Com a laicização do ensino da música, esta instituição, segundo o diploma de 1835, destinava-se a um público heterogéneo, de ambos os sexos de diferentes extratos sociais, e com uma oferta de cinco “aulas”: Preparatórios e rudimentos; Instrumentos de latão; Instrumentos de palheta; Instrumentos de arco; Orquestra; Canto (Artigos 1º e 10º). Neste sentido, o corpo docente do extinto Seminário transitou para o recém-formado Conservatório, tendo ficado a cargo nomeadamente as de Instrumentos de corda e Orquestra de João Jordano e Presbyteto José Marques,

¹⁹ Na sequência da guerra civil em que se encontrava Portugal, iniciada em Julho de 1832, após a revolta de 1820 que implantou o Liberalismo, os confrontos entre liberais e absolutistas e conservadores duraram até à assinatura da Convenção de Évora Monte, a 25 de Maio de 1834, com a vitória liberal.

²⁰ Fundado por D. João V em 1713, herdeiro da Capela Real, foi a principal escola de música durante o século XVIII.

²¹ No reinado de D. Maria I foi fundada a Real Casa Pia de Lisboa, em 1780, tendo como missão a educação dos mais desfavorecidos. Em 1833, após anterior permanência no castelo de S. Jorge e no Convento do Desterro, passou a situar-se no Mosteiro dos Jerónimos.

respectivamente (Artigo 10º). A direcção deste Conservatório ficou a cargo de João Domingos Bomtempo²².

Em 1836, no contexto da reforma geral de estudos no reinado de D. Maria II, o Conservatório é integrado, pelo Decreto de 15 de Novembro, no Conservatório Geral de Arte Dramática, com um regimento elaborado por Almeida Garrett. Tendo como modelo o Conservatoire National de Musique et de Declamation de Paris²³, este Conservatório dividia-se, segundo o diploma, em três escolas, a saber “1ª a Eschola Dramatica, propriamente dita, ou de Declamação: 2ª a Eschola de Musica: 3ª a Eschola de Dança, Mimica, e Gymnastica especial”, sendo [...] incorporado neste Estabelecimento o Conservatorio de Musica, erecto na Casa Pia por Decreto de 5 de Maio de 1835, depois de adoptadas as providências que se vão tomar sobre este objecto”. Com efeito, é neste cenário que o Conservatório é transferido para o Convento dos Caetanos²⁴, continuando Bomtempo a assumir a sua direcção. Por Decreto de 27 de Março de 1839, “[...] a Eschola especial de musica consta das doze aulas seguintes: 1ª de Contraponto, e Composição[...] 6ª de Rebeca, e Violeta; 7ª de Rebecão pequeno, e Rebecão grande; [...] 12ª de Rudimentos, de Preparatórios, e de Solfejos” (Artigo 24º). Contudo, a aprovação dos estatutos da instituição, como previsto neste diploma, só aconteceu mais tarde, a 24 de Maio de 1841, após a nomeação do marido de D. Maria II, D. Fernando, como presidente honorário do Conservatório, a 20 de Julho de 1840, passando, assim, a designar-se por Conservatório Real de Lisboa. Segundo Brito & Cymbron,

[...] apesar do Conservatório de Lisboa ser a principal escola oficial de música em Portugal, durante todo o século XIX, não parece ter conseguido dar à maioria dos músicos portugueses que o frequentavam uma sólida formação musical, tanto do ponto de vista prático como teórico, forçando muitos dos nossos instrumentistas a tentarem completar a sua preparação no estrangeiro. (Brito & Cymbron, 1992, p. 27)

Até ao início do século XX, a estrutura base do Conservatório não foi substancialmente alterada e foi apenas em 1919, com Vianna da Mota²⁵ e Luís de

²² (1775-1842) Pianista, compositor e pedagogo, figura inovadora neste processo de mudança, detentor na altura de uma moderna pedagogia devido à sua ligação com o pianista e compositor italiano Muzio Clementi (1752-1832), sendo adicionada a disciplina de Piano, assegurada pelo director.

²³ Fundado em 1795, o Conservatório Nacional Superior de Música e Dança de Paris foi um modelo copiado por toda a Europa durante os séculos XVIII e XIX.

²⁴ Situado no Bairro Alto, em Lisboa, encontrava-se disponível, visto a extinção das Ordens religiosas em 1834. Actualmente, a Escola de Música do Conservatório Nacional, criada em 1983, funciona neste mesmo edifício.

²⁵ (1868-1948) Pianista e pedagogo português, aluno de Franz Liszt e Hanz von Bulow na Alemanha e professor de piano em Genebra, após estudado no Conservatório Nacional em Lisboa, foi director do Conservatório e da Orquestra Sinfónica de Lisboa e fundou a Sociedade de Concertos (1917).

Freitas Branco²⁶, já depois da Implantação da República²⁷, que o então Conservatório Nacional de Lisboa foi alvo de uma profunda reforma educativa. Sendo Leonardo Coimbra o Ministro da Instrução Pública, o seu objectivo consistiu na modernização dos planos de estudos e programas, passando a haver três níveis, a saber, elementar, complementar e superior, para além de um opcional para piano, violino e violoncelo, o de virtuosidade. Ao nível de estrutura, através da implementação do Decreto 5:546, de 9 de Maio de 1919²⁸, os dois Conservatórios de Música e Teatro separaram-se e foi pela primeira vez adicionada uma componente geral, entenda-se não musical, à sua formação como o Português ou a História, como também de novas disciplinas da componente específica, como as Ciências Musicais e a Introdução à Estética. Este diploma “aponta um conjunto de problemas a que era necessário dar resposta adequada para colmatar aquilo que designaram por “processos de ensino antiquados”” (Vasconcelos, 2002).

No ano lectivo 1971/1972²⁹ foi decretado o funcionamento de Experiências Pedagógicas na Música, Teatro e Dança, através de um despacho de 16 de Setembro. Deste modo, o então Ministro da Educação Veiga Simão nomeou uma Comissão Orientadora da reforma do Conservatório Nacional, sob a direcção de Madalena Perdigão.

Esta fase da história do Conservatório veio actualizar o último diploma de génese similar que até à data ainda se encontrava em vigor, há mais de quarenta anos. Apesar de esta Experiência Pedagógica não ter sido realmente oficializada pelo governo (apenas sendo um projecto de portaria sem publicação oficial), foram praticados e aceites os frutos desse período ao nível dos programas como também ao nível administrativo (Latino, 1986). A oferta de escola, no que diz respeito ao ensino da música, consistia em três ramos, sendo eles os de Instrumento, Composição e Canto, e em três níveis, geral, complementar e superior.

Já depois do 25 de Abril de 1974, após várias Comissões Directivas, é com o Decreto-lei nº 310/83 que as actuais instituições que hoje conhecemos começaram a ganhar

²⁶ (1890-1955) Compositor e professor, estudou na Alemanha e em França, onde contactou directamente com a estética impressionista através de Claude Debussy. Foi professor do Conservatório Nacional e seu subdirector (1919-1924).

²⁷ A 5 de Outubro de 1910, através de um golpe de Estado, deu-se a Implantação da República Portuguesa, abolindo a monarquia constitucional, passando de Conservatório Real de Lisboa a designar-se Conservatório Nacional de Lisboa.

²⁸ Esta reforma, de 1919, também foi implementada no Conservatório do Porto, criado em 1917.

²⁹ Neste ano, a Fundação Calouste Gulbenkian promoveu um debate sobre a reforma do Ensino Artístico, tendo sido um embrião para as experiências efectuadas no mesmo ano.

uma forma mais próxima de hoje, vindo a ser consolidada com a Lei de Bases do Sistema Educativo de 1986³⁰ (Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro). Tendo como base uma falta de regulamentação mais específica ao nível do ensino artístico, visando dar resposta às novas necessidades da sociedade em geral, este documento resultou na inserção do ensino vocacional da música numa estrutura de ensino mais sequenciado e evolutivo no tecido educativo. Com efeito, os quatro cursos de Música, Dança, Teatro e Cinema, até então ministrados unicamente pelo Conservatório Nacional, foram alvo de uma reforma, passando a haver uma separação entre instituições formadoras ao nível secundário e superior. Assim sendo, criaram-se três instituições independentes de formação superior, herdeiras do Conservatório Nacional: as Escolas Superiores de Lisboa de Música, de Dança, e de Teatro e Cinema. Foi deste modo deixada a formação vocacional na área da música a cargo da, então criada, Escola de Música do Conservatório Nacional, aos níveis básico e secundário, com uma organização em cursos gerais e complementares em regime integrado³¹, articulado³² ou supletivo³³ (nos níveis básico, com Formação Musical e Instrumento e classe de conjunto, e complementar, de índole profissionalizante, nos cursos de Canto, Instrumento e Formação Musical).

Apesar de ser considerável a legislação produzida entretanto ao nível do ensino da música que afecta directamente a Escola de Música do Conservatório Nacional, a diversos níveis, os contornos desta instituição permanecem assentes nesta estrutura basilar. Os cursos actualmente ministrados foram homologados pela Portaria n.º 370/98, de 29 de Junho de 1998, em regime de experiência pedagógica, para além da abertura do Curso Profissional em 2009. Desde este ano, a Escola de Música do Conservatório Nacional encontra-se sob a direcção de Ana Mafalda Correia Pernão.

5.1.2. PROJECTO PEDAGÓGICO: A INICIAÇÃO³⁴

No âmbito da Iniciação como projecto pedagógico da Escola de Música do Conservatório Nacional, aprez-nos debruçar sobre a legislação existente aplicável a este nível de ensino que moldou os seus contornos.

³⁰ Apesar da antecedente Lei nº 5/73, de 25 de Julho, que nunca foi realmente aplicada, a Lei nº 46/86, de 14 de Outubro, estabelece as linhas gerais do sistema educativo nacional.

³¹ Regime em que a Escola Vocacional ministra também as disciplinas de formação geral.

³² Regime em que a Escola Vocacional ministra apenas a formação especializada.

³³ Regime em que possibilita a frequência da Escola Vocacional, independentemente do curso de formação frequentado ou já concluído.

³⁴ Curso musical desenhado para crianças dos 6 aos 10 anos de idade que estejam a frequentar o 1º Ciclo Básico do ensino genérico.

Com o Decreto-lei nº 310/83, de 1 de Julho de 1983, tendo em conta a necessidade de “[...] estruturar o ensino das várias artes – música, dança, teatro e cinema – que tem vindo a ser ministrado no Conservatório Nacional e em escolas afins, e tendo como objectivos a formação profissional dos respectivos artistas [...]” (Preâmbulo, artigo 1), é o primeiro documento que refere realmente um plano de estudos destinado a crianças de tenra idade “[...] As escolas de música poderão também ministrar o ensino de música para crianças que frequentem o ensino primário ou a educação pré-escolar, em termos a regulamentar por despacho do Ministro da Educação.” (Secção II, nº 3 do artigo 8). Na sequência deste, com a Portaria nº 291/84, de 17 de Maio, lemos no mapa anexo à mesma o plano de estudos dos cursos gerais de Música as disciplinas e carga horária de formação vocacional afectas à Iniciação: Formação musical e classe de conjunto (4 horas) e Instrumento (1 hora).

Com o Decreto-lei nº 344/90, de 2 de Novembro, “O presente diploma estabelece as bases gerais da organização da educação artística pré-escolar, escolar e extra-escolar, desenvolvendo os princípios contidos na Lei nº 46/86, de 14 de Outubro – Leis de Bases do Sistema Educativo” (Capítulo I, Princípios gerais, Âmbito, artigo 1º) em três diferentes vias, a saber educação artística Vocacional, educação artística em modalidades especiais e educação artística extra-escolar, em Música, Dança, Teatro, Cinema e áudio-visual e Artes plásticas, para além da educação genérica. A única questão que aqui se adianta é a de as escolas de ensino vocacional poderem dar uma educação artística a este nível, em que “Entenda-se por educação artística vocacional a que consiste numa formação especializada, destinada a indivíduos com comprovadas aptidões ou talentos em alguma área artística específica.” (Secção II, Educação artística vocacional, Definição, Artigo 11º).

Como lemos no relatório final Estudo de Avaliação do Ensino Artístico de 2007,

De acordo com o Decreto-Lei n.º 310/83, de 1 de Julho, as escolas vocacionais de Música têm como finalidade a formação de músicos, assim como uma preparação específica para o exercício de outras profissões ligadas a esta área artística. Contudo, se por via das disposições contidas neste Decreto se pretendia proporcionar uma formação geral sólida para além da formação específica, a partir de uma formação integrada, o certo é que a generalidade das escolas vocacionais não implementaram este regime integrado. (p. 137),

acrescentando:

No nível pré-escolar e no 1.º ciclo do ensino básico – as iniciações – o ensino da Música é oferecido pelas seguintes escolas, com planos de estudo próprios: [...] Escola

de Música do Conservatório Nacional, que funciona em regime supletivo. As restantes escolas públicas e a maioria dos estabelecimentos de ensino particular e cooperativo ministram iniciações, de acordo com o seu projecto educativo e regulamento interno. (p.137)

Deste modo, no que concerne a legislação afecta à Escola de Música do Conservatório Nacional, este ciclo de estudos é parte integrante da sua oferta educativa em regime supletivo.

A questão da autonomia de escola, concedida pelo Decreto-Lei n.º 115-A/98³⁵, de 4 de Maio, é de grande importância no que respeita à oferta educativa e programas da Escola de Música do Conservatório Nacional. O mais recente projecto educativo abrange os anos lectivos 2009/2013, sendo a missão da escola “Qualificar os alunos através de uma sólida formação nas suas múltiplas vertentes, humanística, científica, histórica, ética, ecológica, estética, artística e musical, capacitando-os para uma opção profissional como músicos” (Missão, ponto 4). O regulamento interno, revisto a 5 de Fevereiro de 2012, revela a estrutura de cursos ministrados e existência de 4 níveis de Iniciação do Ensino Artístico Vocacional (I, II, III e IV), que correspondem aos mesmos níveis de instrução primária do Ensino Genérico (1º, 2º, 3º e 4º anos de escolaridade). Com o intuito de “Proporcionar uma prática lectiva exigente e rigorosa para que os alunos atinjam um domínio efectivo das competências exigidas no final de cada ciclo”, lê-se :

Perfil de competências de um aluno que termina o curso de Iniciação: Está apto, técnica e musicalmente, a fazer prova de acesso a qualquer curso Básico de música; Está motivado a prosseguir os estudos; Está apto a desenvolver a leitura e a escrita musical, tendo feito muito trabalho sensorial; Tem uma boa relação física com o instrumento, nomeadamente a postura (corpo, braços, pulso, mãos, dedos, tronco, pernas, embocadura e respiração); Compreende o funcionamento físico do instrumento; Tocou peças elementares de vários estilos e épocas; Tem capacidade de memorização que lhe permite tocar de cor; Já fez música de conjunto; Adquiriu hábitos de estudo regulares; Apresentou-se regularmente em público. (Regulamento Interno da Escola de Música do Conservatório Nacional, 2012)

De acordo com o ponto 1 do artigo 7º do Regulamento Interno, o plano de estudos do curso de Iniciação “está autorizado como experiência pedagógica”. Deste modo, não existe oficialmente um programa definido, ao nível do repertório, para a Iniciação.

³⁵ Apesar disso, já era habitual deste os inícios do Conservatório (“Se quisermos tomar como ponto de partida a legislação emanada dos momentos de reforma do Conservatório, a primeira e mais importante conclusão a retirar é a de que este viveu uma situação de autonomia, que muito cedo lhe foi outorgada pelo Estado.” - Relatório de Avaliação do Ensino Artístico, 2009)

A admissão ao curso de Iniciação, como acontece com os restantes cursos ministrados, é feita através de uma prova eliminatória de selecção a todos os candidatos. Esta é composta por duas provas, a primeira de aptidão musical, sendo a única prova eliminatória para os candidatos que não tocam um instrumento, em dois dias, realizada numa aula com várias crianças. Para os candidatos que já tocam, é realizada prova de Instrumento, tendo necessariamente de ter sido aprovado na primeira. A nota final é calculada através de uma fórmula de 30% (nota do teste de aptidão) e 70% (nota do teste de Instrumento). No que concerne o repertório a apresentar na prova de instrumento, não está definido um programa concreto de referência (Regulamento das Provas de Acesso: Iniciação, Básico e Secundário – Regulamento).

O curso de iniciação é ministrado na sede da Escola de Música do Conservatório Nacional, no Convento dos Caetanos, e desde 2004 foi estendido aos polos da Amadora, Loures e Seixal, tendo em vista o incentivo da prática musical e instrumento por crianças que frequentam o ensino primário.

5.2. O CONSERVATÓRIO REGIONAL DE PONTA DELGADA

5.2.1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA: MÚSICA E INSULARIDADE

O ensino da música na ilha de São Miguel, nomeadamente na cidade de Ponta Delgada, esteve confinado exclusivamente às bandas filarmónicas e às aulas particulares de canto e piano até ao início do século XX (Medeiros, 2005). Neste sentido, a criação da Academia Musical de Ponta Delgada em 1922 veio possibilitar o alargamento à população em geral o acesso à educação artística musical, sendo este um dos seus objectivos (Estatutos da Academia Musical de Ponta Delgada, Artigo primeiro). Instalada no edifício da Escola Primária Superior³⁶, a Academia Musical de Ponta Delgada fundou-se nesta cidade a 25 de Outubro de 1922 (Rodrigues, 1968). Os estatutos desta recém-formada instituição, “dentro dos moldes da Academia dos Amadores de Música de Lisboa³⁷, que foi, indiscutivelmente, de todos os agrupamentos similares, o que maior voga obteve no País como instituto de educação musical” (Mota, 1964, p. 42), foram aprovados a 4 de Novembro de 1922 pelo

³⁶ Antigo Convento da Graça, foi a primeira escola primária oficial, em 1832. Actualmente funciona a Academia das Artes e o Conservatório Regional de Ponta Delgada, este último desde 2004.

³⁷ Fundada em 1884, com a designação de Real Academia dos Amadores de Música, foi criada com o intuito de promover a cultura e disseminação musical, com contornos diferentes do Conservatório Nacional.

governador civil de Ponta Delgada, Dr. Horácio de Medeiros Franco, sendo os seus objectivos “Instituir e manter cursos de funcionamento regular, em que seja ministrado gratuitamente ou mediante ínfimo preço de matrícula a indivíduos de ambos os sexos o ensino musical, tanto em classes de canto, como na execução de instrumentos” (Artigo 1º). Para além disso,

Divulgar por todos os meios de propaganda, o gosto e o culto da música na ilha de S. Miguel, exercendo sempre a acção educadora desse gosto estimulante desse culto em todas as camadas sociais, especialmente pela organização de certamens e concertos ou pela promoção de conferências sobre assuntos de interesse musical. (Artigo 2º)

Os primeiros cursos a serem ministrados foram quatro, Solfejo e Canto Coral, Piano, Violino e Violoncelo, iniciando-se as aulas em Janeiro de 1923 com 73 alunos (Rodrigues, 1968).

Durante o período seguinte, até ao ano de 1945, a Academia Musical de Ponta Delgada viveu entre anos de regular funcionamento dos cursos então ministrados e outros de fraca ou inexistente actividade, estes últimos motivados pela falta de docentes na instituição, pela dificuldade de fixação do espaço físico da Academia e escasso investimento das identidades públicas. Segundo Oliveira Rodrigues,

A falta de professores e do amparo dos poderes públicos, a decadência em que caíram todas as actividades artísticas, depois do incêndio do antigo Teatro [Micaelense]³⁸ [...] tudo isto concorreu para que o desamime de apossasse dos directores da Academia e esta mergulhasse em profundo letargo, que se prolongou por espaço de 14 anos. (Rodrigues, 1989, p. 115)

Mais tarde, foi eleita uma nova direcção da Academia, a 7 de Dezembro de 1945, constituída por cinco personalidades, a saber o presidente Dr. João Bernardo de Oliveira Rodrigues, caracterizada

[...] por um uma intensa acção educativa e cultural, manifestada através de concertos, conferências e representações teatrais, em que o elemento amador colaborou em larga escala com professores e concertistas propositadamente vindos do continente.” (Rodrigues, 1968, p. 246)

De facto, a nova Academia Musical de Ponta Delgada, a funcionar no Liceu de Ponta Delgada³⁹ até mudar-se em 1954 para um edifício na Rua da Misericórdia, viveu

³⁸ Inaugurado oficialmente em 1865, incendiou-se em 1930, sendo reconstruído e abrindo as portas em 1951.

³⁹ Antigo Palácio da Fonte Bela, actualmente, Escola Secundária Antero de Quental.

tempos de prosperidade musical, quer ao nível da composição do corpo docente, quer ao nível da organização de concertos e eventos culturais de natureza vária.

Em 1964 deu-se mais um passo no desenvolvimento da Academia Musical de Ponta Delgada, convertendo-se então em Conservatório Regional de Ponta Delgada através da oficialização dos cursos ministrados na Academia. Este processo, concretizado com a Inspecção Superior do Ensino Particular, a Junta Geral do Distrito e, principalmente, a Direcção do Conservatório Nacional de Lisboa, visou a transformação da Academia numa escola oficializada com paralelismo pedagógico. “Foram então redigidos novos estatutos, que, após aprovação superior em 12 de Maio de 1964, permitiram ao velho instituto de música de Ponta Delgada (o mais antigo de todos, então, existentes da Província) um ensino oficializado [...]”. Constituindo-se um Conselho Administrativo, o qual passou a ser presidido pelo Dr. João Bernardo Oliveira Rodrigues, a 15 de Outubro de 1964 iniciaram-se as aulas sob a direcção pedagógica de Maria Teresa de Freitas Oliveira Rodrigues⁴⁰, a um total de 120 alunos, num imóvel situado na Rua dos Mercadores, aumentando para 180 no ano seguinte (Pavão, 1989). Os exames do curso geral passaram a ser realizados com júris formados por professores do Conservatório Nacional, que se deslocavam à ilha. Em 1970, o então Conservatório Regional de Ponta Delgada mudou as suas instalações para a Rua do Colégio, onde também funcionaram aulas de ballet, e realizava-se o concurso de piano Dame Ruth Railton (Medeiros, 2005).

As reformas do ensino artístico, visto que todos os Conservatórios se regiam por uma reforma que datava de 1930, começaram em 1971, no tempo do ministro Veiga Simão, tendo nesta altura sido reorganizados os planos de estudos e os programas, como anteriormente mencionado. Com efeito, sendo a primeira tentativa de integração do ensino artístico no ensino geral a nível nacional, o Conservatório Nacional de Lisboa foi colocado em regime de experiência pedagógica, o que abrangeu também o Conservatório de Ponta Delgada, tendo havido uma necessária actualização principalmente das disciplinas de Educação Musical, História da Música, Acústica e Composição (Medeiros, 2005).

⁴⁰ Concluindo o Curso Superior de Piano do Conservatório Nacional de Lisboa, Directora posteriormente do Conservatório Regional de Ponta Delgada, frequentou cursos na Fundação Calouste Gulbenkian de pedagogia musical Willems. Segunda esta, “A aprendizagem musical deve processar-se de uma forma semelhante à aprendizagem de uma língua. No desenvolvimento linguístico de uma criança é importante o número e qualidade de palavras que a criança ouve no seu meio envolvente [...]” (1997)

É em 1978, após diligências ao Secretário de Estado da Cultura e Educação Permanente, Dr. João de Freitas Branco, devido às dificuldades financeiras em que se encontra o Conservatório em 1975, que o Conservatório passa para a alçada do Governo Regional dos Açores em regime de instalação em 1978 até 1980, com duas secções em Ponta Delgada e Angra do Heroísmo, na ilha Terceira, com o nome Conservatório Regional dos Açores (Medeiros, 2005). Contudo, a última fase de desenvolvimento dá-se em 1980 quando, por Decreto Regulamentar Regional, nº 11/80, publicado no Jornal Oficial de 13 de Março de 1980, são criados os Conservatórios Regionais de Ponta Delgada e Angra de Heroísmo, como dois estabelecimentos de ensino público, na dependência da Secretaria Regional da Educação e Cultura, prevendo-se a criação do Conservatório da Horta, na ilha do Faial. Deste modo, no mesmo Decreto se preceitua, entre outros objectivos, o de ministrar o ensino da música a nível paralelo ao dos ensinos preparatório e secundário, dando aos seus alunos formação artística de base, com carácter profissionalizante e preparando-os para o ingresso no ensino superior do respectivo ramo (Pavão, 1989). Foram criados cursos livres, nomeadamente de Viola da Terra, contratação de novos docentes e realizaram-se acções de formação ministradas por docentes nacionais e estrangeiros (Medeiros, 2005).

Tendo em conta a reforma instituída pelo Decreto-lei nº 310/83, de 1 de Julho, procedeu-se à integração do ensino da música no ensino regular, e em 1984, através da Portaria nº 291/84, de 17 de Maio, organizou-se o Plano de Estudos dos Cursos Gerais e Complementares, como anteriormente enunciado. De acordo com Maria Teresa Oliveira Rodrigues,

Duas perspectivas ficam então abertas para os alunos em formação no momento: uma via não profissional, que lhes permitia fazer música com qualidade, mesmo com o estatuto de amadores [...] e ainda constituir um público esclarecido, com um papel sem dúvida decisivo para a vida musical e cultural da Região; ou a profissional, possibilitando ao aluno o ingresso em estabelecimentos de Ensino Superior em Portugal [continental] [...] para que possam, a médio ou longo prazo, voltar à Região e, se possível, integrar os quadros dos Conservatórios Regionais. (Rodrigues, 1989, p. 13)

Actualmente, a oferta educativa foi homologada pelo Decreto Regulamentar nº 60/2012 de 29 de Maio de 2012. Após várias direcções directivas e executivas, o Conservatório Regional de Ponta Delgada encontra-se, desde 2004, sob a direcção de Ana Paula Andrade Constância.

5.2.2. PROJECTO PEDAGÓGICO: A INICIAÇÃO

Ao nível da Iniciação, no contexto do Conservatório Regional de Ponta Delgada, urge delinear os contornos deste projecto pedagógico.

A legislação em vigor no que concerne a Iniciação em violino respeita a Portaria nº60/2012 de 29 de Maio de 2012. Deste modo, de acordo com o Capítulo XV, Funcionamento dos Cursos Básicos de Educação Artística Vocacional, que regulamenta o Curso de Iniciação Musical para alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico, sendo que:

Apenas podem iniciar o Curso de Iniciação Musical, previsto no presente diploma, os alunos que se encontrem inscritos no 1.º ciclo do ensino básico, na rede pública ou em escola do ensino particular ou cooperativo a funcionar em regime de paralelismo pedagógico. (Artigo 120, 2º ponto)

com as seguintes disciplinas: Experimentação musical (45 minutos), Introdução ao instrumento musical (50 minutos), Conjunto instrumental, dança ou canto coral (opcional).

As disciplinas de Experimentação e Criação Musical e a de opção são ministrados em turmas de um máximo de 15 alunos, enquanto a de Instrumento é individual, “devendo as duas sessões semanais recair obrigatoriamente em dias diferentes.” (ponto 4 do mesmo Artigo). Não obstante, tendo em conta as necessidades dos alunos e as características específicas do instrumento a estudar pode a disciplina de Introdução ao Instrumento Musical, por decisão do conselho executivo da escola, ouvido o conselho pedagógico, ser organizada em sessões de 50 minutos, sendo então o ensino ministrado a dois ou mais alunos em simultâneo (ponto 5). No entanto, o mais importante reside no ponto seguinte que estabelece ao nível dos Conteúdos:

1. As competências, os objectivos e os conteúdos curriculares de cada disciplina são fixados por despacho do secretário regional competente em matéria de educação; 2. Sem prejuízo do disposto no número anterior e no respeito pelas competências fixadas, podem as escolas, no uso da sua autonomia pedagógica, adequar as características dos cursos às necessidades dos seus alunos, através da aprovação em conselho pedagógico, e inclusão no projecto educativo de escola, das normas necessárias. (Artigo 122º)

deixando ao Conservatório a liberdade de gestão deste curso. Ao nível da Avaliação e assiduidade, esta deverá ser feita de acordo os critérios estabelecidos para o 1º ciclo do ensino básico, expressa em (insuficiente, suficiente, bom ou muito bom) sendo

contínua e realizada uma prova no final do ano lectivo, e excluído pelo excesso de faltas e/ou pelo não aproveitamento em dois anos consecutivos. A coordenação entre o Conservatório e a escola onde esteja a frequentar o 1º ciclo do ensino básico, funcionando no caso do Conservatório Regional de Ponta Delgada unicamente em regime supletivo, é essencial, sendo considerado como actividade de enriquecimento do currículo (Artigo 124º). No que concerne a transição para o Curso Básico, está prevista a passagem para o curso básico, concluído o 1º ciclo básico, para o 1º grau, no entanto com a possibilidade de iniciar o curso básico de música independentemente do número de anos frequentados no curso de Iniciação, da idade ou do ano de escolaridade frequentados (Artigo 125º).

De acordo com o Projecto de Escola trienal, sendo que o Conservatório Regional de Ponta Delgada é a única instituição oficial de ensino da música na ilha de S. Miguel, o meio musical envolvente caracteriza-se, essencialmente, pelo elevado número de bandas filarmónicas e por uma crescente prática de música coral, em diversos agrupamentos de cariz associativo, lê-se as linhas orientadoras desta instituição:

Privilegiar uma educação para valores e ideais; Sensibilizar para a descoberta de valores essenciais à inserção na comunidade; Educar para a cidadania através das artes; Formar para a descoberta do mundo artístico e musical; Promover a qualidade do ensino artístico, tendo em conta o contexto cultural e social dos alunos; Sensibilizar para a defesa do património artístico e cultural; Desenvolver a autonomia pessoal e o sentido crítico, dentro dos valores de liberdade, responsabilidade e solidariedade. (Projecto de Escola, 2010, p. 3)

Para além disso, uma das questões merecedoras de atenção é a da admissão dos alunos, a qual está descrita no Projecto de Escola 2010/2013 como “Clarificar o processo de admissão dos alunos à escola. Criar um regulamento e divulgá-lo. Divulgar os resultados.” (Objectivos e Estratégias). Neste sentido, em anos recentes o Conservatório Regional de Ponta Delgada tem dado atenção a este processo, tendo sido constituído um diploma pela Secretaria Regional da Educação e Formação (Direcção Regional da Educação e Formação) Regulamento das provas de selecção para os cursos curriculares Iniciação e Básico. Sendo admitidos indivíduos que frequentem entre o 1º e 7º de escolaridade, inclusive (Artigo 2º, ponto 1), o candidato, através de uma inscrição provisória (Artigo 3º, ponto 2), poderá ordenar quatro instrumentos⁴¹ por ordem de preferência (ponto 3º do mesmo artigo), sendo que “A

⁴¹ “O Conservatório Regional de Ponta Delgada organiza anualmente ateliers de instrumentos destinados à apresentação da sua diversificada oferta instrumental. A frequência destes ateliers não é obrigatória, não havendo uma apreciação ou avaliação neles implícitas.” (Artigo 3º, ponto 4).

selecção para ingresso no Conservatório Regional de Ponta Delgada integra a realização de provas práticas de apreciação da aptidão musical” (Artigo 5º, ponto 1), apenas válidas para o ano lectivo seguinte (Artigo 6º). Ao júri, composto por 5 docentes, compete organizar as provas⁴², para além da sua aplicação prática e lista de ordenação final dos candidatos (Artigo 7º, ponto 3). Deste modo, as provas, que decorrem no período máximo de 5 dias úteis (Artigo 8º, ponto 1), incidem em:

“a) jogos de reproduções rítmicas; b) jogos de reproduções melódicas; c) aprendizagem da noção de pulsação; d) aprendizagem da noção de divisão; e) aprendizagem da noção de tónica; f) aprendizagem da noção de cadência; g) aprendizagem de uma canção.”(Artigo 8º, ponto 1)

Deste modo, pelo facto de serem realizadas duas sessões de aplicação do teste, “são igualmente avaliados a evolução da aprendizagem feita nas duas sessões” (cada uma com uma sessão máxima de 60 minutos e um máximo de 9 alunos – pontos 6 e 7) “o comportamento, motivação e interesse” (Artigo 8º, ponto 2, alínea h). 1. As listas dos resultados das provas de aptidão são posteriormente publicadas, com uma avaliação numérica expressa entre 0 e 20, traduzida por candidatos admitidos (com resultados superiores ou iguais a 10 valores), e candidatos não admitidos (com resultados inferiores a 10 valores⁴³).

⁴² “As provas práticas de apreciação da aptidão musical são efetuadas a partir de situações reais de aula de forma a avaliar o potencial de aprendizagem bem como o potencial de sucesso na aprendizagem.” (Artigo 8º, ponto 2).

⁴³ “A lista ordenada dos alunos admitidos é elaborada após o cruzamento dos resultados da prova de aptidão musical com as opções de instrumentos indicadas pelos candidatos.” (Artigo 10, ponto 3), sendo o número de vagas dependente não só da qualificação obtida como também do número de renovação de matrículas dos alunos da instituição.

6. ESTUDO DE CASO COMPARATIVO DA INICIAÇÃO EM VIOLINO: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo pretende-se expor os dados recolhidos por intermédio da entrevista, organizado pelas temáticas focadas durante as mesmas. Com o objectivo da sua caracterização, procedeu-se à discussão dos mesmos.

6.1. APRESENTAÇÃO

Em resposta à pergunta “Tendo em conta o processo de admissão actualmente vigente, devido ao reduzido número de vagas, acha que estas provas, na sua opinião, demonstram que os alunos admitidos na sua classe de Iniciação têm “aptidão musical”? Porquê?”, os professores da Escola de Música do Conservatório Nacional, aqui por diante designada por EMCN, todos focaram a consideração do potencial e aferição do potencial durante a prova de instrumento, ao nível da aptidão física e motora para estudar violino (Professores A, B, C, D, E, F E G), tendo também, por outro lado, mencionado a dificuldade de aplicação da prova devido à sua curta duração, de cerca de cinco a dez minutos (mencionados por todos, com excepção do professor B), resultando numa limitação de avaliação nas provas e, principalmente, da capacidade de trabalho.

Os professores C e D realçaram a consideração da vontade do aluno para aprender, tida em conta através tanto da prova como do contacto com o aluno e pais anteriormente à prova. Os professores B, C e E alertaram para as condicionantes destas provas devido a factores relacionados com o nervosismo das crianças.

Foi opinião dos professores A, C e D a prevalência da prova de formação de musical sob a prova de instrumento e o professor A mencionou, ainda, a necessidade da existência de um conjunto de exercícios preparados pelo grupo docente a ser aplicado a realização da prova de instrumento.

Professor A:

“[...] o Conservatório aceita aqueles alunos que realmente nós vemos, à partida, que parecem ser ... terem talento, e ter massa ... boa matéria prima para trabalhar.”

“Nós temos que avaliar um todo, e esse todo é difícil de avaliar em 5 ou 10 minutos.”

“Por acaso, eu sinto que é uma lacuna da nossa classe não haver uma bateria, por exemplo, de exercícios que se fizessem, que se fizessem sempre, independentemente, seja qual for o professor que está a fazer o teste.”

“[...] “este reagiu bem a estes exercícios que nós fizemos...” em princípio poderá ser um bom aluno, mas nós todos sabemos que isso depende de muitas coisas. Uma delas é o trabalho, que não se consegue avaliar num teste de admissão.”

“[...] a nível da formação musical, esses [testes] sim, são rigorosos. [...] Aquilo que me pareceu é que os alunos que entravam depois desses testes eram bastante ... dotados em termos de audição ... talvez não tenham sido por causa dos testes de instrumento, mas sim por causa dos testes de formação musical.”

Professor B:

“Normalmente os que passam são realmente miúdos com condições [...] Graças às reformas e ... pensadas e repensadas e refeitas e alteradas, penso que chegamos a uma altura em que, bom, é o melhor que temos conseguido fazer [...]”

“No princípio quando entrei sim, tinha realmente alunos que tinham graves problemas, mesmo de ... mesmo de psico-motores aliás [...] hoje em dia, devo dizer que deixei de ter casos difíceis em termos de aptidão”

“Os meninos são primeiro submetidos a uma prova de iniciação musical, onde passam por ela primeiro, depois passam pelos professores de instrumento. Normalmente pode haver erros ao contrário. Às vezes crianças que naquele dia não estavam para aí viradas, não se queriam portar bem, estavam cansados, estavam com sono, estavam chateados, e, de vez em quando, pode acontecer efectivamente alunos bons ficarem de fora.”

Professor C:

“[...] temos tido bons resultados, há miúdos que são muito óbvios, mas há outros que nem por isso, e nós às vezes também tentamos dar uma oportunidade, tendo em conta por exemplo a força de vontade que o aluno demonstra numa prova [...]”

“[...] quando nós interrogamos se ele vai ter vontade de estudar todos os dias porque é que ele escolheu o instrumento, normalmente se não foram os pais que lhes disseram para ir para lá, normalmente é preferencial porque demonstra que é mesmo ele que quer e é da sua vontade e do seu interesse que depois vá estudar todos os dias no ano a seguir.”

“Em termos de resultados depois da Iniciação, digamos que daqueles alunos que eu recebi, há uma satisfação de 80% em termos de miúdos que vieram realmente a desenvolver entre o bastante bem e o muito bem [...]”

“Os miúdos entram, nós temos cerca de 5 a 10 minutos, fazemos testes básicos, a ver se têm coordenação motora, se têm ... se conseguem cantar afinado, se têm noção de afinação, se têm noção rítmica e até que ponto têm sensibilidade [...] É um bocado difícil ver isso [...]”

"[...] quando nós interrogamos se ele vai ter vontade de estudar todos os dias porque é que ele escolheu o instrumento, normalmente se não foram os pais que lhes disseram para ir para lá, normalmente é preferencial porque demonstra que é mesmo ele que quer e é da sua vontade e do seu interesse que depois vá estudar todos os dias no ano a seguir."

Professor D:

"As provas são feitas individualmente, e as crianças geralmente estão extremamente nervosas, e a maioria delas não dá aquilo que supostamente poderia dar."

"[...] de certa forma é um bocadinho ingrato uma criança com 5 ou 6 anos, e é ingrato para nós, estar a dizer se a criança está apta ou não apta, tem ou aptidões musicais para. Depende da própria prova, depende do dia da criança, se a criança está bem, do estado de espírito dela, se ela é uma criança extrovertida, se é uma criança tímida [...]"

"Então este ano alterámos o sistema⁴⁴ e vamos dar aulas a cada um dos inscritos para o instrumento para perceber um bocadinho como é que elas reagem, e falar também com os pais, que também é um lado muito importante na Iniciação, não é só a aptidão musical, mas sim a capacidade de trabalho que o pai ou o encarregado de educação consegue impor à criança."

Professor E:

"E a nossa intenção, logo à partida quando se fazem as provas, é realmente escolher apenas quem tem... que nós achamos que têm mais aptidão para um instrumento."

"Quando se faz provas para iniciação, obviamente é muito, extremamente difícil... concluir que aquele miúdo ou aquela miúda vão ser realmente... vão ser grandes instrumentistas."

Professor F:

"[...] à partida eu penso que sim, que se pode, pronto, chegar a conclusões quanto a aptidões de crianças."

"[...]raramente existe uma canalização mais séria para a música e portanto as crianças, muitas vezes não adquirem hábitos de estudo porque não têm tempo [...]"

Professor G:

"[...]Estas provas são umas provas muito complicadas... Porque não é 10 minutos nem em 15 minutos que nós nos podemos aperceber da aptidão musical, ou não, do aluno [...]"

⁴⁴ No que diz respeito ao sistema de admissão, "[...] os alunos fazem provas a tudo e depois são colocados. Foi uma coisa que mudou recentemente. Eles antigamente faziam provas a tudo e depois é que eram colocados nos instrumentos consoante a opinião dos professores. Isso levou a algumas confusões, porque havia vários que tinham várias qualidades." - Professor D

“É bom que se façam, portanto, estas provas, mas eu penso que os alunos com mais idade, oito, nove anos, podem ficar um bocadinho prejudicados... Porque obviamente que a escola prefere que os alunos façam os 4 anos de iniciação do que um aluno faça 2 anos.”

Por seu turno, os docentes entrevistados do Conservatório Regional de Ponta Delgada, aqui por diante designado por CRPD, em resposta à primeira pergunta, não revelaram concordância relativamente aos resultados obtidos. Enquanto os professores A e B consideraram-nas importantes e os professores B e C manifestaram a dificuldade de aplicação da prova em crianças, os professores C, D, E, e F consideraram que estas provas não fazem aferição no que diz respeito ao instrumento, não estando esta prevista, e a prova realizada contemplar apenas questões básicas auditivas.

Professor A:

“Eu acho que as provas demonstraram que a questão da aptidão musical é importante na admissão ao conservatório porque reparei que de qualquer forma os que passam estas provas têm alguma facilidade, digamos assim [...]”

Professor B:

“Eu acho que estas provas são sempre boas para os alunos, sempre boas para os professores para ver o nível de aptidões, mas eu acho que, como este ano participei nestas provas de entrada, eu achei que as provas para alunos de Inicialão foram muito difíceis [...] a maior parte dos alunos que ainda não sabem ler, deviam aprender uma música com letra, por exemplo, uma canção com letra [...]”

Professor C:

“Eu acho que as provas não fazem uma boa aferição do potencial. Da aptidão musical a um nível mínimo, uma vez que as provas só fazem aferição da aptidão musical a nível auditivo [...] uma vez que o violino é o instrumento onde há mais vagas, significa onde entram mais dentro da listagem, daquela seriação, é onde entra uma maior variedade desde o melhor até ao pior aluno [...]”

Professor D:

“Eu não sinto, de uma forma geral, na escola, se verifique qualquer alteração em relação ao passado [...] O sistema anterior era um sistema que privilegiava a idade [...] Tenho dúvidas que a escola neste momento esteja a sentir algum reflexo de ter optado por umas provas de “aptidão musical” [...]”

Professor E:

“Dado o facto que eles incidem agora sobre meramente a teoria da música, não tem muito interesse para os professores de instrumento porque nem experimentam os instrumentos nem realmente fazem a mínima ideia qual o instrumento que está a escolher.”

“Pelo menos de ter uma ideia do que eles querem perante o instrumento, porque muitos deles entram sem ter uma mínima noção do instrumento que escolheu.”

Professor F:

“Eu tive precisamente nas provas de admissão dos alunos cá no Conservatório no ano passado para este ano lectivo. No que diz respeito à realização dessas provas, elas não são especificamente para um instrumento, elas são globalizadas [...]”

“Na parte das provas de aptidão de instrumento, que eu tenha conhecimento elas não existem, há uma pequena demonstração apenas e às vezes os alunos quando nós questionamos muitas das vezes durante as provas de aptidão musical nós perguntávamos que instrumento é que eles queriam tocar, o eles queriam aprender a tocar, a maior parte deles diziam piano, muito facilmente [...]”

Através da pergunta “Os alunos admitidos na sua classe de Iniciação, na sua maioria, já toca violino antes de entrar para o Conservatório?” e “A maioria dos alunos que iniciam a aprendizagem do violino consigo conclui o curso de Iniciação e transita para o primeiro grau ou anulam a matrícula antes de concluir este nível?”, verificamos que a maioria dos alunos admitidos na EMCN no primeiro ano com 6 anos não toca (mencionado pelos professores C, D, E e F), sendo excepções os que já tocam (mencionado pelos professores A, B, e G). Contudo, nas provas para o segundo, terceiro, e quarto anos de Iniciação, é bastante comum já tocarem (professores A, B, E e G). Alguns docentes mostraram que nunca receberam um aluno que já tocasse, ao contrário de outros. A preferência por alunos que não tocam foi descrita pelos professores A, B e C. A taxa de sucesso e progressão para o curso básico na EMCN é muito elevada, perfazendo os requisitos na prova de acesso ao primeiro grau (todos os professores), tendo o professor F descrito que alguns não concluem por motivos como mudança de instrumento.

Professor A:

“Muitos deles já tocam, sim. Mas nem sempre” (relativamente aos alunos admitidos na sua classe)

“Eu até prefiro que não toquem [...]”

“Não tenho conhecimento de nenhum aluno que tenha anulado a matrícula. Acabam todos o curso de Iniciação e conseguem passar para o primeiro grau.”

Professor B:

“Este ano tenho uma aluna, entrou uma aluna que já sabia tocar [...]”

“Preferencialmente não. Eu prefiro de longe ter alunos que venham do zero [...] prefiro saber como funcionar de raiz, prefiro ser eu a corrigir as coisas [...]”

“Normalmente costumam seguir. Na média, a maioria esmagadora costuma seguir, pelo menos até ao quinto grau [...]”

Professor C:

“Não, aqueles que vão para o primeiro ano, porque nós fizemos vários, fazemos admissão para o primeiro, Iniciação, para o segundo, para o terceiro e para o quarto, normalmente aqueles que vão para o primeiro não tocam, salvo raras exceções. Eu nunca recebi nenhum no primeiro ano que tocasse.”

“Os do segundo ano, alguns não tocam e outros podem tocar [...] no terceiro e no quarto é mais apertado por causa das provas que são próximo.”

“Normalmente nós preferimos aqueles que já tocam, mas se for um miúdo cheio de vícios e de defeitos, normalmente não aceitamos.”

“[...] a maior parte deles não tocam e isso às vezes nem sequer é eliminatório, por exemplo, um aluno que toque e que esteja muito tenso e essas coisas todas, muitas vezes é, e principalmente se já tocar à muito tempo, e se não estiver a tocar assim nada de especial, prefere-se outro aluno que uma pessoa depois acaba por lhe expor o violino [...]”

“Não, nenhum deles anulou. Não tive casos que anularam a matrícula.”

Professor D:

“Nunca tive nenhum caso assim, todos começaram, mesmo aqueles que não começam no primeiro ano, que começam no segundo, nunca tive casos de alunos que já tocavam. Mas sei que existem, que aparecem alunos que começam com dois ou três anos, aparecem já a tocar. Eu nunca tive.”

“A maioria conclui e continua para o primeiro grau.”

Professor E:

“A sua maioria não. Há alguns casos, tem havido alguns casos que quando entram para a iniciação... já tocam qualquer coisa.”

“[...] quando já vão mais tarde, ou vão para o segundo, terceiro ou mesmo quarto de iniciação, aí a maior parte das vezes já tocam.”

“ A maioria conclui.”

Professor F:

“Se tiverem 6 anos e forem para o primeiro ano de iniciação, geralmente não tocam...”

“ A maioria...”

“[...] mas há uma percentagem razoável de crianças que não continuam, há uma percentagem razoável... apesar de mostrar qualidades e aptidão e tudo [...]”

Professor G:

“[...] todos ou quase todos transitam para o 1º grau... Tenho também alguns que desistem, não é, ou porque os pais não têm tempo... Tempo, quando eu digo tempo é tempo de acompanhar o aluno diariamente, não é, são crianças, é muito importante o apoio dos pais... Ou simplesmente porque os alunos não gostam do instrumento e querem ou mudar de instrumento ou, mesmo, não ter nenhum contacto com um instrumento musical... Mas a maior parte dos meus alunos transitam para o primeiro grau.”

Relativamente ao CRPD, verificamos que a grande maioria dos alunos admitidos na Iniciação não tocam (professores A, C, D, E), sendo os que já tocam excepções (referidos pelos professores B e F). Todos os docentes revelaram a continuidade no curso, tendo o professor D apresentando motivos de mudança de instrumento ou desistência pontual logo no primeiro ano. O professor A adiantou que a partir do ano lectivo seguinte, irá ser efectuada uma prova de ingresso ao primeiro grau.

Professor A:

“Geralmente não, quer dizer, acho que nestes 13 anos acho que nenhum dos pequeninos já tinham aulas antes de entrar.”

“[...] na maioria dos casos, eles transitam para o primeiro grau, são relativamente poucos aqueles que anularam a matrícula ao longo destes anos [...]”

“A partir deste ano, haverá uma prova para ingresso no primeiro grau, portanto as coisas ficam um bocadinho mais complicadas, mas acho que, em linha geral, acho que vão passar para o primeiro grau sem problemas.”

Professor B:

“Tive mais ou menos dois casos deste género que tinha alunos particulares que depois entraram para a minha classe [...] mas na maioria não tocam antes de entrar.”

"A maioria dos alunos concluem a Iniciação, só os casos quando os alunos vêm para a classe de violino porque não havia vaga para a classe de piano [...] mas a maior parte conclui a Iniciação e depois vão para o básico."

Professor C:

"Da Iniciação? Não."

Professor C:

"Grande maioria sim, continua."

Professor D:

"[...] a maioria dos que já tive entra de vez para o instrumento [...]"

Professor D:

"De todos os alunos que eu tive, houve alguns, muito poucos [...] dos que não fizeram os quatro anos, foram meninos que saíram logo ao final do primeiro ou não chegaram a fazer o primeiro de todo [...] A maior parte dos alunos, uma vez iniciado o processo, o terminou [...]"

Professor F:

"Aqui no Conservatório Regional de Ponta Delgada não. Vieram mesmo no zero."

"Já me aconteceu no final do ano passado e este ano também, recebi transferências de outros professores que leccionam cá e que pediram transferências desses alunos para a minha classe."

"Transitam para os anos, primeiro, segundo, por aí adiante [...]"

Relativamente à pergunta sobre a primeira aula de instrumento, "No primeiro ano de Iniciação, que actividades desenvolve com o aluno na primeira aula de violino?", os entrevistados manifestaram a ausência de instrumento (professores A e G). Contudo, descreveram as seguintes actividades: conversar com o aluno e com os pais (professores A, E, e F); comportamentos relacionados ao estar em palco, entoação e jogos (professores A, C, D, F e G); tocar em pizzicato (A, D e G) com acompanhamento, por vezes com acompanhamento de CD (professor A); exercícios de arco em cordas soltas, envolvendo produção de som (B, C, D, E, F, e G); apresentação e conhecimento do instrumento (D, F, e G); exercícios de coordenação motora (professor C); leitura de notas de simples (professor G); noções de postura (B, E e G). Os professores A, C e D refeririam o factor da motivação, procurando estimular os alunos desde a primeira aula.

Professor A:

“[...] em princípio terá violino, muitas vezes não tem [...]”

“[...] a primeira aula, às vezes, é para falar com os pais [...]”

“[...] o que eu tento fazer realmente é fazê-los sentir que eles fazem música no primeiro dia. Portanto, ensino-os a fazer a vénia [...]”

“[...] depois tento que eles façam música, nem que seja a fazer pizzicatos, eu acompanho [...] muitas vezes utilizo suportes de CD's para fazermos [...]”

“[...] principalmente quando se toca em público, claro, temos que agradecer, é um sinal de agradecimento. Ensino-lhes logo essas partes e eles gostam sempre muito [...]”

Professor B:

“Na primeira aula de violino? Imediatamente exercícios com o arco, passo bastante tempo a fazer exercícios de arco.”

Professor C:

“Normalmente faço uma aula de diagnóstico, tento saber o que é que eles sabem, o que é que eles não sabem, para saber com o que é que posso contar, faço jogos sem o violino de coordenação motora [...]”

“[...] tenta-los sempre manter motivados e nesse sentido a primeira aula é uma aula na qual eu introduzo alguns conceitos que eles podem captar logo, como por exemplo, mesmo a leitura das notas muito simples e que seja estimulante e trabalhar aspectos que vão ser fulcrais na aprendizagem do violino sempre que eles tenham noção que os estão a aprender.”

Professor D:

“[...] aquilo que eu tento sempre explicar na primeira aula é conhecer um bocadinho as cordas [...]”

“ Claro que o aluno toca sempre alguma coisa, apesar de poder estar ainda com uma posição incorrecta, mas aquilo que eles querem na primeira aula é experimentar e tocar nem que seja umas cordas soltas ou uns pizzicatos [...]”

“Acima de tudo, cativar o aluno para que ele vá para casa e continue a fazer as experiências que fizemos na aula.”

Professor E:

“ em primeiro lugar, tem que passar obrigatoriamente por isso. Temos de nos conhecer, temos de falar um bocado e isso é uma parte que eu considero muito importante. E depois, posteriormente a isso, obviamente são as primeiras noções da posição, do tirar o som, a... a postura.”

Professor F:

“A primeira aula, sim... é para conhecer um pouco a criança, às vezes se não tem muitas indicações da criança, pronto, faço-a cantar para perceber minimamente as aptidões musicais, se tem ouvido, se não tem e começo logo a integra-la no violino, mostrar o violino, as cordas, muitas vezes até tirar logo som...”

Professor G:

“ na primeira aula de violino o que eu costumo fazer é falar-lhes um bocadinho sobre o violino, não é, sobre o nome do violino, falar um bocadinho sobre o arco, também explicar... Em quantas partes se divide o arco, explicar as cordas, qual é a corda mais grave, qual é a corda mais aguda...”

“Portanto eles fazerem um bocadinho de pizzicato nas cordas para terem alguma sensibilidade auditiva já...”

“Coloco também os alunos a cantar, gosto muito que eles cantem... E normalmente na primeira aula de violino vejo qual é o tamanho do violino que eles precisam...”

“Costumo pedir também para trazerem sempre para a aula um livro com pautas, um lápis e uma borracha... E logo na primeira aula eles também saem já... Quando levam a tal pauta, que quase nenhuns têm, mas se não levam eu tiro uma fotocópia de uma pauta e eu gosto que eles saibam identificar na pauta as cordas soltas. Portanto, eu coloco o mi, a bolinha do mi, a do lá, a do ré e do sol, e peço para eles fazerem muitas iguais... Para terem uma noção de onde é que as cordas soltas se situam na pauta, que é muito importante os alunos lerem pela pauta”

Os docentes entrevistados do CRPD referiram os seguintes aspectos: conhecimento e apresentação do instrumento (todos os professores), noções de postura (professores A, C e E); tocar apenas em pizzicato (professor B); jogos e exercícios com lápis (B, D e E); conhecimentos do aluno e dos pais (B, C, D, E e F); exercícios de relaxamento (B, C e E); experimentação livre do instrumento (C, D e E); estabelecimento de regras na sala de aula (professores D e F). O professor F mencionou ainda os cuidados e manutenção a ter com o instrumento.

Professor A:

“Na primeira aula faço uma explicação do instrumento, do funcionamento do instrumento, abordagem à posição, basicamente, porque é a primeira coisa que é preciso aprender [...]”

Professor B:

“[...] fazemos jogos, exercícios, não tocamos com o arco, só sem arco [...]”

“Mas a primeira aula é, em princípio, conhecimento do aluno, conhecimento do violino, alguns jogos e exercícios de relaxamento, porque eles em geral estão um bocadinho rijos, é preciso relaxar [...]”

Professor C:

“A primeira aula é uma apresentação do instrumento, questiono porque escolheram o instrumento [...] falo um bocadinho e faço logo a apresentação e toco um bocado e faço-o sentir o instrumento, experimenta-lo de uma forma livre, sem impor regras [...]”

“[...] gosto de mencionar logo a importância da postura e que eles percebam que têm um corpo para usar com o instrumento.”

Professor D:

“Eu normalmente faço uma primeira aula de violino em que convido o pai, a mãe ou o encarregado de educação [...] Com os meninos propriamente ditos eu faço algumas brincadeiras rítmicas e algumas de reprodução melódica [...]”

“[...] nós temos o instrumento na aula mas eles não têm em casa [...] o que eu faço logo na primeira aula de questões técnicas do instrumento é um jogo de posição do arco com um lápis [...] peço para eles experimentarem o instrumento, deixo-os tocarem de qualquer maneira [...]”

“Estabelecem-se algumas regras dentro da sala [...]”

Professor E:

“Normalmente temos uma conversa para quebrar o gelo e falarmos em posição, como colocar os pés, o corpo, o alinhamento do braço, nariz, ombro ... função do arco, por a mão no arco pela primeira vez e só para eles ouvirem o som do instrumento que é muito importante [...]”

“E às vezes batemos palmas porque eu começo em ritmos, começo com o primeiro ritmo do Suzuki, mas eles já começam a pensar nisso, que depois é aprofundado ao longo das próximas aulas.”

Professor F

"[...] não se parte de um princípio que um aluno é um molde e que o vamos aplicar o mesmo método sobre os alunos todos.[...]"

"Na primeira aula, lógico que é extremamente fundamental [...] apresentar o instrumento no geral [...]"

"[...] uma coisa que eu ensino em primeiro lugar é higiene e segurança com o instrumento na aula para depois poderem transportar a mesma coisa para entradas em palco, saídas em palco, estudo individual, isso é extremamente importante. As normas dentro dentro da sala de aula é extremamente importante também e também aquilo que eles têm de fazer em casa, na disciplina de violino como se fosse uma disciplina como outra qualquer mesmo do ensino regular."

"[...] conhecer um bocadinho acerca do aluno e do professor."

Atendendo às respostas dadas à pergunta "Utiliza o recurso de partitura com os seus alunos desde as primeiras aulas?", os docentes afirmam a utilização deste recurso desde o início (professores A, B, C, D e F), incluindo adaptações devido à sua dificuldade de aplicação entre os alunos mais pequenos (professores B e G), coincidindo com a idade em que começam a lêr e escrever, apresentando também alguns pontos negativos de não introduzir a partitura nesta fase. Apesar disso, a capacidade de memorização e de tocar de cor é manifestada pelos professores A, B, D, F e G como uma forma de repetição dos conteúdos. O professor D refere ainda a utilização de uma canção juntamente com a peça a aprender e o professor G a utilização recorrente da voz.

Professor A:

"Sim, eu gosto que eles se habituem à pauta, se habituem logo a ler a pauta. Desde o princípio. Apesar de depois de saber a música, tira-se a pauta para eles tocarem de cor."

"[...] tenho um livro para esses alunos mais pequeninos, por volta dos 4, 5 e inclusive os 6 anos, que é tudo maior. As pautas maiores, é todo colorido do princípio ao fim, e acaba por ser mais lúdico [...]"

"[...] gosto realmente que eles trabalhem de cor, porque assim também tenho a certeza que eles vão repetir até decorar. Portanto, é uma boa maneira de eles repetirem várias vezes em casa [...]"

Professor B:

"Sim. Parte da aula, como eles não aguentam noventa e cinco minutos com o arco, faço escrita e leitura de notas e símbolos musicais. Portanto utilizo sempre a partitura."

"[...] eu só admito alunos com seis anos, não tenho formação nem tenho aptidão para alunos mais novos. Portanto considero que conseguem ler logo [...] o que não significa que não trabalhe a memória, eu trabalho os dois aspectos simultaneamente."

Professor C:

"[...] considero que é muito bom que eles associem logo desde o início a partitura às notas que estão a tocar, que eles visualizem também, que depois vão precisar disso [...]"

Professor D:

"Ponho sempre a partitura à frente, ainda que eles não estejam a perceber nada do que está ali, mas acho que é um hábito [...] se eles evoluírem com a partitura à frente, rapidamente vão aprender a ler."

"[...] aquilo que eu faço com o Balancé, para eles que perceberem o ritmo e as notas, é que tem uma canção por baixo [...] o facto de estar a letra, a maioria deles apesar de estar no primeiro ano, já sabe ler. [...] Isso fá-los procurar a partitura para lerem."

Professor E:

"Sim, depende do grau... de desenvolvimento de cada aluno também. Há alunos que isso é uma coisa mais procedente nas aulas. Há alunos que... que... parecem ser mais desenvolvidos e mais desenrascados e que já conseguem... começar a ler qualquer coisa, há outros mais introvertidos e que... com quem nem sempre é fácil começar logo a fazer leitura de partituras, ainda assim... em geral, é muito difícil..."

Professor F:

"Acho importante eles aprenderem a ler rapidamente e libertarem-se dessa questão [...]"

Professor G:

"No início é um bocadinho complicado e há que utilizar muitos jogos [...] Costumo utilizar por escadinhas, não é, o mi mais cá em cima, o lá, o ré e o sol, para eles irem sabendo também a voz, não é, por onde é que eles podem explorar a voz [...]"

Os entrevistados do CRPD responderam afirmativamente na sua maioria (A, B, C, D, E e F), salientando que o mesmo ocorre nos primeiros meses de estudo. Os professores B e D referiram também a sua adaptação e os professores C, D, E e G a utilização de grafismas próprios como recurso visual. A memória foi considerada pelo professor F.

Professor A:

“Nas primeiras aulas são mais exercícios para a postura, também implicando alguma produção de som, mas acho que nas primeiras quatro cinco aulas não introduzo partitura, embora, quer dizer, já desde a quinta, sexta aula eles não encontram muita dificuldade a começar a ler [...]

Professor B:

“A partir mais ou menos da quinta aula passo a incluir partitura mas partitura em que as folhas pautadas são grandes, aprendemos as notas e cordas soltas, coisas simples.”

Professor C:

“A partitura mesmo partitura não, mas qualquer coisa gráfico sim porque é na altura em que eles começam também na escola a introdução ao grafisma. Portanto, mesmo para eles saberem o que vão fazer em casa, um desenho, qualquer coisa, para eles terem um recurso visual para se lembrarem daquilo que foi falado [...]

Professor D:

“Desde o início eles têm partitura, são uns pequenos cadernos. Começo com uma sequência de peças em cordas soltas e logo nessa primeira sequência eles têm partitura.”

“[...] não é uma questão de importar a leitura, é uma questão de não deixar de existir [...] eles associam o grafisma que está à sua frente aquilo que estão a tocar [...]

Professor E:

“[...] eu tenho um sistema de escrever, só utilizando os dedos e o comprimento do arco e por uns tempos continuo a fazer isto [...] depois quando eles conseguem fazer e ao mesmo tempo estão a ler de partitura, geralmente leva um mês a fazer a transição.”

“Depende da idade, porque se eles iniciarem com mais idade, obviamente a percepção é mais rápida, se iniciarem com 6 anos, se calhar no final do terceiro ano, dependendo do aluno.”

Professor F:

“[...] existem métodos e métodos de abordar os alunos, existem aqueles alunos que conseguem já ter um raciocínio matemático [...] a música e a matemática têm uma relação próxima e, por exemplo, eu tenho alunos de Iniciação que este ano estão a ler pela pauta, é extremamente fundamental [...]

“[...] agora aqui também vem o peso extremamente importante que é fazer a ponte entre a Iniciação musical e a aula de instrumento [...]

“Há alunos que uma pessoa coloca logo inicialmente a ler pela partitura, há outros alunos que não, temos de trabalhar a parte auditiva [...]”

“De uma forma geral eu gosto muito de explorar a parte auditiva dos alunos e nesta fase, estou a falar dos seis, sete anos, é uma fase muito rica em memória e é uma altura em que nós temos de trabalhar muito especificamente a postura dos alunos na parte de execução e é extremamente importante nós aproveitarmos a memória que eles têm, explorá-la ao máximo [...]”

Acerca da existência de um programa (“Na ausência de um programa oficial definido para o curso de Iniciação, acha mais positivo haver um programa definido oficialmente ou é preferível a inexistência de programa, dando mais liberdade ao professor? Porquê?”), os entrevistados da EMCN dividiram-se (professores B, D, E e G concordando com um programa e os professores A, C e F discordando). Apesar disso, a totalidade dos entrevistados consideraram a existência de um programa descritivo ao nível dos conteúdos programáticos muito importante, tendo o professor E referido a existência de um programa não oficial interno organizado pelo grupo de docentes de modo a uniformizar os conteúdos e metas gerais a atingir para cada ano de Iniciação. Neste sentido, atentando à pergunta “O programa que utiliza, é sempre dado na mesma sequência a todos os alunos ao longo da sua evolução, ou vai variando de aluno para aluno?”, não se verifica um padrão fixo para todos os alunos em todos os professores, sendo esta individualizada.

Professor A:

“[...] a existência de um programa é sempre complicado, porque há muitos alunos que entram no segundo ano de Iniciação, há alunos que entram directamente para um terceiro ano, há alunos que entram directamente para um quarto [...] e cada aluno tem o seu ritmo de estudo [...] pode haver uma coisa geral, isso sim. E cada professor tem o seu programa para aquele aluno [...]”

“[...] cada professor tem o seu programa para aquele aluno. Portanto, eu para aquele aluno sei que quero fazer isto, isto, isto nestes anos. [...] Com outro aluno faço outro tipo de trabalho”.

“[...] eles fazem sempre aquilo que é básico: escalas, estudos, peça e concerto. É o que eu gosto que eles façam a partir do segundo ano de violino, mesmo [...]”

Professor B:

“Eu considero que não haver um programa não dá liberdade alguma [...] Eu acho importante haver um programa [...] o que eu quero dizer é que não esteja preso ao programa se tiver um aluno mais avançado [...] se tiver um aluno com mais problemas não o obrigar a ter que seguir forçosamente aquele programa. Mas pelo menos o programa tem que servir para orientar, para saber por que caminho imos.”

"[...] o repertório que dou não dou o mesmo a todos os alunos."

Professor C:

"Na Iniciação acho que é melhor não haver programa. Acho que é melhor haver conceitos básicos que devem ser contemplados na Iniciação [...]"

"Normalmente costumo apoiar-me em algumas peças do método Suzuki [...] mas não na ordem em questão, às vezes salto, outras vezes vou à frente e volto atrás, depende daquilo que o aluno precisar de trabalhar [...] tento jogar a construção técnica com a construção da motivação."

Professor D:

"Nós no Conservatório temos um programa interno de classe, que temos o mínimo que cada aluno deve atingir em cada ano de Iniciação. [...] Para além do repertório mínimo, há determinadas competências que o aluno tem de conseguir fazer [...]"

"[o repertório] varia de aluno para aluno. Completamente."

Professor E:

"[...]eu acho que seria preferível haver um programa... um programa para que houvesse um bocadinho mais de uniformização do... das iniciações."

"Vou variando. Completamente, os alunos são todos diferentes, portanto temos que variar."

Professor F:

"[...] há a liberdade, nem se pode obrigar um professor de instrumento, tem que ser aquele livro, aqueles estudos [...]"

"Varia de aluno para aluno. Varia muito. A... eu... pronto, penso de uma forma racional, claro, mas juntamente também procurei desenvolver um lado intuitivo de perceber, e pergunto muito aos alunos. Não só...a... relativamente às peças, como aos alunos... aos estudos também. A... dou-lhes muitas vezes a mostrar umas quantas peças, uns quantos estudos, eu toco, para perceber qual é que é... o feed back. E... pronto, em função disso oriento o plano pedagógico."

Professor G:

"Era óptimo se houvesse um programa definido oficialmente, mas um que fosse de acordo com o que se passa actualmente, não é, porque os programas estão muito desactualizados [...]"

"Nós no Conservatório temos um programa, não é, mas não é oficial mas acho que nos podemos guiar por ele [...]"

"[...] como eu penso que cada aluno é um caso, portanto, eu nunca dou sempre as mesmas partituras, eu posso ter 3 alunos no 1º ano de iniciação que cada um deles está a tocar uma peça diferente [...]"

"Nós temos uma sorte porque o violino tem um repertório tão vasto, tanta coisa, não é, e há sempre livros novos a sair... Que... Eu gosto de estar sempre o mais actualizada possível para poder usufruir disso com os meus alunos [...]"

Relativamente aos mesmos assuntos, os docentes do CRPD manifestaram a importância de um programa de referência ao nível dos conteúdos (referido por todos os entrevistados), tendo os professores A, B e C concordado e os professores D, E e F não concordando com a existência de um programa oficial. Também no CRPD constatamos uma adequação permanente em relação a cada aluno, dentro do repertório enunciado, com metas e objectivos comuns.

Professor A:

"[...] eu acho que um programa seria bom, também para, digamos assim, fazer com que os professores todos da escola façam o percurso de uma forma parecida [...] não que seja um programa obrigatório, mas um programa indicativo, alguma coisa que oriente o percurso do professor."

"[...] O facto de utilizar vários livros, depende da recepção do aluno, portanto não tenho um programa predefinido para todos, embora, quer dizer, há alturas e pontos em que sei que os alunos devem chegar todos [...] embora o percurso não seja igual para todos, as metas, as etapas, são comuns a todos."

Professor B:

"Infelizmente não temos um programa para a Iniciação, eu acho que isso está a fazer falta, mas, por outro lado, também devemos dar liberdade ao professor [...] É preciso haver um consenso."

"[...] estou a tentar para cada aluno escolher repertório que vai desenvolver, digamos assim, as partes fracas ou então vão ajudar a ultrapassar as dificuldades [...]"

Professor C:

"Se eu desse aulas particulares, nada de programa, aquilo que eu estabelecesse, não é, porque seria ao ritmo da criança [...] Agora num conservatório, acho importantíssimo haver um programa para que todos os professores, aliás, para tabelar, para que todos saibam avaliar, para que todos saibam o que atingir ao fim de certo tempo."

"Varia de aluno para aluno, há alunos que queimam etapas e saltam e há outros que levam imenso tempo num repertório [...]"

Professor D:

“Eu não gostava que existisse um programa para ter de me cingir a esse programa, eu gostava que existisse um programa para que as balizas estivessem mais definidas [...] As obras devem ser uma escolha como recurso, nunca como programa, como recurso para a chegada dos meninos a essas competências.”

“Digamos que uso na minha planificação [...] é sempre determinada pela necessidade do aluno individualmente [...] O que também pode variar é a quantidade de recursos similares que cada aluno precisa [...] Em média eles acabam por fazer o mesmo percurso com saltos maiores ou menores, com divergências mais à esquerda ou à direita, mas o percurso é relativamente parecido, até porque há peças vovaves, estudos chaves, que nós queremos que eles façam e aí a sequência é bastante próxima [...]”

Professor E:

“[...] acho que é muito difícil de impor um programa fixo imposto aos professores, porque cada um tem de encontrar uma maneira que ele consegue fazer uma abordagem individual com o aluno [...]”

“Aos mais novos eu quase sempre dou a mesma coisa, agora quando chegam já ao terceiro patamar, eu às vezes mudo a ordem [...] se tenho dois alunos que estão no mesmo nível, geralmente sim mudo para não tocarem todos o mesmo, e depois tenho uma lista de peças [...]”

Professor F:

“Não concordo. Continuo a dizer que não concordo porque existe muita coisa para iniciação, é uma questão de um professor verificar e adaptar [...]”

“Não é dado na mesma sequência.”

“[...] para mim é sempre uma experiência nova, quero sempre ver a receptividade e a resposta do que o aluno dá na aula.”

Acerca do repertório utilizado no primeiro ano de Iniciação (“Que repertório utiliza no primeiro ano de Iniciação?”), foram enunciados os seguintes exemplos: repertório em cordas soltas; peças tradicionais portuguesas; peças do primeiro e segundo livro do método Suzuki (professores A, C, D, E, D e G); primeiro volume “First Violin Tutor” do Mackay (professores B e G); “O meu primeiro livro de violino” de M. Brito (professores B, D e G); tal como exercícios e estudos simples de Schradieck, Pracht e Wohlfahrt (C, E e F). O professor D refere melodias em cordas soltas com acompanhamento de piano. No que diz respeito às perguntas “Pode dar exemplos de repertório que geralmente um aluno no final do ano lectivo atinge, por exemplo numa audição final ou prova de instrumento, para o 1º e 4º anos de Iniciação, tendo em conta que estes frequentaram quatro anos de Iniciação?” e “Qual o repertório mais avançado que um

aluno seu já atingiu ao concluir a Iniciação”, respectivamente, consta, para o primeiro ano, repertório do primeiro livro Suzuki (todos os professores), para o primeiro ano, e peças, concertos e concertinos para o quarto ano de Vivaldi (professores D e F), Concertino húngaro de Rieding (B, C e D), Rieding Op. 35 (B e G), Kùchler em Ré e Sol (C e F) e Seitz (D e E). O repertório mais avançado corresponde à dificuldade de concertos como Seitz ou Vivaldi, havendo exceções como o Concertino húngaro de Rieding.

Professor A:

“[...] fazerem alguma música de cariz popular acho que é interessante para eles. Não só tecnicamente, mas também porque ficam a conhecer algum repertório que alguns deles não conhecem. [...] Utilizo as peças do Suzuki, que eu acho bastante boas, do primeiro livro basicamente[...] a partir do segundo utilizo algumas e depois deixo [...]”

“No primeiro ano muitos deles acabam com os minuetos de Bach dos livros Suzuki.”

“Gosto muito do material de um compositor que é o Curci, tem boas peças, tem a Czarda [...] também é uma peça que eles poderão finalizar [...]”

“Mas há aqueles que podem ir mais longe, podem acabar já com o Vivaldi Lá menor ou em Sol Maior opus 3 [...]”

“[...] A minha barreira, digamos assim, para passarem para os concertinos é fazerem uns minuetos de Bach [...] que acho que são bastante bons e já os prepara para os concertinos. [...] passo para os concertinos de Rieding e de Seitz, que acho que são fantásticos [...]”

Professor B:

“Dou o Mackay, o “First Violin Tutor”, só dou o primeiro volume [...] e o livro da Marilyn Brito “O meu primeiro livro de violino” [...]”

“[...] um aluno de um primeiro ano de Iniciação poderá tocar uma peça equivalente ao Suzuki “Tia Rosa”, por aí, no mínimo.”

“[...] eu tenho um aluno de quarto ano de Iniciação que está a tocar o Concertino húngaro de Rieding, mas é um caso excepcional, não vou estar à espera que todos toquem, mas pelo menos o Rieding opus 35, pelo menos [...]”

“[...] começo os concertinos do Kùchler, tanto o onze como o quinze mais tarde [...] dou o Rieding opus 35, dou o concertino dos Índios do Perlman [...]”

Professor C:

“Normalmente costumo apoiar-me em algumas peças do método Suzuki porque acho que está muito bem conseguido [...] Depois quando ele realmente mostra muito

trabalho e quero assentar algum aspecto técnico, dou-lhe um estudo doutro, ou Schradieck às vezes que tem muita repetição que é para ele ir trabalhando [...]"

"(..) no primeiro ano de Iniciação, normalmente, o que é normal é eles acabarem com, quando estão a fazer um bom estudo do instrumento, acabarem com o Minueto I ou Minueto III."

"[...]Os primeiros concertos como o Rieding em Si menor, opus 35, o Kùchler opus 15 [...]"

"Tive uma aluna que foi uma excepção, este ano chegou ao Húngaro, mas numa média entre o Kùchler em Sol e o Kùchler em Ré, entre estes dois."

Professor D:

"[...] com as cordas soltas e eu harmonizo no piano umas melodias que é para eles ficarem um bocadinho mais motivados [...] Uso as peças do Suzuki, mas tenho um misto do Suzuki com um livro da Marilyn [...]"

"[...] o repertório que eu utilizo no primeiro ano, em média, a peça mais complicada tem sido o Minueto I."

"[...] tenho alunos a tocar o lá menor de Vivaldi, tenho uma aluna a tocar o concerto de Seitz [...] o concertino húngaro, o Infant Paganini [...]"

"[...] o mínimo para a Iniciação do quarto ano é o concerto de Rieding opus 35. É o mínimo que eles fazem, para quem tem quatro anos de violino. Outra coisa que também, por um lado, é boa é que, independentemente de eles terem dois, três ou quatro anos de violino de Iniciação, eles têm que todos tocar no mínimo aquele concertino, o primeiro andamento."

Professor E:

"começando por estudos, utilizo muito... Pracht volume 1, utilizo muito o Wohlfahrt dos primeiros 30 estudos... utilizo muito pequenas peças, das quais muitas do método Suzuki e complementando essas, muitas outras."

"Por exemplo, o primeiro ano de iniciação, por exemplo poderá a tocar uma pecinha, como por exemplo o Minueto I de Bach."

"No final do quarto ano, eu diria que terá que ser já um concerto ou concertino, por exemplo um Seitz opus 22 por exemplo, será uma peça boa para completar o quarto ano de iniciação."

Professor F:

"Sigo muito os primeiros livros do Suzuki, os dois, três primeiros... isso quanto a peças."

"[...] tenho o exemplo desta aluna [...] tocou na audição final a peça n.º 11 do Suzuki, do 1º livro [...]"

"[...] creio que tocou, tocou o 1º andamento do concerto em lá menor de Vivaldi."

Professor G:

"Eu tento no primeiro ano de iniciação ser... Músicas muito populares, músicas que os alunos estejam muito... familiarizados [...] há um livro que eu gosto muito que está desde 2009, que é o meu primeiro livro de violino da Marilyn Brito."

"Quando não havia esse livro tentava fazer uma combinação de vários livros. O Neal MacKay, gosto muito, também... Algumas peças do Suzuki [...]"

"[...] com uma boa divisão, uma boa afinação, o balão do João, fico muito contente [...]"

"A partir do segundo ano [...] os Riedings são fantásticos, o Kuchler, também, os Kuchlers [...]"

"Por exemplo, o 3º andamento do concerto Op.35 de Rieding [...] Alguns alunos do 4º ano terminam com esse [...] Alguns alunos conseguem terminar o 4º ano com o concertino húngaro."

Os docentes do CRPD enunciaram um leque abrangente de material, nomeadamente do repertório Suzuki (professores A, C e E), Curci (professor A), métodos russos (A e B), canções tradicionais (B e C) e repertório de cordas soltas (D e F), alguns da autoria do próprio professor (professor D), acompanhados por violino ou piano. Entre as respostas dadas às outras duas questões, constam-se obras dentro dos anteriormente mencionados, acrescentando algumas peças e andamentos de concertos e concertinos, incluindo peças sazonais (docente C), canções tradicionais açorianas (professor B), os concertos de Rieding (professores B, C, D, E e F) e Kuchler (professores C e F).

Professor A:

"[...] utilizo vários livros, entre os quais o Suzuki, o italiano que também utilizava quando comecei, o Curci, também métodos dos colegas russos que trouxeram para aqui [...]"

"No primeiro ano, geralmente eles conseguem alguns estudos do Suzuki [...] depois alguns do método russo, que implicam os 3 dedos e até os 4 dedos [...] Depois no quarto, consoante a evolução aluno, por exemplo, este ano tenho alunos que chegaram a fazer estudos do 2º grau, por exemplo [...]"

"[...] Nos anos seguintes, sim, continuo a utilizar vários livros, não me foco [...] às vezes um aluno reparo que acha mais fácil seguir um único texto, por exemplo, um aluno que começa com o Suzuki depois progride seguindo a estrutura, mas isto não é válido para todos, portanto continuo a fazer um apanhado dos vários textos."

Professor B:

“No primeiro ano de Iniciação estou a utilizar os métodos dos professores da minha escola, digamos assim, escola antiga soviética [...] mas em geral todos esses livros estão baseadas na aprendizagem das canções tradicionais populares da minha terra, digamos assim [...]”

“No primeiro ano eles costumam tocar muitas canções populares russas, ucranianas e também açorianas [...] no final do quarto ano, uma aluna tocou “Mazurka” de Baclanova ou a “Marcha das Crianças”, isto é mais ou menos este nível que eles atinguem [...] alguns conseguem tocar o concerto de Rieding, o primeiro andamento.”

“Tenho o exemplo de uma aluna, no quarto ano de Iniciação, aprendemos a “Chamateia”, aprendemos várias canções populares tradicionais açorianas [...]”

Professor C:

“[...] eu utilizo muitas canções que eles já conhecem, porque não, não tenho vergonha nenhuma músicas portuguesas, aliás muitas nem são portuguesas [...] repertório infantil, uso muito.”

“Uso muitos as canções sazonais, ou seja, as canções de Natal, as canções da época que estão vivendo. Uso essas canções e depois entro no próprio repertório que há dentro dos métodos Suzuki, que o Suzuki o que tem também são canções infantis, aqueles minuetos de Bach [...]”

“No fim do primeiro ano posso ter um aluno que apenas põe o primeiro dedo, mas que toca nas cordas todas, mudança de corda [...] como também posso ter um aluno que toca com os dedinhos todos, canções na corda lá, na corda ré [...] No fim de um quarto ano, o aluno tem de tocar com os dedinhos todos, posso ter um aluno a tocar aqueles concertinos do Rieding, do Kùchler [...]”

Professor D:

“[...] Algumas das peças com cordas soltas do método do Neal Mackay, os métodos russos também [...] Há algumas peças da minha autoria. Eu faço-os tocar peças com acompanhamento de violino ou piano [...]”

“Num quarto ano de Iniciação feito com os quatro anos, eu penso que é muito bom se eles já estiverem a tocar andamentos de Rieding, devem já fazer parte do repertório deles [...]”

Professor E:

“Começo com Suzuki, o primeiro livro está organizado em 3 patamares, normalmente um aluno com 6 anos consegue fazer metade do primeiro patamar, se exige qualidade [...]”

"[...] começo a introduzir outras peças no fim do primeiro patamar e depois tenho utilizado estas colecções russas mas escolhendo sempre na mesma tonalidade que eu estou a trabalhar em Suzuki [...]"

"O primeiro ano, provavelmente eles tocam, dependendo do aluno, alguns entre "Todos os Patinhos", "Canção de Embalar", "Cai Neve", qualquer coisa neste leque de peças. Um aluno que está a concluir quatro anos, provavelmente poderia tocar "Lavrador Feliz" ou "Gavotte" [...]"

Professor F:

"[...] no primeiro ano de iniciação é extramente importante, e os meninos sabem disso ... escala, estudo e peça. Seja o mais simples ou mais complexo, é extremamente importante fazê-lo."

"Iniciação um, pequenas peças infantis, alguns estudos também [...]"

"Iniciação quatro já consegui, aí está, alunos com o concertino de Kuchler, o opus 11, de Rieding ... variados."

"[...] quando se está na iniciação quatro, conseguem já atingir aquela execução dos concertinos para principiantes, dos compositores conhecidos Rieding, Kuchler e outros [...]"

Atendendo à utilização de escalas e estudos ("Utiliza escalas e estudos neste nível de ensino? Dê alguns exemplos."), a maioria dos entrevistados da EMCN menciona a sua prática desde o primeiro ano (todos os docentes), nomeadamente as escalas de uma e duas oitavas, e métodos como o Wohlfahrt (professores A, B, D, F e G), Pracht (professores C e H), Kayser (professor B), extraídos de compilações de métodos russos (docentes A, D e E) e Sitt (professor F).

Professor A:

"[...] as escalas começo logo [...] depois começo a introduzir duas oitavas [...]"

"[...] gosto bastante das compilações que há de estudos [...] compilações russas de estudos que são fantásticas, e que põem lá estudos de Wohlfahrt também, que eu gosto [...]"

Professor B:

"O Wohlfahrt, sim, dou a todos, depois dou parte do Kayser a todos [...]"

Professor C:

"[...] Sim, fazem escalas desde o início.[...]"

“O Pracht dá passos muito pequeninos, enquanto que o Wohlfahrt dá passos um bocadinho maiores.”

Professor D:

“Utilizo o Wohlfahrt, há um livro que se chama “My First Wohlfahrt”, que tem estudos para dois [...] o Pracht também. Também é acessível para os alunos do segundo ano de Iniciação. E depois uma colectânea russa [...]”

Professor E:

“Há uma coletânea de estudos russos [...] de vários autores e que é muito progressivo e que eu utilizo bastante também.”

“Começar a complementar com escalas, com pequenos exercícios, isto de uma maneira muito ligeira, porque ainda nem se quer entraram no primeiro grau.”

Professor F:

“Introduzo estudos logo que possível, Pracht logo que possível... uso também o Sitt, Wohlfahrt [...]”

“[...] também um trabalho técnico de escalas, arpejos, cordas soltas, postura... isso antes de chegarmos aos estudos e às peças propriamente ditas [...]”

Professor G:

“Costumo dar muito, logo o Wohlfahrt, os primeiros 30 estudos [...]”

“Sabendo colocar os três dedos já conseguem fazer uma escala de sol maior, ré maior, lá maior... Só numa oitava.”

Pelos docentes do CRPD, é preconizada desde cedo a prática das escalas (todos os professores) de diferentes formas, com acompanhamento de piano (professor B), estudos extraídos dos livros Suzuki (professores A e D) e das colectâneas de professores e leste (docentes A, B, D e F), Neal McKay (professor F), Sitt (professor C) e exercícios, alguns da autoria do próprio professor (professor D).

Professor A:

“Sim, sim, logo que eles começam a por os 3 dedos, já começo com a escala de lá maior, a escala de ré maior [...] Os estudos são as pecinhas que se encontram nos livros de apoio, portanto, o Suzuki tem as suas peças, 16 compassos mais ou menos, também os livros dos métodos russos têm estudos curtos [...]”

Professor B:

“Sim, sim. Eu tenho muitas peças, muitas escalas divertidas, onde os alunos aprendem as escalas com acompanhamento de piano e estas escalas são as que eles gostam mais e aprendem sem ter medo [...] tenho muitas escalas com acompanhamento em estilo jazz (..) os pequeninos gostam e adoram tocar estas escalas.”

“Estudos também, mas estudos menos do que as escalas, mais as peças e estas escalas divertidas.”

Professor C:

“Desde o início porque para eles é como se fosse um jogo, uma actividade [...] eles tocam músicas mas também têm que perceber que no instrumento, para atingir, para conseguirem tocar, evoluir no instrumento, têm de fazer certos exercícios, como as escalas, os estudos [...]”

“Eu faço estudos próprios muitas vezes, quando eles têm alguma dificuldade [...] coisas muito curtas, recorro também a pequenos estudos do Wohlfahrt, do Sitt e as escalas é sempre.”

Professor D:

“A cada nova posição de dedo, a cada novo padrão, é introduzida a escala e o livro de escalas que utilizo, e que é de construção minha [...]”

“E os estudos também, mas alguns são estudos muito pequenos, exercícios relativamente simples [...]”

Professor E:

“Quando eles chegam ao fim do primeiro patamar e vão para o segundo, eles já fazem a escala de Lá Maior, uma oitava [...] para o segundo patamar, que é Ré Maior, fazem escala a escala de Ré Maior, uma oitava, e escala de Sol Maior e os respectivos arpéjos, só numa oitava. Quando eles acabam, aí dou a escala de Sol Maior em duas oitavas.”

Professor F:

“[acerca das escalas] A meio do ano lectivo [do primeiro ano de iniciação]”

“[...] gosto muito de utilizar O Neal MacKay.”

“[...] eu salto os estudos, porque senão estamos sempre a trabalhar nas mesmas tonalidades. Isso vicia o ouvido do aluno [...]”

No que diz respeito à introdução da mudança de posição (“Em que altura geralmente, na sua pedagogia, começa a ser exigido repertório com mudanças de posição?”, é notória a influência do desenvolvimento do aluno relativamente a esta questão. No

entanto, os docentes afirmaram na totalidade a execução da mesma neste nível, referindo que a mesma acontece maioritariamente no terceiro e quarto anos, com exceções mais precoces, tendo características essenciais associadas à sua realização: domínio da primeira posição e descontração da mão esquerda. Relativamente ao vibrato, (“Em que altura, geralmente, começa a ensinar o vibrato?”), concluímos que esta técnica encontra-se relacionada com a questão anterior, coincidindo de uma forma geral com a altura da introdução da mudança de posição, como referido pelos professores A, D, C e G. Apesar disso, alguns docentes da EMCN afirmam começar primeiro a desenvolver as mudança e depois o vibrato, e outros de forma inversa. Para além disso, nomeiam casos em que o aluno mostra interesse e começa a utilizar esta técnica por si próprio e outros que apenas desenvolvem no início do curso básico.

Professor A:

“[...] há alunos que podem começar no segundo ano, e há alunos que a gente está quatro anos com eles [...]”

“[...] o vibrato, realmente, associo-o às mudanças de posição, para relaxar a mão, também [...]”

“[...] embora haja alunos que podem começar mais cedo, também por iniciativa própria, há muitos miúdos que realmente gostam [...] Há alunos que pedem, quase imploram para começar a fazer vibrato. E geralmente criam-se condições para começar a fazer vibrato.”

Professor B:

“Normalmente quando vão a meio do Wohlfahrt.”

“[...] costumo iniciar ao mesmo tempo o vibrato, vibrato e mudanças. Mais ou menos na mesma altura [...] Normalmente, quando corre bem, no terceiro ano de Iniciação [...]”

“Mas não penso que é grave se for depois. Quem fez a Iniciação toda entra para o primeiro grau a vibrar, ou pelo menos no processo de aprendizagem.”

Professor C:

“[...] quando eu vejo que eles estão suficientemente confortáveis com o violino para poderem operar. [...] Mais ou menos entre o segundo e o terceiro ano, quando eles estão a andar bem. Alguns só no quarto [...]”

“Normalmente costumo ensiná-los, lá está, mais ou menos no quarto ano de Iniciação. Alguns passam mesmo o primeiro e o segundo grau, e o segundo é definitivo, no segundo grau eles têm mesmo que aprender a fazer vibrato.”

“Geralmente vem associado a repertório que já contemple mudanças de posição [...] a partir do momento em que eles conseguem fazer a mudança de posição supostamente já têm controle no relaxe da mão suficiente que lhes permita perceber qual é a mecânica do vibrato.”

“[...] principalmente agora, com os parâmetros de exigência que já tem a entrada para o primeiro grau no Conservatório, pelos menos todos têm que fazer a escala de Ré Maior em duas oitavas.”

Professor D:

“[...] mesmo aqueles que começam mais tarde fazem mudanças de posição. [...] Quarto ano de certeza, todos fazem mudanças de posição.”

“[...] começo a ensinar o vibrato mais ou menos no terceiro ano, antes das mudanças de posição. Apesar de lhes ensinar o vibrato numa posição que eles não sabem, que é a terceira.”

“Então quando eu vejo que eles têm muita facilidade em fazer o vibrato, começo a ensinar-lhes a fazer mudanças de posição primeiro.”

“[...] de certa forma, o vibrato e as mudanças de posição podem estar ligados. Depende do aluno. Agora eu tenho uma aluna que está agora no quarto ano, que no segundo ela chegou à aula sozinha a fazer vibrato, a dizer “Professora, aprendi uma coisa nova”, e estava a fazer bem.”

Professor E:

“Eu tento o mais cedo possível, desde que eu veja que o aluno aguenta e que consegue. Portanto o mais cedo possível, preferencialmente antes de acabar a iniciação. Portanto... se for um percurso normal, eu direi que a partir do terceiro ano de iniciação já se pode começar a fazer ... implementar mudanças de posição.”

“Tenho alunos que, naturalmente, começam mesmo por iniciativa própria começam a querer fazer vibrato desde muito cedo porque querem imitar [...]”

Professor F:

“Assim que eu... veja que a postura está, sobretudo da mão esquerda está minimamente solidificada, começo logo a fazer movimento de mudança de posição [...]”

“[...]normalmente, mais para o fim de iniciação, mais para o 4ºano de iniciação, sim, 4ºano de iniciação, já é muito bom[...]”

“[...] para mim vem um bocadinho a seguir. Depende da apetência do aluno, também, porque já me têm surgido alunos e alunas que vivem um bocado fascinados com o vibrato [...]”

“Se ele mostra logo uma apetência, uma vontade e... eu encaminho e... e começo a... começo a trabalhar com, com o vibrato [...]”

Professor G:

“Que estudam diariamente conseguem, eu penso que, a partir do 3º, 4º ano de iniciação... Mas depende.”

“Depende muito do aluno mas eu penso que a partir do 3º ano já se consegue [...]”

“Quando eles começam a mudar de posição já percebem como é que funciona e eu acho que já querem... É muito mais fácil para eles [...]”

No CRPD, é igualmente bastante notória a influência do desenvolvimento do aluno relativamente a esta questão, tendo os professores A, B, C e D descrito a sua execução. No entanto, os professores revelam alguns casos excepcionais no final da Iniciação, resultando na sua introdução nos primeiros anos do curso básico. Relativamente ao vibrato, nota-se mais uma vez a relação com as mudanças de posição, contudo envolvendo exercícios de preparação já neste nível (docentes B e F).

Professor A:

“[...] Estando a falar da Iniciação, são poucos os alunos que neste curso começam a aplicar a mudança de posição.”

“O vibrato também aqui na Iniciação é bastante difícil que os alunos consigam vibrar [...]”

Professor B:

“Não experimentei na Iniciação mudar a posição, só tive um caso único de uma aluna já com uma boa preparação básica, tocou no quarto ano de Iniciação um concerto de Seitz com mudança de posição [...]”

“Técnica do vibrato não se costuma aprender no conservatório cedo, mas eu acho que às vezes com alunos que têm esse gosto [...] Eu estou a ensinar na Iniciação, ao concluir o quarto ano, alguns, não são muitos aqueles que têm mesmo vontade e têm a postura estável.”

Professor C:

“A partir do momento em que eles têm estabelecida a posição, a postura, a mão esquerda [...] têm isso estabelecido, começo logo a mudar a posição.”

“Nas mesma altura das mudanças de posição [...] quando eles conseguem mudar a posição, estão prontos também para fazer o vibrato.”

Professor D:

“Num processo de Iniciação regular e em que os meninos têm uma prática de estudo diária, o quarto ano já deve ter mudanças, digo eu, pelo menos para a terceira posição, ou pelo menos os movimentos de mudança adquiridos. [...]”

“Os movimentos iniciais do vibrato, portanto, é a mesma coisa. [...] Se a aprendizagem for bem feita, os movimentos de vibrato viriam, portanto, no quarto ano de Iniciação.”

Professor E:

“[...] a estrutura da mão eu pessoalmente acho muito precária [...] acho que a mão tem que ser mesmo fortalecida e também tem de construir uma certa resistência, senão pode mesmo magoar fisicamente.”

Professor F:

“Iniciação não, nunca tive esse privilégio [...]”

“Estamos a educar um aluno a tocar um instrumento. É isso que eu tento realmente verificar nos alunos, quando é que eles querem e têm aquela necessidade de querer fazer o vibrato [...]”

No que diz respeito às competências a adquirir no final do primeiro ano (“No seu entender, quais as três competências mais importantes que devem ser adquiridas por um aluno de Iniciação ao final do primeiro ano?”), os entrevistados da EMCN salientaram principalmente o seguintes aspectos: boa postura (professores A, B, C, F e G), relaxamento corporal (professores A e C), noções elementares de sonoridade e musicalidade (professores A, C, D, F e G), boa mão direita (B e F) e noções elementares de afinação (B, C, D e G). Para além disso, de uma forma geral, mencionam as mesmas competências mais desenvolvidas expectáveis no final da Iniciação (“E as três mais importantes ao concluir a Iniciação?”), juntamente com a consolidação total da postura (B, C, D, E, F e G), o desenvolvimento da mão direita e som (docentes B, C, F e G) e da mão esquerda (C e D), da musicalidade e da sonoridade (A e D) e a autonomia e método de estudo, focado pelo professor E.

Professor A:

“ [...] para já, boa postura, boa postura das mãos, do corpo [...] mas eu sou realmente um bocado obsessiva com as posições, ao ponto de preferir que eles estejam a fazer repertório, se calhar, mais simples, para eles se habituarem a fazer um movimento de pulso, de dedos [...] na Iniciação para mim é fundamental.”

"[...] perco, acho eu, no bom sentido, bastante tempo com as posições das mãos e do corpo e do violino e o relaxamento dos braços [...]"

"Gosto que eles tenham uma boa sonoridade desde o princípio [...]"

"[...] depois de ter estas boas bases, começar a trabalhar a sonoridade, começar a desenvolver musicalidade neles, que eu acho que é fundamental."

Professor B:

"Obrigatoriamente tem que ter uma boa mão direita, tem que ter. Penso que é um caso perdido, nunca tocará violino se não tiver uma boa mão direita e corrigir uma mão direita é um inferno [...] Depois a afinação [...] E por fim uma mão esquerda a funcionar bem."

"[As competências] são as mesmas."

Professor C:

"O máximo de postura relaxada possível, o arco mais direitinho possível, junto ao cavalete tanto na ponta como no talão [...] de certeza a afinação das notas. [...]"

"Volto a frisar a postura, cada vez melhorar, que é um processo contínuo de construção. [...] alguma maturidade na interpretação [...] e se considerarmos as mudanças de posição, que sejam bem feitas."

Professor D:

"A mão direita, o arco é fundamental para mim [...] acho que é aquilo que tem de estar mais assimilado pelo aluno. [...] Por norma, ao final do primeiro ano, todos tocam com os quatro dedos [...] A afinação também é extremamente importante."

"Sonoridade, som, mais uma vez ligado ao arco. Uma boa articulação da mão esquerda, é muito importante, na minha opinião."

Professor E:

"[...]eu acho que é mesmo a disciplina, a disciplina e a rotina, a rotina no treino [...]"

"[...] a importância da rotina e da repetição em casa das passagens das peças etc e da maneira de estudar, eu acho que isso é uma vitória no final do primeiro ano."

"[...] o aluno já tem que ter autonomia, já tem que ter... já tem que saber estudar sozinho, já tem que saber ter espírito crítico, tem que... tem que saber ouvir-se, saber como já tem que estudar certas passagens."

Professor F:

"[...] ter a questão da postura minimamente... bem encaminhada [...]"

“Por outro, o conhecimento do instrumento que eu também dou importância.”

“[...] a questão da postura está completamente solidificada, é... ter já um som... minimamente... controlado e trabalhado... e pronto... e mostrar um... um repertório... consistente.”

Professor G:

“ [...]sem dúvida que a postura, é uma coisa que uma pessoa está sempre a trabalhar [...]

“[...] importância da afinação, não é, portanto, o cantar muito [...]

“A postura, a afinação, que vai dar também, obviamente, à questão do som, irem procurando uma sonoridade cada vez mais limpa e perceberem o que podem fazer ao longo do arco [...]

“Saberem ler uma partitura, e quando eu digo ler não é só as notas, não é, perceberem um bocadinho já também a parte musical [...]

“[...] a importância de tocar de memória também é muito importante [...]

“[...] mais uma vez a postura... E a afinação e o som.”

Para o primeiro ano, CRPD salientaram principalmente o aspecto da postura (professores A, C, D, E e F), leitura e memorização através do repertório (A e B), tocar com piano (professor A) e o professor E focou ainda noções de afinação e o gosto pelo instrumento demonstrado pelo aluno. Para além disso, de uma forma geral, mencionam as mesmas competências mais desenvolvidas no final da Iniciação, acrescentando domínio completo da primeira posição (professores A, B, C, e D), maior desenvolvimento da leitura (A, B, e C) e da sonoridade e musicalidade (B e C) e da afinação (professores E e F).

Professor A:

“Primeiro a postura, acho fundamental, a questão da postura sem incómodos, sem rigidez, relaxada, correcta. A segunda, alguma leitura, com certeza, e também a capacidade de tocar junto com o piano [...]

“Acho que aprimorar estas três que disse, pelo menos o domínio da primeira posição [...] com base no pressuposto de uma leitura correcta e uma leitura mais rápida e desenvolvida.”

Professor B:

“Têm que saber vários exercícios que estou a utilizar [...] em princípio eles já têm que saber a ordem das notas nas cordas lá, mi, ré [...] a memorização das músicas que eles tocam, se isso não começar do início, eles nunca vão desenvolver.”

“Postura é uma destas competências também importantes, segurança na primeira posição, as escalas [...] aprendem mais canções, através das peças, aprender a desenvolver a técnica junto, paralela, com musicalidade.”

Professor C:

“A postura, a posição da mão esquerda e articulação dos dedos, e na mão esquerda a posição e controle do arco a um nível básico. Já conseguir fazer notas ligadas, mas a um nível muito básico.”

“São sempre as mesmas mas um nível diferente, são sempre as mesmas mas um nível diferente.”

Professor D:

“Em primeiro lugar, posição e postura [...] a posição da mão direita no arco deve estar definida de uma maneira o mais natural possível [...] uma postura o mais direitinho possível, violino numa boa posição, o arco numa boa posição [...] Em termos de mão esquerda, pelo menos o primeiro padrão até ao terceiro dedo, em sequências de dedilhação relativamente simples [...]”

“Uma primeira posição absolutamente adquirida, uma sonoridade muito clara, um conceito de afinação já bastante desenvolvido [...]”

Professor E:

“Eles devem saber a posição [...] têm de ter desde o início uma noção de afinação [...] e para mim se já estão a ter gosto mesmo pelo instrumento, este é o mais importante.”

“No 4º ano eu quero eles já percebam a divisão do arco e velocidade do arco porque são proporcionais. [...] devem poder tocar em várias tonalidades [...] E noção de qualidade de som [...] para mim eles devem já no fim do quarto ano poder auto-avaliar [...]”

Professor F:

“A postura é extremamente importante ... a fixação do violino, o à vontade que já pode sentir ao executar o instrumento ... o manuseamento da pega do arco é extremamente importante [...]”

“[acerca do quarto ano de iniciação] As mesmas [...] agora a afinação é que é aquela que vai ter sempre continuidade, nunca vai acabar [...]”

Passando para o plano da vertente performativa, à pergunta “Os seus alunos de Iniciação apresentam-se em audições no Conservatório frequentemente?”, “No primeiro ano, por volta de que altura fazem a primeira apresentação pública? Porquê?” e “Em média, quantas vezes cada um dos seus alunos de Iniciação apresenta-se em pública anualmente?”, os docentes da EMCN têm a propensão de inserir os seus alunos frequentemente em audições, sendo a primeira logo no primeiro período (todos os professores), sozinhos ou com acompanhamento do professor, com pequenas peças e apresentam-se em média pelo menos três vezes anualmente.

Professor A:

“Sim, uma vez por período [...] Às vezes no segundo, como é mais longo, consigo fazer uma audição no meio. Gostaria de fazer mais audições, mas isso também impede que eu faça o trabalho [...] o facto de fazer audições todos os meses implica que eles estejam sempre a preparar material muito rapidamente.”

“Fazem logo junto com os outros, se no primeiro período há uma audição, eles também se apresentam. Nem que seja a tocar cordas soltas.”

Professor B:

“Faço logo, sejam cordas soltas. Acho que eles têm que se habituar, é tão difícil tocar em público, mais vale habituá-los numa altura em que são inconscientes, vamos dizer assim.”

“Apresentam-se em média três a quatro vezes por ano.”

Professor C

“Eu tento sempre fazer uma audição com cordas soltas [...] mais ou menos essas audições costumam calhar em inícios de Novembro [...]”

“Eu tento sempre, com os meus alunos, que a primeira audição seja mesmo muito bem preparada, a primeira audição tem que correr bem, porque se a primeira audição não correr bem, o aluno vai ficar com medo instintivo.”

“[...] normalmente depende quando é que eles se apresentam, eu tento fazer duas audições por período, por isso dá uma média de seis audições por ano, se bem que alguns fazem muitas mais.”

Professor D:

“No primeiro ano fazem a primeira apresentação pública em Dezembro. Regra. No final de Novembro, início de Dezembro. Eu acho que é importante. Eles fazem logo, apesar de não tocarem nada de especial, muitas vezes alguns tocam jogos de cordas soltas, muito simples, mas acho que é muito importante eles terem a noção do que é fazer

uma audição, do que é apresentar em público. Claro que se o aluno não estiver preparado e não tiver à vontade suficiente não faz audição.”

Professor E:

“Sim, no mínimo três vezes por ano, este é o mínimo.”

“Costumam fazer por volta do final do primeiro período, portanto até ao Natal. E porque é o final de um período, só por causa disso e porque é a altura ideal para eles mostrarem aquilo que eles fizeram ao longo do primeiro período.”

Professor F:

“Uma vez por período.”

“A 1ª audição é em princípio de Dezembro, antes das férias do Natal. Aí já... já tocarão, já tocam qualquer coisa.”

Professor G:

“A primeira apresentação pública normalmente [...] na primeira semana de dezembro.”

“E é quando eles também... Quando os alunos do primeiro ano conhecem os outros colegas, não é, que já estão no segundo, terceiro, no quarto ano de iniciação... E que é... Acaba por ser um encontro e uma audição muito produtiva.”

“ [...] percebem que não é assim, que é um ambiente muito familiar [...] é muito importante o impacto ser positivo[...] Sem dúvida se eles tiverem uma boa memória de como foi a primeira audição.”

“ [...] no mínimo, faço sempre uma audição em cada período, não é... Mas normalmente costumo juntar os meus alunos e eles tocarem uns para os outros, isso é uma coisa muito engraçada que eles gostam muito.”

“ [...] quando batem as palmas fazer a vénia, agradecer ao público, essas coisas... Portanto, habitua-los a fazer, a ter essas regras [...] eu acho que é muito importante logo haver essas boas regras [...]”

Neste plano, os entrevistados manifestaram a introdução dos alunos nas audições do CRPD, desde o início (à excepção dos professores D e E), caso contrário em audições mais pequenas de classes (docentes D e F), ou no segundo período, em média 2 a 3 vezes anualmente. Os professores C e F referiram a importância da audição ser bem sucedida, tendo em vista não criar posterior receio das apresentações por parte do aluno.

Professor A:

“Apresentam-se com alguma frequência porque é importante ultrapassar o pânico do palco, embora, quer dizer, eles não têm consciência desta realidade [...]”

“Costumo fazer quando eles já tocam alguma coisa, ou com cordas soltas ou quando já começam a por o primeiro dedo [...] Em médio [apresentam-se] penso que duas, os mais avançados 3 vezes por ano.”

Professor B:

“[...] os meus alunos participam nas audições mas participam nas audições de classe. Costumam participar duas, no máximo três vezes por ano na audição de minha classe. Há alunos mais avançados que já começam a participar e, audições regulares [...]”

Professor C

“No fim do primeiro período. Alguns nem isso, alguns no segundo, alguns são muito pequenos e não encaram bem, têm um certo receio de mostrar em público [...]”

“Faço o possível por ser uma vez por período, no mínimo.”

Professor D:

“Eles têm que, por um lado, perceber que uma audição é um momento em que se apresenta um produto o melhor possível [...] Raramente eu coloco alunos do primeiro ano de iniciação no primeiro período a fazer audições, raramente [...]”

Professor E:

“[...] com seis anos provavelmente seria no terceiro período, mas faço questão que pelo menos uma vez eles toquem. Se são mais velhos, irão tocar pelo menos duas vezes [...] Os mais velhos devem tocar já 3 a 4 vezes por ano nas audições do conservatório, depois às vezes faço apresentações para mim [...]”

Professor F:

“Sim, eu faço questão, no início do ano, de apresentar um plano anual de actividades da minha classe de violino.”

“Nunca aconselho o aluno de está na iniciação um no primeiro período a fazer um concerto a solo, isso faz com que a criança possa reagir bem ou possa reagir mal. Normalmente reage mal. Dá-lhe fobia ao público, fobia ao palco, fobias às palmas [...]”

“É lógico que se falarmos de iniciação dois, e eu verificar que o aluno já reagiu bem no primeiro ano ao público e está perfeitamente à vontade e sente-se digamos na sua casa, já vai nas audições de ... já toca nas audições a solo, sim, nas audições gerais [...]”

“[acerca das audições de classe] Porque está num ambiente familiar, o ambiente familiar de colegas, nós costumamos a dizer da equipa da Mafalda, não é, e então sentem-se mais seguros desta forma.”

Relativamente à avaliação (“Quais os aspectos mais importantes que tem em conta quando realiza a avaliação neste nível de Iniciação?”), nota-se a importância dada ao trabalho do aluno, focado por todos os professores com excepção do professor F. Para além disso, a responsabilização dos pais face ao estudo foi mencionada pelos professores B e D, o empenho (professores C, D e G) e desenvolvimento das competências anteriormente enunciadas (professores E e F). Contudo, verificou-se uma certa dificuldade em avaliar por parte dos entrevistados da EMCN.

Professor A:

“A avaliação sempre foi uma coisa que eu nunca gostei de fazer [...] eu avalio-os pelo seu ritmo de trabalho, pelo seu estudo, o progresso que eles estão a fazer [...]”

“Eu tento sempre, muitas vezes, pôr o trabalho em primeiro lugar.”

Professor B:

“Os pais, se colaboram [...] normalmente falo sempre com os pais relativamente à avaliação, falo pouco com eles, porque eles não percebem [...] portanto é o trabalho feito em casa e o acompanhamento dos pais e a frequência no estudo.”

“Planifico muito bem o estudo em casa, aposto muito na maneira como eles devem estudar em casa [...] Nos dois primeiros anos responsabilizo os pais, avalio os pais.”

Professor C:

“[...] principalmente esses, a forma como eles estão a evoluir e interagir uns com os outros. Outra coisa muito importante é o tempo de evolução e o empenho, um aluno que não esteja empenhado, que passe a vida a faltar fazer o trabalho de casa, isso conta muito negativamente [...]”

Professor D:

“No Conservatório temos alguns parâmetros que temos de seguir, nomeadamente o acompanhamento familiar, também tem uma avaliação no Conservatório, e eu concordo plenamente. [...] Mas acima de tudo, aquilo que eu pessoalmente dou mais importância é o acompanhamento familiar e o trabalho que eles realizam durante as aulas e em casa. A atenção que com que eles estão nas aulas, a vontade com que eles têm de fazer as coisas e a rapidez com que eles conseguem atingir determinado objectivo é, para mim, muito importante [...]”

Professor E:

"[...]se já há mecanismos enraizados, se já há uma posição construída, se já... se já há uma afinação também conseguida e percebe-se se... nós percebemos quando o aluno na iniciação tem possibilidade de continuar para o básico com alguma qualidade ou não [...]"

Professor F:

"Logo à partida é a postura..."

"[...] tudo isso que também entra em consideração... não é... a afinação, o som, o sentido rítmico e a atitude também e... no palco, digamos assim [...]"

Professor G:

"[...] se o aluno está motivado para estudar todos os dias e à desenvoltura que eles vai tendo de aula para aula [...]"

"[...] eles têm que estudar violino 5 a 10 minutos por dia, diariamente... E se eles fizerem isso já é muito bom, portanto fazer... E o ideal é ser sempre com a supervisão de um dos pais, não é, pelos menos nos primeiros 5 minutos e depois já ir deixando os outros 5 minutos o aluno sozinho ou com os pais [...]"

"[...] se o aluno está motivado para estudar todos os dias."

No que diz respeito aos docentes do CRPD, estes privilegiam o momento aula (professor A), o interesse e empenho do aluno do aluno (professores B, D, E e F), relacionando-se com o nível de competências adquiridas. O professor D referiu ainda a consideração das competências expressivas e o professor E a auto-avaliação por parte dos alunos.

Professor A:

"Avalio o que eles aprendem na aula, basicamente e questão da postura, da leitura se mostra interesse nas aulas, porque isso é fundamental [...]"

Professor B:

"Quando estás a avaliar um aluno de Iniciação, tens de saber se ele atingiu algumas coisas importantes, se ele participou [...] se está interessado [...]"

Professor C:

"Quando referi as competências, são esses, a avaliação está ligada com os nossos objectivos."

Professor D:

“No meu caso específico, é evidente que as competências técnicas que eles vão adquirindo têm muita importância mas eu também dou muita importância às questões de interesse, atitude e comportamento [...] As questões expressivas para o final da Iniciação também tomam algum peso [...]”

Professor E:

“[...] conversando com eles quero perceber se eles sabem auto-avaliar [...] A avaliação reside muito nisto, a própria capacidade do aluno saber o que está a fazer.”

Professor F:

“[...] a avaliação é contínua, como nós sabemos, mas há dois aspectos que eu valorizo imenso, é a atitude ... a atitude na aula [...] e é o estudo individual [...]”

Ao nível da participação dos alunos em concursos, (Algum aluno seu de Iniciação já participou num concurso de violino? e “Se sim, em qual? Ganhou algum prémio?”, os docentes da EMCN incentivam a frequência dos mesmos na Iniciação, tendo sido relatada pelos docentes A, C, D, E F e G, tendo alguns alcançado finais de concursos e até prémios no concurso Capela, no Fundão e no Concurso Jovem dos Conservatórios oficiais, contudo alguns revelam apostar mais a partir do curso básico:

Professor A:

“Portanto de Iniciação tenho um que participou em dois concursos, no concurso Capela e no concurso Jovens do Conservatório [...] No concurso Capela do ano passado teve uma Menção Honrosa e deste ano passou à final [...] E vou levá-lo ao Fundão.”

Professor B:

“[...] Normalmente aposto mais nos dez anos, mais à frente. [...] No Capela, no Fundão, no do Alto Minho. Mas de Iniciação não ganharam, mais à frente sim, mas as iniciações não.”

Professor C:

“Vão participar este ano, mas ainda não.”

Professor D:

“Já, no Capela, mas não passou à final.”

Professor E:

“Participaram, não ganhou prémio, mas participaram no concurso do Fundão e Passos de Brandão.”

Professor F:

“[...] nas escolas alemãs, em Portugal... ela, na iniciação, ganhou o 1º prémio, logo de iniciação [...]”

Professor G:

“Já participaram no Fundão, já participaram no Capela, e agora neste concurso, no Gilberta Paiva que foi a primeira vez, que foi em Santa Maria da Feira.”

“[...]chegaram à final mas não ganharam nenhum prémio.”

No CRPD, os docentes relataram a existência de concursos internos de cordas, durante alguns anos consecutivos, tendo alguns alunos das suas classes sido premiados (todos os professores, com excepção do professor A).

Professor A:

“Não, até agora não participou, quer dizer, não me lembro se participaram em algum concurso interno, quando o conservatório fez, acho que foram dois anos o concurso [...]”

Professor B:

“Ganhou um prémio, foi um concurso do conservatório, já há bastantes anos, e os alunos de Iniciação tiveram também um ou dois escalões, e uma das minhas alunas participou e ganhou.”

Professor C:

“Sim, num concurso interno, já fizemos concursos internos, sim. Foi a única participante do seu escalão, sim.”

Professor D:

“O conservatório, aí há uns anos atrás, fez concursos de cordas, e sim, quase todas as classes estiveram presentes. Eu penso que algum ganhou [...]”

Através da última pergunta (Tendo em conta os contornos actuais do curso de Iniciação no Conservatório, na sua opinião, que aspectos considera positivos e os que poderiam ser melhorados?), os entrevistados demonstraram como aspectos positivos a própria existência do curso de iniciação em violino, tendo o professor E focado a

importância dos pólos, o incremento do nível alcançado nos últimos anos e o ambiente que se vive na escola (professores A, B, E e F) e a possibilidade dos alunos participarem nas classes de conjunto como orquestra (professores A, C e F). Por outro lado, notam uma necessária revisão nas provas de acesso de instrumento (professores A e B), a necessidade de aumento do tempo de aula semanal de instrumento e articulação com a aula de iniciação musical (docentes C, E, F e G).

Professor A:

“Há aqui um tempo atrás não existia Iniciação no Conservatório, portanto o simples facto de existir já é muito bom [...] e de ter vindo para o Conservatório Nacional uma série de professores jovens, com boas dinâmicas e cheios de energia, deram ao vida ao Conservatório que não existia aqui há quinze anos atrás. Comecei a ver alunos a tocar bastante.”

“As iniciações já participam na Semana Aberta [...] já há orquestras para tudo, já há grupos para tudo, portanto as iniciações também já fazem parte, e quando entram para o primeiro grau, já têm ali uma boa bagagem.”

“[...] maior rigor nos testes de admissão, uma série de exercícios mais específicos para as iniciações.”

Professor B:

“[...] acho que se conseguiu subir muito o nível. [...] esse esforço constante de rever ano após ano o programa e os conteúdos e a correcção de erros, o assumir que não é perfeito e vamos melhorar [...] em oito anos é incrível o que o nível subiu.”

“[...] há muitos alunos a tocar bem, isso graças realmente a uma troca de informações e entreaajuda entre classe.”

“[...] a minha experiência diz-me que aos seis anos não é a melhor altura para começar a tocar. [...] Tenho resultados melhores com os alunos que começaram aos sete [...]”

Professor C:

“Considero positivo o facto dos alunos usufruírem de orquestra logo desde muito cedo, de conjunto.”

“O programa de iniciação musical não estava articulado com o programa de violino, logo os alunos acabam por aprender o ritmo e as notas em violino e depois aprendem formação musical quando deveriam acompanhar, ser ao mesmo tempo ou mesmo antecipadamente. [...] era um aspecto a ter em conta porque poderíamos centrar muito mais na técnica e menos em aspectos que não têm a ver com a nossa aula [...]”

“Se eles tivessem dois blocos de vinte minutos em vez de terem um bloco de quarenta e cinco seria mais proveitoso [...] acho que isso deveria ser melhorado, mais horas e mais coordenação com a iniciação musical.”

Professor E:

“Uma coisa que eu considero extremamente positiva é mesmo a... o facto de existirem polos [...] para poder haver uma maior triagem, para podermos ter alunos com mais qualidades no Conservatório, portanto, e isso tem sido conseguido, o nível tem aumentado muitíssimo... na iniciação.”

“Em geral está a funcionar bastante bem e está com muita dinâmica no Conservatório, e, eu acho que é isso o verdadeiro segredo para que o nível das cordas, nomeadamente violinos esteja a aumentar duma maneira incrível.”

Professor F:

“Eu penso que se está a fazer um trabalho muito positivo.”

“Houve no teatro Camões, do grupo Ateliê do Conservatório, uma coisa impressionante, um espetáculo que envolveu uma orquestra de cinquenta figuras, tanto na faixa etária dos 10,11,12 anos e um coro de 200 figuras, também da mesma faixa etária e fiquei impressionado, tenho impressão que nunca se fez uma coisa dessas em Portugal... pela qualidade, pelo número de crianças envolvidas, pela faixa etária... foi um trabalho impressionante e que mostra bem o que se está a fazer no Conservatório.”

“No capítulo das coisas a melhorar, eu penso que melhorar era logo o tempo de aula por semana, não é... actualmente temos 45 minutos por semana, é francamente pouco para uma criança que quer investir num estudo sério no instrumento... pronto, se quiséssemos melhorar essa saída, era a melhor coisa a fazer, era... pelo menos duas aulas por semana.”

Professor G:

“Acho que é óptimo os alunos, portanto, começarem a ter o acesso com 6 anos de idade [...] porque eles vêm com um “background” muito melhor do que um aluno que vai directamente para o primeiro grau, ou que vai directamente para o quarto ano da iniciação [...]”

“[...] considero que podem ser melhorados [...] a existência de um programa, portanto, ficar oficialmente reconhecido um programa para todas as iniciações... E talvez estas ditas provas para fazer a filtragem fossem feitas de outra maneira... E que nós pudessemos ter um bcoadinho mais de tempo com cada aluno para perceber... E não só fazermos aos alunos mas também aos pais [...]”

“[...] os alunos que pudessem entrar com 8, 9 anos lhes fosse dado a possibilidade de terem mais uma aula por semana, por exemplo, para conseguirem recuperar [...]”

Por parte dos docentes entrevistados do CRPD, foram salientadas questões positivas relativamente ao considerável número de candidatos a concorrerem ao curso (professores A e C) e o aumento da aula de instrumento dividida em dois blocos semanais (professores A, B, D e E). Por outro lado, mencionaram aspectos relativos à

necessidade de consciencialização por parte dos pais e encarregados de educação da importância do seu acompanhamento e responsabilização do estudo, focado pelo professor A, a articulação com a disciplina de iniciação musical (professores B e C), a falta de leccionação de alguns instrumentos no curso de Iniciação, tal como o desaparecimento da classe de conjunto de orquestra (professor E).

Professor A:

“Eu acho muito positivo a afluência dos alunos ao curso de Iniciação [...]”

“[...] os alunos de Iniciação têm dois tempos de aula, uma aula individual e uma aula em conjunto e se não pode ser em conjunto, dividida a meio, portanto, quer dizer, o tempo de aula aumentou e isto é positivo.”

“O aspecto negativo é o facto de faltar um programa orientador para este curso [...]”

“[...] um envolvimento dos pais nesta consciencialização da responsabilidade a inculcar no estudo devia ser melhorado [...]”

Professor B:

“A partir deste ano no Conservatório já temos duas horas, uma hora de Iniciação e outra hora de conjunto com alunos de Iniciação, isso é excelente.”

“[...] se melhorar o nível de aprendizagem deles [na disciplina de experimentação e criação musical] e depois ir paralelamente formação e violino, o instrumento, isso vai dar resultados fantásticos. Mas infelizmente isso não acontece e o instrumento está separado [...]”

Professor C:

“Considero muito positivo que eles possam começar logo aos seis anos porque o curso de Iniciação não existia há uns anos [...] e este ano o mais positivo foi o facto de eles terem aulas em conjunto porque a classe de conjunto é um grande factor motivacional para as crianças.”

“As que podiam ser melhoradas ainda, é a questão do próprio programa, na Iniciação é livre, é bom ser livre também, mas a disparidade é enorme [...]”

Professor D:

“[...] era bom que houvesse alguma definição programática porque neste momento, nesta escola, em termos de Iniciação, as coisas são muito díspares, não me parece que haja uma linha comum e, isso, não creio que seja assim tão benéfico quanto isso [...]”

“Há instrumentos de corda que, praticamente, não são leccionados na Iniciação, o contrabaixo não é de todo, a viola é tão pouco e às vezes inexistente. O

desaparecimento curricular da classe de conjunto fez com que deixasse de existir orquestra infantil de cordas [...]"

Professor E:

"O facto que tivemos uma orquestra de Iniciação para cordas, eu acho que era muito útil [...]"

"Agora que temos aulas em conjunto, esta tem um interesse [...] só que agora [...] os alunos estão juntos em função do horário em vez em função do nível"

"[...] nós podíamos fazer duas aulas de meia hora por semana [...]"

Professor F:

"[...] nós estamos com aulas individuais [...] de 45 minutos [...] o que é fantástico, para nós trabalhar a técnica e não só ... e depois [...] há um conjunto de alunos que está a fazer aquela aula, não é, chamada aula colectiva [...] isto é uma vantagem que esta lei veio favorecer à componente de formação artística e que, de facto, os professores e os alunos deveriam aproveitar [...]".

Devido à necessidade de obtenção de dados qualitativos, através das citações das entrevistas aqui descritas e previstas no estudo de caso, a conversão em dados quantitativos veio permitir uma melhor transparência das temáticas abordadas, espelhadas na discussão dos resultados.

6.2. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Através da entrevista, procurando-se perceber a opinião dos docentes relativamente ao processo de admissão em vigor, é possível afirmar que entre o grupo docente de violino da Escola de Música do Conservatório Nacional a sua opinião é mais homogénea do que no Conservatório Regional de Ponta Delgada. Os docentes da primeira escola referiram vários aspectos positivos advindos destas provas, tendo em conta o aumento geral do nível técnico dos alunos que ingressaram no Conservatório desde então. A filtragem de candidatos passa substancialmente pelos docentes de instrumento, ao contrário de no CRPD, onde os entrevistados dividiram-se nas suas opiniões, notando-se um certo cepticismo relativamente e principalmente à estruturação e modo de aplicação das mesmas. Para além disso, o facto de não haver uma prova de instrumento, atendendo que esta poderá ser, como frisado por alguns entrevistados, meramente uma primeira abordagem e conhecimento do instrumento de escolha, não acontece, ao contrário da instituição sediada em Lisboa, não sendo possível avaliar de uma forma eficaz o seu impacto, e realçando o curto espaço de

tempo em que estas têm vindo a ser aplicadas. Não obstante, todos os docentes de ambas as instituições demonstraram, de uma forma geral, através das suas intervenções, uma vontade de serem participantes activos numa possível discussão e reformulação das provas, atendendo a um consenso entre os elementos envolvidos, nomeadamente na melhor articulação com a prova teórica.

De seguida, tentou-se perceber que experiência possuem os alunos, ao nível do instrumento, que iniciam o curso de Iniciação e se os mesmos concluem o curso. Assim, estes tiveram pouco ou nenhum contacto anteriormente à admissão no Conservatório, com ressalva de alguns casos de candidatos que já apareciam a executar o instrumento nas provas para anos mais avançados da iniciação em Lisboa. Constatamos ainda que existindo provas de entrada para o segundo, terceiro ou quarto ano de iniciação em violino na EMCN, estas requerem algum desenvolvimento violinístico para que sejam realizadas com sucesso, não estando prevista este tipo de prova no CRPD. Apesar disso, esta selecção é sempre efectuada através do consenso entre o grupo de professores. Tendo em vista o final do ciclo, em ambos os conservatórios a taxa de sucesso e conclusão do curso é muito elevada o que nos leva a crer que há uma continuidade adjacente a este nível de ensino muito considerável no que respeita à construção de bases essenciais ao processo aprendizagem que se segue, nomeadamente o curso básico e complementar, em ambas as instituições. Na EMCN tem sido já implementada uma prova de acesso ao curso básico, prova esta, à semelhança, foi adoptada recentemente pelo CRPD, como descreveram os entrevistados.

Relativamente à primeira aula de violino, os entrevistados mencionaram várias actividades com e sem o instrumento, contudo a prática de experiência livre do violino foi bastante descrita, juntamente com uma explicação, apresentação e cuidados do instrumento. Deste modo, a imediata produção de som utilizando o arco e/ou pizzicato faz parte deste primeiro contacto com o instrumento e professor, como também a entoação. Paralelamente, o estabelecimento de uma relação com o aluno, a nível pessoal como também ao nível pedagógico, e também com os pais ou encarregados de educação, conotando uma preocupação em motivar os alunos. Apesar de uma grande semelhança entre ambos os grupos de professores, no geral, é possível delinear uma conduta bastante pessoal e específica de abordagem por parte de cada professor e de cada aluno, tendo como objectivo moldar da melhor forma possível o seu percurso e futuro, característica natural do ensino individualizado. Na mesma linha

de ideias, tentou-se averiguar, tratando-se de crianças que na sua maioria começam as aprender a ler e escrever, se é adoptada a utilização de partitura desde o início e como a mesma é feita. Notou-se uma presença generalizada deste recurso tendo em vista a sua habituação física precoce mas com adaptações substanciais, tendo uma componente lúdica associada. Conotando-se como uma capacidade essencial da prática instrumental, todos os docentes manifestaram esta introdução com um objectivo de habituação devido à sua morosidade de desenvolvimento generalizada, não obstante a primazia pela exploração auditiva e de memorização dos conteúdos aprendidos.

Atendendo à inexistência de um programa oficial para o curso de iniciação, a esmagadora maioria dos docentes entrevistados afirmaram a não concordância com a oficialização de um programa mas no estabelecimento de guias gerais de um programa indicativo de competências. Neste sentido, o grupo de docentes da EMCN realçou a existência de um programa interno visando esta uniformização, ao contrário do grupo de docentes do CRPD, notando-se uma maior discrepância entre os percursos orientadores dos vários professores. Em contrapartida, a aplicação prática dos recursos de repertório é bastante uniforme na escolha dos métodos utilizados, nomeadamente “O meu primeiro livro de violino”, de Marilyn Brito, “First Violin Tutor”, de Neal McKay, peças dos primeiros volumes do repertório de S. Suzuki e de A. Curci, várias peças extraídas de métodos russos e canções tradicionais infantis. Dada a grande variedade de recursos à disposição dos docentes para este nível, a escolha dos mesmos verificou-se não só numa experiência pessoal, como na crescente necessidade de adaptação advinda da sua experiência com os alunos. Anexado ao repertório utilizado, a introdução de escalas, padronizadas no desenvolvimento violinístico, surgem já neste contexto de iniciação juntamente com estudos mencionados da autoria de Wolfahrt, Pracht, Kayser, Sitt e Schradieck, sugerindo já uma forte componente técnica de desenvolvimento, tanto da mão direita como da mão esquerda. Consequentemente, a introdução de técnicas já avançadas como a mudança de posição e o vibrato estão bastante presentes entre os docentes da EMCN, sendo menos descritas pelo grupo do CRPD. Deste modo, de acordo com a grande variedade de recursos e níveis, a escolha do mesmo é não só individualizada relativamente a cada professor como também para cada aluno, estabelecendo-se metas atingíveis próprias. A constatação de repertório anteriormente descrito tocado por alunos ao concluir o curso de iniciação revela uma consolidação técnica acentuada. Na mesma linha de ideias, as competências associadas a este

desenvolvimento numa fase inicial traduzem-se numa boa postura geral, verificando-se uma prevalência na utilização do arco e na afinação. Por seu turno, ao concluir a iniciação, as mesmas questões da qualidade de som e musicalidade fazem parte do leque de competências mais importantes preconizadas pelos docentes.

Relativamente às apresentações em público, a introdução dos alunos em audições é uma prática comum entre todos os docentes, geralmente desde o início, salvaguardando uma conotação positiva nos discentes, notando-se a organização de audições internas de classe e para a classe, resultando num ambiente mais intimista, como foi mencionado. Para além disso, as apresentações do trabalho desenvolvido com os alunos são muitas vezes motivadas através de apresentações em concursos nacionais. Na Escola de Música do Conservatório Nacional nota-se uma participação mais acentuada em diversos concursos, ao contrário do Conservatório Regional de Ponta Delgada, em que os alunos apenas participaram em concursos internos esporádicos. Esta questão poderá ser explicada pela maior facilidade de deslocação no continente português.

Relativamente à questão da avaliação neste nível de ensino foi amplamente correlacionada com a capacidade de trabalho demonstrada pelo aluno, ligando-se com o momento aula e a consolidação das competências. Contudo, a dificuldade de aplicar foi notada entre a generalidade dos entrevistados, tendo em conta o peso que esta poderá surtir nos alunos e encarregados de educação.

7. CONCLUSÃO

Esta dissertação de mestrado em ensino de música teve como ambição a melhoria de uma área da pedagogia instrumental num nível de iniciação e aplicada ao violino.

Baseada no modelo do estudo de caso, centrou-se em duas escolas oficiais de música, através de uma visão da teoria que a fundamenta, as circunstâncias que a condicionam e a prática que a apresenta.

Os resultados obtidos na presente dissertação levam-nos a concluir que, no âmbito do ensino especializado da iniciação em violino nestas duas escolas oficiais, existe uma significativa proximidade entre as abordagens dos professores. Verificam-se predominantemente aspectos comuns, não só no que diz respeito às práticas, como também no que se refere a concepções. Neste sentido, tanto o grupo docente da EMCN como do CRPD procedem à apresentação do instrumento e imediata experimentação e produção de som desde a primeira aula, dando ênfase à correcção postural precoce; recorrem a um repertório que apesar de variado e abrangente é muito semelhante; e têm opiniões na generalidade coniventes no que diz respeito às questões das provas de acesso, competências, audições e avaliação. Reflectindo sobre esta temática, apesar das diferenças ao nível das proveniências, percurso académico e artístico e suas influências, todos os docentes ensinam no mesmo país e no mesmo sistema de ensino. Assim, apesar de a iniciação não se encontrar oficialmente estabelecida e definida, podemos deduzir que existe uma forma mais ou menos padronizada nestes estabelecimentos de ensino especializado, tendo a convivência entre os docentes que leccionam nestas instituições tradução na adopção, por parte das mesmas, de idênticos princípios orientadores. A aspiração a fazer mais e melhor é transversal a todas as entrevistas, o que comprova que a atitude tomada pelos docentes é bastante activa na melhor inserção deste nível de estudos no ambiente dos respectivos conservatórios.

As evidências apontam, por outro lado, para uma meticulosa e permanente adaptação dessas práticas e concepções relativamente à abordagem escolhida por cada um dos docentes, não só à sua classe como a cada aluno, vindo de encontro ao individualismo próprio desta tradição descrita na fundamentação teórica desta dissertação, assistindo-se a uma preocupação com o início da aprendizagem no ensino artístico especializado da música, onde os programas necessitam de uma definição uniformizadora de competências e não de conteúdos. Constatou-se um crescente

interesse por parte de alguns docentes em escrever e desenvolver material ao invés da utilização de material dito tradicional e recorrente de proveniência exterior, demonstrando tendências e um contributo para um olhar mais atento sobre os objectivos e consequências da Iniciação em violino.

Enquanto iniciação inserida no contexto de uma escola oficial, a EMCN revela uma maior consolidação devida a dois factores: ao tempo de leccionação e à existência de extensões (pólos) distribuídos geograficamente pela região de Lisboa, resultado de uma maior experiência neste nível de ensino, como também um maior aperfeiçoamento em toda a sua gestão. O CRPD parece estar a acompanhar, procurando melhorar o geral funcionamento do curso de Iniciação, tendo em consideração os pontos que não se encontram tão consolidados, nomeadamente a existência de um programa orientador da iniciação em violino, tendo em vista a uniformização programática, como também o desenvolvimento das classes de conjunto instrumental e prova de ingresso ao primeiro grau do curso básico.

Através destas considerações, as limitações da investigação relacionam-se com o apontar direcções para futuras pesquisas. Em primeiro lugar, a abrangência de um maior número de escolas de ensino oficial, e consequentemente participantes, teria permitido uma melhor representação deste universo. Assim, este será um aspecto a considerar em investigações que se venham a realizar posteriormente. Paralelamente, a escolha das temáticas poderá ser mais abrangente ou também particular, nomeadamente a concentração em uma delas ou outras não contempladas nesta dissertação como, a título de exemplo, a preponderância dos concursos ou a motivação. No que respeita a aplicação prática destas temáticas centradas, a observação directa (ou indirecta) das aulas dos participantes no estudo de caso deveria ser considerada.

Assim, esta investigação ambicionou um maior esclarecimento acerca da proximidade entre as abordagens em estudo, contribuindo para o conhecimento acerca da iniciação no nosso país, acreditando que é motivo suficiente para que os estabelecimentos de ensino e entidades competentes a venham estabelecer oficialmente, tendo em conta as especificidades deste processo de ensino-aprendizagem. De facto, a acção educativa no ensino artístico tem a responsabilidade de ir ao encontro de uma vontade expressa nos alunos e de conjugar esse facto com os objectivos delineados para cada grau de ensino, pois segundo Vasconcelos (2002, p. 230) “A imersão precoce no

domínio da música é a forma de se conseguir uma detecção de 'talentos' que possam ingressar nas fileiras da excelência e da excepcionalidade performativa." Deverá também salientar as capacidades individuais e os interesses manifestados por forma a potenciar as opções futuras dos alunos, quer seja o ingresso num ensino especializado, com vista a uma via profissionalizante, ou a dedicação melómana de ouvinte conhecedor.

REFERÊNCIAS

ALEGRIA, José (1983) - História da capela e colégio dos santos reis de Vila Viçosa. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian.

ANDRADE, José (2003) - Concelho de Ponta Delgada: 500 anos de História. Cronologia de figuras e factos (1499-1999). Ponta Delgada : Câmara Municipal de Ponta Delgada.

BONI, Valdete, QUARESMA, Sílvia (2005) - Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. Santa Catarina : Universidade Federal de Santa Catarina.

BRITO, Manuel, CYMBRON, Luísa (1992) - História da música portuguesa. Lisboa : Universidade Aberta.

CARDOSO, Francisco (2008) - O papel da motivação na aprendizagem de um instrumento. Revista de Educação Musical : 112(3), 8-11.

CARDOSO, Francisco (2009) - Especificidades da aprendizagem musical. Aveiro : Universidade de Aveiro.

COUTINHO, Clara (2011) - Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas : teoria e prática. Coimbra : Almedina.

DECRETO-LEI nº 115-A/1998. Diário da República I-A Série. 102 (1998-05-04) 1973-1994.

DECRETO-LEI nº 210/1983. Diário da República - I-A Série. 149 (1983-07-01) 2387-2395.

DECRETO-LEI nº 344/1990. Diário da República- I Série. 253 (1990-11-02) 4522-4528.

FERNANDES, Domingos, Ó, Jorge Ramos do, FERREIRA, Mário Boto (2007) - Estudo de avaliação do ensino artístico. Lisboa : Universidade de Lisboa.

GORDON, Edwin (2000) - Teoria da aprendizagem musical. Competências, conteúdos e padrões. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian - Serviço de Educação.

GUIMARÃES, Sílvia (2013) - A motivação e os concursos e de violino: um estudo de caso com alunos do 3º ao 7º grau na Escola de Música do Conservatório Nacional. Lisboa : Universidade Lusfada de Lisboa. Dissertação de Mestrado.

HAGUETTE, Teresa (1997) - Metodologias qualitativas na Sociologia. Petrópolis : Vozes.

HALLAM, Susan (1998) - Instrumental Teaching : a practical guide to better teaching and learning. Oxford : Heinemann.

LATINO, A. (1986) - 150 anos do Conservatório Nacional. Revista da Associação Portuguesa de Educação Musical 50.

LEÃO, José (2011) - Técnicas de recuperação para alunos de violino. Aveiro : Universidade de Aveiro. Dissertação de Mestrado.

LEI nº 46//1986. Diário da República - I Série. 237 (1986-10-14) 3067-3081.

MEDEIROS, Maria (2005) - Auto-conceito de competências musicais e rendimento escolar no ensino artístico: um estudo no Conservatório Regional de Ponta Delgada. Ponta Delgada : Universidade dos Açores. Dissertação de Mestrado.

MILLS, Janet (2007) - Instrumental teaching. Nova Iorque : Oxford University Press.

MIRANDA, Luís (2008) - Dificuldades de aprendizagem específicas. Porto : Porto Editora.

PALHEIROS, Graça (1993) - Educação musical no ensino preparatório: Uma avaliação do currículo. Lisboa : Associação Portuguesa de Educação Musical.

PAVÃO, José (1989) - Comemorando os 25 anos do Conservatório Regional de Ponta Delgada. Ponta Delgada : Insvlana.

PONTE, João (2006) - Estudos de caso em educação matemática. Rio Claro : Universidade Estadual Paulista.

PORTARIA nº 76/2009, 23 de Setembro. Jornal Oficial Dos Açores - I série. 148 (23.09.2009) 2793-2871.

PORTARIA nº 60/2012, de 29 de Maio. Jornal Oficial Dos Açores - I série. 84 (29.05.2012) 1612.

CONSERVATÓRIO REGIONAL DE PONTA DELGADA (2013) - Projecto de Escola. Ponta Delgada : Conservatório Regional de Ponta Delgada.

ESCOLA DE MÚSICA DO CONSERVATÓRIO NACIONAL (2012) - Regulamento Interno. Lisboa : Escola de Música do Conservatório Nacional.

RODRIGUES, João (1968) - Da Academia Musical ao Conservatório Regional de Ponta Delgada. Ponta Delgada : Insvlana.

RODRIGUES, Maria (1989) - Comemorando os 25 anos do Conservatório Regional de Ponta Delgada. Ponta Delgada : Insvlana.

SÁ, Hélder (2009) - A Escola violinística russa do século XX e a sua presença em Portugal. Aveiro : Universidade de Aveiro. Dissertação.

SCHÖN, Donald (2000) – Educando o Profissional Reflexivo : um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre : Artmed Editora.

SLOBODA, John (1994) - Music performance : expression and the development of excellence. New York : Oxford University Press.

STOWELL, Robin (2001) - The early violin and viola : a practical guide. Cambridge : Cambridge University.

TRINDADE, Alexandra Sofia Monteiro da Silva (2010) - A Iniciação em Violino e a Introdução do Método Suzuki em Portugal. Aveiro : Universidade de Aveiro. Dissertação de Mestrado.

VASCONCELOS, António (2002) - O conservatório de música: professores, organização e políticas. Lisboa : Instituto de Inovação Educacional.

VASCONCELOS, António (2006) - Ensino da Música. 1º Ciclo do ensino básico - Orientações programáticas. Lisboa : Ministério da Educação.

BIBLIOGRAFIA

CRUZ, Luciana (2013) - Análise ao Trabalho de Técnica de Base do Professor Aníbal Lima: os três primeiros meses de aulas. Lisboa : Universidade Lusíada de Lisboa. Dissertação de Mestrado.

GOMES, Sofia (2015) - "Antes da estrelinha brilhar": abordagem preparatória ao volume I do método Suzuki para violoncelo em crianças entre os 3 e os 5 anos. Lisboa : Universidade Lusíada de Lisboa. Dissertação de Mestrado.

KINGSBURY, Henry (1988) - Music, Talent and Performance, A Conservatory Cultural System. Philadelphia : Temple University Press.

MERTENS, Donna (1998) - Research Methods in Education and Psychology: Integrating Diversity with Quantitative & Qualitative Approaches. Londres : Sage Publications.

SÁ, Rosa (2013) - Métodos e Metodologias de trabalho nos primeiros graus do violino: uma abordagem a elementos técnicos. Lisboa : Universidade Lusíada de Lisboa. Dissertação de Mestrado.

SADIE, Stanley (2001) – The New Grove Dictionary of Music and Musicians. Oxford : Oxford University Press.

ULRICH, Michels (2007) – Atlas de Música II. Lisboa : Gradiva.

APÊNDICES

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A - Questionário..

Apêndice B - Entrevistas.

APÊNDICE A
Questionário.

Questionário

Nacionalidade _____

Idade ____

Sexo ____

Formação

Grau(s) Académico(s):

Instituição/Instituições

País(es) _____

Cidade(s) _____

Pedagogos/Professores/Figuras influentes no seu percurso académico/artístico

Há quantos anos lecciona violino? _____

Há quantos anos lecciona na Escola de Música do Conservatório Nacional?

A que níveis já leccionou nesta Instituição? (Iniciação, Básico, Complementar)?

Já levou algum aluno a concluir o curso complementar em Instrumento? _____

Já levou algum aluno desde o primeiro ano até concluir o curso de Iniciação? _____

APÊNDICE B
Entrevistas.

Escola de Música do Conservatório Nacional

Entrevista Professor A

1. Tendo em conta o processo de admissão actualmente vigente, devido ao reduzido número de vagas, acha que estas provas, na sua opinião, demonstram que os alunos admitidos na sua classe de Iniciação têm “aptidão musical”? Porquê?

Para já não há, no Conservatório, é o que eu sinto, nenhum método, nenhuma metodologia para nós seguirmos, para fazermos os testes de admissão. Portanto, é um bocadinho conforme o professor que estiver a fazer o teste de admissão. Se eu estiver à frente, faço de uma maneira; se estiver outro professor, faz de outra maneira... Por acaso, eu sinto que é uma lacuna da nossa classe não haver uma bateria, por exemplo, de exercícios que se fizessem, que se fizessem sempre, independentemente, seja qual for o professor que está a fazer o teste. Portanto, contando que os testes são feitos um bocadinho de uma maneira subjectiva, quer dizer, avaliamos.... eles são avaliados, de qualquer maneira, a nível da formação musical, e esses sim, são rigorosos. Ou pelo menos eram rigorosos há um tempo atrás; não sei se eles continuam a aplicar os mesmos testes ou não. Aqui há um tempo atrás, eles aplicavam os testes do Gordon, e eu própria assisti porque eu própria também fiz um trabalho... uma tese sobre... para a profissionalização... sobre testes de admissão. E eu fui assistir a esses testes. E são, realmente, rigorosos em termos auditivos. Aquilo que me pareceu é que os alunos que entravam depois desses testes eram bastante... dotados em termos de audição... talvez não tenham sido por causa dos testes de instrumento, mas sim por causa dos testes de formação musical. Portanto, o que me leva a crer é que, se nós temos uma vaga de melhores alunos há o quê... uns anos para cá, talvez tenham haver com os testes de formação musical, e não com os testes do próprio instrumento. Mas claro que... nós todos sabemos ver, “é pá, este tem uma boa mão... este reagiu bem a estes exercícios que nós fizemos...” em princípio poderá ser um bom aluno, mas nós todos sabemos que isso depende de muitas coisas. Uma delas é o trabalho...

Entrevistador: que não é avaliado...

Exactamente, que não se consegue avaliar num teste de admissão. Portanto, o Conservatório aceita aqueles alunos que realmente nós vemos, à partida, que parecem ser... terem talento, e ter massa... boa matéria prima para trabalhar. Mas, depois, no fundo, no final do primeiro ano é que nós conseguimos ver se o aluno teve ou não aproveitamento. Tem uma vantagem, o Conservatório, é que a partir do segundo ano, um aluno que não está a ter proveito é posto fora, quer dizer... portanto é natural que o Conservatório comece a ter melhores alunos, inclusive... quer dizer, do que outras escolas, talvez. Porque o número de vagas é reduzido, aceitamos aqueles que, à partida, parecem ter... não é... não precisamos de aceitar toda a gente...

Entrevistador: a lista de espera que nunca mais acaba.

Exactamente. Portanto... a responder... respondendo à sua pergunta... Se calhar sim, têm sido... têm sido... têm sido positivos, os resultados. Mas lá está: depende... depende de várias coisas. Do número de vagas reduzida, de vermos qual é o aluno... não propriamente do teste em si, é o que eu acho. Do teste de formação musical talvez, mas do teste de instrumento, acho que não... é muito difícil sabermos se o aluno tem aquelas capacidades... quer dizer, não é... Nós temos que avaliar um todo, e esse todo é difícil de avaliar em 5 ou 10 minutos. Não sei se respondi à pergunta...

2. Os alunos admitidos na sua classe de Iniciação, na sua maioria, já tocam violino antes de entrar para o Conservatório?

Muitos deles já tocam, sim. Muitos deles já tocam. Mas... nem sempre, nem sempre. Eu até prefiro que não toquem... eu até prefiro que não toquem. Mas... têm entrado muitos no Conservatório já a tocar. E lá está... quer dizer, quem toca realmente bem, tem as

posições nos sítios, está tudo perfeito... quer dizer que terá possibilidades de entrar, antes doutro que não toque, talvez. Mas nem sempre é assim, nem sempre é assim. Nós temos... às vezes temos visto alunos que têm... parece que têm um bom potencial físico... e poderão passar à frente de outros que toquem. Portanto não é linear. Quem toca entra à frente de quem não toca – não é sempre assim. Mas muitas das vezes sim, tem acontecido já tocarem.

3. A maioria dos alunos que iniciam a aprendizagem do violino consigo conclui o curso de Iniciação e transita para o 1º grau ou anulam a matrícula antes de concluir este nível?

Não. Não tenho conhecimento de nenhum que tenha anulado a matrícula. Acabam todos o curso de iniciação e conseguem passar para o primeiro grau.

4. No primeiro ano de Iniciação, que actividades desenvolve com o aluno na primeira aula de violino?

No primeiro ano de Iniciação? Quando eles têm 6 anos...

Entrevistador: mesmo na primeira aula

Quer dizer, isso... Tudo depende também do aluno, não é... em princípio terá violino, muitas vezes não tem, portanto a primeira aula, às vezes, é para falar com os pais. E... e tentar adquirir o instrumento, e adquirir o material. O material é, quase sempre, dado por mim, ou feito por mim... muitas das vezes... a alunos mais pequenos, de 6 anos... no Conservatório, por acaso não tem acontecido, dou logo o meu livro, aquele livro que editei. Porque um aluno de 6 anos ainda não sabe ler. Entrou para o primeiro ano mas ainda não sabe ler, e isso só irá... Então eu, muitas das vezes, tenho um livro para esses alunos mais pequeninos, por volta dos 4, 5, e inclusive os 6 anos, que é tudo maior: as pautas são maiores, é todo colorido do princípio ao fim, e acaba por ser mais... ainda mais lúdico que outro, se calhar, que eu tenho. Mas o que eu tento fazer é, realmente... fazê-los sentir que eles fazem música no primeiro dia. Portanto, ensino-os a fazer a vénia, ensino-os a dizer... é... uma série de coisas que acho que é importante eles perceberem que quando se toca... principalmente quando se toca em público, claro, temos que agradecer, é um sinal de agradecimento... ensino-lhes logo essas partes e eles gostam sempre muito... E depois tento que eles façam música, nem que seja a fazer pizzicatos, eu acompanho... Muitas das vezes utilizo suportes de CDs para fazermos... pronto, com um acompanhamento, não é, num CD... ponho um CD e eles fazem pizzicatos por cima e ficam todos contentes. Portanto... é basicamente isso. Mais exercício menos exercício mas ... Tento introduzir logo o aspecto musical... logo na primeira aula.

5. Utiliza o recurso de partitura com os seus alunos desde as primeiras aulas?

É assim: eu gosto sempre que eles toquem de cór. Mas... mas também gosto que eles se habituem a ter o seu material, a ter uma pauta, a ter um livro... Pronto. É por isso que eu acho importante o material para estes miúdos.... Para... para os pequeninos, não é, das iniciações. O facto deles irem para a escola, e têm o seu livro de Matemática, têm o seu livro de Língua Portuguesa, não sei quê... irem para a Música e não terem livro nenhum, ou terem umas folhinhas... acho pobre, pronto. Portanto, o que me leva a fazer, realmente, muito material para os miúdos é... é saber que eles também gostam de ter o seu livrinho de violino. Portanto... sim, eu gosto que eles... eles se habituem à pauta... se habituem logo a ler a pauta. Desde o princípio. Apesar de depois... de saber uma música, tira-se a pauta para eles tocarem de cór. E aí, pronto, gosto realmente que eles trabalhem de cór, porque assim também tenho a certeza que eles vão repetir até decorar. Portanto, é uma boa maneira de eles repetirem várias vezes em casa, coisa que eles não gostam de fazer, não é... não gostam de repetir.

Entrevistador: gostam é de tocar ...

Exactamente!

6. Na ausência de um programa oficial definido para o curso de Iniciação, acha que seria mais positivo haver um programa definido oficialmente ou é preferível a inexistência de programa, dando mais liberdade ao professor? Porquê?

É assim, a existência de um programa é sempre complicado, porque há alunos que entram no segundo ano de iniciação, há alunos que entram directamente para um terceiro ano, há alunos que entram directamente para um quarto... portanto... e cada aluno tem o seu ritmo de estudo. Acho que é bom cada professor saber mais ou menos, ter o seu programa, digamos assim. E depois, tudo depende do ritmo de estudo dos miúdos e do... do, do... trabalho deles. Há muitos alunos que desenvolvem, se calhar, depois de um terceiro ano, não é... há outros que desenvolvem logo no início, há outros que, se calhar, não... primeiro... pronto, depende da maturidade deles, e não me parece que seja positivo dizer... criar barreiras, criar limites, ou seja: "ao final do primeiro ano de iniciação eles têm que ter conseguido fazer isto, isto, isto e isto... e tocar isto, isto, isto e isto". Quer dizer, podem tocar ou não... quer dizer, depende muito do ritmo de trabalho deles. E se isso não acontecer, não quer dizer que esse aluno também não seja... não seja bom aluno. Pode, é ir num ritmo mais lento, pode... pronto, ainda lhe falta o "clic". E é por isso que é importante aqueles quatro anos de iniciação. Se entram com os seis anos e nós vemos que é um aluno que trabalha bem, e que nós conseguimos puxar por ele... então aí puxamos até ao máximo e, quando entra para o primeiro grau... até, inclusive, já faz o programa do primeiro grau, e às vezes até do segundo. Portanto... a partir daí já tem as suas barreiras... eu acho... eu continuo a achar que... não é proveitoso ter um programa com barreiras: pode haver uma coisa geral, não é... Isso sim. E cada professor tem o seu programa para aquele aluno. Portanto, eu para aquele aluno sei que quero fazer isto, isto, isto nestes anos. Já percebi que ele pode fazer. Com outro aluno faço outro tipo de trabalho. Portanto, acabo por adaptar... a ter um... um programa para cada aluno. Adapto para cada aluno. Se eu tivesse que cingir a um programa seria, se calhar, complicado... pronto, é o que eu acho.

7. Que repertório utiliza, no primeiro ano de Iniciação?

Pronto... Para além de utilizar o meu livro... isto geralmente soa mal... O meu primeiro livro de violino... porque tem, realmente, algumas músicas de cariz popular, português, que eles já não sabem, por surpresa minha... já não sabem bem o que é o "papagaio louro", nem o "macaquinho", e portanto acaba por funcionar... a ter duas funções, quer dizer... eles terem conhecimento, também, de um repertório que hoje-em-dia não se ensina nas escolas, e que... eu acho... eu acho infeliz... quer dizer, hoje-em-dia a gente vai buscar... eu tenho filhos, não é... vou buscá-los à escola... ao recreio, por exemplo, e estão a ouvir todo o tipo de música... que não interessa para ninguém... música que não é adaptada às crianças, e... e portanto o... o fazerem alguma música de... de cariz popular... acho que é interessante para eles. Não só tecnicamente, mas também porque ficam a conhecer algum repertório que alguns deles não conhecem. Utilizo esse livro, utilizo as peças do Suzuki, que eu acho bastante boas... Do primeiro livro, basicamente. Do segundo... a partir do segundo utilizo algumas e depois deixo... deixo de utilizar. Porque também são andamentos de concerto, e outras... e peças que nós temos soltas, no fundo... E depois, alguns deles já consigo fazer, no final do ano, algum trabalho de... com peças mais... mais... compridas, como o concertino. O concertino de Kùchler op.11, há concertino dos índios de Perlman, George Perlman, não é Itzhak... que é muito bom... e hoje-em-dia muitos deles vêm com CDs, suportes de CDs... eles podem ouvir em casa. Isso é fantástico, quer dizer, no meu tempo não havia nada, e se houvesse era uma maravilha... Portanto basicamente é esse repertório que eu faço no... no primeiro ano.

7.1 E nos anos seguintes?

Depois nos anos seguintes continuo com... com, com... com concertos, não é... peças... estudos, não é... A partir do momento que eles deixam o meu primeiro livro de violino, muitas das vezes confesso que nem o acabo... Eles passam a minha... a minha barreira, digamos assim, para passarem para os concertinos é fazerem uns minutos de bach do, do... livro Suzuki... que acho que são bastante bons e já os prepara para os

concertinos. Mas pronto, passo para os concertinos de Rieding e de Seitz, que acho que são fantásticos... e... e outras peças, que fazem parte do repertório e que eu estou sempre a pesquisar para conhecer... estou-me a lembrar agora... eles estão... acabaram agora de tocar duas... que é da... Baklanova, Fast dance... e a... e a... não, a Puppet Show não é da da Baklanova... Há uma série de pecinhas já, que são tão giras para os miúdos, e que se pode dar complementando os concetos. Portanto, eu tento sempre que eles estejam a ver... e no Conservatório isso funciona lindamente, porque realmente são alunos que têm um bom ritmo de estudo, de trabalho... tento fazer, em cada período, concerto e peça, pelo menos, e apresentar... e apresento no final do período eles sempre a tocarem duas ou três coisas. E no fim, se calhar, uma coisa a tocarem todos juntos. Portanto, consigo fazer bastante... bastante bem este trabalho... mas, sei lá, há tantos concertos, quer dizer... não sei... acho que não interessa estar agora aqui a enumerá-los todos. Mas basicamente eu sigo... eu sigo-me pelo... por esses dois iniciais... e depois, os de Rieding e de Seitz, que eu gosto bastante... e depois para o Vivaldi, não é... pronto, por aí a fora.

8. Utiliza escalas e estudos neste nível de ensino?

Sim. A... os estudos... as escalas começa logo... pronto, no meu livro de violino também estão... estão escalas, já, não é... numa oitava, depois começo a introduzir duas oitavas... Aliás, já está a de Sol maior de duas oitavas... E depois, a nível de estudos... gosto bastante do... compilações que há de... estudos... compilações de... Russas... que há... de... de estudos que são fantásticos. Há os livros holandeses... acho que são holandeses... que eu pelo menos trouxe da Holanda, e começou-se a usar muito aqui. Eu e outros professores que estudaram na Holanda... que é o Pracht... que tem vários volumes. O primeiro volume também é bastante bom... Mas a partir do momento em que eu conheci estes estudos destas compilações Russas que há, que são fantásticas, e que poem lá estudos de Wohlfahrt também, que eu gosto, e... e doutros... comecei a utilizar mais... confesso que comecei a utilizar mais estes livros... Mas sim, parto logo para estudos... eles fazem sempre... pronto, aquilo que é... que é básico: escalas, estudos, peça e concerto. É o que eu gosto que eles façam... a partir do segundo ano de... de violino, mesmo. No primeiro ano... pronto... basicamente as pecinhas, coisas pequenas, não é... mas depois no segundo ano, já começar com este ritmo de estudo.

9. Em que altura geralmente, na sua pedagogia, começa a ser exigido repertório com mudanças de posição?

Pois, é que é muito... é muito... relativo, não é... Quer dizer, há alunos que podem começar, sei lá, no segundo ano, e há alunos que a gente está quatro anos com eles... quatro anos não digo, bolas! Isso é muito, para estarem na primeira posição. Mas... vamos lá ver, quer dizer... há sempre dois tipos de alunos, não é... Há aqueles alunos que são interessados, estudam, praticam, os pais estão envolvidos... Pronto, se é desses alunos que estamos a falar, se calhar, num segundo ano e meio é possível. Também depende da idade deles. Quer dizer... Tenho aqui um exemplo dum miúdo que começou aos oito anos. Aos nove... Portanto, entrou directamente para a terceira iniciação. À quarta iniciação já estava a fazer mudanças de posição. Um miúdo excepcional, com boas capacidades. Tenho outro exemplo: miúdos que entraram com seis anos... agora estão com oito, fizeram os seu terceiro ano. Eu ainda não consegui introduzir as mudanças de posição. Também são miúdos bons... mas ainda estou a fazer... faço muito trabalho de mão direita... antes de começar a... começaram a fazer vibrato... o vibrato, realmente, associo-o às mudanças de posição, para relaxar a mão, também... portanto, já começaram a fazer algum... algum trabalho que... não é, já me prevê que irei fazer mudanças de posição para o próximo ano. Tenho outro que, por exemplo, começou em Janeiro... pronto, é desta escola, agora agrupei-os um bocadinho porque eles vão ao concurso do Fundão na sexta-feira... é um miúdo excepcional, e começou com seis anos, está com sete e prevejo que este ano vai fazer mudanças de posição, pronto... Também é filho de violinistas, quer dizer... ajuda, também, o facto dos pais serem músicos, portanto... Quer dizer, é preciso criarmos uma série de condições para que isso aconteça. Pode ser no final do segundo ano, pode ser no terceiro, pode ser no quarto, muito depende do trabalho que eles estejam a fazer.

10. Em que altura, geralmente, começa a ensinar o vibrato? (João: Portanto disse-me que introduzia o vibrato, geralmente, com as mudanças de posição...)

Sim, embora haja alunos que podem começar mais cedo, também por iniciativa própria, há muitos miúdos que realmente gostam... Lembro-me, quer dizer... a mim nunca ninguém me ensinou o vibrato. E nessa... na minha altura de estudante, ninguém aprendia o vibrato com ninguém, quer dizer, nós víamos os outros e fazíamos... Hoje-em-dia acho que os professores já se preocupam e já têm essa preocupação. Há alunos que pedem, quase... imploram para começar a fazer vibrato. E, geralmente, criam-se condições para começar a fazer vibrato. Têm uma boa posição da mão esquerda, está relaxada, naturalmente o aluno começa a fazer e nós... pronto, ajudamos para que isso aconteça. Não me oponho, não me oponho a que ele faça antes de... acho... não, não... há aqueles professores: "ah, pode fazer mal à afinação, não sei quê..." não... particularmente não tenho essa opinião, quer dizer... gosto... estava a falar deste miúdo, começou o ano passado em janeiro e ele está a fazer vibrato. Esse... esse eu não lhe ensinei: ele fez e está a fazer lindamente, faz muito bem. Portanto é iniciativa dele, não lhe vou dizer para não fazer, como é óbvio. Em princípio será um aluno... lá está, em princípio irá fazer mudanças de posição para o próximo ano, já vejo que a mão está relaxada, já vejo que poderei começar a mexer por ali. E se já faz vibrato... olha, ótimo!

11. O programa que utiliza, é sempre dado na mesma sequência a todos os alunos ao longo da sua evolução, ou vai variando de aluno para aluno?

(Respondido anteriormente)

12. Pode dar exemplos de repertório que geralmente um aluno no final do ano lectivo atinge (por exemplo numa audição final ou prova de instrumento) para o 1º e 4º anos de Iniciação, tendo em conta que estes frequentaram quatro anos de Iniciação?

No primeiro ano... No primeiro ano, muitos deles acabam com os minuetos de Bach... O minuetto I, o II, o III... não sei se conhece... dos livros Suzuki. No entanto, há aqueles que conseguem ir, no primeiro ano, pronto, é difícil mas há quem consiga... ir para o concertino op.11 do Kuchler, ou mesmo ou dos Índios... Pronto, o do Rieding também é possível... em si menor, o op.35... O final do quarto ano, lá está, é um bocado mais complicado porque depende do ritmo do... dos alunos... do estudo.

Entrevistador: mas em geral ...

Em geral... Já conseguem fazer, se calhar, algum repertório com mudanças de posição... simples... Eu... eu não gosto muito... há um concerto que muitos professores dão para iniciar as mudanças de posição... tem lá só duas ou três passagens, mas também podem incluir mais, que é também do Kuchler, que é o op.15, que é ao estilo de Vivaldi... Raramente dou... portanto opto... opto, se calhar, por fazer outros concertos, tipo Seitz op.13... que é todo na primeira posição, mas que posso incluir lá mudanças de posição... Gosto muito do material de um compositor que é o Alberto Curci, que é italiano, tem boas peças, tem a Czarda... também é uma peça que eles poderão finalizar... e pode-se introduzir posições, portanto... talvez... consigam chegar aos Seitz e às... e a este nível de peças: a Elf Dance... que são peças que já... pois, lá está... eu penso muito mais na mão direita do que na mão esquerda... já têm uma série de movimentações, de golpes de arco que... que são interessantes para os miúdos. Mas há aqueles que podem ir mais longe, quer dizer... podem acabar com... já com o Vivaldi em lá menor ou... o Vivaldi em Sol maior op.3... Basicamente, da minha experiência é isso. Quer dizer, não tenho nenhum a tocar o Tchaikovski com... com quatro anos de iniciação!

13. Qual o repertório mais avançado que um aluno seu já atingiu ao concluir a Iniciação?

... Sei lá, por acaso não estou a ver... Tenho aqui este miúdo, o Francisco, que acabou o ano passado com os Vivaldis. Sim, se calhar foi o Vivaldi, o Vivaldi em Sol maior, fez logo o lá menor... Sim, talvez esse... Os Vivaldis, os concertos de Vivaldi.

14. No seu entender, quais as três competências mais importantes que devem ser adquiridas por um aluno de Iniciação ao final do primeiro ano?

Bom, para já... para já, boas posturas... a boa postura das mãos... do corpo... Vamos lá ver... Do primeiro, do segundo e por aí a fora... Eu, eu... costume dizer, e vejo também nos meus alunos, que há... alunos que eu não consigo... não consigo endireitá-los, não consigo... mas eu sou realmente um caso um bocado... obsessiva com as posições. Ao ponto de... preferir que eles estejam a fazer repertório, se calhar, mais simples, para eles se habituar a fazer um movimento de pulso, de dedos, de... pronto, solidificar, consolidar as posições. Na iniciação, para mim, é fundamental. Porque senão, quanto mais tempo passa, pior, quer dizer... não gosto, não gosto nada de ver alunos tortos, vejo-os... também meus, portanto eu estou a falar... também por mim, não é... e portanto perco... perco, acho eu, no bom sentido, bastante tempo com as... com as posições das mãos e do... e do corpo, e do violino, e o relaxamento dos braços, e o... Porque é assim, depois eles não vão conseguir fazer um bom vibrato, não vão conseguir fazer... não é, ter uma boa sonoridade. Gosto que eles tenham uma boa sonoridade desde o princípio, luto por isso, mas é difícil para alunos mais pequeninos, que se sentem... vamos aos poucos, portanto, é natural... eu prefiro, por exemplo, que eles arranhem no princípio do que toquem com um som assobiado. Não... não suporto que o arco ande a dançar. Eles têm que agarrar o arco bem à corda, doutra maneira não conseguem tocar. E a partir daí, vão... vão, aos poucos, doseando, não é... quer dizer, e vendo aquilo que nós vamos pedindo. Portanto, não no primeiro ano... no segundo, se calhar, começo já a pedir... a ter esse cuidado com a sonoridade. A sonoridade, com as posições e ... e pronto, e depois todo o aspecto... vamos lá ver, afinação e ritmo no Conservatório, não... não... nós realmente damos-nos ao luxo, lá está, como lá... de escolher alunos que tenham bom ouvido. Portanto não... não me lembro de estar a perder... talvez com alunos mais antigos, não é... Têm vindo a melhorar, na entrada... estar a... perder algum tempo a estudar afinação. Portanto a afinação e o ritmo, quase naturalmente estes alunos já o têm. E... portanto acabo por começar logo desde o início, depois de ter estas boas bases, começar a trabalhar a sonoridade, começar a desenvolver musicalidade neles, que eu acho que é fundamental.

15. E as três mais importantes ao concluir a Iniciação?

(Respondido anteriormente)

16. Os seus alunos de Iniciação apresentam-se em audições no Conservatório frequentemente?

Sim, uma vez por período... às vezes no segundo período, como é mais longo, consigo fazer uma audição no meio... Gostaria de fazer mais audições, mas isso também impede que eu faça o trabalho... pronto... o facto de se fazer audições todos os meses implica que eles estejam a preparar material muito rapidamente. É bom, por um lado, mas por outro tira-me tempo, não é... Se eles tivessem duas aulas por semana de uma hora, se calhar conseguia. Sendo uma hora por semana é complicado. Portanto eu gosto de fazer uma paragem... paragem não, eles nunca deixam de tocar peças e concertos, sempre... mas gosto de perder algumas aulas a ver a mão, fazer exercícios... Pronto, sem... sempre vendo se a criança está ou não motivada, que eu detesto aqueles que... percebam que estão a fazer exercícios. Tento incluir os exercícios, sei lá... até os estudos, eu tento que sejam estudos musicais, melódicos, muito engraçados, quase como peças. Dar repertório chato... eu própria digo... dou-lhes a escolher "olha, temos aqui este estudo, este e este" e eu ponho-me a tocar, não... "deixa lá ver qual é que é o mais giro", e eu ponho-me a tocar... "ei, pá, este é muita mau! Ei, pá, é feio, não é – é, é!" "Então vamos para o outro é mais giro, mais interessante..." Portanto, para eles perceberem que... tem que haver música! Tem qualquer... nem que seja na escala,

no arpejo, tem que haver sempre música. E para mim é fundamental que eles... que eles sintam isso, pronto. Portanto... Ei, pá, já não me lembro qual era a pergunta. Era a do...

Entrevistador: portanto, se os seus alunos se apresentam em audições ...

Era a das audições, sim, sim...

16.1 No primeiro ano, por volta de que altura fazem a primeira apresentação pública? Porquê?

Ah, isso fazem logo no... Junto com os outros, portanto no... Se no primeiro período há uma audição, eles também se apresentam. Nem que seja a tocar cordas soltas. Não tem acontecido, acabam sempre por tocar alguma coisinha. Também tem acontecido tocarem... olha, aquelas primeiras peças do meu livro que têm cordas soltas, o professor acompanha. Portanto... nem que seja isso.

17. Quais os aspectos mais importantes que tem em conta quando realiza a avaliação neste nível de Iniciação?

A avaliação... Isso é uma pergunta chata, porque não... a avaliação sempre foi uma coisa que eu nunca gostei de fazer... Avaliação assim por notas, não é... é... esse tipo de avaliação, é isso? Porque eu... eu avalio-os pelo... pelo seu... pelo ritmo de trabalho, pelo seu estudo, pela... o progresso que eles estão a fazer, não é... Pronto. E isso equivale a uma nota, com certeza... Mas... Se calhar... Vamos lá ver: dizer que... que um aluno que tem facilidade e que consegue bem fazer as coisas... dizer que o trabalho está em primeiro lugar... ponho o trabalho sempre em primeiro lugar em relação ao resto... eu estaria a mentir, portanto... Eu sei que o trabalho é fundamental, e eu, inclusive, dou... chego, às vezes a dar, e acontece muitas vezes... a dar um... uma avaliação mais positiva a alunos que, se calhar, até nas audições não conseguem corresponder àquilo que eu quero. Nas aulas conseguem mas nas audições, pronto... enervam-se, ou... aparece sempre qualquer coisa... ou nas provas... e nunca conseguem mostrar aquilo que... aquilo que eles valem. E eu não... não os penalizo por causa disso. Tento... claro que, se calhar, há-de haver uma altura que eles vão ficar penalizados por causa disso, mas... mas tento que, realmente a avaliação seja contínua e que, e que... eu avalio o trabalho que eles fazem, que eles me fazem à frente. E eu sei o que é que o aluno vale, e... e sei que ele trabalhou... para aquilo, e portanto o trabalho, claro que é fundamental. Mas... nós todos sabemos que há alunos que, por muito que trabalhem, não chegam lá. Por muito que trabalhem, quer dizer... chegam, e tocam, mas... Falta-lhes qualquer coisa, não é... Essas... essas avaliações, para mim, são as mais complicadas, porque os alunos não percebem, os alunos não percebem porque é que estão a ter... nunca chegam a um 5, por exemplo, numa avaliação de 1 a 5. Nunca chegam a 5... E é complicado de explicar, quer dizer... portanto, não sei se respondi... A avaliação é um assunto muito delicado. Eu acho que é um assunto muito delicado. E no... em tudo o que tem a ver com... com as áreas artísticas... é pá, quer dizer... o que é que... o que é que no fundo avaliamos, se é o talento, se é o trabalho, não é... É... é aqui sempre esta dicotomia, quer dizer, não é... eu tento sempre, muitas das vezes, pôr o trabalho em primeiro lugar. Mas há alunos que... não é... que a gente nunca sabe bem o que há-de fazer.

18. Algum aluno seu de Iniciação já participou num concurso de violino?

... De iniciação do Conservatório... sim, acho que foi só de Iniciação, exactamente... a outra... a Mafalda foi já o primeiro grau. Portanto de iniciação tenho um que participou... em dois concursos, no concurso Capela e no concurso Jovens do Conservatório, que é um concurso para os Conservatórios todos, para as escolas públicas. Pronto... No Capela do ano passado teve uma Menção Honrosa, e deste ano passou à final, mas não... não ganhou prémio... E vou levá-lo ao Fundão, juntamente com mais uma aluna de Iniciação, também. Portanto ele já... ele já não está na iniciação. Este menino... este

miúdo... não, o deste ano foi primeiro grau, portanto já não estava na iniciação. O concurso Capela ainda estava na iniciação, estava no quarto de iniciação. Este ano levo outra miúda... uma aluna... que é do terceiro ano de iniciação... ao nível dos oito anos, pronto, até aos oito anos no concurso do Fundão. E levo o aluno que já tinha levado, mas já é com dez anos... o nível dez anos... também para o concurso do Fundão. E tenho mais um aluno, mas é aqui da escola de Linda-a-Velha, que também vai participar com sete anos. Então... começou em Janeiro, portanto... São miúdos especiais, e têm que, realmente, ter um certo perfil, é o que eu acho, para participar num concurso. Embora sem bom, também... eu, pessoalmente, não gosto muito de concursos, mas gosto do trabalho que se faz até lá. Gosto de fazer um trabalho intensivo com eles. Duas semanas quase a terem aulas todos os dias, dia sim dia não... e eles evoluem imenso. Em duas semanas vê-se a evolução. Esta audição que eu fiz ainda agora foi precisamente para... para finalizar esse trabalho, e na sexta-feira irão tocar no Fundão. E... e aquilo que eu expliquei, precisamente, aos pais é que o Fundão é... é a cereja no bolo, quer dizer, ou tem ou não tem... o que interessa é realmente o bolo, o trabalho que está ali, não é... É sempre aborrecido quando eles perdem, principalmente os mais pequeninos, não é... podem ficar desmotivados. E é essa parte do concurso que eu... que eu não gosto. Embora eles tenham que se preparar, também concordo com isso... isto faz parte da vida, em todas as áreas: há os sims, há os não, há... quem nos bata a porta na cara, e portanto a gente tem que se habituar. Mas custa-me, pronto, os pequerruchos, pronto... eu tenho sempre, não é, aquela... aquela... trato-os como filhos, e custa-me vê-los sofrer de alguma maneira... Pronto, mas... no dia a seguir há-de passar, e volta tudo ao... ao mesmo. Há alguns que motivam... que até se motivam quando perdem... "é pá, para o ano vou tentar outra vez!", e tal... Isso é... nós claro... eu, e... conto sempre com a ajuda dos pais... tentamos... dizemos... exactamente, quer dizer, que... não interessa tanto o prémio, interessa é participar, fazer o melhor e portanto, estou farta de dizer isto, nestas duas semanas estive a preparar estes alunos e estou farta de dizer isto... Mas é sempre inevitável, não vale a pena estar aqui a dizer... "há e tal... perdeu, é pá, ficamos na mesma...". Não, mesmo o professor fica chateado, fica triste, "é pá, bolas, este miúdo, ou porque não tocou tão bem como nós esperávamos, ou porque tocou bem mas, claro, houve outros alunos a tocar melhor, ou porque, realmente, sentimos que houve alguma injustiça, e aí sim, é chato... pronto, ficamos sempre com aquele sabor amargo na boca. Portanto... "é pá, se ele tivesse levado ali uma menção honrosa, já ficava contente...". Pronto, é sempre aquela sensação... Mas... pronto, faz parte da vida.

18.1 Se sim, em qual? Ganhou algum prémio?

(Respondida anteriormente).

19. Tendo em conta os contornos actuais do curso de Iniciação no Conservatório, na sua opinião, que aspectos considera positivos e os que poderiam ser melhorados?

... Positivos... Há aqui um tempo atrás não existia iniciação no Conservatório, portanto o facto de existir... o simples facto de existir, já é muito bom... e de ter vindo... de terem vindo para... para o Conservatório Nacional uma série de... de professores... jovens, com boas dinâmicas e cheios de energia... deram ao Conservatório uma vida que não existia aqui há... há 15 anos atrás ou... Comecei a ver alunos a tocar bastante. Eu própria... confesso que senti "é pá, estes miúdos já têm aqui uma pedalada...". E senti-me... senti que isso me motivou, também, e... e fez com que eu... "pá, temos que puxar de outra maneira"... portanto... eles respondem, e vamos trabalhar para que eles respondam mais... e... e por aí a fora. Por outro lado, sinto que, por termos, realmente, uma boa entrada de alunos, digamos assim,... que os miúdos... há outro, há outro verso da moeda, quer dizer... que são puxados demais. Sinto que há muitos... pode haver alunos... e também falo por mim, que se calhar posso cair nesse... nesse... pronto, ir um bocadinho atrás. Que é o facto de... de se dar logo demasiado material, ou material muito difícil a estes miúdos. E portanto o que eu sinto, o que eu vejo, às vezes, é que há miú... há muitos miúdos que... que poderiam estar a fazer um repertório um bocadinho mais simples... lê está, consolidar um bocadinho mais certas coisas, do que, de repente, aparecerem a tocar já tudo e mais alguma coisa... pronto, que os motiva, também, não

é... mas isso acho que também a ver com a dinâmica da classe, não é... todos nós nos contagiamos com todos. É um bocado assim, os próprios miúdos contagiam-se e contagiam-nos, portanto queremos sempre dar mais, e acabamos por... também falo por mim... se calhar um bocadinho por cair nesse erro. "Aqueles chegam ao primeiro grau já a tocar não sei o quê...". Pronto, ir com calma... Aspectos negativos, tirando esse, mas que tem a ver, não pelo acto de existir, ou não existir, ou ser... tem a ver com a dinâmica do grupo. Não... quer dizer, assim de repente não me lembro. Porque lá está, também sou uma professora de iniciações, e talvez devesse haver um... lá está, isso uma coisa também que eu tenho andado a bater... uma... mais rigor nos testes de admissão... uma série de, de... de exercícios mais específicos... para as iniciações, mas... de resto não, quer dizer... as iniciações hoje-em-dia no Conservatório já fazem parte de, da vida do Conservatório, já participam na Semana Aberta, participam em... participam nuns ateliês que eles têm, fantásticos, de, de, de... expressão dramática, e não sei quê... quer dizer, já há orquestras para tudo, já há grupos para tudo, portanto as iniciações também já fazem parte... e quando entram para o primeiro grau já... já têm ali uma boa... uma boa bagagem. Portanto, não estou a ver assim grandes aspectos negativos, só vejo positivos... E já está!

Entrevistador: Muito obrigado!

Entrevista
Professor B

1. Tendo em conta o processo de admissão actualmente vigente, devido ao reduzido número de vagas, acha que estas provas, na sua opinião, demonstram que os alunos admitidos na sua classe de Iniciação têm “aptidão musical”? Porquê?

Normalmente sim. Normalmente as provas correm bem. Os meninos são primeiro submetidos a uma prova de iniciação musical, onde passam por ela primeiro, depois passam pelos professores de instrumento. Normalmente pode haver erros ao contrário. Às vezes crianças que naquele dia não estavam para aí viradas, não se queriam portar bem, estavam cansados, estavam com sono, estavam chateados, e, de vez em quando, pode acontecer efectivamente alunos bons ficarem de fora. Normalmente os que passam são realmente miúdos com condições, evidentemente, nenhuma prova é perfeita, não vou dizer que não... já houve uma ou outra situação mas nada de significativo, digamos que havia muito mais erros antigamente. Graças às reformas e... pensadas e repensadas e refeitas e alteradas, penso que chegamos a... a uma altura em que... bom... há... é o melhor que temos conseguido fazer, pelo menos acho que esgotamos para já a imaginação, e portanto, se... se cre... sem injustiças eventualmente sim, mas digamos, não é o significativo como antigamente.

Entrevistador: E relativamente aos alunos admitidos na sua classe?

Até agora tem... tem corrido... nestes últimos anos deixei de ter problemas. No princípio quando entrei sim, tinha realmente alunos que tinham graves problemas, mesmo de... mesmo psico-motores aliás, alunos que não... que a estudar música deveriam estudar com pessoas especializadas para casos assim, que não é de todo o meu caso. Portanto, hoje em dia, devo dizer que deixei de ter casos difíceis em termos de aptidão, depois eu tenho outros, tenho alunos preguiçosos, mas... relativamente à aptidão musical deixei de ter.

2. Os alunos admitidos na sua classe de Iniciação, na sua maioria, já tocam violino antes de entrar para o Conservatório?

Preferencialmente não. Eu tenho... eu prefiro de longe ter alunos que venham do zero, embora... bom... quer dizer, este ano... este ano tenho uma aluna, entrou uma aluna que já sabia tocar... mas... bom, prefiro alunos do zero, prefiro saber como funcionar de raiz, prefiro ser eu a corrigir coisas... erros meus... bom, é uma opção pessoal.

3. A maioria dos alunos que iniciam a aprendizagem do violino consigo conclui o curso de Iniciação e transita para o 1º grau ou anulam a matrícula antes de concluir este nível?

Normalmente costumam seguir. Na média a maioria esmagadora costuma seguir, pelo menos até ao quinto grau, eu tenho uma maior desistência no quinto grau.

4. No primeiro ano de Iniciação, que actividades desenvolve com o aluno na primeira aula de violino?

Na primeira aula de violino? Imediatamente exercícios com o arco, passo bastante tempo a fazer exercícios de arco, portanto será por aí. Depois eventualmente se haver tempo... pronto, o tentar descobrir onde encaixar o violino. Mas normalmente é mais o arco, brincadeiras e...

5. Utiliza o recurso de partitura com os seus alunos desde as primeiras aulas?

Sim. Sim. Parte da aula, como eles não aguentam noventa e cinco minutos com o arco... faço escrita e leitura de... de notas e de símbolos musicais. Portanto e utilizo sempre partitura.

Entrevistador: E por algum motivo especial?

Porque... eu só admito alunos com seis anos, não tenho formação nem tenho aptidão para alunos mais novos... não sou capaz. Portanto considero que conseguem ler logo e... Portanto eu... o que não significa que não trabalhe a memória eu trabalho os dois aspetos, simultaneamente.

6. Na ausência de um programa oficial definido para o curso de Iniciação, acha que seria mais positivo haver um programa definido oficialmente ou é preferível a inexistência de programa, dando mais liberdade ao professor? Porquê?

Eu considero que não haver programa não dá liberdade alguma, dá pelo contrario um caos enorme e afinal a pessoa não... anda completamente desorientada. Eu acho é importante sim haver um programa. Nós temos e na ausência acho importante a classe reunir-se e fazer um programa. Depois pode não se... pode... pode segui-lo somente para as provas... apresentar qualquer coisa que esteja definida na prova. O que eu quero dizer é que não esteja preso ao programa se tiver um aluno mais avançado é... deixa-lo andar, se tiver um aluno com mais problemas não o obrigar, não o obrigar a ter que seguir forçosamente aquele programa. Mas pelo menos o programa tem que servir para orientar, para saber por que caminho irmos. Acho fundamental, e esse... o programa, pelo contrário, dá liberdade.

7. Que repertório utiliza, no primeiro ano de Iniciação?

Dou dois. Dou o Mackay, o... "First Violin Tutor", só dou o primeiro volume, não dou o segundo e o... livro da Mariline Brito "O meu primeiro violino" "O primeiro ano de violino"...

7.1 E nos anos seguintes?

Nos anos seguintes ora bem... dou... depois desses dois dou... entro com Wohlfahrt e começo os concertinos do Kùchler, tanto onze como... o quinze mais tarde, dou o... Rieding opus trinta e cinco, dou o concertino... o concertino do... dos Índios do... aí como é que ele se chama? Perlman. Embora, quer dizer, o repertório não dou o mesmo a todos os alunos, é por aí. O Wohlfahrt, sim, dou a todos, depois dou parte do Kayser a todos, depois transito para o Kreutzer e quem aguenta o Kreutzer depois aguenta o Dont... e aguenta o resto. Mas é o percurso que faço.

8. Utiliza escalas e estudos neste nível de ensino?

Sim sim sim. Sim... Que... que eu faço.

Entrevistador: E desde o início?

Sim. Sim sim sim.

Entrevistador: Alguns exemplos. Já disse o Wohlfahrt, o Kayser... anda por aí não é?

Sim.

8.1 Se sim, geralmente a partir de que altura? Dê alguns exemplos.

(Respondido anteriormente)

9. Em que altura geralmente, na sua pedagogia, começa a ser exigido repertório com mudanças de posição?

Normalmente quando vão a meio do... do Wohlfahrt costumo inicia-los e... costumo iniciar ao mesmo tempo o vibrato, vibrato e mudanças. Mais ao menos na mesma altura.

Entrevistador: E isso acontece mais ao menos porque altura? Em média geral.

Normalmente, quando a... quando corre bem, talvez no terceiro ano de iniciação. Quando correr bem, mas não... mas penso que não é grave se... se for depois. Entram para o primeiro grau, quem fez o... quem fez o... a iniciação toda entre para o primeiro grau a vibrar, ou pelo menos no processo de aprendizagem.

10. Em que altura, geralmente, começa a ensinar o vibrato?

(Respondido anteriormente).

11. O programa que utiliza, é sempre dado na mesma sequência a todos os alunos ao longo da sua evolução, ou vai variando de aluno para aluno?

(Respondido anteriormente).

12. Pode dar exemplos de repertório que geralmente um aluno no final do ano lectivo atinge (por exemplo numa audição final ou prova de instrumento) para o 1º e 4º anos de Iniciação, tendo em conta que estes frequentaram quatro anos de Iniciação?

Ora bem, para a... para as audições... quer dizer, um aluno de primeiro ano de iniciação poderá tocar uma peça semelhante ao... sei lá... equivalente ao Suzuki "A Tia Rosa", por aí, no mínimo. No mínimo sim... deverá tocar isto. Quem... quem termina... Depois depende olhe, eu tenho um aluno de quarto ano de iniciação que está a tocar o

Concertino Húngaro de Rieding mas é um caso excecional, não vou estar à espera que todos toquem, mas pelo menos o Rieding opus trinta e cinco, pelo menos. Se... se fizer quatro anos de iniciação e não tocar mais que isto... penso que alguma coisa correu mal.

13. Qual o repertório mais avançado que um aluno seu já atingiu ao concluir a Iniciação?

(Respondido anteriormente).

14. No seu entender, quais as três competências mais importantes que devem ser adquiridas por um aluno de Iniciação ao final do primeiro ano?

As competências... obrigatoriamente têm que ter uma boa mão direita, tem que ter. Penso que é um caso perdido, nunca tocará violino se não tiver uma boa mão direita e corrigir uma mão direita é um inferno. Porque... aliás porque não é difícil a mão direita, é uma questão de lógica, é... tudo funciona basta perceber qual é a função de cada dedo, e quando não perceberam isso... bom... é... Depois a afinação, têm que tocar afinado, é trabalho do violinista é... encontrar cada nota. E por fim a terceira e sim por ordem... uma mão esquerda a funcionar bem. Não é que seja muito importante mas... quando vejo uma miúdo olho para a mão direita e oiço.

15. E as três mais importantes ao concluir a Iniciação?

São as mesmas.

16. Os seus alunos de Iniciação apresentam-se em audições no Conservatório frequentemente?

Sim.

- 16.1 No primeiro ano, por volta de que altura fazem a primeira apresentação pública? Porquê?

Faço logo. Faço logo... Seja cordas soltas... acho que eles têm que se habituar... é tão difícil tocar em público, mas vale habituá-los numa altura em que... que são inconsciente, vamos dizer assim, em que não...

Entrevistador: Portanto, é logo no início do ano letivo?

Sim. Sim.

- 16.2 Em média, quantas vezes cada um dos seus alunos de Iniciação apresentam-se em público anualmente?

Três ou quatro vezes por ano.

17. Quais os aspectos mais importantes que tem em conta quando realiza a avaliação neste nível de Iniciação?

Os pais. Se... se... se colaboram... quer dizer, uma criança de seis anos não vai pegar no violino se não tiver... portanto... normalmente... falo sempre... sempre com os pais, falo... relativamente à avaliação, falo pouco com eles, porque eles não percebem, porque... e ainda bem que não percebem. Portanto é... é o trabalho feito em casa e o acompanhamento dos pais e... e a frequência no estudo e... como eu planifico muito bem o estudo em casa, aposto muito na maneira como eles devem estudar em casa, é bom é, se os pais cumpriram com aquilo que fiz. Isso digamos, nos dois primeiros anos responsabilizo os pais, avalio os pais.

18. Algum aluno seu de Iniciação já participou num concurso de violino?

Eu acho que sim... mas desisti... desisti não... Desisti porque... porque os Suzukis... arrasam... como eles têm uma metodologia muito rápida inicialmente, e a qual eu não concordo muito porque não... muitas vezes, quer dizer, a rapidez inicial é catastrófica mais para a frente. Portanto, normalmente agora aposto mais nos dez anos. Mais para a frente.

- 18.1 Se sim, em qual? Ganhou algum prémio?

No Capela, no Fundão, no do Alto Minho. Mas não... mas... de iniciação não ganharam. Não. Mais à frente sim, mas as iniciação... as iniciações não.

19. Tendo em conta os contornos actuais do curso de Iniciação no Conservatório, na sua opinião, que aspectos considera positivos e os que poderiam ser melhorados?

Bem, positivos acho que se conseguiu subir muito o nível. Portanto realmente essa... esse esforço constante de rever ano após ano a... o programa e os conteúdos... e a correção de erros o... o assumir que não é perfeito e vamos melhorar, isso realmente é tem feito... tem... em oito anos é incrível o que o nível subiu. Eu posso dizer que os meus alunos de oitavo grau, sem exagero, prometo que isto é verdade, mas têm um nível de grande parte dos meus colegas que se licenciaram no meu tempo. Eu tenho alunos a tocar Mendelsson a tocar... um está a preparar o Tchaikovsky, quer dizer, era impensável isso à uns anos atrás. É repertório superior e... tocam-no e tocam bem, não é... não é repertório forçado. Portanto sim, isso realmente foram pontos muito... muito favoráveis para o Conservatório. A... quer dizer, atenção, a minha classe e não é só a minha classe, há muitos alunos a tocar bem e... e o que também... isso graças realmente a uma troca de informações e troca ajuda entre a classe. Acho que a classe de violino realmente é uma classe porreira, é uma classe que funciona muito bem no Conservatório. Portanto sim, isto é o ponto mais positivo. O que se pode melhorar, quer dizer... neste momento, não sei se é por serem onze da manhã ainda, em dia de greve, quer dizer, eu acho que há sempre tudo por rever, acho que não... O quê, o que é se pode melhorar? Pode-se melhorar... talvez... quer dizer, é iniciação só não é? Na iniciação eu acho que as coisas não estão mal, há pontos mais para a frente, a... a maneira como se trata o supletivo a... em relação ao integrado. Mas a iniciação... olha eu não sei. Mas... o que... o que não quer dizer que nos vamos encostar e... e considerar que está sempre bem. Haverá sempre pontos, digamos que estamos sempre abertos a melhorar, sempre. É isso.

Entrevistador: Obrigado.

Nada. Espero ter ajudado. Relativamente à última pergunta, é um aspeto muito pessoal e eu tenho consciência que não é a minha opinião que vai mudar. Portanto, é uma opinião pessoal e... mas que terei que me habituar a... a discordar com ela ano após ano. Não... a minha experiência diz-me que aos seis anos, não é a melhor altura para começar a... a tocar. Eu seria de opinião a ter que mudar, mas teria que mudar muito. Seria o primeiro ano eles já terem escolhido o instrumento, primeiro ano iniciação musical e começar aos sete anos. Eu senti que os meus alunos, que é aos sete anos que eles arrancam, no primeiro ano, com a entrada para a escola, com a... com o terem que se habituar aos trabalhos de casa, com aquele horário, com não poder faltar à escola de modo algum, quer dizer, eu sou mãe, também eu sei a diferença que é passar da pré para a primária. Portanto são uma série de hábitos e de repente mais o violino, é informação, é muita informação para a criança que fica, nitidamente exausta. E eu tenho tido resultados muito melhores, aliás, os alunos que começaram, que estão a terminar, um começou aos sete o outro começou aos doze, é um caso excepcional é verdade... mas a maioria não começou aos seis anos. Portanto eu tenho... resultados melhores com os alunos que começaram aos sete. É evidente, eu não acredito que vá, que vá mudar alguma coisa a minha opinião, mas a ter que mudar, se eu pudesse decidir alguma coisa decidia nesse sentido de dar... no primeiro ano formação musical e... praticar o ouvido e aprenderem a gostar de música e acharem aquilo divertido, e, só aos sete anos, portanto a parte... motora, o pegar no instrumento e... poder falar de... uma criança tem uma maturidade muito diferente aos seis e aos sete. Falar de... falange do mindinho aos seis anos... mas aos sete anos já começam a... a perceber outras coisas... Portanto, eu por mim começava o instrumento sempre aos sete anos.

Entrevista
Professor C

1. Tendo em conta o processo de admissão actualmente vigente, devido ao reduzido número de vagas, acha que estas provas, na sua opinião, demonstram que os alunos admitidos na sua classe de Iniciação têm «aptidão musical»? Porquê?

Eu acho que é sempre muito difícil dizer se eles têm aptidão musical ou não, porque as provas pelos menos que nós fazemos no Conservatório, são de duração muito curta. Os miúdos entram, nós temos cerca de 5 a 10 minutos, fazemos testes básicos, a ver se têm coordenação motora, se têm... se conseguem cantar afiando, se têm noção de afinação, se têm noção rítmica e até que ponto têm sensibilidade, eles não cantam uma melodia quando não tocam um instrumento. É um bocado difícil ver isso numa hora principalmente, numa hora, lá está, numa hora de prova, eles têm de 5 a 10 minutos. É muito difícil, eu acho que não é fácil, nós acabamos sempre por escolher aqueles que demonstram mais... mais, lá está, mais parâmetros que nós consideramos que são precisos para fazer um... pelos menos um ano de violino, normalmente preferimos pessoas que saibam o que é afinação, consigam cantar afinado, que é para depois... o... o violino não tem referencia para ajudar nesse sentido... Mas não sei, lá está, há miúdos que têm essas características e depois acabam por ou não serem musicais ou não terem grande interesse, depois depende como se vai desenvolver, tanto que já dei aulas a miúdos, mesmo na Casa Pia por exemplo, que estavam a iniciar, pronto não sei se se enquadra nas idades de iniciação, mas estavam a iniciar, não tinham ouvido nenhum e de repente desenvolveram o ouvido. Lá está, são coisas diferentes, acho que é difícil numa hora verificar essas coisas, a não ser um caso mesmo óbvio.

Entrevistador: E também a estrutura da própria prova, que não é só também o momento, como é que fazem a prova não é? O modelo de prova.

Sim, quer dizer, lá está, para aqueles miúdos que já tocam, eles acabam por tocar para nós e nós acabamos por ver algumas coisas, mas, mesmo assim, tu falaste aí de... se eles tinham aptidão.

Entrevistador: Sim, se são provas de aptidão se os teus alunos, quando entram para a tua classe, depois dessa prova e iniciam, se notas que esta provas realmente demonstram que têm aptidão, se os teus alunos, que entram para a tua classe, têm essa aptidão.

Alguns deles têm mas, lá está, há sempre margem para aqueles que... lá está, não são provas muito precisas, às vezes se calhar, lá está, como o ser humano é um ser complexo, aquelas pessoas que não têm algumas capacidades desenvolvidas, vão ter prestações piores e outras que já têm algumas desenvolvidas, mas que não têm tanta facilidade para isso, vão ser superiores, logo, se calhar pessoas que eram potenciais violinistas, às vezes acontece, podem ficar para trás. Mas lá está, isso é porque as provas são muito rápidas, na verdade, não dispomos de muito tempo... Não sei, temos tido bons resultados, há miúdos que são muito óbvios, mas há outros que nem por isso, e nós às vezes também tentamos dar uma oportunidade, tendo em conta por exemplo a... a força de vontade que o aluno demonstra numa prova, quando nós interrogamos se ele vai ter vontade de estudar todos os dias porque é que ele escolheu o instrumento, normalmente se não foram os pais que lhes disseram para ir para lá, normalmente é preferencial porque demonstra que é mesmo ele que quer e é da sua vontade e do seu interesse que depois vá estudar todos os dias no ano a seguir. Em termos de resultados depois de iniciação, digamos que daqueles alunos que eu recebi, há uma satisfação de 80% em termos de miúdos que vieram realmente a desenvolver entre o bastante bem e o muito bem e há claro aquela percentagem de alunos que escapou.

2. Os alunos admitidos na sua classe de Iniciação, na sua maioria, já toca violino antes de entrar para o Conservatório?

Não, aqueles que vão para o primeiro ano, porque nós fazemos vários, fazemos admissão para o primeiro, iniciação, para o segundo, para o terceiro e para o quarto, normalmente aqueles que vão para o primeiro não tocam, salvo raras exceções, eu nunca recebi nenhum no primeiro ano que tocasse. Os do segundo ano, alguns não tocam e outros podem tocar, eu nunca recebi um desses casos, no terceiro e no quarto é mais apertado por causas das provas que são próximo. Normalmente nós preferimos aqueles que já tocam, mas se for um miúdo cheio de vícios e de defeitos, normalmente não aceitamos. Eu nunca recebi um aluno que tocasse por isso também não sou o melhor exemplo para falar sobre isso, mas a maior parte deles não tocam e isso às vezes nem se quer é eliminatório, por exemplo, um aluno que toque e que esteja muito tenso e essas coisas todas, muitas vezes é, e principalmente se já tocar à muito tempo, e se não estiver tocar assim nada de especial, prefere-se outro aluno que uma pessoa depois acaba por lhe expor o violino para ele experimentar e se ele demonstrar que anatomicamente conhece e sente-se confortável e fazemos testes mesmo com o arco por causa da coordenação motora, se esse aluno mostrar vantagem é preferido, obviamente.

3. A maioria dos alunos que iniciam a aprendizagem do violino consigo conclui o curso de Iniciação e transita para o 1º grau ou anulam a matrícula antes de concluir este nível?

Não, nenhum deles anulou... Não, tive casos que anularam a matrícula, muito poucos, penso que só um. E um caso que anulou a matrícula porque, lá está, mais uma vez porque provavelmente escapou nas provas de admissão a falta de gosto próprio e era mais uma pressão dos pais e aquilo não estava a fazer bem por isso foi o melhor a fazer. Mas a maior parte deles que conclui, mesmo este ano.

Entrevistador: Portanto, concluem a iniciação e fazem a prova de acesso para o primeiro grau e passam.

4. No primeiro ano de Iniciação, que actividades desenvolve com o aluno na primeira aula de violino?

Normalmente faço uma aula diagnóstico, tento saber o que é que eles sabem, o que é que eles não sabem, para saber com o que é que posso contar, faço jogos sem o violino de coordenação motora, das duas mãos para ver até que ponto eles conseguem... lá está, até que ponto está desenvolvida a divisão das duas coisas, porque é mais fácil se eles perceberem que são duas coisas à parte. Eu acho que é um dos grandes erros e que depois passa para o nível complementar que é eles associarem as duas mãos, quando quero fazer forte faço força na mão esquerda e essas coisas. Faço um bocado desse exercícios que são imediatos e que lhes dão, lá está, o "prémio" imediato, como eles não podem tocar e como é um processo chato, o processo de iniciação, tenta-los sempre manter motivados e nesse sentido a primeira aula é uma aula na qual eu introduzo alguns conceitos que eles podem captar logo, como por exemplo, mesmo a leitura das notas muito simples e que seja muito estimulante e trabalhar aspetos que vão ser fulcrais na aprendizagem do violino sem que eles tenham noção que os estão a aprender.

Entrevistador: Portanto eles não... tocar na primeira aula...

Não, a maior parte deles não, tanto que temos o problema do violino, na primeira aula eu tento ver qual é o tamanho do violino e só depois é que eles vão comprar, por isso provavelmente, a partir só da segunda e da terceira aula é que... claro se eles já tiverem os violino na primeira aula faço uma primeira abordagem mas o que me tem acontecido neste anos é que eles não têm o violino na primeira aula nunca.

5. Utiliza o recurso de partitura com os seus alunos desde as primeiras aulas?

Sim, nem que não seja, obviamente eles ainda não tocam, eles começam com cordas soltas durante algum tempo, mas não tocam, e eu considero que é muito bom que eles associem logo desde o início a partitura às notas que estão a tocar que eles visualizem também, que depois vão precisar disso, e ensino-os a ler, eles leem as notas, vão lendo progressivamente, mando-os fazer cópia de algumas partituras, eles ficam a saber o que é a clave se sol e depois isso vá dependendo à medida que o aluno vai avançando, se realmente conseguir assimilar as coisas eu dou-lhe mais material. Mas sim, acho que é fundamental, acho que depois, um aluno que aprenda a tocar de ouvido e depois recebe uma partitura, acho que passa por um período de desmotivação que não vale a pena. Porque é difícil, já está habituado, é quase como se uma ave estivesse habituada a voar e de repente lhe pusessem, sei lá, dentro de uma gaiola. Não pode avançar sem conseguir associar e acho que isso deve ser frustrante principalmente para aqueles que não têm muita paciência e mesmo aqueles que têm penso que... nunca fiz isso, nunca precisei de o fazer, mas acredito, lá está, porque acredito sempre fiz isso com os meus alunos, mas acredito que é um bocado frustrante.

6. Na ausência de um programa oficial definido para o curso de Iniciação, acha que seria mais positivo haver um programa definido oficialmente ou é preferível a inexistência de programa, dando mais liberdade ao professor? Porquê?

Na iniciação acho que é melhor não haver programa. Acho que é melhor haver conceitos básicos que devem ser contemplados na iniciação, como por exemplo, a postura... e a postura... tanto em palco, o à vontade em palco, como a postura instrumental o relaxe. Lá está, todas aquelas coisas que vão ser essenciais para que depois a partir de um primeiro grau eles possam evoluir bastante bem. Considero por exemplo que, como são miúdos numa fase transitória, mesmo em termos de responsabilidade, eles vão para o primeiro ano de escola. O primeiro para alguns é muito complicado, a adaptação toda, eles de repente se vêm subjugados a um programa que têm que cumprir é muito stress a mais, é o stress de começar e o stress todo, fora aqueles que começam no segundo e alguns começam no terceiro, já houve casos que começaram no terceiro e tiveram sucesso e outros que começaram no quarto, como essa miúda que te falei, da Joana – começou nos últimos meses do quarto ano e entrou, foi assim uma evolução imensa. Não defendo, mesmo que, imaginemos, um aluno que, às vezes há um aluno que entra no primeiro ano que ainda é muito infantil, lá está, a transição, e depois tu comesas a falar com ele sobre conceitos técnicos e não sei quê, e eles não conseguem assimilar logo mas no segundo ano de repente dá um salto e ultrapassa, imaginamos, se nós tínhamos metas definidas para o primeiro, segundo, terceiro, quarto ele pode não fazer no primeiro mas no segundo até pode ultrapassar o terceiro, imaginemos, qualquer coisa assim. A maturação do cérebro acontece muito nessa faixa etária, principalmente a das raparigas é mais rápida, por isso se fôssemos pela parte científica estávamos a privilegiar as raparigas em detrimento dos rapazes, porque é a parte da faixa etária onde a maturação do cérebro se dá. Não defendo que haja um programa.

7. Que repertório utiliza, no primeiro ano de Iniciação?

Normalmente costumo apoiar-me em algumas peças do método Suzuki porque acho que está muito bem conseguido, mesmo todos os manuais do método Suzuki apoio-me em algumas musicas mas não na ordem em que estão, às vezes salto, outras vezes vou à frente e venho atrás, depende daquilo que o aluno precisar de trabalhar, depende se eu o posso motivar, por exemplo, um aluno que tenha muitas dificuldades não vou saltar musicas, imaginemos, se ele está na “Estrelinha” não vou saltar logo para o “Moto Perpetuo”, tenho que dar algumas que é para ele ver que realmente até conseguiu ler um música, tento jogar a construção técnica com a construção da motivação e utilizo normalmente essas músicas. Depois quando ele realmente mostra muito trabalho e quero assentar algum aspeto técnico, dou-lhe um estudo doutro, ou Schradieck às vezes que tem muita repetição que é para ele ir trabalhando, lá está, complementos. Mas penso que está muito bem conseguido, mesmo a posição da mão com o dó sustentado, um primeiro dedo e os outro dois juntos para começar.

7.1 E nos anos seguintes?

Nos anos seguintes depende da evolução do aluno. Normalmente eu utilizo o método Suzuki mais ou menos... não é seguido mas...mas costumo usar o primeiro e o segundo livro, até mais ao menos chegar as alterações, assim que eles têm as alterações assimiladas começo a dar outro reportório que não tem nada à haver. No caso por exemplo de dois alunos que eu tenho este ano, aqueles que já te falei à pouco, evoluíram muito rápido, acho que são alunos que já dominam muito bem a primeira posição, não teriam maturidade suficiente para assimilar alterações mais específicas do que por exemplo dó natural, imaginamos o primeiro dedo baixado para o si bemol acho que eles ainda não conseguiram atingir esse grau de complexidade, mas dentro daquilo que eles conhecem eles podem fazer muitas variações, por isso, por exemplo saltei para o Concertino de Rieding, para o Kuchlér, que não é no fundo um salto, é a mesma linguagem mais complexa, enquanto que outros, por exemplo um aluno que demore muito no primeiro e no segundo ano de iniciação depois, dentro daquilo que ele conhece, pode até não mudar de posição, dentro daquilo que ele conhece tem de começar a pôr o primeiro dedo para trás, o quarto dedo para trás ou fazer uma extensão ou outra, depois vai dependendo. Mas assim a base acaba por ser o primeiro e o segundo livro, não por ordem, e depende o que é que eles possam fazer, e às vezes com outras coisas complementares. Mas lá está, como tudo depende da evolução do aluno, como ele tem de trabalhar, não creio que o método seja a coisa mais indicada que um professor deva ter.

Entrevistador: Até ao final da iniciação depois comes a utilizar outro tipo de reportório. Sim, e aí já tenho uma sequência lógica, também mediante as dificuldades e as capacidades do aluno, aí já tenho uma sequência bastante mais lógica, os métodos todos, lá está, um a seguir ao outro. Na iniciação, depende de muito... é principalmente... é propício na iniciação eles darem um salto de repente ou estarem muito tempo sem o dar e depois só se vê frutos disso mais tarde, isso é... acho que é uma terra de ninguém.

Entrevistador: E que recursos de reportório costumas usar depois do Suzuki?

Depois do Suzuki? ...Os primeiros concertos como o Rieding em Si menor, o opus 35, o Kuchler opus 15 em Ré Maior e depois há outro Kuchler que eu não sei, o opus... que é em Sol Maior, também costumo utilizar bastante... Por acaso no primeiro ano deu iniciação a uma viola e fomos ao Telemann no quarto ano, mas é um caso à parte. O Concertino Húngaro e basicamente, para já, são esses, foram esses que eu utilizei nos anos de iniciação que tive... sim.

8. Utiliza escalas e estudos neste nível de ensino?

Sim. Lá está, como no Conservatório temos uma aula por semana, eu tenho um tipo de reportório que eles têm que fazer mesmo, que é uma peça para levarem para a audição, se trabalharem bem, se demonstrarem facilidades, quer dizer, escalas todos eles fazem, estudos depende...

Entrevistador: Desde o início fazem escalas?

Sim, fazem escalas desde o início. Depois tem a peça e depois, se eles conseguirem montar mais montam mais. Agora estudos não insisto, mais peças e escalas.

Mas há alguns estudos que vejam? Alguns exemplos.

Wohlfahrt, por exemplo. O Pracht confesso que nunca usei muito, mas se calhar com alguns vou começar a utilizar porque são aqueles que têm mais dificuldade em dar o passo, o Pracht tem muito... dá passos muito pequeninos, enquanto que o Wohlfahrt dá passos um bocadinho maiores. E depois vai dependendo, mas mais ao menos são esses métodos. Com outros alunos já cheguei ao Kayser, com essa aluna, por exemplo já cheguei ao Kayser e quase ao Mazas primeiro caderno. Mas... às vezes... já utilizei o Mackay, já cheguei a utilizar uma ou outra peça dele.

a. Se sim, geralmente a partir de que altura? Dê alguns exemplos.

(Respondido anteriormente).

9. Em que altura geralmente, na sua pedagogia, começa a ser exigido repertório com mudanças de posição?

Mudanças com repertório... Em... não numa altura específica mas quando eu vejo que eles estão suficientemente confortáveis com o violino para poderem operar. Por exemplo, houve alunos que eu preferi... acho que é uma sensibilidade que o professor tem, há alunos que

eu preferi primeiro dar tudo, imaginemos sustenidos bemóis, tudo para frente e para trás, e depois ensinar a posição a seguir, e outros que, a partir do momento que estão suficientemente confortáveis na primeira, ensino a terceira, um ou outro apontamento para eles também se irem habituando a uma nova sensação, porque depois da terceira posição, as outras serão ligeiramente mais fáceis.

Entrevistador: E em que altura, geralmente, isso acontece, depende do aluno, de aluno para aluno, mas mais ao menos em que altura?

Mais ao menos entre o segundo e o terceiro ano, quando eles estão a andar bem. Alguns só no quarto, aqueles que optam por um estudo mais sedimentado só no quarto mesmo.

Entrevistador: Mas então todos os alunos, antes de concluírem a iniciação, já fazem mudanças de posição?

Sim, principalmente agora, com os parâmetros de exigência que já tem a entrada para o primeiro grau no Conservatório, pelo menos todos têm que fazer a escala de Ré Maior em duas oitavas.

10. Em que altura, geralmente, começa a ensinar o vibrato?

O vibrato eu não insisto muito que eles aprendam quando são muito novos, porque acho que já é muito material que eles têm para assimilar, principalmente se começarem a aprender mudanças de posição. Normalmente costumo ensiná-los, lá está, mais ao menos quarto ano de iniciação. Alguns passam mesmo o primeiro e o segundo grau e o segundo grau é definitivo, no segundo grau eles têm mesmo que aprender a fazer vibrato. Pelo menos o nível que nós estamos a exigir agora, no segundo grau eles têm de começar a fazê-lo bastante bem. Aqueles que andam muito bem aprendem no quarto ano de iniciação mas lá está, um aluno que não tem a mão relaxada nunca vai conseguir fazer vibrato e provavelmente vai desmotivar. É uma coisa, acho que o vibrato é daqueles artifícios técnicos que se ensina uma vez, depois ensina-se a segunda vez, depois a terceira e vai-se aperfeiçoando, não é daquelas coisa que fica logo.

10. O programa que utiliza, é sempre dado na mesma sequência a todos os alunos ao longo da sua evolução, ou vai variando de aluno para aluno?

(Respondido anteriormente).

11. Pode dar exemplos de repertório que geralmente um aluno no final do ano lectivo atinge (por exemplo numa audição final ou prova de instrumento) para o 1º e 4º anos de Iniciação, tendo em conta que estes frequentaram quatro anos de Iniciação?

Tendo em conta... que frequentou quatro anos de iniciação, nunca tive um caso, tive sempre alunos que começaram no segundo e foram até ao quarto e aqueles que começaram no primeiro, como eu não dou aulas à tanto tempo, ainda não chegaram ao quarto. Mas no primeiro ano de iniciação, normalmente, o que é normal é eles acabarem com, quando estão a fazer um bom estudo do instrumento, acabarem com o Minueto I ou Minueto III, mais ao menos por aí. Quando as coisas não correm tão bem, normalmente eles ficam-se pelo "Balão do João" ou pelo "Moto Perpetuo", no primeiro ano. No quarto ano, lá está, acho que não posso responder a essa pergunta porque nunca acompanhei nenhum aluno que tivesse começado comigo no primeiro e tivesse chegado ao quarto, e, mesmo que não tivesse começado comigo no primeiro, nunca fez os quatro anos.

Entrevistador: Mas mesmo começado no segundo...

Mesmo começado no segundo, o repertório que atingem?

Entrevistador: No quarto, geralmente.

Geralmente... é assim uma média... Tive uma aluna que foi um exceção este ano que chegou ao Húngaro, mas numa média... entre o Küchler em Sol e o Küchler em Ré, entre esses dois.

12. Qual o repertório mais avançado que um aluno seu já atingiu ao concluir a Iniciação?

(Respondido anteriormente).

13. No seu entender, quais as três competências mais importantes que devem ser adquiridas por um aluno de Iniciação ao final do primeiro ano?

Primeiro ano... o máximo de postura relaxada possível... O arco mais direitinho possível, junto ao cavalete tanto na ponta como no talão, porque a maior parte deles quando não faz isso depois fica torto ao talão e torto à ponta. E... e que mais? Tem essas duas em... lá está a postura que envolve a posição do violino em relação ao corpo e a posição do arco, não ir com o braço para trás das costas. O arco direitinho e provavelmente, de certeza a afinação das notas. A afinação, terem noção, por exemplo, mesmo que não toquem logo afinado que tenham a reação para afinar, que não fiquem eternamente com a nota desafinada, a saberem que está desafinada mas a não conseguirem mexer o dedo.

14. E as três mais importantes ao concluir a Iniciação?

As três mais importantes ao concluir a iniciação. Volta a frisar a postura, cada vez melhor, que é um processo contínuo de construção. Talvez... se calhar alguma maturidade na interpretação, considerando que já toca à quatro anos, não porque já toca à meses, se já toca à quatro anos alguma maturidade de interpretação. E... e se considerarmos as mudanças de posição, que sejam bem feitas.

15. Os seus alunos de Iniciação apresentam-se em audições no Conservatório frequentemente?

Sim.

15.1 No primeiro ano, por volta de que altura fazem a primeira apresentação pública? Porquê?

No primeiro ano? Eu tento sempre fazer uma audição com cordas soltas, se bem que... mais ao menos essa audição costuma calhar em inícios de novembro, considerando que eles começam na última semana de setembro, ou seja, mais ao menos no final do primeiro mês. Lá está, mais uma vez estou a falar daqueles que trabalham bem e conseguem fazer um bom trabalho. Aqueles que não conseguem fazer, por exemplo, de uma leva de alunos que começou o ano passado, só fizeram em finais de janeiro inícios de fevereiro. Eu tento sempre, com os meus alunos, que a primeira audição seja mesmo muito bem preparada, a primeira audição tem que correr bem, porque se a primeira audição não correr bem, o aluno vai ficar com medo instintivo. Mas por exemplo, se a primeira correr bem e se a segunda já não correr, eles sempre têm uma lembrança positiva da primeira, e acho que isso é muito importante. Por isso, a média... pronto assim se falarmos de uns que chegaram a janeiro e outros em novembro a média será as férias do Natal, ou seja, os dois meses e meio, como média para uma audição. Mas, lá está, eu tento fazer de forma a que o aluno se sinta confortável e se sinta preparado para a fazer.

15.2 Em média, quantas vezes cada um dos seus alunos de Iniciação apresentam-se em público anualmente?

Anualmente... eu tento, com exceção do primeiro ano de iniciação que normalmente depende quando é que eles se apresentam, eu tento sempre fazer duas audições por período, por isso dá média de seis audições por ano, se bem que alguns fazem muitas mais. Por exemplo, alguns alunos foram à semana aberta, juntaram-se aos mais velhos e ainda fizeram a deles, por exemplo, tiveram só três audições em abril, num mês, por isso já superou em muito. Mas média segura, aquilo que eles têm mesmo que fazer são seis por ano.

16. Quais os aspectos mais importantes que tem em conta quando realiza a avaliação neste nível de Iniciação?

Os aspetos de evolução técnica, lá está, mais uma vez a postura e o relaxe, essencialmente na iniciação, a postura e o relaxe são muito importantes, bem como a afinação, que pode tardar mais. Mas principalmente esses, a forma como eles estão a evoluir e interagir uns com os outros. Outra coisa muito importante é o tempo de evolução e o empenho, um aluno que não esteja empenhado que passe a vida a faltar fazer o trabalho de casa, isso conta muito negativamente, pode ter muitas dificuldades e pode tentar superá-las mas acho que um professor consegue ver quando realmente ele não

trabalha. Eu por exemplo, se ele não faz as coisas que estavam previstas eles fazerem de uma semana para a outra, que vemos que na aula eles conseguem fazer e se não trazem automatizado é porque não estudaram, por exemplo. Basicamente, são posturas técnicas e posturas do próprio desempenho do aluno, se uma audição correr mal isso não é eliminatório, acontece a toda a gente, mas se as aulas sistematicamente vierem sem estudo é grave.

16. Algum aluno seu de Iniciação já participou num concurso de violino?

Não, de iniciação não. Vão participar este ano, mas ainda não.

17. Tendo em conta os contornos actuais do curso de Iniciação no Conservatório, na sua opinião, que aspectos considera positivos e os que poderiam ser melhorados?

Considero positivo o facto dos alunos usufruírem de orquestra logo desde muito cedo, de conjunto. É positivo também a parte da formação musical deles, se bem que chamem iniciação musical, se bem que eles... o programa de iniciação musical não estava em articulado com o programa de violino, logo os alunos acabam por aprender o ritmo e as notas em violino e depois aprendem formação musical quando virem acompanhar, ser ao mesmo tempo ou mesmo ser antecipadamente, mas já foi discutido, enfim, é uma problemática que acho que ninguém vai vencer, porque uns defendem uma coisa outros não defendem e entretanto nós ensinamos uma coisa eles fazem outra. Esse, por exemplo, era um aspeto a ter em conta porque poderíamos centrar muito mais na técnica e menos em aspetos que não têm a ver com a nossa aula, em termos de professores de instrumento. Acho que está mal uma coisa que está a acontecer e que antes não acontecia, que é facto de eles só terem uma hora... só têm uma aula por semana, nem se quer digo uma hora, mas uma aula. Se eles tivessem dois blocos de vinte minutos em vez de terem um bloco de quarente e cinco seria muito mais proveitoso, porque primeiro exigia que eles tivessem responsabilidade (com o) violino durante a semana "A ver bem, tive aula de violino hoje para a próxima aula tenho que fazer mesmo aquilo que o professor vai ver." Eles podem não estudar, e já aconteceu os alunos dizerem isto, não estudar durante quatro dias e nos dois dias antes da aula pensam que vai acontecer os milagres todos. Acho que isso não é bom, qualquer outro tipo de coisa que o professor possa fazer, imaginemos, o próprio professor criar o seu horário depois chocar com orquestras, com iniciações, com os outros horários todos, mesmo a disponibilidade de salas, por isso um professor fazer isso é uma ginástica que não compensa. E acho que isso deveria ser melhorado, mais horas e mais coordenação com a iniciação musical.

Entrevista
Professor D

1. Tendo em conta o processo de admissão actualmente vigente, devido ao reduzido número de vagas, acha que estas provas, na sua opinião, demonstram que os alunos admitidos na sua classe de Iniciação têm «aptidão musical»? Porquê?

Então, as provas no Conservatório são feitas de uma forma um bocadinho complicada para crianças com 5 e 6 anos, que é aí que a gente percebe se eles têm ou não essa aptidão, e que os leva a entrar no Conservatório. As provas são feitas individualmente, e as crianças geralmente estão extremamente nervosas, e a maioria delas não dá aquilo que supostamente poderia dar. Então este ano alterámos o sistema e vamos dar aulas a cada um dos inscritos para o instrumento para perceber um bocadinho como é que elas reagem, e falar também com os pais, que também é um lado muito importante na iniciação, não é só a aptidão musical, mas sim a capacidade de trabalho que o pai ou o encarregado de educação consegue impôr à criança. Uma coisa que se calhar também é interessante saber (não sei como é que funciona lá em Ponta Delgada), mas aqui os alunos fazem provas só para um instrumento, que é aquele que escolhem, não podem fazer provas a tudo e depois são colocados. Foi uma coisa que mudou recentemente: eles antigamente faziam provas a tudo e depois é que eram colocados nos instrumentos consoante a opinião dos professores. Isso levou a algumas confusões, porque havia vários que tinham várias qualidades. Se têm essas aptidões ou não... Basicamente, há alguns que sim, claramente, os que são mais desinibidos e que estão com uma pessoa que nunca viram na vida, não é, porque eles nunca nos viram na vida, conseguem de alguma forma abstrair-se àquele ambiente de prova, e nós próprios tentamos que isso não aconteça, que não fique um ambiente pesado, mas a maioria só durante o percurso, quando eles entram, é que se consegue perceber exactamente as qualidades deles. Eu tenho um aluno que acaba agora o quarto ano de iniciação que ficou em último da lista de espera e já não conseguiu entrar para o primeiro ano de iniciação, foi chamado só para o segundo ano de iniciação e é um aluno excepcional, e ficou em lista de espera porque supostamente havia pessoas, alunos, crianças, mais aptas, chamemos-lhe assim, do que ele. E alguns já desistiram, e ele está bem... está bem e recomenda-se!

Entrevistador: Qual é a sua opinião relativamente a essas provas?)

São um bocadinho ingratas. Por um lado eu percebo que tem que se fazer alguma triagem, não podem entrar todos nem tão pouco podem entrar os que se inscrevem primeiro, não é... Mas de certa forma é um bocadinho ingrato uma criança com 5 anos (e é ingrato para nós) estar a dizer se a criança está ou não apta, tem ou não aptidões musicais para. Depende da própria prova, depende do dia da criança, se a criança está bem, do estado de espírito dela, se ela é uma criança extrovertida, se é uma criança tímida, se...eles têm duas provas: têm a de formação musical, que, essa, não passa por mim, não faço ideia... e têm a prova de violino, e depois é feita uma média e sai o resultado final. Pronto. A prova de formação musical, pelaquilo que eu sei, normalmente eles... são coisas gravadas, eles têm que estar muito mais concentrados do que na de violino. A de violino é muito mais prática, não é... Mas se calhar há crianças que interagem com uma pessoa que não conhecem de uma forma muito mais natural, e outras que são muito mais tímidas. Por norma nós também damos uma percentagem nessa nota à entrevista que fazemos com os pais. Falamos sempre com os pais... o número de actividades que a criança tem extra-esola... Pronto, tomamos um bocadinho em conta. Claro que se houver uma criança que tente pegar no arco e imite os ritmos e esse tipo de coisas que é mais ou menos pelaquilo que nós fazemos as provas, que seja muito boa e depois tenha mil actividades, não é por causa das mil actividades que não vai entrar, obviamente, não é... mas tentamos sempre perceber um bocadinho o que é que se passa à volta da criança, para além de todas as aptidões que ela possa demonstrar.

2. Os alunos admitidos na sua classe de Iniciação, na sua maioria, já toca violino antes de entrar para o Conservatório?

Nunca tive nenhum caso assim, todos começaram, mesmo aqueles que não começam no primeiro ano, que começam no segundo, nunca tive casos de alunos que já tocavam. Mas sei que existem, que aparecem alunos que começam com dois e três anos, aparecem já a tocar. Eu nunca tive.

3. A maioria dos alunos que iniciam a aprendizagem do violino consigo conclui o curso de Iniciação e transita para o 1º grau ou anulam a matrícula antes de concluir este nível?

A maioria conclui e continua para o primeiro grau.

4. No primeiro ano de Iniciação, que actividades desenvolve com o aluno na primeira aula de violino?

Depende do aluno, depende da característica do aluno. Mas regra geral, aquilo que eu lhe teno sempre explicar na primeira aula é conhecer um bocadinho as cordas, fazemos (isto na primeira aula de primeiro ano de iniciação)... tento cativar acima de tudo o aluno pelo gosto pelo instrumento, e despertar alguma curiosidade na forma como o instrumento funciona. Isso é a principal coisa. Claro que o aluno toca sempre alguma coisa, apesar de poder estar ainda com uma posição incorrecta, mas aquilo que eles querem na primeira aula é experimentar e tocar nem que seja umas cordas soltas ou uns pizzicatos, umas coisas assim. Acima de tudo, cativar o aluno para que ele vá para casa e continue a fazer as experiências que fizemos na aula.

5. Utiliza o recurso de partitura com os seus alunos desde as primeiras aulas?

Depende do aluno, mais uma vez. Mas na maioria sim. Ponho sempre a partitura à frente, ainda que eles não estejam a perceber nada do que está ali, mas acho que é um hábito que, se eles começarem... se eles evoluírem com a partitura à frente, rapidamente vão aprender a ler... do que estarem um ou dois anos sem partitura, e de repente põe-se a partitura à frente. Não costumo fazer isso, costumo pôr a partitura assim na estante. Talvez a primeira e a segunda aula não, mas a partir do momento em que tocam... por exemplo, a primeira peça que eu costumo dar é o Balancé, e ponho sempre a partitura à frente. Sempre, sempre, sempre mesmo que não estejam a prestar atenção, mas... aquilo que eu faço com o Balancé, para eles perceberem o ritmo e notas, é que tem uma canção por baixo do Balancé. Por baixo de cada compasso tem uma letra com... que lhes leva ao ritmo certo. Para eles não estarem a contar... um, dois, três... Pronto. E o facto de estar a letra, a maioria deles apesar de estar no primeiro ano, já sabe ler. Pronto. E o facto de ter a ler por baixo, isso procura... fá-los procurar a partitura para lerem. Pronto, e assim... está-me a faltar a palavra... é uma coisa, na minha opinião, mais gradual, do que de repente "olha agora tens aqui a partitura e a partir de agora vais começar a olhar para aqui".

6. Na ausência de um programa oficial definido para o curso de Iniciação, acha que seria mais positivo haver um programa definido oficialmente ou é preferível a inexistência de programa, dando mais liberdade ao professor? Porquê?

Bem, nós no Conservatório temos um programa interno de classe, que temos o mínimo que cada aluno deve atingir em cada ano de iniciação. Isso é bom para nós como professores, e é bom também para os pais. Porque nós dizemos ao encarregado de iniciação no início do ano que o aluno tem de atingir este, este é este objectivo. Para além do repertório mínimo há determinadas competências que o aluno tem de conseguir fazer. Isso motiva-nos a nós como professores, dá-nos mais um objectivo, não é; e aos pais, o encarregado de educação também sabe que o aluno terá que fazer aquilo, não é... o mínimo. E isso é bom. A grande vantagem, na minha opinião, do Conservatório Nacional, por ser do Estado, é exactamente termos este tipo de exigências que faz com que os alunos andem muito mais rapidamente, quer dizer... faz com que os pais ponham os filhos a trabalhar mais rapidamente, não é... porque nestas idades, acima de tudo, o aluno pode querer, mas o encarregado de educação tem um papel ... fundamental. É um trabalho de equipa entre três: o professor, o aluno e o encarregado de educação.

7. Que repertório utiliza, no primeiro ano de Iniciação?

Bem, como já disse há pouco, a primeira peça que lhes dou é o Balancé. Claro que antes disso fazemos alguns exercícios de arco, com, normalmente... com as cordas soltas e eu harmonizo no piano umas melodias que é para eles ficarem um bocadinho mais motivados... e começa-se sempre pelas cordas soltas. Agora... depende muito do aluno. Depende da evolução do aluno, depende das características físicas do aluno. Mas por norma, o repertório que eu utilizo no primeiro ano, em média têm tocado... a peça mais complicada tem sido o Minueto I. Eu uso peças do livro do Suzuki. Não é o método Suzuki, não é. Uso peças do livro do Suzuki, mas tenho um misto do Suzuki, com um livro da Marilyn, que também professora no Conservatório, e outras peças que às vezes... quer dizer, não tenho um livro meu, entre aspas, não é, que dê ao aluno e pronto, isto é o que tu vais fazer este primeiro ano. Não, não é assim. depende muito da evolução do aluno e das dificuldades que o aluno vai tendo. E claro que tenho que me adaptar e tenho que adaptar o repertório a esse tipo de coisas. Portanto, em média é isto que acontece, mas não é... quer dizer, não é regra.

7.1 E nos anos seguintes?

Bem, até concluir a iniciação... Há um pouco de tudo, não é. Tenho alunos... bem... o mínimo para a iniciação do quarto ano é o concerto de Rieding op. 35. É o mínimo que eles fazem, para quem tem quatro anos de violino, não é. Outra coisa que também, por um lado, é boa no Conservatório é que, independentemente de eles terem dois, três, quatro anos de violino de iniciação, eles têm que todos tocar no mínimo aquele concertino... o primeiro andamento. Agora, no caso da minha classe específica. Depende dos alunos, não é... mais uma vez. Mas tenho alunos a tocar o lá menor de Vivaldi, tenho uma aluna a tocar o concerto de Seitz que agora não me lembro do número. O concertino húngaro, o Infant Paganini... mas o repertório anda por aqui no quarto ano de iniciação. Claro que estudos, escalas... escalas em três oitavas, tenho uma aluna que faz... em duas oitavas todos fazem em Ré maior, já com mudanças de posição. Mais ou menos isto.

8. Utiliza escalas e estudos neste nível de ensino?

Se sim, geralmente a partir de que altura? Dê alguns exemplos.

Os estudos e as escalas? ... Depende. Mas aquilo que eu faço é assim: nós na ... nós temos dois polos do Conservatório. Os polos é onde estão a maioria das iniciações. Na sede é onde está o ensino oficial, a partir do primeiro grau. Os alunos do ensino oficial, a partir do primeiro grau têm que fazer uma prova em Fevereiro de estudos e escalas. Então aquilo que eu faço é que no segundo ano de iniciação... os alunos já fazem estudos e escalas... Isto porque, para os juntar com os outros e para eles começarem a ter sempre esse hábito, nem que seja uma escala de Lá maior numa oitava, e um estudo muito básico, mas para eles ta,bém se habituarem a tocar sozinhos, sem pianista. Portanto, regra, é isso que acontece. Todos fazem escalas a partir do segundo ano, alguns já no primeiro ano, principalmente para introduzir novas cordas, não é. por exemplo, eu começo a dar sempre... as primeiras cordas que eles aprendem é mi e lá, para depois irmos para a Ré, ensino logo a escala de Ré maior, quando já tocam com os quatro dedos. E depois Sol maior numa oitava para depois fazerem Sol maior em duas oitavas. E os estudos também. Eles fazem sempre escalas, estudo e peça. Todas as aulas, nem que não cheguemos até ao final nem do estudo nem da peça, mas todas as aulas eles têm que levar escala, estudo e peça.

Entrevistador: E alguns exemplos de estudos que utiliza na iniciação?

Utilizo Wohlfahrt, há um livro que se chama "My first Wohlfahrt", que tem estudos para dois... tem estudos muito básicos para o professor e para o aluno tocarem. Pronto, esse é o primeiro livro de estudos que eu uso, que tem alguns estudos do Wohlfahrt, do primeiro livro do Wohlfahrt. Alguns mais simplificados, o que ajuda a evolução deles, não é... e não é um choque tão grande tocarem de repente uma página sozinhos, que isso também os choca um bocadinho... Mas o que eu utilizo é esse, esses dois... o Pracht, também. Também é acessível para os alunos do segundo ano de iniciação. E depois uma colectânea Russa, que eu não me lembro o nome... que tem só na primeira posição, e depois já com mudanças de posição. Tem só estudos só na segunda posição, só na terceira posição, depois alterna... Primeira, segunda e terceira, pronto... É esses livros que eu uso na iniciação.

Entrevistador: Então já começa a fazer... a tocar com mudanças de posição na iniciação?

Sim. Praticamente... mesmo aqueles que começam mais tarde fazem mudanças de posição. (João: e geralmente... regra geral começam em que altura a fazer mudanças de posição?) Quarto ano de certeza, todos fazem mudanças de posição.

9. Em que altura geralmente, na sua pedagogia, começa a ser exigido repertório com mudanças de posição? (já respondeu)

(Respondido anteriormente).

10. Em que altura, geralmente, começa a ensinar o vibrato?

O vibrato...! O vibrato é um caso sério. Não... o vibrato... começo a ensinar o vibrato mais ou menos no terceiro ano, antes das mudanças de posição. Apesar de lhes ensinar o vibrato numa posição que eles não sabem, que é a terceira. Começo sempre a ensinar o vibrato pela terceira posição. No entanto o vibrato surge da descontração, não é, na minha opinião. E a maioria deles tem muita dificuldade. Então quando eu vejo que eles têm muita dificuldade em fazer o vibrato, começo a ensinar-lhes a fazer as mudanças de posição primeiro. mas depende dos alunos. Porque quando eles mudam de posição eles têm de ter a mão obrigatoriamente descontraída, senão não vão conseguir fazer bem a mudança de posição, quer dizer, conseguem mas não bem, não é. Então... eu acho que, de certa forma, o vibrato e as mudanças de posição podem estar ligados. Depende do aluno. Agora eu tenho um aluno que está agora no quarto ano, que no segundo ano ela chegou à aula sozinha a fazer vibrato, a dizer, "professora, aprendi uma coisa nova!", e estava a fazer bem. O perigo disto muitas vezes é que eles aparecem... começam a fazer vibrato que é tipo choques eléctricos, não é bem vibrato, não é. Mas o vibrato, acho que é uma coisa importante e que ajuda imenso à descontração da mão esquerda. Agora tenho... eles têm que (João: depende) depende, obviamente, mas eles têm que conseguir perceber o movimento certo. Eu tenho um aluno que está neste momento no segundo grau e que foi muito, muito difícil que ele soubesse fazer vibrato bem. Demorámos... bem... quatro anos.... para que ele conseguisse fazer um vibrato... pronto... que seja correcto, acima de tudo, não é... e que não seja uma coisa muito tensa, que não faça com que haja uma contração gigante na mão, no braço...

11. O programa que utiliza, é sempre dado na mesma sequência a todos os alunos ao longo da sua evolução, ou vai variando de aluno para aluno?

Varia de aluno para aluno. Completamente.

12. No seu entender, quais as três competências mais importantes que devem ser adquiridas por um aluno de Iniciação ao final do primeiro ano?

Então... A mão direita, o arco é... fundamental para mim... acho que é, apesar de ser o mais difícil, acho que é aquilo que tem que estar mais assimilado pelo aluno. Conseguir usar o arco em toda a sua amplitude, com diferentes divisões do arco. Uma nota ligada, duas separadas... diferentes articulações. Acho que isso é uma coisa que eu luto para que os meus alunos façam. Isso é uma das coisas... Por norma ao final do primeiro ano todos tocam com os quatro dedos, já. A afinação também é extremamente importante... mas para os alunos que têm alguns problemas de contração da mão... da mão esquerda... a afinação é uma coisa que demora muito mais tempo. Aliás, a afinação é uma coisa que persegue um músico quase a vida toda. Portanto, apesar de... é uma coisa que deve estar a desenvolver-se, sim, e que se deve ter sempre em mente, sim... mas não é uma coisa que esteja desenvolvida de maneira nenhuma, nessa fase. E se calhar em muitas outras fases também não está. Mas em termos de... acho que o arco é mais importante. E porque... se... se se aprende mal... é terrível, terrível voltar atrás, não é... principalmente porque estamos a lidar com crianças muito pequeninas, e que a motivação é o motor delas, não é... Então de repente fazer cordas soltas, que foi a primeira coisa que se fez quando se veio para a aula de violino, quando se começou a ter aulas, pode ser completamente (João: traumático)... completamente desmotivador. E eu entendo isso, não é.

13. E as três mais importantes ao concluir a Iniciação?

As três mais importantes... Sonoridade, som... Mais uma vez ligado ao arco. Uma boa articulação na mão esquerda, é muito importante, na minha opinião. Estas competências são... têm haver directamente só com o instrumento, certo... não em termos globais, de formação musical... técnica do instrumento. As três mais importantes... Então, som, articulação da mão esquerda... eu acho que as três ao final do primeiro ano e as três ao final do segundo ano

Entrevistador: são as mesmas, mas mais desenvolvidas?)

São... se não são as mesmas são muito idênticas... porque, quer dizer, num alunode iniciação não se espera que um aluno faça um vibrato excelente, tenha uma flexibilidade de mão direita incrível, não é... existe... claro que o mínimo neste momento está muito acima daquilo que era, se calhar, há dez anos atrás, não é... porque se calhar também não se dava a importância às iniciações que se dá agora, porque no fundo as iniciações são o futuro de uma escola, porque são elas que depois vão progredir por ali acima. Agora... acho que estão um bocadinho interligadas... claro que a nível de desenvolvimento são completamente diferentes, mas... poderão... e não me choca nada dizer que são praticamente as mesmas, com níveis de desenvolvimento completamente distintos, no fundo. Completamente...

14. Os seus alunos de Iniciação apresentam-se em audições no Conservatório frequentemente?

Sim.

- 14.1 No primeiro ano, por volta de que altura fazem a primeira apresentação pública? Porquê?

No primeiro ano fazem a primeira apresentação pública em Dezembro. Regra. No final de Novembro, início de Dezembro. Eu acho que é importante. Eles fazem logo, apesar de não tocarem nada de especial, muitas vezes alguns tocam jogos de cordas soltas, coisas muito simples, mas acho que é muito importante eles terem a noção do que é fazer uma audição, do que é apresentar em público. Claro que se o aluno não estiver preparado e não tiver à vontade suficiente não faz a audição. Por uma questão pedagógica, acho que não é o objectivo traumatizar a criança, não é. Mas... porque acho que se o aluno não está preparado não deve fazer uma audição, porque isso pode causar imensos problemas e medo, acima de tudo, isso é o que a gente não quer, que eles tenham medo. Mas um pequenino faz em dezembro para tocar umas cordinhas soltas e para sentir um bocadinho a importância... dar importância ao momento de estar em palco, ao momento de fazer a audição. E a maioria deles acaba a audição e quer fazer outra no dia a seguir porque adorou as palmas, adorou... pronto, esse tipo de coisa, não é. Que é uma novidade para eles.

- 14.2 Em média, quantas vezes cada um dos seus alunos de Iniciação se apresentam em público anualmente?

Os de primeiro ano só fazem uma audição no primeiro período, e depois a seguir fazem duas por período. Normalmente fazem seis. Os de primeiro ano fazem menos. Pronto, claro que se houver um período mais pequeno só se... Há casos de... às vezes temos um período de cinco semanas, não é, nessas situações não se faz duas. Mas na... os outros fazem duas por período. E os do oficial, como têm os exames, apesar de tocarem o mesmo repertório, fazem oito.

15. Quais os aspectos mais importantes que tem em conta quando realiza a avaliação neste nível de Iniciação?

Bem, eu tenho os meus aspectos pessoais. No entanto no Conservatório temos algumas... alguns parâmetros que temos de seguir. Nomeadamente o acompanhamento familiar, também... tem uma avaliação no Conservatório, e eu concordo plenamente. E isso é um factor extremamente importante para as... para os pequeninos que entram para a Iniciação. Depois o trabalho... o trabalho realizado em casa é... um factor, para mim, muito importante.

Entrevistador: Já... quer dizer...isso é contemplado na avaliação do Conservatório...

Do Conservatório e na minha também. Mas no Conservatório temos alguns parâmetros, como por exemplo, rítmico, melódico... e não temos, por exemplo, a afinação. Pronto, são algumas coisas que, possivelmente, são exigidas extra-escola... que não é a escola que define isso. Mas eu tenho que me seguir por ali, não é... Mas acima de tudo, aquilo que eu, pessoalmente dou mais importância é: o acompanhamento familiar, e o trabalho que eles realizam na... no... durante as aulas e em casa, não é. A atenção com que eles estão nas aulas, a vontade com que eles têm de fazer as coisas e a rapidez com que eles conseguem atingir determinado objectivo é, para mim, muito importante... muito, muito importante. Claro que se um aluno tem vontade, e tem um encarregado de educação que tem a mesma vontade que ele, o sucesso vai ser quase garantido, não é... porque apesar de... de se poder dizer que um aluno tem ou não aptidão, eu acho que, acima de tudo, a aptidão surge através do trabalho. E se um aluno tiver capacidade de trabalho, vontade de trabalhar, método de trabalho, não há porque não ter sucesso. Na minha opinião. Claro, que, com crianças de cinco anos como a gente lida, isso... eles... são crianças que ainda se podem moldar, não é. E que nós é que lhes devemos dar o caminho que elas devem seguir, e depois a criança segue ou não esse caminho, e segue ou não essas passadas que nós lhe damos. Mas, acima de tudo, acho que, se a criança tiver trabalho, capacidade de trabalho, método de trabalho... e é isso que é muito importante criar numa iniciação... é ensiná-los a estudar, a perceber como é que têm que estudar. E acho que isso tudo, para mim, em termos de avaliação, é fundamental.

16. Algum aluno seu de Iniciação já participou num concurso de violino?

Já.

14.3 Se sim, em qual? Ganhou algum prémio?

Capela. Não, passou à final.

17. Tendo em conta os contornos actuais do curso de Iniciação no Conservatório, na sua opinião, que aspectos considera positivos e os que poderiam ser melhorados?

Então... eu acho que um dos aspectos que podia ser melhorado em termos de iniciações é... explicar, fazer um género... algumas pessoas riem-se quando eu digo isto... mas fazer um género de formação para os pais dos futuros alunos. Ou seja, há uma lista de alunos que vai frequentar para o ano o Conservatório, e acho que é importante, apesar da relação entre o professor e o encarregado de educação ser bastante próxima, não é... acho que era importante haver um género de uma formação que transmitisse aos pais o importante que pode ser para uma criança estudar Música... não quer dizer que a criança vá para ali para ser violinista. Não é isso. Não nesta fase de iniciação. Mas explicar aos pais a importância... a importância que pode ter, para uma criança, estudar violino e aproveitar ao máximo isso. Violino ou... seja que instrumento for, não é.

Entrevistador: Porque é natural que não saibam...)

É perfeitamente natural... e as pessoas não nascem ensinadas, alguém tem que lhes explicar isso. E explicar que é preciso ter tempo, para andar no Conservatório. Eu acho que essa formação que nós, no fundo, professores, acabamos por dar aos pais, vamos dando aos poucos, consoante a evolução do aluno... Se calhar na primeira aula podemos explicar um bocadinho mais, ou até na... logo na prova de acesso... quando fazem as provas de aptidão. Mas isso é uma coisa que eu acho que é fundamental: o encarregado de educação perceber para o que vai, porque muitos não percebem para o que vão. E, realmente, andar ali no Conservatório é muito pesado, porque eles têm... não é só violino, não é... eles têm formação musical, expressão dramática, coro...

Entrevistador: não é uma ocupação de tempos livres, não é...

Pois... e aquilo é, supostamente, para se levar a sério, até, porque um aluno que não tem positiva na parte... na formação musical e no violino no primeiro ano de iniciação... eu, no meu caso particular, tento que o aluno não saia do

Conservatório. Tento... Porque são muito bebés, em alguns casos e acho que não é muito correcto, isso... Mas o aluno... o... a escola tem o direito de sugerir ao aluno que saia. Portanto... isto acontece... não frequentemente, mas já aconteceu porque realmente as pessoas não estão bem... não percebem bem o que é. Isso é uma coisa que eu acho que era interessante... e acho que só tinha a beneficiar toda a gente: nós e os próprios pais.

Agora... Acho que o tempo que o aluno tem de aula, principalmente no terceiro e quarto ano, não chega. Isso era uma coisa que também... quer dizer, já estamos melhores, já tivemos trinta minutos, agora vamos em quarenta e cinco, não é... Mas eu não consigo ver o repertório todo com os alunos de quarto ano, que eles, por exemplo, para a prova têm que tocar uma escala, um estudo e uma peça... quer dizer... e é uma prova de acesso ao primeiro grau, e é uma prova realmente muito importante, não é, porque vai definir um bocadinho o futuro deles... e eu não consigo... eu... todos os alunos têm muito mais tempo de aula no terceiro e quarto ano. Principalmente no quarto ano porque não é possível, em 45 minutos trabalhar nem que seja um andamento de um concerto, por exemplo, do Seitz. Quer dizer... não dá! Em termos de fraseado, de dinâmicas... tudo o que esse tipo de repertório já pede, não é... quer dizer, não é um concerto por aí além, mas o dado... ser uma criança que o está a tocar, não é, há determinadas coisas que, pá, também não são... não é em flash que as coisas aparecem, têm que ser trabalhadas. E isso realmente... 45 minutos é muito pouco tempo... muito pouco tempo, muito pouco tempo. Pronto, acho que no geral é isso...

Entrevistador: E positivos...?

Ah, positivos! Acho que, acima de tudo, é o ambiente que a escola vive e... o nível que a escola consegue atingir com os alunos de iniciação é... apesar de todos... destes senãos... atenção que são coisas que, quer dizer, estou a falar em aspectos um bocadinho... quer dizer, não estou a querer ser negativista, não é... mas que... sim, que poderiam melhorar. Mas em termos positivos acho que é de louvar muitas vezes... os pais... o esforço que os pais fazem para andar ali. Eu tenho alunos de Mafra, tenho alunos de Almada que vão ao polo da Amadora. Quer dizer, isto são coisas... e para eles fazerem isso, é porque acreditam realmente no projecto do Conservatório, acreditam realmente na escola, e acho que isso é fruto do trabalho da escola, dos professores, dos alunos, pronto... de toda a comunidade escolar.

Entrevistador: Obrigado.

Entrevista
Professor E

1. Tendo em conta o processo de admissão actualmente vigente, devido ao reduzido número de vagas, acha que estas provas, na sua opinião, demonstram que os alunos admitidos na sua classe de Iniciação têm "aptidão musical"? Porquê?

Sim, sim têm. Para já são provas que afunilam muito a escolha dos alunos. E a nossa intenção, logo à partida quando se fazem as provas, é realmente escolher apenas quem tem... que nós achamos que têm mais aptidão para um instrumento. Quando se faz provas para iniciação, obviamente é muito, extremamente difícil... concluir que aquele miúdo ou aquela miúda vão ser realmente... vão ser grandes instrumentistas, mas nas provas que nós fazemos tentamos realmente, dentro de uma prova que não muito longa, que é muito pequena e é muito resumida, fazer... perceber realmente a nível físico, a nível musical quais são os miúdos mais adaptados à prática do instrumento. É isso.

Entrevistador: Portanto, os alunos admitidos na sua classe acha que...

Sim sim sim. Eu acho que sim, porque... para já as provas não são feitas para admissão à minha classe, são feitas para admissão ao Conservatório, e posteriormente há uma... digamos distribuição de... dos alunos para os vários professores, mas em geral, os alunos que entram para o Conservatório, seja iniciação seja mais tarde, terão que ser, terão que ter uma... uma potência e uma vocação para o instrumento sim.

2. Os alunos admitidos na sua classe de Iniciação, na sua maioria, já toca violino antes de entrar para o Conservatório?

A sua maioria não. A sua maioria não. Há alguns casos, tem havido alguns casos que quando entram para a iniciação... já tocam qualquer coisa. E depois também depende do ano de iniciação a que concorrem, quando concorrem ao início digamos da iniciação não é? É mais a percentagem de alunos que não tocam, quando já vão mais tarde, ou vão para o segundo, terceiro ou mesmo quarto de iniciação, aí a maior parte das vezes já tocam.

3. A maioria dos alunos que iniciam a aprendizagem do violino consigo conclui o curso de Iniciação e transita para o 1º grau ou anulam a matrícula antes de concluir este nível?

A maioria conclui.

4. No primeiro ano de Iniciação, que actividades desenvolve com o aluno na primeira aula de violino?

A primeira aula de violino, ora bem... passa muito.. passa muito por conhecer, em primeiro lugar, e apresentarmo-nos a nós próprios e começar uma relação muito próxima que se vai ter com o aluno, porque são aulas individuais não é? Portanto, em primeiro lugar, tem que passar obrigatoriamente por isso. Temos de nos conhecer, temos de falar um bocado e isso é uma parte que eu considero muito importante. E depois, posteriormente a isso, obviamente são as primeiras noções da posição, do tirar o som, a... a postura. Mas fundamentalmente é a postura e posição, só.

5. Utiliza o recurso de partitura com os seus alunos desde as primeiras aulas?

Sim, depende do grau... de desenvolvimento de cada aluno também. Há alunos que isso é uma coisa mais procedente nas aulas. Há alunos que... que... parecem ser mais desenvolvidos e mais desenrascados e que já conseguem... começar a ler qualquer coisa, há outros mais introvertidos e que... com quem nem sempre é fácil começar logo a fazer leitura de partituras, ainda assim... em geral, é muito difícil... fazer com que os miúdos, dentro destas faixas etárias consigam ler partituras nas primeiras aulas, quer dizer, isso... a leitura de partituras é uma coisa que vem sendo ao longo... ao longo das primeiras aulas, portanto é... é uma coisa muito gradual.

6. Na ausência de um programa oficial definido para o curso de Iniciação, acha que seria mais positivo haver um programa definido oficialmente ou é preferível a inexistência de programa, dando mais liberdade ao professor? Porquê?

Pois... Eu acho que... eu acho que seria preferível... eu acho que seria preferível haver um programa... um programa para que houvesse um bocadinho mais de uniformização do... das iniciações. Porque realmente o que acontece agora são... é um bocado... portanto cada pessoa tem a sua maneira de iniciar e... olhando para o Conservatório, há muitas correntes e há muitas maneiras de iniciar um miúdo no violino, e, todas elas têm as suas vantagens e desvantagens. Mas... mas sim, eu acho que para bem da... dos alunos seria de todo vantajoso haver uma... haver um programa para que se pudesse seguir essa... porque ao fim ao cabo, mesmo quando há um programa, há... o próprio professor tem sempre o seu cunho pessoal... a maneira como interpreta esse... esse programa. Portanto há sempre maneiras de... de diferenciar cada professor, portanto eu acho que sim. Para mim deveria... portanto haver um programa sim.

7. Que repertório utiliza, no primeiro ano de Iniciação?

Repertório... baseio-me... utilizo muito... começando por estudos, utilizo muito... Pracht volume 1, utilizo muito o Wohlfahrt dos primeiros 30 estudos... utilizo muito pequenas peças, das quais muitas do método Suzuki e complementando essas, muitas outras, de várias outras... peças que estão... portanto, que se podem arranjar individualmente, e eu complemento com muitas coisas, depois dependendo mais uma vez o nível de desenvolvimento do aluno... Começo a fazer concertinos etc... Rieding, Seitz, Sitt, por aí.

7.1 E nos anos seguintes?

Nos anos seguintes não varia muito, quer dizer, eu continuo à medida que o miúdo vai progredindo, vou... complementando com mais exercícios técnicos, Scheradieck já nalguns casos para... mas coisas muito básicas atenção, não é Schradieck... são coisas mesmo muito básicas. Começar a complementar com escalas, com pequenos exercícios, isto de uma maneira muito ligeira, porque ainda nem se quer entraram no primeiro grau. Peças variadas... e basicamente a iniciação é toda feita à custa deste tipo de coisas. Outros estudos... começar por fazer já o Wohlfahrt a partir dos... do 31 e para a frente. Há uma coletânea de estudos russos que tem por nome ?Salvariesbranie? que tem uma série de... de... portanto de estudos de vários autores e que é muito progressivo e que eu utilizo bastante também.

8. Utiliza escalas e estudos neste nível de ensino?

a. Se sim, geralmente a partir de que altura? Dê alguns exemplos.

(Respondido anteriormente.)

9. Em que altura geralmente, na sua pedagogia, começa a ser exigido repertório com mudanças de posição?

Pois, isso varia muito de aluno para aluno, como eu já disse... eu tento o mais cedo possível, desde que eu veja que o aluno aguenta e que consegue. Portanto o mais cedo possível, preferencialmente antes de acabar a iniciação. Portanto... se for um percurso normal, eu direi que a partir do terceiro ano de iniciação já se pode começar a fazer... implementar mudanças de posição.

10. Em que altura, geralmente, começa a ensinar o vibrato?

Vibrato, é igual, mesma coisa. Tenho alunos que, naturalmente, começam mesmo por iniciativa própria começam a querer fazer vibrato desde muito cedo porque querem imitar e tenho outros que chegam ao primeiro e segundo e.. ao segundo grau do básico e que ainda não conseguem fazer, porque têm algumas dificuldades. Portanto é uma coisa que varia, talvez o vibrato seja das coisa que... mais pessoais. Portanto é isso.

11. O programa que utiliza, é sempre dado na mesma sequência a todos os alunos ao longo da sua evolução, ou vai variando de aluno para aluno?

Vou variando. Completamente, os alunos são todos diferentes, portanto temos que variar. Não existe uma... um seguimento para todos, é impossível.

12. Pode dar exemplos de repertório que geralmente um aluno no final do ano lectivo atinge (por exemplo numa audição final ou prova de instrumento) para o 1º e 4º anos de Iniciação, tendo em conta que estes frequentaram quatro anos de Iniciação?

Por exemplo, o primeiro ano de iniciação, por exemplo poderá a tocar uma pecinha, como por exemplo o Minueto I de Bach... minueto esse que está na coleção do Suzuki, por exemplo, para o final do ano já não é nada mau. No final do quarto ano, eu diria que terá que ser já um concerto ou concertino, por exemplo um Seitz opus 22 por exemplo, será uma peça boa para completar o quarto ano de iniciação.

13. Qual o repertório mais avançado que um aluno seu já atingiu ao concluir a Iniciação?

Bom, um pouco difícil... Eu penso que... penso que já consegui fazer um... Küchler opus 15, no final da iniciação, sim, o primeiro andamento.

14. No seu entender, quais as três competências mais importantes que devem ser adquiridas por um aluno de Iniciação ao final do primeiro ano?

Do primeiro ano... Bom, eu acho que é mesmo a disciplina, a disciplina e a rotina, a rotina no treino, no treino porque isso é... porque isso aprende-se não é? E somos nós os responsáveis por isso, juntamente com os pais. E eu acho que ao final do primeiro ano... se conseguirmos chegar ao final do primeiro ano e realmente conseguirmos transmitir ao aluno e aos encarregados de educação... a importância da rotina e da repetição em casa das passagens das peças etc e da maneira de estudar, eu acho que isso é uma vitória no final do primeiro ano, porque a partir daí depois é só continuar. Mas realmente é a primeira coisa é... porque muita gente não tem noção de quando vai estudar um instrumento deste... deste calibre que... quer dizer, não fazem ideia, e portanto eu considero que se no final do primeiro ano isso tiver bem enraizado é uma vitória e acho que é uma das coisas mais importantes.

15. E as três mais importantes ao concluir a Iniciação?

Ao concluir a iniciação tem que já... o aluno já tem que ter autonomia, já tem que ter... já tem que saber estudar sozinho, já tem que saber ter espírito crítico, tem que... tem que saber ouvir-se, saber como já tem que estudar certas passagens etc, ter... ter uma opinião musical à cerca daquilo que toca, porque nessa altura já é suposto ouvir muita música portanto também... e basicamente é isso.

16. Os seus alunos de Iniciação apresentam-se em audições no Conservatório frequentemente?

Sim, no mínimo três vezes por ano, este é o mínimo.

a. No primeiro ano, por volta de que altura fazem a primeira apresentação pública? Porquê?

Costumam fazer por volta do final do primeiro período, portanto até ao Natal. E porque é o final de um período, só por causa disso e porque é a altura ideal para eles mostrarem aquilo que eles fizeram ao longo do primeiro período.

b. Em média, quantas vezes cada um dos seus alunos de Iniciação apresentam-se em público anualmente?

(Respondido anteriormente).

17. Quais os aspectos mais importantes que tem em conta quando realiza a avaliação neste nível de Iniciação?

Mais em conta... Bem é basicamente isso, é... se já há mecanismos enraizados, se já há uma posição construída, se já... se já há uma afinação também conseguida e percebe-se se... nós percebemos quando o aluno na iniciação tem possibilidade de continuar para o básico com alguma qualidade ou não, quer dizer... isso... lá está é o

que já falei é... se tem havido hábitos de trabalho, se esses hábitos foram enraizados, etc etc.

18. Algum aluno seu de Iniciação já participou num concurso de violino?

Sim, sim.

a. Se sim, em qual? Ganhou algum prémio?

Participaram, não ganhou prémio, mas participaram no concurso do Fundão e Passos de Brandão.

19. Tendo em conta os contornos actuais do curso de Iniciação no Conservatório, na sua opinião, que aspectos considera positivos e os que poderiam ser melhorados?

No curso de iniciação do Conservatório? Bem, no Conservatório uma coisa que eu considero extremamente positiva é mesmo a... o facto de existirem polos, nos quais eu fui um dos professores fundadores digamos, entre aspas, porque fui o primeiro professor de violino do primeiro polo do Conservatório e da orquestra, e, eu acho que é extremamente importante existirem esse polos para poder haver uma maior triagem, para podermos ter alunos com mais qualidades no Conservatório, portanto, e isso tem sido conseguido, o nível tem aumentado muitíssimo... na iniciação. E parece-me que a iniciação está... em geral está a funcionar bastante bem e está com muita dinâmica no Conservatório, e, eu acho que é isso o verdadeiro segredo para que o nível das cordas, nomeadamente violinos esteja a aumentar duma maneira incrível. E portanto, só à custa de uma boa iniciação, ou seja, de uma boa... de um bom começo é que depois poderemos ter alunos melhores. Eu acho que é isso. De resto não tenho assim nada a criticar.

Entrevistador: Obrigado.

Nada. Ora essa.

Entrevista
Professor F

1. Tendo em conta o processo de admissão actualmente vigente, devido ao reduzido número de vagas, acha que estas provas, na sua opinião, demonstram que os alunos admitidos na sua classe de Iniciação têm “aptidão musical”? Porquê?

Sim... eu penso que os testes que se fazem dão para verificar sumariamente isso... pronto, relativamente ao ouvido, que é fundamental para o violino, não é, não é muito difícil perceber-se, não é... se a criança tem ouvido ou não. Em relação às outras questões... sim, pode-se... concordo que se possa ver muita coisa, não é, agora, pronto, a evolução que irá ter isso já depende também doutros fatores, não é... mas à partida eu penso que sim, que se pode, pronto, chegar a conclusões quanto a aptidões de crianças.

Entrevistador: Nota que os seus alunos na sua classe realmente admitidos que passaram nessas provas, não é...

Sabe, aí vem o outro factor que tem muito a ver com a nossa realidade cultural, porque os ambientes familiares, por vezes, gostam muito que as crianças comecem a estudar música, mas a par com outras actividades e portanto, nunca... raramente existe uma canalização mais séria para a música e portanto as crianças, muitas vezes não adquirem hábitos de estudo porque não têm tempo, porque têm mil e uma coisas para fazer e isto sucede bastantes teorias e porque também os pais não contribuem muito para isso, às vezes andam um bocado distraídos e gostam muito de ver os filhos a tocar bem, mas depois no dia a dia (risos)... é que é preciso tomar acção, não é...

2. Os alunos admitidos na sua classe de Iniciação, na sua maioria, já toca violino antes de entrar para o Conservatório?

Em princípio, não, depende das idades que têm. Se tiverem 6 anos e forem para o primeiro ano de iniciação, geralmente não tocam... Eu, este ano recebi dois alunos, um menino e uma menina com 6 anos para o primeiro ano de iniciação, que não tocavam e recebi um para o 3º ano de iniciação que já tocava alguma coisa, portanto o padrão é mais ou menos esse, embora, depois para o 1º grau do curso oficial, também por via da lei, somos obrigados a receber quem não toque nada... portanto, também recebi, já tenho recebido alunos para o 1º grau sem tocar nada, a começar do zero, portanto com 10, 11 anos.

3. A maioria dos alunos que iniciam a aprendizagem do violino consigo conclui o curso de Iniciação e transita para o 1º grau ou anulam a matrícula antes de concluir este nível?

A maioria... um bocado difícil de dizer, mas há uma percentagem razoável de crianças que não continuam, há uma percentagem razoável... apesar de mostrar qualidades e aptidão e tudo... mas depois lá está, é o dia a dia, são as mil e uma coisas e não avançam como outros e esmorecem.

4. No primeiro ano de Iniciação, que actividades desenvolve com o aluno na primeira aula de violino?

A primeira aula, sim... é para conhecer um pouco a criança, às vezes se não tem muitas indicações da criança, pronto, faço-a cantar para perceber minimamente as aptidões musicais, se tem ouvido, se não tem e começo logo a integra-la no violino, mostrar o violino, as cordas, muitas vezes até tirar logo som... e logo que possível eu funciono muito em função da resposta que tenho, não é... Este ano, um dos casos que entrou para o 1º ano de iniciação, que é uma menina de 6 anos, avançou muitíssimo, logo, desde o princípio e chegou ao fim do ano lectivo quase no fim do primeiro livro de Suzuki e com uma série de estudos também de Pracht, já dez ou doze estudos, portanto, e tudo de cor, é impressionante. Ando muito em função da resposta do que tenho dos alunos, não é... por outro lado, outro que entrou, o outro caso para o 1º ano de iniciação, não passou das primeiras três peças do Suzuki e revelou algumas dificuldades e, pronto, são dois casos.

5. Utiliza o recurso de partitura com os seus alunos desde as primeiras aulas?

Partitura sim... uso muito. Acho importante eles aprenderem a ler rapidamente e libertarem-se dessa questão, porque eu aprecio o método Suzuki em bastantes coisas, mas em muitas outras não estou muito de acordo, aliás, não sou o único... a gente sabe que grandes músicos não apreciam muito o método Suzuki por várias razões e um dos pontos fracos, para mim, do método Suzuki é a leitura porque eles baseiam-se muito ... e evidentemente que o ideal é as crianças ou qualquer pessoa tocar de cor, mas tem que haver bases, não é... tem que saber ler. Se toca de cor, menos peças e com prejuízo da leitura, o que é que isso interessa... quer dizer, tem algum interesse, mas se pudermos avançar mais e melhor, evidentemente que é mais interessante.

6. Na ausência de um programa oficial definido para o curso de Iniciação, acha que seria mais positivo haver um programa definido oficialmente ou é preferível a inexistência de programa, dando mais liberdade ao professor? Porquê?

Nós no Conservatório já combinamos uma coisa entre classe...

Entrevistador: Mas não é oficial...

Ah, não é oficial... está bem... lá está, eu vivo um bocadinho a leste de certas coisas, mas as coisas também estão tao rapidamente em mudança que por vezes nós não... sim, mas nós temos mais ou menos um... há a liberdade, nem se pode obrigar um professor de instrumento, tem que ser aquele livro, aqueles estudos e não sei o que... pode-se obrigar.. já sabemos que isso depende muito da evolução que um professor tem que ter uma sensibilidade acutilante, não é, para saber o que é que é mais conveniente em cada elemento, não é...

7. Que repertório utiliza, no primeiro ano de Iniciação?

Sigo muito os primeiros livros do Suzuki, os dois, três primeiros... isso quanto a peças, introduzo estudos logo que possível e Pracht logo que possível... uso também o Sitt, Wohlfahrt... depois posso usar outras coisas, mas ultimamente tenho usado mais isso.. e é claro, faço também um trabalho técnico de escalas, arpejos, cordas soltas, postura... isso antes de chegarmos aos estudos e às peças propriamente ditas e esse trabalho consiste muito em ter as coisas mais decoradas de memoria... eu acho um bocadinho contrassenso tocar, estudar escalas por música, não é... se decorarmos as dedilhações, depois temos que ler o que? Não há mais nada para ler, não é? E um violinista ou um instrumentista que dependa de uma partitura para tocar escalas ou arpejos, é um bocado estranho, não é... mesmo outros exercícios de técnica, Carl Flesch e... mas lá está... uma pessoa decora em duas penadas, não é... um exercício daqueles e depois pratica sem necessitar de um papel em qualquer sitio, em qualquer lugar...

7.1 E nos anos seguintes?

Nos anos seguintes, pronto, eu... no trabalho técnico vai-se fazendo uma evolução no percurso das escalas, dos arpejos... ah... nos estudos de seguir, eu gosto de percorrer vários livros, como a maioria dos professores, não é... e uso Kayser, Mazas, Kreutzer, Fiorillo... ah... e pronto, normalmente no nosso nível não chegamos mais longe do que isso... já é bastante bom, não é... ah... mas eventualmente, se for o caso, seguiremos um pouco, mas para o que vem a seguir a isso, não é, a Rode, Gavinies...

Entrevistador: Mas, portanto, referindo os anos seguintes até ao final de iniciação...

Sim, o final de iniciação não irão muito para além do Wohlfahrt, do Kayser, não é... depende muito dos alunos, depende muito. Tenho outra aluna, que também muito boa, que está no integrado, que começou... só fez um ano de iniciação, mas avançou muito e está agora no terceiro, acabou o 3º grau no integrado e já está nos Kreutzer... e é um nível de iniciação, ela também avançou muito e creio que chegou no principio de Kayser, praí ao Kayser... se tivesse começado antes, chegaria mais longe, não é... portanto, ao fim da iniciação, se chegarem ao Kayser, já é bom, não é... ou se chegarem a um Mazas já é muito bom...

8. Utiliza escalas e estudos neste nível de ensino?

8.1 Se sim, geralmente a partir de que altura? Dê alguns exemplos.
(Respondido anteriormente).

9. Em que altura geralmente, na sua pedagogia, começa a ser exigido repertório com mudanças de posição?

Olhe... é assim que eu... vejo que a postura está, sobretudo da mão esquerda está minimamente solidificada, começo logo a fazer movimento de mudança de posição e, portanto, esta miúda do 1º de iniciação, eu calculo que este ano 2º de iniciação, ela, logo no princípio do ano lectivo começa a fazer mudanças de posição. Portanto, sim... isto é um caso fora de série, não é...

Entrevistador: Geralmente seria então...

Normalmente mais para o fim de iniciação, mais para o 4º ano de iniciação, sim, 4º ano de iniciação, já é muito bom... se aparecer um... claro, já é bastante razoável...

10. Em que altura, geralmente, começa a ensinar o vibrato?

O vibrato... também...ah... para mim vem um bocadinho a seguir. Depende da apetência do aluno, também, porque já me têm surgido alunos e alunas que vivem um bocado fascinados com o vibrato, enquanto não fazem vibrato. A gente sabe que é assim, não é... e...

Entrevistador: Até aparecem a fazer vibrato.

Exatamente, alguns começam... aparecem a fazer um... um movimento, pronto depende um bocado da apetência do aluno. Se ele mostra logo uma apetência, uma vontade e... eu encaminho e... e começo a... começo a trabalhar com, com o vibrato... a... mas a... de uma forma geral, procuro também que a postura esteja mais solidificada... e... e pronto, em traços largos é isso.

11. O programa que utiliza, é sempre dado na mesma sequência a todos os alunos ao longo da sua evolução, ou vai variando de aluno para aluno?

Varia de aluno para aluno. Varia muito. A... eu... pronto, penso de uma forma racional, claro, mas juntamente também procurei desenvolver um lado intuitivo de perceber, e pergunto muito aos alunos. Não só...a... relativamente às peças, como aos alunos... aos estudos também. A... dou-lhes muitas vezes a mostrar umas quantas peças, uns quantos estudos, eu toco, para perceber qual é que é... o feedback. E... pronto, em função disso oriento o plano pedagógico.

12. Pode dar exemplos de repertório que geralmente um aluno no final do ano lectivo atinge (por exemplo numa audição final ou prova de instrumento) para o 1º e 4º anos de Iniciação, tendo em conta que estes frequentaram quatro anos de Iniciação?

Sim. Olhe... no, no 1º ano de iniciação... tenho o exemplo desta aluna que... tocou... chegou à... tocou na audição final a peça n.º 11 do Suzuki, do 1º livro. Tocou de cor, sabia a... 9,10 e 11 de cor, podia ter tocado qualquer uma. Sim, no 1º de iniciação tenho o caso desta aluna que referi, num 4º de iniciação, um bom aluno toca o 1º andamento do... do concerto lá menor de Vivaldi. A... aquela minha outra aluna, que não tendo começado no 1º de iniciação, começou só no... a meio do 3º... foi isso... se me recordo bem. A... creio que tocou, tocou o 1º de... lá menor de Vivaldi.

13. Qual o repertório mais avançado que um aluno seu já atingiu ao concluir a Iniciação?

Mais avançado... foi... foi esta minha 2ª aluna que, que eu referi. Que ganhou no ano, este ano o 1º prémio nas escolas alemãs. Tocou "Preludio e Allegro" Kreisler... tocou... a... os dois primeiros andamentos da "Sonata Primavera", está a tocar... a... Max Bruch, estudar Max Bruch e está a tocar bastante bem, é... é um... é um caso muito interessante.

14. No seu entender, quais as três competências mais importantes que devem ser adquiridas por um aluno de Iniciação ao final do primeiro ano?

Ter a questão da postura minimamente... bem encaminhada, eu sei que muitas vezes é difícil... mas a... pronto, tem que haver um esforço grande nesse sentido, porque... a... se essa questão estiver resolvida a evolução será... melhor, não é, como a gente sabe? Portanto a...isso por um lado, por outro, o conhecimento do instrumento que eu também dou importância. Ainda à bocado a... faltou-me de referir isso, eu vejo muitas vezes os jovens a... já de uma certa idade, que não conhecem suficiente bem... suficientemente bem o seu instrumento. E isso acho que é um... é um défice de... de formação, não é? E... é uma coisa que eu insisto logo desde, desde...desde o princípio. Por exemplo,

esta aluna do 1º grau é um espetáculo, ela... dizer os nomezinhos todos do violino, e do arco e... é impressionante numa criança de 6 anos.

15. E as três mais importantes ao concluir a Iniciação?

Ao concluir os... 4 anos da iniciação? Pronto é... é... a questão da postura está completamente solidificada, é... ter já um som... minimamente... controlado e trabalhado... e pronto... e mostrar um... um repertório... consistente, não é? Bem representado... e... desde... a questão técnica e... passando pelas escalas, os arpejos a... a... um outro trabalho técnico, estudos e peças... minimamente bem... equilibrado, isso penso que é o ideal

16. Os seus alunos de Iniciação apresentam-se em audições no Conservatório frequentemente?

Uma vez por período.

16.1 No primeiro ano, por volta de que altura fazem a primeira apresentação pública? Porquê?

Do 1º ano de iniciação? Pronto, eu... eu tento que façam logo...

Entrevistador: O quanto antes...

No 1º período. Portanto, começam as aulas... digamos, fim de Setembro, quando começam e a 1ª audição é em princípio de Dezembro, antes das férias do Natal. Aí já... já tocarão, já tocam qualquer coisa.

16.2 Em média, quantas vezes cada um dos seus alunos de Iniciação apresentam-se em público anualmente?

(Respondido anteriormente).

17. Quais os aspectos mais importantes que tem em conta quando realiza a avaliação neste nível de Iniciação?

Pronto, o primeiro de todos... que... a... acho que aqui é que é mesmo a postura. Na minha opinião é... é o primeiro, não é? Quer dizer, para tirarmos som, temos que pegar no instrumento, não é? E portanto, logo à partida é a postura... agora... nós sabemos que, que o violino e a viola são... os instrumentos que mais... concepções diferentes relativamente à postura existem, não é? Portanto, a... se eu ouvir um jovem com uma postura que não é muito ??? canções, mas que toca bem, aí não posso estar em consciência, ah... a por essa questão da postura acima das outras, não é... e tento fazer uma ponderação entre esses vários aspetos, a postura, a musicalidade... claro... a musicalidade implica toda a questão técnica que está na sua base, não é... pronto, a afinação, tudo isso que também entra em consideração... não é... a afinação, o som, o sentido rítmico e a atitude também e... no palco, digamos assim, não é...

18. Algum aluno seu de Iniciação já participou num concurso de violino?

Esta aluna do 3º grau que eu mencionei, que está no integrado, que fez o 3º ano, 3º grau este ano, participou na iniciação e ganhou o 1º prémio, também... ela, na escola alemã, nas escolas alemãs, em Portugal... ela, na iniciação, ganhou o 1º prémio, logo de iniciação e agora ganhou, outra vez, o 1º prémio e sim... e eu espero, esta aluna que começou agora, que começou este ano no 1º grau, que consiga... fazer boa figura... em concursos.

18.1 Se sim, em qual? Ganhou algum prémio?

(Respondido anteriormente).

19. Tendo em conta os contornos actuais do curso de Iniciação no Conservatório, na sua opinião, que aspectos considera positivos e os que poderiam ser melhorados?

Eu penso que se está a fazer um trabalho muito positivo. Eu estive ligado a uma apresentação, que houve agora da... tem havido todos os períodos, mas esta última no 3º período que houve no teatro Camões, do grupo Ateliê do Conservatório, uma coisa impressionante, um espetáculo que envolveu uma orquestra de cinquenta figuras, tanto na faixa etária dos 10,11,12 anos e um coro de 200 figuras, também da mesma faixa

etária e fiquei impressionado, tenho impressão que nunca se fez uma coisa dessas em Portugal... pela qualidade, pelo número de crianças envolvidas, pela faixa etária... foi um trabalho impressionante e que mostra bem o que se está a fazer no Conservatório... coisas a melhorar há sempre, não é... a começar pelas infra-estruturas, mas apesar de tudo o saldo é muito positivo.... Muito positivo. Pronto, podemos, no capítulo das coisas a melhorar, eu penso que melhorar era logo o tempo de aula por semana, não é... actualmente temos 45 minutos por semana, é francamente pouco para uma criança que quer investir num estudo sério no instrumento... pronto, se quiséssemos melhorar essa saída, era a melhor coisa a fazer, era... pelo menos duas aulas por semana, não é... dois módulos, mas pronto, isso custa dinheiro ao Estado e como sabemos, as coisas não estão famosas (risos) e por essa razão, creio eu, temos esta limitação...

Entrevista
Professor G

1. Tendo em conta o processo de admissão actualmente vigente, devido ao reduzido número de vagas, acha que estas provas, na sua opinião, demonstram que os alunos admitidos na sua classe de Iniciação têm “aptidão musical”? Porquê?

É, estas provas são umas provas muito complicadas... Porque não é 10 minutos nem em 15 minutos que nós nos podemos aperceber da aptidão musical, ou não, do aluno... Obviamente que se pode fazer alguma filtragem, não é, e é isso que o Conservatório quer mas eu sublinho contra estas provas... É preciso ter muito cuidado, estamos a lidar com crianças... O nível do Conservatório subiu muito e isso pode... Com que aconteça... Um aluno que se candidata com 8 anos tem obrigatoriamente ir para o 3º ano de iniciação...

Entrevistador: Já com um determinado nível...

Sim, já com um determinado nível e alguns que não tocam nada, porque nunca lhes foi tido essa possibilidade, não é... Pode ser muito complicado, portanto, esses alunos não entram porque o nível já é tão alto e é um bocadinho...

Entrevistador: Não têm hipóteses...

Sim, é um bocadinho complicado... E, portanto, na minha opinião... É bom que se façam, portanto, estas provas, mas eu penso que os alunos com mais idade, oito, nove anos, podem ficar um bocadinho prejudicados... Porque obviamente que a escola prefere que os alunos façam os 4 anos de iniciação do que um aluno faça 2 anos, embora já tivesse o caso de sucesso de alunos que tivessem entrado directamente para o 3º ano de iniciação... Isso já aconteceu, mas são muito poucos, a realidade é essa, não é... Portanto... Claro que sim, claro que isso é bom mas eu penso que os alunos mais velhos ficam prejudicados... Pronto, acho que é um pouco por aí.

2. Os alunos admitidos na sua classe de Iniciação, na sua maioria no primeiro ano, já toca violino antes de entrar para o Conservatório?

Desde há uns anos para cá que se têm... Que alguns alunos no primeiro ano já tocam. Ou tiveram aulas particulares com algum professor, ou porque têm um irmão mais velho e o irmão mais velho já... O irmão, ou a irmã, dá umas luzes... Sobre o violino e como pegar no arco... Sim, eu penso que desde à uns anos para cá que os alunos já tocam... violino.

Entrevistador: E na sua classe já teve desses...

Já, já tive, sim, já tive...

3. A maioria dos alunos que iniciam a aprendizagem do violino consigo conclui o curso de Iniciação e transita para o 1º grau...

Sim, sim...

Entrevistador: Ou anulam a matrícula antes de concluir este nível?

Sim, sim, todos ou quase todos transitam para o 1º grau... Tenho também alguns que desistem, não é, ou porque os pais não têm tempo... Tempo, quando eu digo tempo é tempo de acompanhar o aluno diariamente, não é, são crianças, é muito importante o apoio dos pais... Ou simplesmente porque os alunos não gostam do instrumento e querem ou mudar de instrumento ou, mesmo, não ter nenhum contacto com um instrumento musical... Mas a maior parte dos meus alunos transitam para o primeiro grau.

Entrevistador: Portanto, têm prova de de entrada para o primeiro grau e geralmente passam...

Têm a prova de entrada, sim. Muitos nem vão... Nem continuam no Conservatório, alguns também vão para a Academia de Santa Cecília, outros... Este anos tive o caso de uma aluna que os pais são do norte e então estavam cá em Lisboa...

Entrevistador: De passagem...

Sim, porque a mãe foi obrigada a estar aqui uns anos e agora isto... O próximo ano, portanto, o próximo ano-lectivo vão outra vez para o Porto e ela vai para outra escola lá em cima no norte. Mas sim, a maior parte dos meus alunos continuam os seus estudos musicais.

4. No primeiro ano de Iniciação, que actividades desenvolve com o aluno na primeira aula de violino?

No primeiro... Na primeira aula de violino... Bom, na primeira aula de violino o que eu costumo fazer é falar-lhes um bocadinho sobre o violino, não é, sobre o nome do violino,

falar um bocadinho sobre o arco, também explicar... Em quantas partes se divide o arco, explicar as cordas, qual é a corda mais grave, qual é a corda mais aguda... Portanto eles fazem um bocadinho de pizzicato nas cordas para terem alguma sensibilidade auditiva já... Basicamente... Coloco também os alunos a cantar, gosto muito que eles cantem... E normalmente na primeira aula de violino vejo qual é o tamanho do violino que eles precisam... Mas gosto que eles saiam da aula... Costumo pedir também para trazerem sempre para a aula um livro com pautas, um lápis e uma borracha... E logo na primeira aula eles também saem já... Quando levam a tal pauta, que quase nenhuns têm, mas se não levam eu tiro uma fotocópia de uma pauta e eu gosto que eles saibam identificar na pauta as cordas soltas. Portanto, eu coloco o mi, a bolinha do mi, a do lá, a do ré e do sol, e peço para eles fazerem muitas iguais... Para terem uma noção de onde é que as cordas soltas se situam na pauta, que é muito importante os alunos lerem pela pauta.

5. E, nesse sentido, utiliza o recurso de partitura com os seus alunos desde as primeiras aulas?

Sim, utilizo, utilizo. Dá um bocadinho de trabalho mas eu penso que vale a pena, depois, mais tarde...

Entrevistador: É mais rápido...

É muito, sim. No início é um bocadinho complicado e há que utilizar muitos jogos... Costumo utilizar por escadinhas, não é, o mi mais cá em cima, o lá, o ré e o sol, para eles irem sabendo também a voz, não é, por onde é que eles podem explorar a voz... Mas eu penso que, sem dúvida, compensa que depois a evolução a partir do 3º e 4º ano de iniciação é muito rápida e eles conseguem ler partituras, qualquer partitura, o que é muito bom.

6. Na ausência de um programa oficial definido para o curso de Iniciação, acha que seria mais positivo haver um programa definido oficialmente ou é preferível a inexistência de programa, dando mais liberdade ao professor... e porquê?

Era óptimo se houvesse um programa definido oficialmente, mas um que fosse de acordo com o que se passa actualmente, não é, porque os programas estão muito desactualizados, não é... Nós no Conservatório temos um programa, não é, mas não é oficial mas acho que nos podemos guiar por ele... Mas como eu em cada aluno, como eu penso que cada aluno é um caso, portanto, eu nunca dou sempre as mesmas partituras, eu posso ter 3 alunos no 1º ano de iniciação que cada um deles está a tocar uma peça diferente, porque cada um... Porque cada aluno tem as suas dificuldades e esse é o trabalho do professor, não é... Não é dar um livro e seguir tudo do início até ao fim, isso é muito fácil, isso é... Portanto é uma pessoa identificar... Nós temos uma sorte porque o violino tem um repertório tão vasto, tanta coisa, não é, e há sempre livros novos a sair... Que... Eu gosto de estar sempre o mais actualizada possível para poder usufruir disso com os meus alunos... Portanto, sem dúvida que se houvesse um programa definido seria bom, mas eu também penso que os 4 anos de iniciação... O que interessa é eles chegarem ao 1º grau já com um "background" bem... Portanto, ou seja, ter já um som bonito no violino, não é, uma posição correcta, a postura... Tocarem sem fitas, obvio, não é... E já mudarem de posições, isso é o ideal, se 1ª, 2ª e 3ª já estar a... Isso... Isso é, era, era o ideal, não é...

7. E que repertório utiliza no primeiro ano de iniciação?

Eu tento no primeiro ano de iniciação ser... Músicas muito populares, músicas que os alunos estejam muito... familiarizados, ou seja, há um livro que eu gosto muito que está desde 2009, que é o meu primeiro livro de violino da Marilyn Brito... Ou seja, é um livro fantástico... Muito simples e que tem músicas e estudos, que é muito importante, e escalas já para o primeiro ano, não é... Normalmente esse livro pode ir pelo 1º ano e o 2º ano de iniciação... Há alunos que conseguem ver o livro todo num ano e meio, outros num ano, outros alunos tem que ser em dois anos mas penso que é um livro... Que é muito pedagógico porque tem essa vertente de ter músicas muito conhecidas, não, e... Além disso a ilustração é fantástica, tem muitas cores... Portanto tem sempre... Tem um história por trás que é muito engraçada também... Eu acho que é um livro... E está escrito em português... Portanto, é o primeiro livro escrito em português. Então é um livro que eu tenho seguido, desde que... Desde que está no mercado e tem um cd também, com a parte de piano... Depois com a parte de piano com o violino... Portanto, isso é uma grande ajuda, não é, para os pais e para os alunos. Para os pais porque a maior parte dos meus alunos... dos pais dos meus alunos não sabem música, então têm que se guiar. Às vezes eles

gravam as aulas também, outras vezes... Envia-me e-mails, outras vezes telefonam-me, outras vezes envia-me sms's, sempre com dúvidas e perguntas, que é normal... Mas... Portanto, é um livro que eu gosto muito e dá para eles pintarem também... É muito engraçado. Antes... Quando não havia esse livro tentava fazer uma combinação de vários livros. O Neal MacKay, gosto muito, também... Algumas peças do Suzuki, também, mas noutro contexto, do Suzuki, não é, portanto, sem fitas... Que peças é que eu posso utilizar mais? Também umas pecinhas de um... De um... Agora não me estou a recordar o nome... Como é que é?... Que tem muitas peças tradicionais francesas - "Frere Jacques" ou "Claire de la lune"... Que as crianças também conhecem... Mas agora, realmente, desde que há esse livro tenho... Gosto muito dele...

Entrevistador: Seguido...

Sim, tenho seguido. E depois, obviamente, os concertinos, não é...

7.1 E... Isso mais nos outros anos, não é?

Mais nos outros anos, embora a partir do 2º ano... Já tive uma aluna agora que tocou o Op. 35 do Rieding, o 1º andamento, no 2º ano de iniciação... Terminou agora com esse concerto... Portanto, isso depois depende de aluno para aluno, não é, o que eles conseguem...

Entrevistador: Mas de uma forma geral, e nos anos seguintes, geralmente que repertório é que...

Nos anos seguintes... Ou seja, depois do primeiro.. e do segundo ano?

Entrevistador: Sim, a partir do segundo ano.

A partir do segundo ano... Sim, gosto muito de... Os Riedings são fantásticos, o Kuchler, também, os Kuchlers... O que é que eu costumo dar mais?... Costumo dar muito, logo o Wohlfarth... Os primeiros 30 estudos do Wohlfarth... As escalas, logo, em tudo oitavas... É os Riedings... Sim... Um pouco por aí...

8. E desde que altura começa a utilizar escalas, neste nível de ensino?

Bem... Logo no primeiro ano... Desde o início... Eles já conseguem fazer, não é... Sabendo colocar os três dedos já conseguem fazer uma escala de sol maior, ré maior, lá maior... Só numa oitava... Já para eles saberem... Já conseguem, sim...

9. Em que altura, geralmente, começa a ser exigido repertório com mudanças de posição?

Isso depende muito do aluno, é muito complicado, mas eu tenho, por exemplo, uma aluna de 3º ano de iniciação... Mas é uma aluna que tem... Que estuda muito e os pais estão muito presentes... Que está a tocar o 3º andamento do... Do concerto em lá menor de Vivaldi, não é... (canta)... a uma boa velocidade e consegue fazer muito bem a 1º, 2º e 3º posição já... Mas isto é um caso pontual, não é, nem todos os alunos são assim... Alunos... Que estudam diariamente conseguem, eu penso que, a partir do 3º, 4º ano de iniciação... Mas depende... Depende também... Isto é como o vibrato... Exactamente como o vibrato... Há alunos que, porque me veem vibrar, perguntam: "Ah professora, porque é que está a tremer com a mão?" E eu tento explicar que é o vibrato, e há alunos que já conseguem... Estar muito... Relaxados, não é, é muito fácil para eles fazer o vibrato e imitarem o meu movimento e eu explicar o que é que têm que mexer, que existe vários tipos de vibrato... Mas que o ideal é eles fazerem... Com a junção dos 3, não é, e explicar porquê e... E colocar a cabeça do violino contra a parede... Para eles perceberem que o violino se tiver muito bem seguro e se nós estivermos, não é, tal e qual como... Um casaco num cabide, a mão... Que é muito fácil para eles. Mas isso depende, não é? Mas essa...

Entrevistador: De uma forma geral...

De uma forma geral, o vibrato... Depende muito do aluno mas eu penso que a partir do 3º ano já se consegue... Há alunos que estudam diariamente, lá está... 3º ano de iniciação já se consegue... Isso depende da... De... Do desenvolvimento que o aluno tem com o violino...

Entrevistador: Ter tempo...

Ter tempo, exacto, ter tempo de... Para irem à Gulbenkian, para irem ao São Carlos, à Metropolitana, verem concertos de música de câmara, coisas... Com os filhos, não é... Também porque eu penso que, cá em Portugal, os concertos são muito tarde... Poderiam ser muito mais cedo, tipo às 6 da tarde, às 4 da tarde ou mesmo domingo de manhã, para crianças, era muito importante.. Faz-se alguma coisa mas nem sempre se faz, não é... Muita coisa às 9 e meia, não é...

JA - Não é tradição...

RC - É... Às 9 da noite... Mas quando não existe, portanto, essa... Liberdade dos pais e essa logística em casa de levar as crianças a assistir a concertos, que eu estou sempre a estimular ao máximo... Sempre a dizer-lhes para eles estarem com atenção ao CCB, à Gulbenkian... à agenda da Metropolitana, tudo... Quanto mais coisas virem, muito melhor para eles... Quando não existe essa possibilidade, podem se... Podem ir para o YouTube, podem ir para a Mezzo e...

JA - Ter acesso...

RC - E ter acesso, eu acho que sim, que é muito bom para eles... Mas pronto, esta questão do vibrato é muito complexa, não é, tu sabes isso, também das aulas... É muito... Tenho alunos que conseguem fazer a partir do 2º ano de iniciação, 3º ano de iniciação, outros que passam a iniciação toda sem fazer vibrato e que no 1º grau conseguem... É um bocadinho... Um bocadinho por aí...

Entrevistador: Pode dar exemplos de repertório que geralmente um aluno no final do ano lectivo atinge, por exemplo numa audição final ou prova de instrumento, para o 1º e 4º anos de Iniciação, tendo em conta que este frequentou quatro anos de Iniciação?

Tendo em conta que o aluno frequentou 4 anos de iniciação... Por exemplo, o 3º andamento do concerto Op.35 de Rieding... (canta)... Alguns alunos do 4º ano terminam com esse... Com o estudo... nº 30 ou 31, com as mudanças de posição, do Wohlfahrt, do 1º e 3º... Alguns alunos conseguem terminar o 4º ano com o concertino húngaro... Que é um concertino muito... É grande, não é, e tocar de memória já é complicado...

Entrevistador: E no final do 1º ano?

No final do 1º ano... No final do 1º ano depende... Há alguns alunos... Se conseguirem tocar... Ou seja, com uma boa divisão, uma boa afinação, o balão do João, fico muito contente... Não é... Portanto, é um bocadinho o 1º ano, é um bocadinho eles habituarem-se, portanto, o corpo se moldar ao instrumento, ao violino, mas em termos de repertório... É, estou a tentar lembrar-me, não tenho aqui o livro, devia ter trazido, o da Marilin... Mas... O ideal é que eles consigam tocar já com os 4 dedos, não é... Mas eu não tenho aqui o livro, não sei mas tipo o "Hino à Alegria, que é uma das músicas que está lá, no livro da Marilin... Também podemos ir um bocadinho com alguns dos minuetos, o primeiro minuetto do... Do Suzuki, não é, do Bach, também é bom... Alguns alunos terminam também com essa peça, que é difícil porque já tem o dó natural, não é... Não é só os 3 dedos iguais, mas para eles perceberem a diferença, não é, que o segundo dedo também é móvel... Portanto, tem sido um bocadinho por aí...

Entrevistador: Qual o repertório mais avançado que um aluno seu já atingiu ao concluir a Iniciação?

Qual o repertório mais avançado que um aluno seu já atingiu ao concluir a Iniciação... Foi o concertino húngaro...

Entrevistador: No seu entender, quais as três competências mais importantes que devem ser adquiridas por um aluno de Iniciação ao final do primeiro ano?

Do primeiro ano, não é? Primeiro da iniciação... Bem, sem dúvida que a postura, é uma coisa que uma pessoa está sempre a trabalhar, não é?... Mas isso é... É uma das coisas mais importantes - mais natural possível, a postura - e eles perceberem a importância da afinação, não é, portanto, o cantar muito, o corrigirem quando... Eles perceberem que têm que corrigir quando está afinado... Eu penso que essas são as coisas mais importantes... A postura, a afinação, que vai dar também, obviamente, à questão do som - irem procurando uma sonoridade cada vez mais limpa e perceberem o que podem fazer ao longo do arco, não é, quando tocam...

Entrevistador: E as 3 mais importantes ao concluírem a iniciação?

Ao concluírem a iniciação, a 3 mais importantes... Saberem ler uma partitura, e quando eu digo ler não é só as notas, não é, perceberem um bocadinho já também a... A parte musical, não é, quando estão as dinâmicas, os crescendos, o diminuendos, portanto, fazerem as diferenças... Lá está, mais uma vez a postura... E a afinação e o som...

Entrevistador: Mas noutro nível...

É, é... Mas num outro nível, noutro patamar. E, obviamente, que a importância de tocar de memória também é muito importante... Portanto... Trabalhar muito com partitura para depois conseguirmos tocar sem partitura... É um bocadinho por aí...

Entrevistador: Os seus alunos de Iniciação apresentam-se em audições no Conservatório frequentemente?

Sim, sim...

Entrevistador: No primeiro ano, por volta de que altura fazem a primeira apresentação pública?

Porquê?

A primeira apresentação pública normalmente... eu costumo fazer... na primeira semana de dezembro, portanto com pouco... com muito poucas aulas, não é... normalmente as aulas no conservatório só costumam acontecer a primeira aula na última semana de setembro... Portanto basicamente os alunos têm umas 10 aulas antes de terem a primeira...

Entrevistador: E no início até muitas vezes não têm instrumento...

E muitas vezes não têm... Sim, existe esse problema, muitas vezes... Ou os alunos optam por alugar e é aquelas burocracias. ir ao conservatório, alugar... Muitos alunos, hoje em dia, como a maior parte das pessoas onde compram aceitam a retoma, portanto preferem comprar e depois à medida que o aluno vai crescendo irem trocando de violino, a maior parte... Mas alguns pais não querem arriscar, também com esta coisa da crise, não querem e é muito dispendioso, para alguns pais... Mas realmente o ideal é eles terem logo o violino... Alguns... A maior parte dos meus alunos... A realidade é que logo na segunda aula, ou na terceira, já trazem o violino, senão nós também lá no conservatório temos os violinos e podemos trabalhar com eles mas eles não podem levar para casa, não é, que esse é o grande problema... Mas lá está, na primeira aula eles também não começam logo a... Começam logo só a fazer pizzicato para perceberem, não é, as cordas e só começam a tocar mesmo mesmo... Primeiro é importante eles perceberem como é que se pega no arco, fazer alguns exercícios com o arco... Não é... O "pára-brisas", redondinho... Imensas coisas... Portanto, só mais ou menos a partir da terceira aula é que eles começam mesmo a perceber, a tirar som do violino... Mas como é que era a pergunta? Era?

Entrevistador: Em relação à primeira apresentação pública...

Exacto... Portanto, é na primeira semana de Dezembro...

Entrevistador: E por algum motivo especial?

É... O final do primeiro período, é a audição de Natal, o que eu chamo audição de Natal... Tenho sempre assim uma coisinha para eles, uma pequena lembrança para os estimular, uma coisinha doce... Alguma coisa... E é quando eles também... Quando os alunos do primeiro ano conhecem os outros colegas, não é, que já estão no segundo, terceiro, no quarto ano de iniciação... E que é... Acaba por ser um encontro e uma audição muito produtiva, não é... É aos alunos... Que estão com muito medo - "ai meu deus, vou pisar um palco pela primeira vez" - eles depois percebem que não é assim, que é um ambiente muito familiar e... E com... E é... Na primeira audição é muito importante o impacto ser positivo... Porque... Sem dúvida se eles tiverem uma boa memória de como foi a primeira audição... Ao longo do tempo vão ficando com mais vontade de ter muitas audições, não é...

Entrevistador: E menos ansiosos...

E menos ansiosos, sim... E mesmo que não faça... Eu, no mínimo, faço sempre uma audição em cada período, não é... Mas normalmente costumo juntar os meus alunos e eles tocarem uns para os outros, isso é uma coisa muito engraçada que eles gostam muito...

Entrevistador: Tipo "studio class"...

Sim, e depois cada um tem que dizer as três coisas boas e só depois a três coisas menos boas... Nós não dizemos "três coisas más", é "as menos boas"... E cada um dá... É muito engraçado ver os alunos pequeninos, não é, porque eles falam um bocadinho com a minha linguagem, não é... "Estás um pouco torto" (risos)... Ou "o mindinho não está redondo"... É muito engraçado, não é... Nós vemos miúdos pequeninos com 6 anos a dizerem coisas aos alunos de 10 anos, é muito engraçado... portanto, as coisas que eles já conseguem visualizar nos outros, não é, e é muito importante... Eu penso que se eles conseguem visualizar nos outros também se vão se conseguir visualizar a eles próprios... Essas aulas são muito engraçadas e acho que acabam por ser sempre muito divertidas e acho que eles aprendem muito também, portanto... Mas, no mínimo, em termos de audições, eu costumo fazer no mínimo 5 audições, por ano...

Entrevistador: É uma média de duas por período, mais ou menos...

Sim, mais ou menos, sim, no último período eles acabam por fazer sempre 2 ou 3... Portanto, no 1º período só faço aquela do natal, às vezes no 2º período é que costumo fazer 2... A partir de Janeiro é que começa a ser mais, não é, para os alunos do primeiro ano, mais regular, a apresentação. Até lá estou a prepara-los porque é sempre aquela coisa... (palma) quando batem as palmas fazer a vénia, agradecer ao público, essas coisas... Portanto, habitua-los a fazer.. A ter essas regras, importantes regras, não é... Também não podem ir de ténis para uma audição, não podem ir de calças de ganga... Também logo a partir de aí... Mas isso é um bocadinho mais com os pais, alunos pequeninos... Mas eu acho que é muito importante logo haver essas boas regras...

Entrevistador: Quais os aspectos mais importantes que tem em conta quando realiza a avaliação neste nível de Iniciação?

Costumo relacionar o tocar o violino, o estudar o violino como um hábito de higiene do nosso quotidiano... Costumo a dizer que eles têm que tocar violino como lavar os dentes, eles não lavam os dentes depois começam, não é... Têm que lavar os dentes todos os dias... Portanto... E a única coisa que eu peço no primeiro ano de iniciação é que eles têm que estudar violino 5 a 10 minutos por dia, diariamente... E se eles fizerem isso já é muito bom, portanto fazer... E o ideal é ser sempre com a supervisão de um dos pais, não é, pelos menos nos primeiros 5 minutos e depois já ir deixando os outros 5 minutos o aluno sozinho ou com os pais, que obriga, entre aspas, aos pais a terem sempre um espelho de corpo inteiro no sítio onde o aluno costuma estudar - normalmente é no quarto do aluno ou na sala lá num cantinho específico - para eles se habituarem a estudar em frente ao espelho... Quais os aspectos mais importantes que tem em conta quando realiza a avaliação... Talvez seja mesmo, portanto, ou se o aluno está motivado para estudar todos os dias e à desenvoltura que eles vai tendo de aula para aula, não é... Porque sem dúvida quando um aluno que estuda... Começa a perceber que o violino é um instrumento muito desafiante, não é, desafiador, eles querem cada vez... Vão... Percebem que cada vez... Se estudarem mais vão tendo resultados positivos e isso é muito engraçado porque os alunos vão lutando cada vez mais e automaticamente vão dizer: "vá professora, já consigo tocar esta peça bem, quando é que é, quando é que me dá a próxima peça", não é, eles estão sempre... Eles também querem sempre mais...

Entrevistador: É uma busca de um desafio maior...

É, é, querem sempre... Os aspectos mais importantes quando eu, portanto, quando eu, quando eu faço a avaliação é realmente se eles conseguem já ter esse alcance, portanto, ao nível de estarem embrenhados naquela... Naquela...

Entrevistador: Processo todo...

Sim, naquele processo todo, não é, de quererem sempre mais, isso é muito bom sinal... Porque há aqueles alunos que para eles estudarem é uma chatisse, uma pessoa tem que tentar educa-los... Por isso é que eu acho que é ótimo os alunos começarem com 6 anos, não é, porque é quando eles começam a ter regras na escolha primária, quando eles começam a ler, quando eles começam a estar mesmo numa turma bem comportadinhos... Até lá a pré-primária é um bocadinho rebaldaria... E acho que o violino é muito bom para eles, para os assentar...

Entrevistador: Algum aluno seu de Iniciação já participou num concurso de violino?

Sim, sim, sim, já participaram... Já participaram no Fundão, já participaram no Capela, e agora neste concurso, no Gilberto Paiva que foi a primeira vez, que foi em Santa Maria da Feira.

Entrevistador: E ganhou algum prémio?

Pois, chegaram à final mas não ganharam nenhum prémio. Tive uma aluna, mas é da Metropolitana, não interessa...

Entrevistador: Tendo em conta os contornos actuais do curso de Iniciação no Conservatório, na sua opinião, que aspectos considera positivos e os que poderiam ser melhorados?

Os contornos actuais do curso de iniciação... Bem, os aspectos que eu considero positivos era aquilo que eu tinha dito no início, não é, quando estávamos a fazer a entrevista (?)... Acho que é ótimo os alunos, portanto, começarem a ter o acesso com 6 anos de idade, portanto, terem aquele percurso de 4 anos para irem.. porque eles vêm com um "background" muito... muito melhor do que um aluno que vai directamente para o primeiro grau, ou que vai directamente para o quarto ano da iniciação... Portanto, só o contacto, a nível auditivo nota-se uma grande diferença também porque o... Portanto, o ouvido vai sendo trabalhado, não é, tanto nas aulas de formação musical, que são um bom complemento, como nas aulas de violino... Agora, o que considero que podem ser melhorados... Talvez a existência de um programa, portanto, ficar oficialmente reconhecido um programa para todas as iniciações... E talvez estas ditas provas para fazer a filtragem fossem feitas de outra maneira... E que nós pudéssemos ter um bocadinho mais de tempo com cada aluno para perceber... E não só fazemos aos alunos mas também aos pais, não é, porque sem dúvida nos primeiros anos...

Entrevistador: É fulcral...

É, é, é muito importante a presença dos pais e muitas vezes os alunos até estão com muita vontade mas se os pais têm um trabalho complicado, chegam a casa às oito da noite e não vai ser o avô que já tem um aparelho auditivo... (risos)... Que não ouve bem ou que já não vê bem, que vai ajudar, não é... Tem que ser mesmo, portanto, tem que ser os pais ou um elemento mais presente, ou o pai ou a mãe, não é... Muitas vezes não é preciso ser a mãe, às vezes tem que ser o pai, porque a mãe também... portanto, convém ser sempre o mesmo, a mesma

pessoa a estar presente... Mas sem dúvida que considero muito positivo os alunos começarem com 6 anos... Muito, muito importante.. E acho que poderiam ser melhoramos perante estas provas, não é, de admissão... Tendo mais tempo para a trabalhar com os alunos e para perceber os alunos... Não só os alunos como os pais também, como já tinha referido... E talvez os alunos que pudessem entrar com 8, 9 anos lhes fosse dado a possibilidade de terem mais uma aula por semana, por exemplo, para conseguirem recuperar... Se são alunos que gostam e que... Nota-se aqueles alunos que vêm com o brilhinho nos olhos, não é... Nota-se logo... "Este aluno tem paixão pela música e pelo violino..." E muitas vezes, como há muitos alunos de 6 anos, é um bocadinho promíscua, esta relação... portanto, talvez fosse bom e fosse importante dar essa possibilidade aos alunos que estão mesmo interessados e gostam mesmo e não puderam em anos anteriores entrar, dar-lhes essa possibilidade, ou porque os pais não sabiam que existia o Conservatório, ou porque deixaram escapar a matrícula... Deixar, realmente, os alunos na mesma entrar mas que fosse... Que lhes fosse dada a possibilidade de ter mais uma aula por semana... porque tenho a certeza que são alunos que estudam tanto como os outros, não é... E acho que é muito complicado, não é... Eu acho que é muito complicado isso acontecer...

Entrevistador: Obrigado!

Obrigada eu!

Conservatório Regional de Ponta Delgada

Entrevista Professor A

1. Tendo em conta o processo de admissão actualmente vigente, devido ao reduzido número de vagas, acha que estas provas, na sua opinião, demonstram que os alunos admitidos na sua classe de Iniciação têm “aptidão musical”? Porquê?

Eu acho que as provas demonstraram que a questão da aptidão musical é importante na admissão ao conservatório porque reparei que de qualquer forma os que passam estas provas têm alguma facilidade, digamos assim, relativamente à questão do ritmo, relativamente à audição, portanto acho que há uma, porque eu tenho reparado este anos em que as provas foram actuadas, uma resposta mais pronta, digamos assim, dos alunos em relação àqueles que entravam sem prova, porque o facto de estar aqui há 13 anos, quer dizer, passei pelas duas fases, porque a questão é que, sim, às vezes os alunos são encaminhados para o conservatório também por vontade dos pais e depois nem sempre estão com vontade ou nem sempre têm esta questão da aptidão, quer dizer, é claro que a aptidão musical não é tudo mas acho que é um bom começo para não ... acho que quem tem aptidão ou alguma facilidade em relação à percepção rítmica ou melódica tem uma estrada mais facilitada, neste sentido.

2. Os alunos admitidos na sua classe de Iniciação, na sua maioria, já toca violino antes de entrar para o Conservatório

Geralmente não, quer dizer ... Acho que nestes 13 anos acho que nenhum, quer dizer, nenhum dos pequeninos já tinha, nem quem entrou para o 1º grau nem quem tinha entrado para a Iniciação, nenhum dos alunos tinha tido aulas antes de entrar.

3. A maioria dos alunos que iniciam a aprendizagem do violino consigo conclui o curso de Iniciação e transita para o 1º grau ou anulam a matrícula antes de concluir este nível?

Na linha geral, quer dizer, na maioria dos casos, eles transitam para o primeiro grau, são relativamente poucos aqueles que anularam a matrícula ao longo destes anos, antes de acabar a Iniciação. Portanto a maioria passou para o 1º grau. A partir deste ano, haverá uma prova para ingresso no 1º grau, portanto as coisas ficam um bocadinho mais complicadas, mas acho que, em linha geral, acho que vão passar para o 1º grau sem problemas.

4. No primeiro ano de Iniciação, que actividades desenvolve com o aluno na primeira aula de violino?

Na primeira aula faço uma explicação do instrumento, do funcionamento do instrumento, abordagem à posição, basicamente, porque é a primeira coisa que é preciso aprender, digamos que é fundamental que a posição seja adquirida de uma forma relaxada, natural, porque isto depois implica ou pode implicar problemas na evolução da aprendizagem, os vícios da postura são difíceis de tirar mais tarde, portanto na primeira aula sim, é esta abordagem à apresentação do instrumento, é uma primeira abordagem à posição e postura que depois prolonga-se nas primeiras aulas.

5. Utiliza o recurso de partitura com os seus alunos desde as primeiras aulas?

Geralmente não. Nas primeiras aulas são mais exercícios para a postura, também implicando alguma produção do som, mas acho que nas primeiras quatro ou cinco aulas não introduzo partitura, embora, quer dizer, já desde a quinta, sexta aula, pode parecer cedo, mas com uma boa preparação às cordas soltas, por exemplo, eles não encontram muita dificuldade a começar a ler a partitura. Uma coisa que reparei é que eles têm alguma dificuldade em fazer a associação entre o que eles aprendem na formação musical, por exemplo, e o que depois têm de aplicar no violino, leitura das notas. Também estou a falar mais à frente no percurso, a meio do ano... porque acho que a formação musical bate muito na questão da audição e menos na leitura das notas, e a

minha abordagem depois de um tempo requer uma leitura, porque tendo a puxar os alunos para a leitura para fomentar um bocadinho a autonomia, porque se um aluno sabe ler e começa a ler a música em casa, pode encontrar mais facilidade em estudar.

6. Na ausência de um programa oficial definido para o curso de Iniciação, acha que seria mais positivo haver um programa definido oficialmente ou é preferível a inexistência de programa, dando mais liberdade ao professor? Porquê?

Pela minha educação, eu acho que um programa, e sempre fui habituado a ter programas, seja pela minha formação seja pela dos alunos, portanto, quer dizer, eu acho que um programa seria bom, também para, digamos assim, fazer com que os professores todos da escola façam o percurso de uma forma parecida, porque depois pode haver casos em que um professor apresenta um aluno no final da Iniciação que põe os dedos todos, outros que ainda não têm esta capacidade... portanto há depois uma disparidade, uma diferença de níveis no mesmo curso que acho que seja muito saudável, muito ... e depois, quer dizer, ao nível da aviação, torna as coisas mais complicadas. Portanto, a meu ver, a existência de um programa, quer dizer, nem que seja um programa obrigatório, mas um programa indicativo, alguma coisa que oriente o percurso do professor.

7. Que repertório utiliza, no primeiro ano de Iniciação?

Então, no primeiro ano de Iniciação, utilizo vários livros, não tenho um livro único para todos. Tenho de dizer que tentei experimentar um único livro para todos, mas isto não resultou muito bem porque, quer dizer, cada aluno tem as suas aptidões, tem as suas simpatias, tem o seu ritmo de crescimento e o seu ritmo de aprendizagem. Portanto, quer dizer, eu utilizo vários livros, entre os quais o Suzuki, o Italiano que também utilizava quando comecei, o Curci, também os métodos dos colegas russos que trouxeram para aqui, portanto tento, quer dizer, os livros e os textos são mais um recurso que não o método em si, o método não é o livro mas é um apoio ao método que depois se vai construindo com o aluno, basicamente.

7.1 E nos anos seguintes?

Nos anos seguintes, sim, continuo a utilizar vários livros, não me foco ... às vezes um aluno reparo que acha mais fácil seguir um único texto, por exemplo, um aluno que começa com o Suzuki depois progride seguindo a estrutura do Suzuki, mas isto não é válido para todos, portanto continuo a fazer um apanhado dos vários textos.

8. Utiliza escalas e estudos neste nível de ensino?

Sim, sim, logo que eles começam a por os 3 dedos, já começo com a escala de Lá Maior, a escala de Ré Maior, e quem, quer dizer, até final do quarto ano acho que alguém consegue também a escala de Sol Maior, portanto escalas começo logo a introduzir. Os estudos são as pecinhas que se encontram nos livros de apoio, portanto, o Suzuki tem as suas peças, 16 compassos mais ou menos, também os livros dos métodos russos têm estudos curtos, portanto, não são propriamente estudos, são peças que aplicam as técnicas aprendidas.

8.1 Se sim, geralmente a partir de que altura? Dê alguns exemplos.

9. Em que altura geralmente, na sua pedagogia, começa a ser exigido repertório com mudanças de posição?

Estando a falar sobre a Iniciação, são poucos os alunos que neste curso começam a aplicar a mudança de posição. A mudança de posição, para os alunos mais estudiosos, digamos assim, no final do segundo, terceiro ano, já se consegue fazer alguma coisa, mas na Iniciação é bastante difícil. Até agora, não tive nenhum aluno que tivesse o domínio da primeira posição tão bem assente que permitisse avançar para as outras posições.

10. Em que altura, geralmente, começa a ensinar o vibrato?

O vibrato, também aqui, na Iniciação, é bastante difícil que os alunos consigam fazer o vibrato, portanto, isto passa também para o curso básico, para o terceiro, quarto grau. Agora, exercícios que, quer dizer, voltando à questão da posição, da postura, exercícios que libertem a mão, porque eles, como são pequeninos, também, às vezes pela questão de não estudarem muito em casa, portanto, eles sentem o violino ainda como uma coisa incômoda, sobretudo, quer dizer, no primeiro, segundo ano, portanto, tendem a aguentar o violino com a mão esquerda, a puxar o pulso para cima, puxar o ombro para cima, portanto, quer dizer, a minha preocupação principal é arranjar a postura de forma a libertar a mão, de forma a permitir em seguida a mudança de posição sem problemas, quer o vibrato, porque se a mão fica presa ao braço do violino, não consegue fazer vibrato nenhum.

11. O programa que utiliza, é sempre dado na mesma sequência a todos os alunos ao longo da sua evolução, ou vai variando de aluno para aluno?

Como já disse, o facto de utilizar vários livros, depende da recepção do aluno, portanto não tenho um programa predefinido para todos, embora, quer dizer, há alturas e pontos em que eu sei que os alunos devem chegar todos, alguns estudos ou escalas, quer dizer, mais cedo ou mais tarde, todos têm de chegar a fazer a escala de lá maior, de ré maior, o estudo x, portanto, embora o percurso não seja igual para todos, as metas, as etapas, são comuns a todos.

12. Pode dar exemplos de repertório que geralmente um aluno no final do ano lectivo atinge (por exemplo numa audição final ou prova de instrumento) para o 1º e 4º anos de Iniciação, tendo em conta que estes frequentaram quatro anos de Iniciação?

No primeiro ano, geralmente eles conseguem fazer alguns estudos do Suzuki, por exemplo chegam até ao número 7, 8 do Suzuki, no primeiro ano. Depois alguns estudos do método russo, que implicam os 3 dedos, e até os 4 dedos ... basicamente estes, também este livro italiano Curci que também tem estudos fáceis, isto no primeiro ano. Depois no quarto ano, consoante a evolução do aluno, por exemplo, este ano tenho alunos que já chegaram a fazer estudos do 2º grau, por exemplo, ou que estavam previstos, aconselhados, também aqui no básico não existe um programa definido, mas o departamento organizou um guia, um programa aconselhável para os vários anos do básico, portanto, eles fazem estudos do Baclanova, do Dancla, aqueles deste método russo que estão previstos para, por exemplo, o segundo grau, a falar dos mais avançados... senão eles avançam com os estudos do Suzuki, para além do 8, os estudos a seguir, portanto, a escala de Sol Maior em duas oitavas, os estudos em Sol Maior em que podem utilizar as competências adquiridas com a escala de Sol Maior, por exemplo.

13. Qual o repertório mais avançado que um aluno seu já atingiu ao concluir a Iniciação?

14. No seu entender, quais as três competências mais importantes que devem ser adquiridas por um aluno de Iniciação ao final do primeiro ano?

Primeiro, a postura, acho fundamental, a questão da postura sem incómodos sem rigidez, relaxada, correcta. A segunda, alguma leitura, com certeza, e também a capacidade de tocar junto com piano, nas audições, por exemplo, com acompanhamento. Acho que no primeiro ano são estas 3, mas focando basicamente mais na questão da postura e posição.

15. E as três mais importantes ao concluir a Iniciação?

Acho que aprimorar estas três que disse, pelo menos o domínio da primeira posição, isto seria expectável, basicamente ao fim do quarto ano ter bem assente a primeira

posição, com base no pressuposto de uma postura correcta, e uma leitura mais rápida e desenvolvida.

16. Os seus alunos de Iniciação apresentam-se em audições no Conservatório frequentemente?

Sim, tenho a dizer que por motivos pessoais, estes anos não fizeram muitas audições, porque como estava a frequentar a Universidade, para mim, por acaso terça-feira é o dia das audições e também o dia que tinha as aulas na Universidade, portanto ... mas fazendo um apanhado dos anos todos, sim, eles apresentam-se com alguma frequência porque é importante também ultrapassar o pânico do palco, embora, quer dizer, eles não têm consciência ainda desta responsabilidade, conforme as idades, vão crescendo, vão talvez ficando mais receosos, mas, portanto, quer dizer, apresentam-se com alguma frequência nas audições.

- 16.1 No primeiro ano, por volta de que altura fazem a primeira apresentação pública? Porquê?

Costumo fazer quando eles já tocam alguma coisa, ou com as cordas soltas ou quando já começam a por o primeiro dedo, portanto, quer dizer, que se possa fazer uma melodia perceptível com algum acompanhamento.

- 16.2 Em média, quantas vezes cada um dos seus alunos de Iniciação apresentam-se em público anualmente?

Em média, penso que 2, os mais avançados conseguem 3 vezes por ano.

17. Quais os aspectos mais importantes que tem em conta quando realiza a avaliação neste nível de Iniciação?

Bom, então, primeiro a aprendizagem na aula porque, quer dizer, a questão é que às vezes falta o acompanhamento dos pais e isto... porque, quer dizer, o aluno que gosta muito de violino também precisa em casa ter um incentivo a estudar e às vezes não é fácil, às vezes os estudos são chatos entre aspas, portanto, devo dizer que tenho tido alunos de que sozinhos estudam em casa sem nenhuma força por parte dos pais, mas é bastante raro, os outros precisam de ser empurrados para o estudo. Portanto, não posso avaliar muito o trabalho de casa, ou pelo menos se faço isso, os alunos ficam de qualquer forma prejudicados, embora seja uma questão complicada, em princípio deveria ter em conta isso, mas tendo em conta que a responsabilidade não é inteiramente deles, porque eles são pequeninos, 7, 8 anos, às vezes com 6 anos, portanto, a responsabilidade é também partilhada com os pais, se os pais não estão atrás dos filhos, não posso prejudicar os filhos por esta razão. Portanto, avalio o que eles aprendem na aula, basicamente a questão da postura, da leitura, se mostra interesse e participação nas aulas, porque isto é fundamental, porque um aluno passivo que não mostra interesse também é desmotivante, seja para ele como para o professor, e basicamente são estes os princípios que me orientam.

18. Algum aluno seu de Iniciação já participou num concurso de violino?

Não, até agora Iniciação não participou, quer dizer, não me lembro se participaram em algum concurso interno, quando o conservatório fez, acho que foram dois anos o concurso ... talvez, mas não tenho certeza disso, era um concurso interno de qualquer forma.

19. Tendo em conta os contornos actuais do curso de Iniciação no Conservatório, na sua opinião, que aspectos considera positivos e os que poderiam ser melhorados?

Eu acho muito positivo a afluência dos alunos ao curso de Iniciação, quer dizer, pode ser por qualquer motivo, por vontade dos pais, por vontade dos alunos, mas de qualquer forma acho que, também no caso de um aluno não prosseguir, não querer fazer a carreira de músico, acho que a formação musical de base não faz mal a

ninguém, até é bom, não é, porque nunca se sabe na vida, uma pessoa pode retomar o instrumento por hobby, por prazer, por outros motivos, portanto, uma preparação musical de base também abre perspectivas diferentes em relação ao mundo que nos rodeia, a arte também é uma forma de ver o mundo, portanto a afluência acho positiva. O aspecto negativo é o facto de faltar um programa orientador para este curso... talvez a consciencialização de que o instrumento não é a mesma coisa que ir depois ao ballet, ao futebol, as actividades complementares, quer dizer, quando um aluno é articulado, isto também tem influência no currículo escolar, não é, mas esta cultura de que é preciso o empenhamento em casa, porque isto ajudaria a construir um sentido de disciplina, ou seja, o instrumento não é só para ser estudado com o professor na aula mas também para ser teinado, porque senão a evolução é mais lenta, mais morosa, às vezes o que se aprende numa semana já está esquecido na semana seguir, portanto acho que um envolvimento dos pais nesta consciencialização da responsabilidade a inculcar no estudo do instrumento deveria melhorar...

Entrevistador: E ao nível do funcionamento, portanto, do curso aqui no conservatório ao nível da instituição?

Eu acho que, quer dizer, fazendo um apanhado destes anos, porque quer dizer este ano mudou a carga horária, os alunos de Iniciação têm dois tempos de aula, uma aula individual e uma aula em conjunto e se não pode ser em conjunto dividida a meio, portanto, quer dizer, o tempo de aula aumento e isto é positivo, porque a meu ver uma aula por semana na Iniciação de 50 minutos é um bocadinho inútil, porque um aluno de Iniciação depois, estou a falar no primeiro, segundo ano, talvez até terceiro ano, depois de meia hora já está com a cabeça noutro sítio, é difícil manter a concentração de um aluno pequenino tanto tempo, portanto ... a meu ver o que deveria ter sido feito nos anos anteriores também era dividir estas aulas e tentar fazer sempre duas aulas por semana, pelo menos nos mais pequenos, porque uma aula de 50 minutos é um desperdício, ou seja, depois se não há um acompanhamento em casa, é muito tempo entre uma aula e outra, é o tempo da aula, às vezes não pode ser aproveitado tudo, 50 minutos não podem ser aproveitados de uma forma optimal para um aluno pequeno.

Entrevista
Professor B

1. Tendo em conta o processo de admissão actualmente vigente, devido ao reduzido número de vagas, acha que estas provas, na sua opinião, demonstram que os alunos admitidos na sua classe de Iniciação têm “aptidão musical”? Porquê?

Eu acho que estas provas são sempre boas para os alunos, sempre bom para os professores para ver o nível de aptidões mas eu acho que, como este ano participei nestas provas de entrada, eu achei que as provas para alunos de Iniciação foram muito difíceis, que a maior parte dos alunos que ainda não sabem, dos futuros alunos, ainda não sabem ler, deviam aprender uma música com letra, por exemplo, uma canção com letra, que eu acho que estas provas foram simplesmente difíceis para eles, por isso, muitos alunos não conseguiram entrar e é pena. Mas em geral, as provas são sempre bom para fazer selecção, para entrarem os melhores, faz sempre bem, mas eu acho que é preciso rever o modelo de prova.

Entrevistador: E acha que os seus alunos, que entram depois para a sua classe, que se nota ...

Sim, sim. Nota-se que os alunos que entram já têm aptidões, têm algumas coisas que facilitam o processo, mas pessoalmente conheço muitos que não entraram e que poderiam entrar porque as provas foram bem difíceis, que penso que é preciso rever estas provas de entrada.

2. Os alunos admitidos na sua classe de Iniciação, na sua maioria, já toca violino antes de entrar para o Conservatório?

Tive mais ou menos dois casos deste género que tinha alunos particulares que depois entraram para a minha classe e o aluno mais pequeno foi um da Ribeira Grande que tinha só 3 anos e agora é meu aluno, está no segundo grau do curso básico, mas na maioria não toca antes de entrar.

3. A maioria dos alunos que iniciam a aprendizagem do violino consigo conclui o curso de Iniciação e transita para o 1º grau ou anulam a matrícula antes de concluir este nível?

A maioria dos alunos concluem a Iniciação, só os casos quando os alunos vêm para a classe de violino porque não havia vaga para classe de piano e eles queriam, então estes depois mudam para piano, mas maior parte conclui a Iniciação e depois vão para o básico. Já no básico é diferente.

4. No primeiro ano de Iniciação, que actividades desenvolve com o aluno na primeira aula de violino?

Na primeira aula de violino, claro que conhecemos os alunos pela primeira vez e interessa não assustar com coisas difíceis, este pequenino de seis anos de idade ou cinco anos, no ano passado entrou uma aluna de cinco anos, eles, portanto ... primeiras aulas e em princípio primeiro período é mais aprendizagem de violino ao nível de jogo, digamos assim, fazemos jogos, exercícios, não tocamos com o arco, só sem arco, pelo menos no primeiro período do primeiro ano de Iniciação, digamos assim. Os alunos mais adiantados, já podem experimentar tocar com o arco, músicas simples em cordas soltas, sem utilização de mão esquerda. Mas a primeira aula é, em princípio, conhecimento de aluno, conhecimento do violino, alguns jogos e exercícios de relaxamento, porque eles em geral estão um bocadinho rijos, é preciso relaxar, tentar dar a perceber que segurar o arco e o violino não é um trabalho físico.

5. Utiliza o recurso de partitura com os seus alunos desde as primeiras aulas?

Desde as primeiras aulas não utilizo recurso de partituras, não. Em princípio, o que nós aprendemos nas primeiras aulas é sem partitura ...

5.1 A partir de que altura, mais ou menos ... ?

A partir mais ou menos da quinta aula passo a incluir partituras mas partituras em que as folhas pautadas são grandes, aprendemos as notas e as cordas soltas, coisas simples.

6. Na ausência de um programa oficial definido para o curso de Iniciação, acha que seria mais positivo haver um programa definido oficialmente ou é preferível a inexistência de programa, dando mais liberdade ao professor? Porquê?

Infelizmente não temos um programa para a Iniciação, eu acho que isso está a fazer falta, mas, por outro lado, também devemos dar liberdade aos professores porque os alunos todos são completamente diferentes, é um processo com cada aluno individual. Portanto, pensar num programa é muito difícil, mas aqui no Conservatório os professores vão fazer isso, vão pensar num programa para a Iniciação e vamos ver, se calhar isso vai resolver alguns problemas, porque realmente eles ficam quatro anos na Iniciação, eles aprendem, eles ... os alunos que entram na Iniciação tem uma preparação melhor se compararmos com alunos que entram para o curso básico sem Iniciação, claro que sem dúvida os alunos de Iniciação têm sempre prioridade, eles estão muito mais preparados. Portanto, se calhar faz falta, mas também, por outro lado, é preciso dar liberdade aos professores. É preciso haver um consenso.

7. Que repertório utiliza, no primeiro ano de Iniciação?

No primeiro ano de Iniciação estou a utilizar os métodos dos professores da minha escola, escola, digamos assim, antiga soviética, não é russa nem ucraniana, soviética, a escola de uma violinista famosa, não só na Rússia, na Ucrânia. Depois os métodos do Garlitsky, estou a falar do repertório das canções ... mas em geral todos estes livros estão baseados na aprendizagem das canções tradicionais populares da minha terra, digamos assim.

7.1 E nos anos seguintes?

No primeiro ano, pronto, se vamos assim falar do primeiro ano, claro que é mais cordas soltas e algumas coisas, canções, sem utilizar muito o arco, tocando pizzicato, mais trabalhar mais esquerda, ou então as canções nas cordas soltas que existe muitas canções, um repertório vasto e grande, tipo as partituras «passo a passo», ou «eu vou ser violinista», uma escola, costumo utilizar estes livros, mas também há várias canções no primeiro ano onde eles aprendem as músicas nas cordas soltas, porque logo tocar com arco e mão esquerda juntas, isso é ... acho que não deveria ser no primeiro ano. Ou então no final do segundo ou início do terceiro para alunos mais adiantados, que já conseguiram atingir um nível de, um certo nível para tocar com esquerda e direita. Não costumo juntar, não costumamos dar músicas no primeiro período utilizando mão esquerda e direita ao mesmo tempo.

Entrevistador: Mas a partir do segundo ano ...

Não é segundo ano, isso acontece mais cedo, isso é mais ou menos no final do segundo período do primeiro ano ...

Entrevistador: Sim, sim, refiro-me ao repertório ...

O repertório já com arco, com utilização da esquerda. Não continua com as cordas soltas, já com utilização ...

Entrevistador: Nos métodos ...

Sim, sim, nos métodos russos, digamos assim.

8. Utiliza escalas e estudos neste nível de ensino?

Sim, sim. Eu tenho muitas peças, muitas escalas divertidas, onde os alunos aprendem as escalas com acompanhamento de piano e estas escalas são as que eles gostam mais e aprendem sem ter medo, sem ter ... a maior parte dos alunos não gostam das escalas, porque desde o início eles não tocam escalas ou acham que é um processo tipo de rotina, que isso não é música, não é nada engraçado, mas eu tenho muitas escalas com acompanhamento em estilo jazz, a partir do segundo ano de Iniciação que utilizo estas escalas, os pequeninos gostam e adoram tocar estas escalas.

Entrevistador: E estudos?

Estudos também, mas estudos menos do que as escalas, mais as peças e estas escalas divertidas.

9. Em que altura geralmente, na sua pedagogia, começa a ser exigido repertório com mudanças de posição?

Não experimentei na Iniciação mudar a posição, só tive um caso único de uma aluna já com uma boa preparação básica ... tocou no quarto ano de Iniciação um concerto de Seitz com mudança de posição, mas isso foi um caso único, portanto, nos anos de Iniciação não costumo dar repertório utilizando mudanças de posição porque acho que é preciso um bom domínio para mudar a posição, é preciso dominar a primeira posição bem para depois mudar, mas no básico já tenho muitos casos onde no primeiro, segundo grau, já mudam de posição, acho que isso tem de começar mais para o básico.

10. Em que altura, geralmente, começa a ensinar o vibrato?

O caso dos alunos que começamos vibrato ... vibrato também é um caso muito sério, técnica do vibrato não se costuma aprender no conservatório cedo, mas eu acho que às vezes com alunos que têm este gosto ... porque o vibrato, o que é que eu digo, se não gostas, nunca vais ter vibrato, nunca vais conseguir tocar com vibrato, portanto, alguns alunos, não são todos, muito poucos, infelizmente. Eu estou a começar na Iniciação, ao concluir o quarto ano, alguns, não são muitos aqueles que têm mesmo vontade e têm a postura já estável, digamos assim, que não vai complicar, porque às vezes pode complicar coisas, e depois então nós paramos, mas em geral há poucos alunos que nós começamos no final do quarto ano, completando o quarto ano já têm as coisas iniciais de vibrato, não é vibrato vibrato, mas começamos.

11. O programa que utiliza, é sempre dado na mesma sequência a todos os alunos ao longo da sua evolução, ou vai variando de aluno para aluno?

Sempre vai variando de aluno para aluno porque os próprios alunos são completamente diferentes, é um processo, já disse, individual, que cada aluno, eu estou a tentar para cada aluno escolher o repertório que vai desenvolver, digamos assim, as partes fracas ou então vão ajudar a ultrapassar as dificuldades, por isso é complicado em relação ao programa.

12. Pode dar exemplos de repertório que geralmente um aluno no final do ano lectivo atinge (por exemplo numa audição final ou prova de instrumento) para o 1º e 4º anos de Iniciação, tendo em conta que estes frequentaram quatro anos de Iniciação?

No primeiro ano eles costumam tocar muitas canções populares russas, ucranianas e também açorianas, tenho um exemplo que aprendemos com uma aluna, no quarto ano de Iniciação, aprendemos a «Chamateia», aprendemos várias canções populares tradicionais açorianas e foi no quarto ano ... mas em princípio, além das canções populares, um exemplo ... no final do quarto ano, uma aluna do quarto ano tocou «Mazurka» de Baclanova, «Lendlair» Schubert ... «Marcha das Crianças», isto é mais ou menos este nível que eles atingem ... alguns que conseguem tocar o concerto de Rieding, o primeiro andamento.

Entrevistador: Isso é o mais avançado ...

É, os mais avançados que sim, não são todos, mas há aqueles avançados que tocam. No final do primeiro ano, geralmente «Allegretto» de Mozart, muitas canções populares utilizando as cordas lá, mi, ré com primeiro, segundo e terceiro dedos, não todos, mas a maioria. No final do primeiro ano, em princípio já tocam com o arco, já não devem ter medo e perceber o que estão a fazer.

13. Qual o repertório mais avançado que um aluno seu já atingiu ao concluir a Iniciação?

(Respondeu anteriormente).

14. No seu entender, quais as três competências mais importantes que devem ser adquiridas por um aluno de Iniciação ao final do primeiro ano?

Têm que saber vários exercícios que estou a utilizar. Era bom já ter uma postura mas o é que eu digo para todos os meus alunos, a postura cada um procura durante toda a vida. Portanto não existe uma postura fixa, existe as coisas que eles têm de saber como é, mas tudo isso está ligado com postura própria de cada aluno e tenho, por acaso, alunos que têm dificuldades, não só na Iniciação, que não ultrapassam, digamos assim, esta competência porque procuram, procuram e não encontram esta postura por razões simples, se calhar não têm esta facilidade, se calhar têm dificuldades, algumas coisas na sua própria postura que não têm esta facilidade. Mas em princípio a postura no final do primeiro grau, coisas básicas, sim, tem que ser, têm que ter noção ... também têm que aprender as notas nas cordas soltas, na corda lá, mi, re sol, identificação nas pautas, porque muitos alunos não gostam e não têm nível de Iniciação da disciplina de experimentação e criação musical, têm um nível bastante fraco, portanto, para conseguir tocar nas quatro cordas do violino eles ainda não sabem, não conhecem estas notas, não identificam nas pautas. É isso que em princípio eles já têm que saber, a ordem das notas nas cordas lá, mi, ré, sol não ainda, não todas as notas, porque nós não tocamos no primeiro ano músicas com utilização dos dedos na corda sol, ainda não tocamos estas canções no primeiro ... mas em princípio a ordem das notas, conhecer, encontrar elas nas pautas, isso eles têm que atingir no final do primeiro ano, não todas as notas claro, mas daquelas canções que eles aprendem têm que saber e costume fazer os testes onde eles mostram os conhecimentos.

O que eu pratico também, não sei se isto se pode chamar uma das competências, é a memorização das músicas que eles tocam, se isso não começar desde o início, eles nunca a vão desenvolver. Se não começar desde o início, um bocadinho obrigar eles a memorizar as músicas, pelo menos aquelas que eles tocam, eles nunca vão ter esta vontade de tocar de cor. Portanto se podemos chamar essa uma das competências, memorização, postura é outra, são básicas estas competências.

15. E as três mais importantes ao concluir a Iniciação?

Mais importantes são já mostrar um certo nível de, não posso dizer dominar a primeira posição, mas conseguir tocar nas quatro cordas com segurança, sem mudança de posição, mas com segurança, com um certo nível de domínio para depois desenvolver, no primeiro segundo grau, e talvez começar mudança de posição com alunos mais avançados. Saber tocar as escalas de uma oitava, costume dar maiores e menores, não só maiores, porque é isso que também facilita o repertório e facilita também a aprendizagem das notas, através das escalas eles aprendem as notas melhor e já sabem aquela ordem das notas na pauta e conhecimento das notas que ficam na primeira posição que isso é obrigatório para todos os aluno ... claro uma das competências, e que esta competência acho que ela continua durante todo o processo de aprendizagem, é a postura, a postura já têm que ser mais segura, mais sem dúvida, sem ... porque muitos alunos da Iniciação começam a tocar na orquestra infantil e o que é que eu reparei, que a postura, depois de tocar na orquestra, que não sempre concordo com aquela prática de tocar na orquestra, a postura está a piorar nos anos de Iniciação, se eles tocam na orquestra infantil. Portanto, postura é uma destas competências também importantes, segurança na primeira posição, as escalas, uma

certa, digamos assim, não só desenvolvimento da técnica à parte e depois a musicalidade, tentar, isto é, juntar, por isso eles aprendem muitas canções, menos escalas na Iniciação mas aprendem mais canções porque eles conseguem através das canções, através das peças, aprender a desenvolver a técnica junto, paralela, com musicalidade.

Entrevistador: Porque são peças que se calhar já conhecem e que agradam ...

Pois. As peças todos gostam mais e por isso é mais tocar as peças, tentar encontrar o repertório de que eles gostem, é uma das coisas mais importantes, que eu sei desde a minha infância, se eu vou tocar uma música que eu não gosto, nunca vou aprender a tocar bem esta música. Às vezes é preciso, sim, é outro caso.

Entrevistador: Daí adequar a cada aluno, muitas vezes ...

Sim, sim, mas às vezes quando tu estás a ver que o aluno não gosta aquilo que ele toca, ele não vai muito longe, não vai evoluir muito e, portanto, isto é, tentar encontrar o repertório individual de que eles gostem, isso é uma coisa ... não é fácil, mas é aconselhável.

16. Os seus alunos de Iniciação apresentam-se em audições no Conservatório frequentemente?

Eu não costumo fazer audições na Iniciação ... os meus alunos participam nas audições mas participam nas audições de classe. Costumam participar duas vezes, duas no máximo três vezes por ano na audição de minha classe. Há alunos mais avançados que no quarto, terceiro ano de Iniciação eles já começam a participar em audições regulares, que nós temos audições gerais ... mas o primeiro, segundo ano, eu acho que ainda não aconselhava ainda participação nas audições, é preciso ter mais segurança e ... eles têm que participar, mas mais nestas audições de classe.

Entrevistador: Mais pequenas ...

Mais pequenas, onde eles se conhecem e já se começam a habituar, e depois já podem participar nas audições com os outros instrumentos, nas audições gerais.

16.1 No primeiro ano, por volta de que altura fazem a primeira apresentação pública? Porquê?

Apresentação pública fazem na audição de Natal e fazem na ... nós temos também aqui no conservatório audições de família, eles também se apresentam, tenho muitos primos, irmãos que eu costumo juntar e costumo fazer muitos conjuntos com eles.

Entrevistador: E há algum motivo por ser na altura do Natal a primeira apresentação ou ...

Sim, é Natal, eles apresentam as canções natalícias e eles apresentam este trabalho, se eles têm este repertório, se eles estão a trabalhar, então nós apresentamos nas audições de Natal. É mesmo um dos motivos, eles gostam das canções de Natal para aprender a tocar nos seus instrumentos, portanto, através deste gosto, eles depois mostram o seu trabalho. Mas claro que no primeiro ano não sei se com todos eu estou a fazer isso, no primeiro ano se calhar eu não faço, não apresento. No primeiro ano apresentamos mais para o segundo período, segundo terceiro período eles já apresentam o seu trabalho, já participam com mais actividade.

16.2 Em média, quantas vezes cada um dos seus alunos de Iniciação apresentam-se em público anualmente?

(Respondeu anteriormente)

17. Quais os aspectos mais importantes que tem em conta quando realiza a avaliação neste nível de Iniciação?

Quando estás a avaliar um aluno de Iniciação, tens de saber se ele atingiu algumas coisas importantes que ... se eles participou, se ele ... estou a falar se ele participou nas audições, se ele tem interesse ... isso tudo depois, se ele está interessado, se ele está a evoluir durante, do primeiro para segundo, isso tudo conta. Porque os alunos às vezes perdem o interesse, eles podem perder interesse porque não têm fisicamente as forças para estudar e fazer o mínimo trabalho que obrigatoriamente cada um sabe. Mas se eles não mostram ... praticamente todos os alunos de Iniciação têm que fazer trabalhos de casa que estou a obrigar eles a fazer como na escola e o trabalho de casa no violino é tocar, como eu digo a todos eles, se eles não praticam durante a semana então isso também depois ...

Entrevistador: A evolução é menor ...

A evolução ... sim, sim, pois ... mas também se eles não estão motivados para aprender eles ... se eles não tocam, eles não estão interessados para aprender, isso u a coisa está ligada com a outra.

18. Algum aluno seu de Iniciação já participou num concurso de violino?

Sim, nós fizemos um concurso de violino, não me lembro se isso foi ... mas eu acho que sim, já participaram.

- 18.1 E ganhou algum prémio?

Ganhou um prémio, foi um concurso do conservatório, já há bastantes anos atrás, e os alunos de Iniciação tiveram também um ou dois escalões, e uma das minhas alunas participou e ganhou.

19. Tendo em conta os contornos actuais do curso de Iniciação no Conservatório, na sua opinião, que aspectos considera positivos e os que poderiam ser melhorados?

Aspectos positivos ... É bom que o curso de Iniciação exista porque isso ... a partir desta idade, se vamos desenvolver este interesse pelo violino, a partir dos cinco, seis anos de idade, se vamos, digamos assim, poupar muito tempo, se os alunos aprendem mais cedo, é melhor sempre. É sempre melhor porque eles conseguem aprender a ultrapassar as coisas difíceis na idade com eles mais novos. Depois também conseguem aprender, isso não quer que sem Iniciação não podem, claro que podem, com muito maior esforço, podem. Mas isso é sempre, é bom que exista o curso de Iniciação, isso é. A partir deste ano no conservatório já temos duas horas, uma hora de Iniciação e outra hora de conjunto para alunos de Iniciação, isso é excelente. Não sei se todos os colegas concordam com isso mas eu acho que isso é muito positivo porque duas vezes por semana aula de violino, isso é ... não tem nada a ver com uma vez por semana. Eu estou a ver pelos meus alunos, estou a ver que eles têm uma evolução maior, se eles têm duas horas por semana, eles trabalham mais, eles fazem mais coisas, conseguem fazer muito mais do por uma hora. Agora, negativos ... negativos não sei, sempre há coisas negativas mas ... negativas ... não posso dizer negativos mas se calhar ...

Entrevistador: A melhorar ...

Para melhorar ... eu acho que tem de melhorar o nível na matéria de formação musical, se isto, experimentação e criação musical, aquela disciplina no curso de Iniciação, não se chama formação musical, chama-se experimentação musical, mas isto é a mesma coisa. Portanto, se melhorar o nível de aprendizagem deles e depois ir paralelamente formação e violino, o instrumento, isso vai dar resultados fantásticos. Mas infelizmente

isso não acontece e o instrumento está separado, não está ... esta evolução não está, deveriam trabalhar mais em comum e deviam aprender muito mais nas aulas de experimentação, acho eu, isso é a minha opinião. E às vezes eu estou a dizer, nós esforçamos e damos muito mais matéria na aula de instrumento do que nas aulas de experimentação, isso não sei se é bom porque eles ainda não aprenderam esta matéria na experimentação mas eles já aprendem nas aulas de violino. Por um lado não custa nada, mas por outro lado, para os professores de violino não custa nada, mas do outro lado eles às vez têm uma coisa na cabeça que eles podem não perceber ou, digamos assim, salada mista.

Entrevistador: Há um desnível ...

Sim, pois é, se trabalharem em comum com esta disciplina, experimentação e criação, e melhorar o nível, isso pode ser muito bom.

Entrevista
Professor C

1. Tendo em conta o processo de admissão actualmente vigente, devido ao reduzido número de vagas, acha que estas provas, na sua opinião, demonstram que os alunos admitidos na sua classe de Iniciação têm “aptidão musical”? Porquê?

Têm algum nível de aptidão musical, quando eu digo aptidão musical é que não são surdos, agora em termos de potencial para a música, não. Eu acho que as provas não fazem uma boa aferição do potencial. Da aptidão musical a um nível mínimo, uma vez que as provas só fazem aferição da aptidão a nível auditivo, daquilo que é básico, a capacidade de marcar uma pulsação, de entoar ... e mesmo aí, uma vez que o violino é o instrumento onde há mais vagas, significa onde entram mais dentro daquela listagem, daquela seriação, é onde entra uma maior variedade desde o melhor até ao pior aluno, desde a nota 20 até à nota 10, portanto, aparece um bocadinho de tudo.

2. Os alunos admitidos na sua classe de Iniciação, na sua maioria, no primeiro ano, já toca violino antes de entrar para o Conservatório?

Da Iniciação? Não.

3. A maioria dos alunos que iniciam a aprendizagem do violino consigo conclui o curso de Iniciação e transita para o 1º grau ou anulam a matrícula antes de concluir este nível?

Grande maioria sim, continua.

4. No primeiro ano de Iniciação, que actividades desenvolve com o aluno na primeira aula de violino?

Na primeira aula? A primeira aula é uma apresentação do instrumento, questiono porque escolheram o instrumento, se bem que muitos quando são muito pequeninos não fazem a mínima ideia, muitas vezes as expectativas não correspondem ... vêm porque o amigo toca, porque o pai quis, ou porque acharam muita piada... portanto falo um bocadinho e faço logo a apresentação e toco um bocado e faço-o sentir o instrumento, experimenta-lo de uma forma livre, sem impor logo regras, grandes regras ... tens de segurar assim, tens de segurar assado ... uma coisa que faço, que gosto de mencionar logo é a importância da postura e que eles percebam que têm um corpo para usar com o instrumento.

5. Utiliza o recurso de partitura com os seus alunos desde as primeiras aulas?

A partitura, mesmo partitura, não mas qualquer coisa gráfico sim porque é na altura que eles começam também na escola a introdução ao grafismo. Portanto, mesmo para eles saberem o que vão fazer em casa, um desenho, qualquer coisa, para eles terem um recurso visual para se lembrarem daquilo que foi falado, uma vez que uma aula por semana é muito pouco, e os próprios pais têm de saber o que eles fazem, os pais não percebem nada de instrumento na sua maioria, tenham algum recurso, uma espécie de partitura com um desenho que eles percebam, uma espécie de código que eles consigam perceber para saberem o que vão fazer.

- 5.1 Então a partir de mais ou menos que altura eles começam na partitura?

Depois de eles terem estabelecido a posição, de terem alguma autonomia em saber onde se põe o violino, de que lado é que se põe, como é que se segura o arco, de fazerem alguns sons, algumas canções memorizadas muito simples em cordas soltas ou em pizzicato, começo então lentamente a introduzir a pauta, eles também não começam na Iniciação imediatamente com a pauta, é mais ou menos a par com o que eles fazem na disciplina de iniciação musical.

- 5.2 E isso dá-se mais ou menos em que altura?

Há crianças que entram muito bem na partitura, na pauta, logo no primeiro período, e há alguns que demoram o primeiro período, ainda se demora ali um bocadinho uns três meses, mas é bom que eles não fiquem imediatamente colados à partitura porque eles têm de sentir primeiro o instrumento nas mãos.

6. Na ausência de um programa oficial definido para o curso de Iniciação, acha que seria mais positivo haver um programa definido oficialmente ou é preferível a inexistência de programa, dando mais liberdade ao professor? Porquê?

Se eu desse aulas particulares, nada de programa, aquilo que eu estabelecesse, não é, porque seria ao ritmo da criança, nós impomos um bocado o ritmo, eles mostram o seu ritmo e nós impomos, temos que ir puxando sempre porque senão ele fica estagnado, não é. Agora, num conservatório, acho importantíssimo haver um programa para que todos os professores, aliás, para tabelar, para que todos saibam avaliar, para que todos saibam o que atingir ao fim de certo tempo, porque quando avaliamos, avaliamos todos, não é, não é aluno deste, o aluno daquele ... o ideal seria isso, eu acho muito importante haver um programa, e aí uma coisa que não fosse pelo mínimo, mas que fosse uma mistura ... o ideal é que se fosse muito exigente, claro quando a criança consegue fazer mais, óptimo, mas um nível com objectivos mínimos bem definidos, que não fossem muito mínimos, muito mínimos, mas seria importante, eu gosto que haja um programa.

7. Que repertório utiliza, no primeiro ano de Iniciação?

Eu tenho colegas estrangeiros que, e eu soube noutros países que também estudei noutros países, eles usavam sempre canções infantis tradicionais, então eu utilizo muitas canções que eles já conhecem, porque não, não tenho vergonha nenhuma das músicas portuguesas, aliás muitas nem são portuguesas, balão do João e essas outras músicas que nem são portuguesas, mas o repertório que as crianças conhecem, repertório infantil, uso muito isso.

Entrevistador: Mais apelativas.

É. Porque se já conhecerem a música, muito mais fácil vai ser trabalhar a nível técnico, não é, se já conhecerem a coisa vai muito mais rapidamente, portanto, uso aquilo que é o repertório infantil, o repertório da música tradicional e da música infantil, e claro aprendendo também músicas novas, dentro do repertório que há.

7.1 E nos anos seguintes?

Uso muito as canções sazonais, ou seja, as canções de Natal, as canções da época que eles estão vivendo. Uso essas canções e depois entro no próprio repertório que há dentro dos métodos do Suzuki, que o Suzuki o que tem também são canções infantis, aqueles minuetos de Bach, aquelas peças mais simples, mais pequeninas, dentro das peças simples ... faço uma recolha de vários sítios.

8. Utiliza escalas e estudos neste nível de ensino?

Sim, claro.

8.1 Geralmente a partir de que altura?

Desde o início porque para eles é como se fosse um jogo, uma actividade ... eles tocam músicas mas também têm que perceber que no instrumento, para atingir, para conseguirem tocar, evoluir no instrumento, têm de fazer certos exercícios, como as escalas, os estudos, a escala é como se fosse uma escadinha, em que os dedos caem todos seguidos, portanto, eu acho que é importante desde o início os estudos e as escalas, porque um estudo e uma escala é música mas é música digamos com um objectivo muito ... é despida de ... no fundo tem fraseado, tem de se por musicalidade ... nunca se separa totalmente a técnica da parte musical, não

é ... mas acho que tem de ser logo desde o início porque temos objectivos, conteúdos a trabalhar, e eles ajudam a desenvolver.

Alguns exemplos de estudos

Eu faço estudos próprios muitas vezes, quando eles têm alguma dificuldade no polegar, na mão esquerda, quando fazem muita força, faço exercícios, jogos com eles, e essas coisas são coisas que eles sozinhos não conseguem fazer... ou não fazem da maneira mais correcta... eu tento que eles façam em casa mas eles normalmente eles querem é tocar uma música, a parte da mecânica eles não entendem muito bem, não percebem muito bem para o que é, se bem que explique ... mas faço os meus próprios estudos, coisas muito curtas, recorro também a pequenos estudos do Wohlfahrt, do Sitt, e as escalas é sempre.

9. Em que altura geralmente, na sua pedagogia, começa a ser exigido repertório com mudanças de posição?

A partir do momento que eles têm estabelecida a posição, a postura, a mão esquerda a partir do momento que eles usam os quatro dedos, e utilizando a mão de forma relaxada, mas se já têm a posição bem estabelecida, já usam os quatro dedos e dominam os padrões dos dedos, o dois alto, o dois baixo, e já têm isso estabelecido, começo logo a mudar a posição.

Entrevistador: E mais ou menos em que altura?

Depende deles, já tive crianças que em dois anos resolveram isso tudo, e já tive crianças que levaram oito anos a fazer esse processo, depende. Nós aqui no conservatório introduzimos a mudança de posição no terceiro grau obrigatoriamente, o que não quer dizer que o façam mais ou antes disso.

Entrevistador: Mas isso já aconteceu na Iniciação?

Já.

10. Em que altura, geralmente, começa a ensinar o vibrato?

Na mesma altura das mudanças de posição porque o movimento é o mesmo, é um movimento que parte do ombro, parte do braço, portanto, quando eles conseguem mudar a posição, estão prontos também para fazer o vibrato.

- 10.1 Sendo um elemento de expressividade, geralmente vem associado a que repertório? Porquê?

Para mim é como a voz, para se fazer uma voz bonita, um som bonito, não interessa o que se está a tocar. Claro mais tarde é que eu falo na utilização do vibrato nas diferentes épocas, mas o trabalho do vibrato é para se usar sempre.

11. O programa que utiliza, é sempre dado na mesma sequência a todos os alunos ao longo da sua evolução, ou vai variando de aluno para aluno?

Varia de aluno para aluno, há alunos que queimam etapas e saltam e há outros que levam imenso num repertório, por exemplo, antes de chegar à fase imediatamente anterior à mudança de posição, estão ali imenso tempo, imenso tempo, na primeira posição, então é arranjar repertório e mais repertório e exercícios ...

12. Pode dar exemplos de repertório que geralmente um aluno no final do ano lectivo atinge (por exemplo numa audição final ou prova de instrumento) para o 1º e 4º anos de Iniciação, tendo em conta que estes frequentaram quatro anos de Iniciação?

No fim do primeiro ano posso ter um aluno que apenas põe o primeiro dedo, mas que toca nas cordas todas, mudanças de corda ... como também posso ter um aluno que toca com os dedinhos todos, canções na corda lá, na corda ré, em Ré Maior, em Sol

Maior, o segundo dedo alto, eu gosto de começar com o segundo dedo alto ... No fim de um quarto ano, o aluno tem de tocar com os dedinhos todos, posso ter um aluno a tocar aqueles concertinos do Rieding, do Kùchler, pequenas peças, os minuetos de Bach, aqueles minuetos simples de Bach ... Tudo o que seja utilizar os quatro dedos já, porque eu acho que o quarto dedo não é inferior aos outros e ajuda a endireitar a mão, ajuda a fazer uma boa posição da mão esquerda.

13. Qual o repertório mais avançado que um aluno seu já atingiu ao concluir a Iniciação?

Agora tenho uma aluna que ainda não conclui a Iniciação mas já está a começar as mudanças de posição, já vai começar um concerto de Vivaldi, os tais concertinos, aqueles concertos fáceis, com mudança à terceira posição. ... Bem eu gostava que ela acabasse com um Vivaldi lá menor, por exemplo, que já consegue fazer.

14. No seu entender, quais as três competências mais importantes que devem ser adquiridas por um aluno de Iniciação ao final do primeiro ano?

A postura, a posição da mão esquerda e articulação dos dedos, e na mão direita a posição e controle do arco a um nível básico. Já conseguir fazer notas ligadas, mas a um nível muito básico.

15. E as três mais importantes ao concluir a Iniciação?

São sempre essas mas a um nível diferente, são sempre as mesmas mas a um nível diferente.

16. Os seus alunos de Iniciação apresentam-se em audições no Conservatório frequentemente?

Sim.

- 16.1 No primeiro ano, por volta de que altura fazem a primeira apresentação pública?

No fim do primeiro período.

Entrevistador: Algum motivo por ser logo... ?

Alguns nem isso, alguns no segundo, alguns são muito pequenos e não encaram bem, têm um certo receio de mostrar em público, mas também os seis anos, as crianças de seis até por volta dos nove anos, não têm aquilo que chamamos o medo do palco, não têm tanta noção. Para alguns é uma festa, outros têm um certo receio, quando não gostam do instrumento então é mais complicado.

- 16.2 Em média, quantas vezes cada um dos seus alunos de Iniciação apresentam-se em público anualmente?

Faço o possível por ser uma vez por período, no mínimo.

17. Quais os aspectos mais importantes que tem em conta quando realiza a avaliação neste nível de Iniciação?

Quando referi as competências, são esses, a avaliação está ligada com os nossos objectivos.

18. Algum aluno seu de Iniciação já participou num concurso de violino?

Sim, num concurso interno, já fizemos concursos internos, sim.

- 18.1 Ganhou algum prémio?

Foi a única participante do seu escalão, sim.

19. Tendo em conta os contornos actuais do curso de Iniciação no Conservatório, na sua opinião, que aspectos considera positivos e os que poderiam ser melhorados?

Os positivos ... Considero positivo que eles possam começar logo aos seis anos porque o curso de iniciação não existia há uns anos, só podiam começar aos dez anos, e acho que o instrumento deve ser iniciado o quanto antes, até devia ser antes dos seis anos ... E este ano o mais positivo foi o facto de eles terem aulas em conjunto porque a classe de conjunto é um grande factor motivacional para as crianças. Tenho pena de não haver mais classe de conjunto, havia a classe de orquestra e deixou de existir, que é um momento em que eles deixam de pensar na parte técnica, que nós não chateamos tanto com as questões da posição e dessas coisas todas e pensam em fazer música e trabalham aquilo que não se trabalha por exemplo num ... que não se trabalha não, que se trabalha num coro! Que é a questão da polifonia, de fazerem música de conjunto, que é muito importante. As que podiam ser melhoradas ainda, é a questão do próprio programa, na Iniciação é livre, é bom ser livre também, mas no entanto há crianças que chegam ao quarto ano ... a disparidade é enorme, crianças que fazem os quatro anos de iniciação chegam aos quatro anos e há muitos que ainda praticamente nem sabem por o primeiro dedo, tal como pode haver aqueles que já tocam imenso, portanto é uma disparidade, é uma discrepância muito grande no final de um quarto ano porque os objectivos mínimos não estão bem definidos.

Entrevista
Professor D

1. Tendo em conta o processo de admissão actualmente vigente, devido ao reduzido número de vagas, acha que estas provas, na sua opinião, demonstram que os alunos admitidos na sua classe de Iniciação têm "aptidão musical"? Porquê?

Na minha classe, actualmente, eu só tenho 4 alunos de iniciação e... Eu... Eu não.. Eu penso que... Não tenho a certeza... Se só dois deles ou se os quatro fizeram essas provas... De maneira que a amostra é muito pequena para uma conclusão... Posso dar uma opinião mais geral: eu não sinto, de uma forma geral, na escola, que se verifique qualquer alteração em relação ao passado quanto à... Se quisermos chamar "aptidão média dos alunos"... Eu também não... Eu não conheço assim tão bem as provas mas do pouco que conheço eu não tenho a certeza se aquelas são as melhores provas para aferirmos dessa aptidão... O sistema anterior era um sistema que privilegiava... E que durou muito pouco tempo... Privilegiava a idade, ou seja, havia uma percentagem maior de vagas para os meninos que poderiam fazer os 12 anos, ou seja, os 4 de iniciação... E depois havia uma vaga reservada... Uma percentagem de vagas reservada para os meninos que entravam mais tarde... Eu penso que eram 60/40 (%)... E... Entre um sistema... Entre aquele sistema e o actual... Não sei.. Eu percebo que... Que é preciso definir uma ordem de entrada principalmente por causa do resumido número de vagas... Mas eu tenho... Tenho dúvidas que a escola neste momento esteja a sentir algum reflexo de ter optado por umas provas ditas de "aptidão musical"... Portanto... Agora do conjunto de alunos que eu tenho não, é uma amostra muito pequena... Não são de todo, dos alunos que eu já tive em iniciação, não são de todos os mais aptos, de maneira nenhuma, mas isso pode ser uma mera coincidência...

2. Os alunos admitidos na sua classe de Iniciação, na sua maioria, já toca violino antes de entrar para o Conservatório?

Dos quatro que eu tenho, dois deles já tocavam antes, neste momento, mas... À excepção desses dois, e no histórico dos meus alunos de iniciação do Conservatório, só mais um... Para além desses dois, só mais um já tinha começado antes de entrar para o Conservatório, mas começou... Portanto, os dois.. Os dois que eu estou a falar actualmente começaram antes dos 6 anos a aprender violino, o outro começou com sete e entrou no Conservatório com oito...

Entrevistador: Mas na maioria...

Na maioria... A maioria entra... Não a maioria dos meus alunos agora, mas a maioria dos que já tive, entra de vez para... Entra pela primeira vez para o instrumento... Sendo que alguns foram... Foi segundo instrumento, no início, quando puderam escolher... Tinham tido experiências de piano, flauta, assim...

3. A maioria dos alunos que iniciam a aprendizagem do violino consigo conclui o curso de Iniciação e transita para o 1º grau ou anulam a matrícula antes de concluir este nível?

De todos os alunos que eu tive, houve alguns, muito poucos, eu não sei números concretos, que não fizeram o quatro anos... Melhor dizendo, dos que não fizeram os quatro anos, foram meninos que saíram logo ao final do primeiro ou não chegaram a fazer o primeiro, de todo... E há dois ou três casos que foram aconselhados a não fazer... Ou a mudar de instrumento por questões de afinidade com os instrumentos, ou por imensa dificuldade em fazer num instrumentos de cordas, ou também houve casos de mudança de residência, que são sempre situações que nos ultrapassam... A maior parte dos alunos, uma vez iniciado o processo, o terminou, o quarto ano de iniciação... Mas a maior parte... Para cima de 80% , com certeza...

4. No primeiro ano de Iniciação, que actividades desenvolve com o aluno na primeira aula de violino?

Primeira aula de violino... Eu normalmente faço uma primeira aula de violino em que convido... O pai, a mãe ou o encarregado de educação ou quem estiver com o aluno a participar... A minha primeira aula, se corresponde ao primeiro momento de contacto com o encarregado de educação, é uma aula em que eu perco bastante tempo a falar com o encarregado de educação, onde se estabelecem algumas... Alguns hábitos de conduta, digamos assim, na minha classe, nomeadamente a noção de que aquela aula tem a porta aberta, ou seja, o encarregado de educação pode a assistir a toda e

qualquer aula que queira, a não ser que se verifique que isso é contra-producente... E eles... Alguns assistem, outros não... Dá-lhes um certo conforto, penso eu, saber que a qualquer momento podem pedir para ouvir, podem pedir para falar, podem pôr dúvidas... Depois, claro, depende um bocadinho dos pais ou encarregados de educação, mas sempre há aqueles que aproveitam para perguntar se isso que fizeram, se aquilo que fizeram se está certo, se está mal, se é bom, se é mau... Com os meninos propriamente ditos eu faço algumas brincadeiras rítmicas e... E algumas de reprodução melódica, mas mais as rítmicas... Só para ter uma primeira ideia do que é que... De que material é que tenho nas mãos... Eu faço uma sequência de pequenos exercícios rítmicos que vão aumentando de dificuldade para perceber qual, à partida... Não é capacidade mas a... A predisposição dos meninos para o fenómeno. A reprodução melódica eu também faço mas mais por curiosidade porque muitos deles não conseguem reproduzir por não terem qualquer tipo de aprendizagem, não quer dizer que não sejam capazes, pode ser uma coisa que pura e simplesmente não lhes foi fácil. E depois como normalmente nesta escola eles não têm instrumento na primeira aula... Portanto, nós temos o instrumento na aula mas eles não têm em casa, pelo menos o instrumento... O que eu faço logo na primeira aula de questões técnicas do instrumento é um jogo de posição do arco com um lápis que tenha um lápis facetado o mais parecido possível com o arco e peço-lhes dois ou três exercícios, algumas brincadeiras, mas em que eles se vão habituando à posição correcta da mão, realçando a posição do polegar e do mindinho, porque se eles à partida conseguirem, desde o início, que o polegar e o mindinho estejam redondinhos é-lhes mais fácil depois todo o processo e... E portanto... Peço para eles experimentarem o instrumentos, deixo-os tocarem de qualquer maneira e... E é uma primeira aula onde de música se faz, obviamente, muito pouco. Estabelecem-se algumas regras... Estabelecem-se algumas regras dentro da sala... De... De o que fazer quando se chega, de onde se abre o... Onde se abre a caixa do instrumento, onde é que se tem a aula, que sítios da sala eles devem ou não deve... Usar. Por exemplo, eles não se aproximam da zona onde está o instrumento do professor. Isso transmite-lhes desde logo no início o respeito pelo instrumento, nesse caso o instrumento do outro... Se o seu instrumento vai ser mais difícil ou se eles tiverem esse noção do respeito pelo instrumento, pelo professor, vão ganhar a noção do respeito pelo instrumento alheio e... E salvaguarda-se os instrumentos, nomeadamente os nossos, que se assim não fosse era muito fácil... Era muito fácil haver acidentes... Mas em termos de... Questões violinísticas, a primeira... a minha primeira abordagem é a posição do arco com um lápis e eu durante algum tempo, mesmo quando eles têm o arco, durante algum... Portanto, na primeira aula, porque normalmente eles não têm instrumento para levar para casa as... As actividades com o instrumento que eu desenvolvo são: a posição do arco em lápis, com uma série de exercícios, de jogos, de brincadeiras, que eles têm de... Eles fazem na aula e repetem em casa e... E experimentam o instrumento e aí estão um bocadinho à vontade com uma questão de apenas ter a sensação física da sonoridade do instrumento e... E para além disso são as questões da... De... De regras dentro da aula, de posicionamento dentro da sala, de... Onde se abre a caixa e o não aproximar de determinadas da sala, nomeadamente da zona onde está o instrumento do professor.... e a questão de estabelecer com os pais ou encarregados de educação presentes o tipo de funcionamento das aulas se... E uma questão que para mim é muito importante que é o facto de ser uma aula... Uma aula de porta aberta onde os pais podem entrar, podem assistir sempre que o desejarem e se isso não perturbar a aula.. É tudo mais ou menos isso, não é...

5. Utiliza o recurso de partitura com os seus alunos desde as primeiras aulas?

Eu desde o início... Desde o início eles têm partitura, são... São uns pequenos cadernos. Começo com uma sequência de peças em cordas soltas e logo nessa primeira sequência eles têm partitura. Eles acabam por tocá-las quase todas de memória mas a partitura está lá. Eles não têm desde o início que ter uma leitura absolutamente correcta dessa partitura, é um grafismo que corresponde aquilo que eles estão a tocar mas eles vão-se habituando a... À presença da partitura e a relacionar aquilo que fazem com aquele grafismo. Depois há uma sequência de... Há uma sequência de questões que eles vão assimilando - das figuras rítmicas às notas da corda solta, das cordas soltas, ao posicionamento dessas notas - vão assimilando paço a paço algumas questões e vão desenvolvendo a... O.. A leitura por aí, mas sendo que no início não é uma questão de importar a leitura, é uma questão de não deixar de

existir... Claro que no início eles não fazem propriamente uma leitura, eles associam o grafismo que está à sua frente aquilo que estão a tocar...

6. Na ausência de um programa oficial definido para o curso de Iniciação, acha que seria mais positivo haver um programa definido oficialmente ou é preferível a inexistência de programa, dando mais liberdade ao professor? Porquê?

Eu acho que o ideal é existir um programa para nós podermos fugir dele... Ou seja, eu não quero... Eu não gostava que existisse um programa para ter de me cingir a esse programa, eu gostava que existisse um programa para que as balizas estivessem mais definidas, sendo que, tratando-se de ensino individualizado, o ideal é que cada aluno percorra um percurso que lhe é.. Que lhe é natural. Mas essa... Seria muito bom poder fazer isso em relação a um programa, mesmo que depois... Era muito importante que houvesse um programa, e sobretudo que fosse um programa bem feito, era extremamente importante... Era extremamente importante que, de uma maneira geral, houvesse uma referência comum para quem lecciona a mesma disciplina no país, mas no caso do curso de iniciação nos fosse dada a liberdade de fugir a este programa, na justa medida em que os meninos são todos diferentes e o ensino é individualizado... E quando eu estou a falar em programa sobretudo não estou a falar de listas de aulas, estou a falar de competências a adquirir... Competências a adquirir... As obras devem ser uma escolha como recurso, nunca como programa, como recurso para a chegada dos meninos a essas... essas competências.

7. Que repertório utiliza, no primeiro ano de Iniciação?

Primeiro ano de iniciação... Eu parto do primeiro princípio... Do mesmo princípio... Eu não... Eu não tenho propriamente necessidade de seguir um determinado repertório, eu sigo uma sequência de.. De... De aquisições. Eu começo sempre com cordas soltas e com células rítmicas relativamente simples à base da mínima, semínima... Portanto, semínima, mínima e pausas de semínima e pausas de mínima... E depois faço a introdução do primeiro dedo, do segundo dedo, do terceiro dedo e do quarto dedo sempre numa sequência em que o início é sempre fácil, ou seja... E isso é uma verdade para quase todas as competências... Técnicas a adquirir. Cada nova abordagem técnica deve ser feita num repertório acessível porque o contrário não tem lógica, não tem lógica que uma terceira posição seja em repertório difícil quando chega... Portanto, tem que ser em repertório fácil - tem que ser tão fácil chegar à terceira posição como foi fácil fazer a primeira, na minha opinião... Para um primeiro ano de iniciação, eu posso dizer que tipo de peças, por exemplo as peças soltas, que tipo de peças são essas que eu utilizo... Algumas das peças com cordas soltas do método do Neal MacKay... Os métodos russos também têm algumas peças interessantes, outras não... Há algumas que são da minha autoria. Eu faço-os tocar peças com... Com acompanhamento de violino ou piano... Mas eles também têm sequências de exercícios, e que os assimilam como exercícios, e têm pequeninos estudos - alguns também são meus, outros são retirados de outros livros... E... No início tudo está muito próximo de compassos com quatro semínimas, o que dá uma aquisição aparentemente lenta mas muito sólida da dedilhação. Estavas a falar do primeiro ano de iniciação... Primeiro ano de iniciação... Eu fico contente quando consigo que no primeiro ano eles cheguem aos... Aos... Às pecinhas e exercícios com o quarto dedo, mas nem sempre se... Nem sempre consigo... Nem sempre consigo, não, quase nunca consigo. Alguns meninos conseguem... E é isso, primeiro ano...

7.1 E nos anos seguintes?... Até ao final da iniciação...

Isso depende. O processo dos meninos na iniciação depende. No nosso contexto, porque noutro contexto poderia ser diferente... Num contexto de uma escola onde não há programa, onde não há uma meta clara a atingir na iniciação, onde é extremamente difícil reprovar um menino e onde se assume à partida... Onde o meio assume à partida que aquela aprendizagem é apenas uma componente do que os meninos estudam e é mais uma actividade.... Isso dá um leque tão grande de meninos na nossa frente que... Há um mínimo a que eu acho que se deve chegar num quarto de iniciação que é o do... O mínimo, que é o domínio da primeira posição com pelo menos dois padrões de dedilhação, e a gente pode receber meninos com... Só no quarto ano, não é, e os dois padrões de dedilhação são aquele que tem o segundo dedo alto e segundo dedo baixo, esse é o padrão... É o mínimo que eles poderiam fazer, que em repertório significaria um Minueto 1 do método Suzuki, o Étude e por aí... É o mínimo que eles poderão

fazer... E... Em média eles deveriam ter uma primeira posição absolutamente estabelecida. Se fosse um... Se for uma iniciação bem feita, ou aquilo que é espetável fazer de um curso de música para quem trabalha minimamente a sério, seria uma primeira posição absolutamente adquirida e no quarto ano já a introdução de movimentos de mudança e de abordagens à terceira posição, normalmente... Outra vez em repertório muito fácil, muito fácil, ou seja, o repertório de introdução da terceira posição seria mais fácil que o repertório que eles fariam com... Com o domínio da terceira posição.

8. Utiliza escalas e estudos neste nível de ensino? A partir de que altura? Dê alguns exemplos.

Sim. As escalas... A cada novo padrão de dedilhação entram as escalas de uma oitava, todas as escalas de uma oitava referentes a esse padrão. Portanto, eles fazem lá, ré e sol maior, depois fazem dó e sol maior segundos baixos, depois fazem terceiro alto, ou seja, lá... lá maior... Começando na quarta corda, lá maior, mi maior, si maior... E por aí a fora. A cada nova posição de dedo, a cada novo padrão, é introduzida a escala e o livro de escalas que eu utilizo, e que é de construção minha, está feito nessa sequência de tonalidades, introduzindo cada tonalidade de escala - maior ou menor, não interessa - como... Com o padrão de... A adquirir... E os estudos... Também... Mas alguns são estudos muito pequenos, exercícios relativamente simples... Mas eles adquirem desde logo isso, também é importante adquirirem desde logo o vocabulário... Uma escala é uma escala, um exercício é um exercício, um estudo é um estudo, uma peça é uma peça, eles adquirem esse vocabulário. Às vezes, em termos de conteúdo, não há muita diferença entre uma peça e um estudo - a peça apenas acresce um acompanhamento de piano - mas o vocabulário está lá...

9. Em que altura geralmente, na sua pedagogia, começa a ser exigido repertório com mudanças de posição?

Neste Conservatório, o... Se o aluno faz um processo bom na iniciação, o quarto ano da iniciação, para mim, é.. ou seja, três anos de primeira posição muito bem estabelecida, o quarto ano de aprendizagem do instrumento deve ser já com... Com as outras questões técnicas... Isso significa, por outro lado, que quando nós recebemos um aluno com dez anos, no quinto ano de escolaridade, muitos deles vão acabar por fazer a introdução às mudanças de posição apenas no seu terceiro grau, ou seja, terceiro ano de aprendizagem... Alguns eventualmente no final do segundo, o que é obviamente muito tarde mas normalmente não consigo fazer mais cedo, no nosso universo de alunos e com as horas de aulas e com o estudo que fazem... Para um aluno que começa no primeiro grau mais cedo do que terceiro grau, para mudanças, não consigo... Às vezes há meninos que começam no quarto grau e aí é manifestamente tarde... Num processo de iniciação regular e em que os meninos tem uma prática de estudo diária, o quarto ano de iniciação já deve ter mudanças, digo eu, pelo menos para a terceira, ou pelo menos os movimentos de mudança adquiridos, que vêm a ser depois os mesmos movimentos... Os movimentos iniciais do vibrato e, portanto, é a mesma coisa. Para o vibrato é a mesma conversa, o... Os movimentos... Se a aprendizagem for bem feita, os movimentos de vibrato viriam, portanto, no quarto ano de iniciação. Pode ser perigoso... Também depende da criança, pode ser perigoso introduzir mais cedo por questões de domínio da afinação. Se for um menino que começou a aprender antes dos 6 anos, aí, mais uma vez, muda tudo e secalhar ao segundo ano do Conservatório já estamos a falar do estudo... Mas... Nunca me aconteceu aqui...

10. O programa que utiliza, é sempre dado na mesma sequência a todos os alunos ao longo da sua evolução, ou vai variando de aluno para aluno?

Nós por uma questão de conforto utilizamos um mesmo material, é-nos fácil... É-nos mais fácil leccionar assim... Mas... Eu, basicamente, as regras... Digamos assim, que uso na minha planificação, as regras pessoais são as seguintes: a sequência é sempre determinada pela necessidade do aluno individualmente, portanto, não é necessariamente a mesma sequência para todos os alunos mas é uma sequência próxima. O que também pode variar é a quantidade de recursos similares que cada alunos precisa, ou seja, o aluno A pode precisar de fazer mais material com a aquelas características, o aluno B pode dispensar algum desse material e seguir para outro diferente e com características técnicas diferentes... Em média, eles acabam por fazer o mesmo percurso com saltos maiores ou menores, com divergências mais esquerda ou à direita mas o percurso é relativamente

parecido, até porque depois há peças chaves, estudos chaves, que nós queremos que eles façam e aí a sequência é bastante próxima... É bastante próxima... E também não... Não tenho nada contra até a uma sequência absolutamente igual, haver meninos que fazem repertório absolutamente comum, isso pode dar... Pode trazer benefícios, até na... Pronto, depende das metodologias mas pode trazer muitos benefícios se eles fizerem... Fizerem material similar... Claro que depois há sempre ajustes individuais, até porque os... Nós não podemos travar os que andam mais depressa, nós não podemos empurrar os que andam mais devagar...

11. Pode dar exemplos de repertório que geralmente um aluno no final do ano lectivo atinge (por exemplo numa audição final ou prova de instrumento) para o 1º e 4º anos de Iniciação, tendo em conta que estes frequentaram quatro anos de Iniciação?

Para o primeiro... Se não for um processo muito lento, e há miúdos que têm... No final do primeiro ano eu raramente faço mais do que... Dando como exemplo as... As primeiras peças do método Suzuki, não quer dizer que sejam essas, até porque... Até porque eu acho que as primeiras peças do método Suzuki não são fáceis, são difíceis, porque introduzem muitos... Muitas questões técnicas ao mesmo tempo... O... Por exemplo, na abordagem que eu faço ao repertório, aquelas primeiras peças do método Suzuki podem ter quarto grau, exactamente porque eles já desenvolveram toda uma série... Já tocaram toda uma série de outro tipo de exercícios em que o quarto grau... O quarto grau... O quarto dedo está presente... E, portanto, isto no máximo eles estarão a fazer as primeiras peças Suzuki ou similar... Num quarto ano de iniciação feito com... Com os quatro... Com a iniciação completa... Eu penso que é muito bom se eles já estiverem a tocar andamentos de concertinos, nomeadamente... Um Kuchler Op.11 e mesmo os concertinos de Rieding, devem já fazer parte do repertório deles... Mais uma vez, não é lícito que no nosso universo que eles o façam, mas já tive vários alunos a conseguirem fazê-lo... Com quatro e às vezes com menos anos de iniciação, mas... E... Peças relativamente simples com terceira posição, peças relativamente simples com mudança de posição... Mas um bom exemplo é isso, os... Eu penso que os andamentos de concertinos são um exemplo de... Um bom exemplo de iniciação, de final de iniciação...

12. Qual o repertório mais avançado que um aluno seu já atingiu ao concluir a Iniciação?

Não me lembro... Estou a tentar lembra o que é que... A Beatriz tocou no quarto ano e o Filipe mas não me lembro... Mas andava por aí... Entre... Andamentos dos concertinos de Rieding, eventualmente Seitz, primeira posição, anda por aí, dos alunos que eu tive até agora, num final de quarto ano de iniciação... por aí, por aí...

13. No seu entender, quais as três competências mais importantes que devem ser adquiridas por um aluno de Iniciação ao final do primeiro ano?

Do primeiro ano... Primeiro lugar: posição e postura - a posição do... A posição da mão direita no arco deve estar definida de uma maneira... Mais natural possível, seja os dedinhos direitinhos e não permitir que a execução do aluno possa ser... Para que o aluno essa ou aquela peça, mais fácil ou mais difícil, se desleixe as questões de posição e, nomeadamente, a posição da mão no arco e depois uma... Uma postura o mais direitinho possível - violino numa boa posição, o arco numa boa posição... Em termos de mão esquerda... Pelo menos o primeiro padrão até ao terceiro dedo... E... Em... Em sequências de dedilhação relativamente simples... E... Eram três... Portanto, posição, postura... Mão esquerda, esses padrões e ritmos relativamente simples, não precisam de ser muito complicados, se as coisas... Uma coisa que eu acho muito importante é que uma determinada ambição no repertório não faça estragar as coisas que estão certinhas, não deixar para que se toque uma coisa mais difícil que a mão esquerda tem... Adquirir vícios estúpidos, que a mão direita esteja torta, que o dedo mindinho da mão direita esteja esticado, que o polegar esteja virado ao contrário... Portanto, e às vezes cai-se no erro de... De deixar que os meninos toquem numa posição qualquer para conseguirem tocar aquela peça que tem... Mil floreios... Pronto, é por aí...

14. E as três mais importantes ao concluir a Iniciação?

Da iniciação... Um... Uma primeira posição absolutamente adquirida, uma sonoridade muito clara, um conceito de afinação... Já bastante... Desenvolvido... E isso tudo tem a ver com a correcção da posição... Porque na iniciação é difícil desligar, acho eu, a afinação da correcta posição da mão, da mão esquerda... Pronto, e é basicamente isso... Uma primeira posição

muito bema adquirida, uma... Uma sonoridade muito clara e um conceito de afinação também já adquirido, preferencialmente, e para quem usa fitas, preferencialmente já sem fitas, no quarto ano de iniciação, preferencialmente já sem fitas... E, já agora, nunca introduzir as mudanças de posição com fitas... Eu acho que é um... Eu sou um apologista da utilização de fitas para a... O habituar à colocação dos, digamos, dois ou três padrões iniciais pode-se usar uma fita para um primeiro dedo baixo, até, nada disso me incomoda... Mas, se bem que não é necessário... Mas a partir do momento que se introduz uma mudança de posição terá que ser por referência auditiva, porque senão não é uma mudança de posição, é colocar a mão naquela fita e isso não tem interesse... Mas é isso, uma.. Eram três, não é?... Posição, sonoridade e a afinação sem fitas... Da primeira posição, sim...

15. Os seus alunos de Iniciação apresentam-se em audições no Conservatório frequentemente?

Sim... Apresentam-se frequentemente... A frequência de... Para mim, a frequência de... A presença de alunos... Ou a frequência da presença de alunos nas audições depende do seu percurso e também depende das crianças. Há uma coisa que eu não faço, que é colocar numa audição um aluno que eu sei... Que não está preparado para o fazer e há meninos que nunca chegam a estar preparados por "n" condicionantes ou porque só abrem a caixa do instrumento na aula ou porque não têm condições de organização familiar para... Para trabalhar e estudar portanto... E isso pode fazer com que um menino de iniciação do primeiro ano apenas estude uma ou duas vezes em audições porque eles têm que, por um lado, perceber que uma audição é um momento em que se apresenta um produto o melhor possível e também é muito mau se a eles for colada uma etiqueta de mau executante, portanto há alguma defesa do aluno nesse sentido, digamos assim... Mas, como regra, sim, deverão tocar o maior número de vezes possível...

15.1 No primeiro ano, por volta de que altura fazem a primeira apresentação pública? Porquê?

Depende dos meninos, se... Raramente eu coloco alunos do primeiro ano de iniciação no primeiro período a fazer audições, raramente... Isso depois também tem a ver com as condicionantes da própria escola porque muito tarde é que nós sabemos é que nós sabemos quem é são os acompanhadores designados, muito tarde nós... A escola está realmente a funcionar a todo o vapor para... Para que... Para que isto seja... Fácil de organizar e a alturas tantas nós chegamos ao final do primeiro período e os meninos do primeiro ano ainda não se apresentaram. Portanto, normalmente depois... A partir do segundo período eles aparecem. Idealmente seria no final do primeiro período, sim, mas nem sempre acontece...

15.2 Em média, quantas vezes cada um dos seus alunos de Iniciação apresentam-se em público anualmente?

Se fossem três não era mau... Às vezes é mais... Mas se fossem três vezes em audição não era mau. Os... Os dos anos mais avançados da iniciação poderiam fazer mais coisas em audição... Ou poderão fazer... Mas... Mas se... Para apontarmos um número, três...

16. Quais os aspectos mais importantes que tem em conta quando realiza a avaliação neste nível de Iniciação?

Avaliação... Nós temos um... A escola tem um documento próprio com critérios definidos e com pesos definidos para... Para... Para cada nível de ensino... Eu não sei agora de cor mas há... Há um pre... Há um peso para as questões de compor.... Compor... Comportamentais e atitudinais e... E há, obviamente, um peso para as competências técnicas adquiridas, expressivas... No meu caso específico, é evidente que... Que as competências técnicas que eles vão adquirindo têm... Têm muita importância mas eu também dou muita importância às questões de interesse, atitude e comportamento... Mesmo sendo uma aula individual porque há uma postura correcta a ter numa aula... E mesmo admitindo as personalidades diferentes de cada criança, há uma postura correcta a ter em aula que nós não devemos deixar que seja alterada... E portanto isso para mim também tem importância. As questões expressivas para o final da iniciação também tomam algum peso, que no início não... Não é necessariamente muito importante, digo eu...

17. Algum aluno seu de Iniciação já participou num concurso de violino? Ganhou algum prémio?

O conservatório, aí há uns anos atrás, fez concursos de cordas... E sim, tivemos... Quase todas as classes estiveram presentes. Eu penso que algum ganhou... Dois... Acho que dois ganharam prémios nesses concursos... Nesse... Foram três concursos... Mas sempre... Sempre dentro da escola. Fora da escola, os concursos nacionais que existem, não... De iniciação, não... Nunca... nunca... Meus alunos não... E não sei se na escola alguma vez algum aluno de iniciação de violino tenha participado num concurso... Fora os que a escola organizou, não, não tenho ideia...

18. Tendo em conta os contornos actuais do curso de Iniciação no Conservatório, na sua opinião, que aspectos considera positivos e os que poderiam ser melhorados?

Curso de iniciação no Conservatório Regional de Ponta Delgada... Para já a... É positivo que ele exista porque não é assim tão... Legalmente não é assim tão ilícito que haja o curso... Parece-me que neste momento é um problema resolvido mas nunca foi absolutamente estabelecido que o curso de iniciação tinha que existir... Portanto, tendo em conta que ele exista e que isso não tenha sido alterado... A estrutura do curso mudou, agora, eles passaram de um tempo de instrumento, um tempo de classe de conjunto e um tempo de iniciação musical para dois tempos de instrumento e um tempo de iniciação musical, sendo que uma das horas de instrumento é feita em conjunto com outros meninos, mas não necessariamente realizando música de conjunto... Eu não tenho a certeza se um modelo é melhor do que o outro, eu penso que, mesmo para a iniciação, isso é pouco tempo... Portanto, num modelo ideal, e isso é genérico para qualquer nível de ensino, os nossos alunos têm pouco tempo de instrumento e têm... No caso da iniciação, têm pouco tempo de... De... De horas no plano curricular - em geral, não só no instrumento. Mais uma vez digo, era bom que houvesse alguma definição programática... Porque neste momento, nesta escola, em termos de iniciação, as coisas são muito díspares, não há... Não me parece que haja uma linha comum e, isso, não creio que seja assim tão benéfico quanto isso. O... Enquanto... Enquanto estrutura de escola... Há instrumento de cordas que, praticamente, não são leccionados na iniciação... O contrabaixo não é de todo, a viola é tão pouco e às vezes inexistente... E isso é... É prejudicial. O desaparecimento curricular da classe de conjunto fez com que deixasse de existir uma orquestra infantil de cordas... Que se... Portanto, que se antes já era deficiente, porque só tinha violinos e violoncelos, agora, então, é inexistente e é uma pena... Era preciso que... Mesmo ao nível da iniciação, a aprendizagem da música - isso é genérico para todo o curso da iniciação... A aprendizagem da música não fosse tanto vista como uma ocupação de tempo livre por uma grande parte dos pais e, até certo ponto, de uma boa dose da escola... Ou seja, a iniciação nunca é encarada como o primeiro passo do ensino vocacional, é encarada como uma outra qualquer actividade... E isso faz com que tudo o resto seja, para aquilo que eu disse... Era... Não deixando de dar importância aos aspectos lúdicos da educação, era importante que o... Que a iniciação do CRPD não fosse tão lúdica, é demasiado lúdico, ficam muitas questões mais sérias por... Por resolver. É... Não tem... Devia, pelo menos, ter um... Paralelo com as competências que são exigidas aquelas crianças no ensino genérico, portanto... Para mim é demasiado lúdico e... Se isso tudo fosse alterado, eram aspectos... Muitos bons a melhorar.

Entrevista

Professor E

1. Tendo em conta o processo de admissão actualmente vigente, devido ao reduzido número de vagas, acha que estas provas, na sua opinião, demonstram que os alunos admitidos na sua classe de Iniciação têm «aptidão musical»? Porquê?

Dado o facto que eles incidem agora sobre meramente a teoria da música, não tem muito interesse para os professores de instrumento porque nem experimentam os instrumentos nem realmente fazem a mínima ideia qual o instrumento que está a escolher. É um gasto de tempo, é um gasto de recursos dos professores ... para quê? Têm 180 que entram no conservatório e 20 vagas. E não vejo que os alunos... Obviamente têm que ser qualquer sistema de entrada no conservatório, antigamente era feito por quem chega primeiro e as pessoas vinham as 6h30/7h da manhã para inscreverem os seus filhos para terem lugar. Esta também não está certo, mas a maneira como está feito também não concordo muito.

Entrevistador: Acha que tem de se encontrar aqui um consenso ...

Pelo menos de ter uma ideia do que eles querem perante o instrumento, porque muitos deles entram sem ter uma mínima noção do instrumento que escolheram. E depois, dado o facto, tudo vai por água abaixo porque os miúdos entram, não há vagas ... tenho uma aluna minha o outro dia que disse ... perguntei qualquer coisa, que ela não mostra muito interesse no violino, e ela respondeu «Professora, eu queria piano, mas como não havia vaga, minha mãe pôs-me aqui» ...

2. Os alunos admitidos na sua classe de Iniciação, na sua maioria, no primeiro ano, já toca violino antes de entrar para o Conservatório?

Não.

3. A maioria dos alunos que iniciam a aprendizagem do violino consigo conclui o curso de Iniciação e transita para o 1º grau ou anulam a matrícula antes de concluir este nível?

Não, a maior parte segue e conclui a Iniciação. Um ou outro muda de instrumento a meio do percurso, mas de facto a maior parte continua no nível seguinte.

4. No primeiro ano de Iniciação, que actividades desenvolve com o aluno na primeira aula de violino?

Normalmente temos uma conversa para quebrar o gelo e falarmos em posição, como colocar os pés, o corpo, o alinhamento do braço-nariz-ombro ... função do arco, por a mão no arco pela primeira vez e só para eles ouvirem o som do instrumento que é muito importante porque se eles foram colocados em violino sem realmente saberem como é o instrumento é a primeira percepção ...e os cuidados básicos a ter com o instrumento, como colocar na caixa ... muito por alto, depois é repetido em cada aula. E às vezes batemos palmas porque eu começo em ritmos, começo com o primeiro ritmo do Suzuki, mas eles já começam a pensar nisso, que depois é aprofundado ao longo das próximas aulas.

5. Utiliza o recurso de partitura com os seus alunos desde as primeiras aulas?

Não

- 5.1 Então começa a utilizar a partir de que altura e porquê?

Como eu utilizo o método Suzuki para iniciar os alunos, geralmente vou, às vezes leva 3 anos de chegar ao ponto, dependendo se eles começam mesmo pequenos, mas geralmente quando eles mudam para Sol Maior, eu começo com a leitura da escala, onde eles podem fazer a ligação entre a partitura e a nota que estão a tocar no instrumento e depois, com Minueto I e outras peças que tenho adicionado, começa de fazer ... porque eu tenho um sistema de escrever, só utilizando os dedos e o comprimento do arco e por uns tempos continuo a fazer isto, até Étude normalmente ... e depois quando eles conseguem fazer e ao mesmo tempo estão a ler de partitura, geralmente leva um mês a fazer a transição.

E tendo em conta que um aluno começou no primeiro ano consigo, geralmente por que altura esta transição acontece?

Depende da idade, porque se eles iniciarem com mais idade, obviamente a percepção é mais rápida, se iniciarem com 6 anos, se calhar no final do terceiro ano, dependendo do aluno. Porque a filosofia do Suzuki é mesmo para eles ouvirem e interiorizarem a qualidade do que eles estão a fazer, e se eles estão ligados à partitura, eles perdem esta percepção, então eles têm de saber que chegam ao ponto que está mesmo bom.

6. Na ausência de um programa oficial definido para o curso de Iniciação, acha que seria mais positivo haver um programa definido oficialmente ou é preferível a inexistência de programa, dando mais liberdade ao professor? Porquê?

Eu pessoalmente acho que devemos ter mais liberdade porque a maioria dos professores não gostam muito de dar Iniciação, pois é uma abordagem muito delicada. Se os professores tivessem uma maneira imposta que eles não estão propriamente confortáveis, acho que seria muito difícil de fazer, porque é uma ligação pessoal, e esta é uma coisa que ... há uma frase do Suzuki "Nurtured by love" que é mesmo nutrir pelo amor ... se esta não está lá, o aluno vai desistir, então acho que é muito difícil de impor um programa fixo imposto aos professores, porque cada um tem de encontrar uma maneira que ele consegue fazer uma abordagem individual com o aluno.

Entrevistador: Mas comparando, por exemplo, existe um programa definido, ou mais ou menos definido, desde o 1º ao 8º grau ... e isso, de alguma forma não existe no nível de Iniciação ...

Mas eu não sei se podemos ir por aí porque o programa de 1º grau é interessante, começa com uma coleção antiga, penso, que pelo menos aqui não temos uma cópia desta, nem sei se ainda existe ... e depois já no segundo grau, está uma sonata de um dos filhos de de Bach, já não me lembro...

Entrevistador: Carl Philip Emmanuel Bach?

É. Ninguém no seu perfeito juízo vai do ponto zero e no ano a seguir, a não ser que seja um aluno extraordinário ... mas é preciso por as bases. Não ...

7. Que repertório utiliza, no primeiro ano de Iniciação?

Suzuki.

- 7.1 E nos anos seguintes até concluir a Iniciação?

Começo com Suzuki ... o primeiro livro está organizado em 3 patamares ... normalmente um aluno com 6 anos consegue fazer metade do primeiro patamar, se exige qualidade, se exige que está tudo feito, e depois consegue, se calhar no segundo ano, fazer uma segunda metade do primeiro patamar ... eu começo a introduzir outras peças no fim do primeiro patamar e depois tenho utilizado estas colecções russas mas escolhendo sempre na mesma tonalidade que eu estou a trabalhar em Suzuki, até chegarmos a Étude, que é muito importante porque é a introdução do terceiro patamar, a introdução de Sol Maior em que o segundo dedo começa a ir para baixo ... é aí que se quebram as posições de dedos e depois evito qualquer coisa com primeiro dedo atrás até o segundo dedo estar seguro em fazer esta mudança. Logo que esta acontece, já pode mudar de tonalidade e começar ... eu acho que neste sentido Suzuki, as peças no segundo livro, pecam um bocadinho porque elas mantêm-se em Sol Maior e não vai para Sol menor, não vai para Fá e tarda muito a por o primeiro dedo para trás, então aí já expandi para outras peças de outros ...

8. Utiliza escalas e estudos neste nível de ensino?

Claro, tem de ser!

- 8.1 Geralmente a partir de que altura? Dê alguns exemplos.

Tem que ver com o nível e não a idade. Quando eles chegam ao fim do primeiro patamar e vão para o segundo, eles já fazem a escala de Lá Maior, uma oitava ... quando vão para o segundo patamar, que é Ré Maior, fazem escala a escala de Ré Maior, uma oitava, e escala de Sol Maior e os respectivos arpejos, só numa oitava. Quando eles acabam, aí dou a escala de Sol Maior em duas oitavas, que é a introdução do segundo dedo baixo. E depois fico até saberem esta escala, não mudo, mas fazemos primeiro o arpejo simples, com duas oitavas, parando o arco

entre cordas, para perceber o nivelamento do arco, e depois ligando 2 notas por arco, parando o arco e depois sem parar, e depois 3 notas por arco, nos apejos, e quatro notas nas escalas.

9. Em que altura geralmente, na sua pedagogia, começa a ser exigido repertório com mudanças de posição?

Não faço esta em Iniciação.

10. Em que altura, geralmente, começa a ensinar o vibrato?

Eu também não faço esta em Iniciação, porque a estrutura da mão eu pessoalmente acho muito precária ... eu acho que a pressão do dedo, o que é mais importante durante a Iniciação, é de aumentar a pressão do ponto do dedo até que o próprio aluno percebe a questão da qualidade de som produzida por esta pressão e só quando a mão está assente nesta é que começo os exercícios ... sei que muitos professores começam esta mas eu acho que a mão tem que ser mesmo fortalecida e também tem de construir uma certa resistência, senão pode mesmo magoar fisicamente.

11. O programa que utiliza, é sempre dado na mesma sequência a todos os alunos ao longo da sua evolução, ou vai variando de aluno para aluno?

Aos mais novos eu quase sempre dou a mesma coisa, agora quando chegam já ao terceiro patamar, eu às vezes mudo a ordem ... se tenho dois alunos que estão no mesmo nível, geralmente sim mudo para não tocarem todos o mesmo, e depois tenho uma lista de peças que quando fico farta de ouvir uma peça, substituo por outra.

12. Pode dar exemplos de repertório que geralmente um aluno no final do ano lectivo atinge (por exemplo numa audição final ou prova de instrumento) para o 1º e 4º anos de Iniciação, tendo em conta que este frequentou quatro anos de Iniciação?

O primeiro ano, provavelmente eles tocam, dependendo do aluno, alguns entre «Todos os Patinhos», «Canção de Embalar», «Cai Neve», qualquer coisa neste leque de peças. Um aluno que está a concluir quatro anos, provavelmente poderia tocar «Lavrador Feliz» ou «Gavotte de ... fim do primeiro livro» ou mesmo «Coro dos Caçadores», porque eu ensino, eu quero qualidade, eu não quero que eles toquem peças brilhantes ... o conceito é que cada peça junte uma novidade e quando eles sabem eles têm as bases.

13. Qual o repertório mais avançado que um aluno seu já atingiu ao concluir a Iniciação?

Realmente não me lembro ... eu diria se calhar «Coro dos Caçadores» ou (peça a seguir 3º ou 4º do Suzuki), tendo feito já muita coisa deste compêndio, principalmente.

14. No seu entender, quais as três competências mais importantes que devem ser adquiridas por um aluno de Iniciação ao final do primeiro ano?

Eles devem saber a posição, devem perceber, a mão relaxada no arco, com o polegar dobrado ... têm de ter desde o início uma noção de afinação, se estão a tocar afinado ... e para mim se já estão a ter gosto mesmo pelo instrumento, este é o mais importante.

15. E as três mais importantes ao concluir a Iniciação?

No 4º ano eu quero eles já percebam a divisão do arco e velocidade do arco porque são proporcionais. Talvez não nestes termos, mas eles devem poder verificar isto com os seus próprios olhos, eles devem poder tocar em várias tonalidades, com o segundo dedo em várias posições ... quarto eu reservo porque este depende do corpo, se criança é muito fraca, que acontece, não usa o quarto dedo, pois pode causar problemas mais tarde. E noção de qualidade de som ... no primeiro ano eles não têm, mas ao fim de quatro anos eles devem saber se o som está bom e para mim eles devem já no fim do quarto ano poder auto-avaliar ... se eles sabem auto-avaliar, já é metade da batalha feita, porque eles podem progredir porque eles próprios vão querer atingir qualidade.

16. Os seus alunos de Iniciação apresentam-se em audições no Conservatório frequentemente?

Sim.

- 16.1 No primeiro ano, por volta de que altura fazem a primeira apresentação pública? Porquê?

Também depende da idade, porque se são muito novinhos, leva tempo ... com seis anos provavelmente seria no terceiro período, mas faço questão que pelo menos uma vez eles toquem. Se são mais velhos, irão tocar pelo menos duas vezes, porque já tem o poder de fazer. Os mais velhos devem tocar já 3 a 4 vezes por ano nas audições do conservatório, depois às vezes faço apresentações para mim. Eu estou pensando este ano, como tenho muitos principiantes, e como as audições são muito feitas mais tarde, fazer algumas audições para familiares, mais nas linhas de Suzuki, em que as famílias vão ao Sábado ... os meninos tocam com os outros e fazer algumas sessões assim.

- 16.2 Em média, quantas vezes cada um dos seus alunos de Iniciação apresentam-se em público anualmente?

(Respondido anteriormente).

17. Quais os aspectos mais importantes que tem em conta quando realiza a avaliação neste nível de Iniciação?

É quase a mesma coisa que estava a dizer, o que eu quero é que eles cheguem ... conversando com eles quero perceber se eles sabem auto-avaliar, para mim isto conta muito, porque se eles não percebem que está desafinado, se eles não percebem que o arco não está bem ... e tudo isto entra na avaliação. Eu não estou muito interessada em saber se eles podem tocar Bruch concerto no quarto ano, o que eu quero é que eles toquem seja muito bom e que eles percebam isso. A avaliação reside muito nisto, a própria capacidade do aluno saber o que está a fazer.

18. Algum aluno seu de Iniciação já participou num concurso de violino?

Não.

19. Tendo em conta os contornos actuais do curso de Iniciação no Conservatório, na sua opinião, que aspectos considera positivos e os que poderiam ser melhorados?

O facto que tivemos uma orquestra de Iniciação para cordas, eu acho que era muito útil ... não é que toquem coisas muito difíceis e muitos deles não lêem partituras mas o facto de ter a ideia já dos arcos ... Agora que temos aulas em conjunto, esta tem um interesse, o Suzuki sempre teve o que se chama «group lessons» e faz este tipo de trabalho, só que agora esta foi imposto pela secretaria regional de educação, está em vigor mas não funciona como deve ser porque os alunos estão juntos em função do horário em vez em função do nível, então acontece que temos um aluno do primeiro ano de iniciação com um aluno do quarto ano de iniciação que obviamente destrói a ideia base desta. É possível de trabalhar, é preciso de fazer muita coisa, fazer arranjos, uma parte ... o que eu tenho feito é uma parte para o mais velho, toca um dueto com variações e o outro faz um acompanhamento reduzido a cordas soltas ... mas eu acho que é pouco gratificante ... Outra coisa que eu acho que diminuiu foi a força da Iniciação que quando eu cheguei, nós podíamos fazer duas aulas de meia hora por semana ... deixa que o aluno progrida muito mais rapidamente, eles têm uma concentração de 20, 25 e conseguem fazer mais coisas e duas vezes por semana eles vão acompanhados, se eles esquecem qualquer coisa, alguns dias mais tarde têm outra aula e lembram-se ... mas os horários dos pais, os horários das instalações agora, é impossível fazer isto, nenhum pai tem a disponibilidade de trazer os alunos duas vezes por semana e vão perdendo esta, porque com uma hora por semana, um aluno de 6 anos no início tem 10, 15 minutos no máximo de concentração ... o que se faz, concentra-se logo no início da aula o que se pode fazer e o resto da aula é palha ... pode-se fazer um concurso

para saber as partes do instrumento, marchar, bater ritmos, voltar ao instrumento, mas geralmente não rende a mesma coisa.

Entrevista
Professor F

1. Tendo em conta o processo de admissão actualmente vigente, devido ao reduzido número de vagas, acha que estas provas, na sua opinião, demonstram que os alunos admitidos na sua classe de Iniciação têm “aptidão musical”? Porquê?

É uma pergunta extremamente complexa conforme já disse há bocado ... a aptidão musical muitas das vezes no aluno verifica-se e vai-se verificando ao longo do percurso que ele faz ... muitas das vezes também verificamos que um professor consegue conquistar o aluno e ele consegue ao longo do tempo desenvolver a sua aptidão musical, o que é um pouco frustrante é quando ele depois de facto muda de instrumento. É conforme eu já disse, estou aqui há dois anos no Conservatório Regional de Ponta Delgada, nunca acompanhei nenhum aluno durante quatro anos da Iniciação porque estou cá há dois, portanto o máximo que acompanhei até hoje foi durante dois anos, iniciei no passado ... reduzido número de vagas, no passado desistiram muitas mais, este ano, por causa de uma lei em vigor, as vagas ficaram todas suspensas, não é, existem há espera ainda bastante números de alunos para entrarem. Agora no que diz respeito ao número de vagas ...

Entrevistador: No fundo é o que acha dessas provas e se realmente os alunos admitidos na sua classe ...

Eu tive precisamente nas provas de admissão dos alunos cá no Conservatório no ano passado para este ano lectivo. No que diz respeito à realização dessas provas, elas não são especificamente para um instrumento, elas são globalizadas na sua ... para verificar se o aluno tem ou não conhecimentos musicais, se não tem ou se tem aquilo a que nós chamamos de talento mas que é uma palavra e é um termo extremamente complexo ...

Entrevistador: Alguma facilidade ...

Exactamente, de repetição ou memória de execução imediata, pronto. Na parte das provas de aptidão de instrumento, que eu tenha conhecimento elas não existem, há uma pequena demonstração apenas e às vezes os alunos quando nós questionamos muitas das vezes durante as provas de aptidão musical nós perguntávamos que instrumento é que eles queriam tocar, o eles queriam aprender a tocar, a maior parte deles diziam piano, muito facilmente ...

Entrevistador: Muito popular ...

Muito, muito ... pronto, um instrumento muito clássico, digamos entre aspas, muito muito popular como disse ... portanto o reduzido número de vagas cinge-se apenas porque as leis assim o permitem e as provas não vão além dos conhecimentos que existem.

Entrevistador: São limitativas ...

São limitativas.

2. Os alunos admitidos na sua classe de Iniciação, na sua maioria, já toca violino antes de entrar para o Conservatório?

Aqui no Conservatório Regional de Ponta Delgada não. Vieram mesmo no zero. Digamos que eu sou a pessoa privilegiada que estou a moldar, a bem dizer ... Noutras instituições vieram de outros professores, sim, alguns casos vieram de outros professores ... Minto! Já me aconteceu no final do ano passado e este ano também, recebi transferências de outros professores que leccionam cá e que pediram transferências desses alunos para a minha classe.

Entrevistador: Mas de uma forma geral portanto, quando eles vêm para o primeiro ano de Iniciação, não tocam não é?

Aqui, não. Mas alguns encarregados de educação que tentam tirar alguma informação, quais são os professores mais adequados, ou quando não têm nenhuma informação acerca do professor e, pronto, certamente ... algumas pessoas vêm parar ou não, são distribuídas ou não, depende ...

3. A maioria dos alunos que iniciam a aprendizagem do violino consigo conclui o curso de Iniciação e transita para o 1º grau ou anulam a matrícula antes de concluir este nível?

Depende do aluno, dos objectivos do aluno, dos objectivos dos encarregados de educação, também, não é? Mas de uma forma geral ... Transitam para os anos, primeiro, segundo, por aí adiante ...

4. No primeiro ano de Iniciação, que actividades desenvolve com o aluno na primeira aula de violino?

Não se parte de um princípio que um aluno é um molde e que o vamos aplicar o mesmo método sobre os alunos todos. Daí ser hoje em dia e que eu sempre admito ... hoje em dia e sempre, a tarefa de professor da componente artística é extremamente desgastante ao final de não sei quantas horas por dia a estar a trabalhar com constantes alunos, não é? Eu costumo a dizer que é o muda de disco, ou seja, muda de disquete, muda de disco porque vem outra cara nova, vem outro aluno diferente com uma personalidade completamente diferente, que nós vamos conquistando a pouco ao longo do tempo. Na primeira aula, lógico que é extremamente fundamental, embora não sei se é uma atitude muito picuinhas da minha parte, apresentar o instrumento no geral, não tenha nenhuma ... não gosto de assustar os alunos a dizer que ali fica as cravelhas, ali chama-se aquilo, ali chama-se acolá, não interessa, para mim nessa fase inicial da Iniciação ... Mas é uma coisa que eu ensino em primeiro lugar é higiene e segurança com o instrumento na aula para depois poderem transportar a mesma coisa para entradas em palco, saídas em palco, estudo individual, isso é extremamente importante. As normas dentro dentro da sala de aula é extremamente importante também e também aquilo que eles têm de fazer em casa, na disciplina de violino como se fosse uma disciplina como outra qualquer mesmo do ensino regular. Portanto esta é a primeira aula e a apresentação do aluno e também do professor, conhecer um bocadinho acerca do aluno e do professor. Como se sabe o tempo é cada vez mais apertado no que diz respeito à duração das aulas também, não é?

Entrevistador: Claro.

5. Utiliza o recurso de partitura com os seus alunos desde as primeiras aulas?

Não.

5.1 Se não, porquê e utiliza a partir de que altura?

Eu costumo a dizer uma ... alguns pais vêm ... houve uma reunião de encarregados de educação no ano passado que um encarregado de educação questionou porque é que o meu filho não levou uma partitura na primeira aula de violino que ele teve comigo. Eu disse assim porque o seu filho quando foi para o primeiro ano da escola certamente não sabia ler nem escrever. Exactamente a mesma coisa que ... e o encarregado de educação ficou assim um bocado ... meu deus, que é isto ... e depois expliquei porquê, porque existem métodos e métodos de abordar os alunos, existem aqueles alunos que conseguem já ter um raciocínio matemático, eu costumo a dizer que quem é bom ... nós normalmente como professores vemos quem é que é bom a matemática na aula de violino, que é uma coisa que algumas pessoas ficam ... alguns encarregados de educação ... como é que é possível? Mas a música e a matemática têm uma relação próxima e, por exemplo, eu tenho alunos de Iniciação que este ano estão a ler pela pauta, é extremamente fundamental. Existem estratégias extremamente fundamentais para os alunos também aprenderem a ler pela pauta, para não sentirem aquela frustração enorme ... agora aqui também vem o peso extremamente importante que é

fazer a ponte entre a Iniciação musical e a aula de instrumento, muitos alunos sentem-se desmotivados na aula de iniciação musical porque não têm a ponte, mas o que é que eu estou a fazer nesta disciplina se na aula de violino não estou a fazer isto aqui que eu estou a aprender? Portanto, depende muito de aluno para aluno. Há alunos que uma pessoa coloca logo inicialmente a ler pela partitura, há outros alunos que não, temos de trabalhar a parte auditiva, como nós sabemos o violino não é como um piano, carregamos na tecla e está afinado está se não tiver paciência, a culpa não é dele, portanto existem muitas ... depende, depende muito de aluno para aluno.

Entrevistador: Mas de uma forma geral não há assim um padrão ...

De uma forma geral eu gosto muito de explorar a parte auditiva dos alunos e nesta fase, estou a falar dos seis, sete anos, é uma fase muito rica em memória e é uma altura em que nós temos de trabalhar muito especificamente a postura dos alunos na parte de execução e é extremamente importante nós aproveitarmos a memória que eles têm, explorá-la ao máximo, então estou a falar em nomes de métodos porque nós podemos perfeitamente converter um método em outro ... é extremamente importante explorar a memória e fazê-los memorizar e como memorizar as coisas ... por que eles também estão muito preocupados em conseguir fixar ou suportar o violino e depois vem a pega do arco, e como é que vou fazer isto ... vamos amenizar um bocado as preocupações dos alunos, exactamente, senão é o caos total e alguns acabam mesmo por desmotivar, obviamente.

6. Na ausência de um programa oficial definido para o curso de Iniciação, acha que seria mais positivo haver um programa definido oficialmente ou é preferível a inexistência de programa, dando mais liberdade ao professor? Porquê?

Programa oficial ... de violino ... na altura quando eu fiz a investigação científica o que nós tínhamos em vigor era de 1981 ... e nós ao longo de todo o processo renovamos, ao longo dos anos, continuando a leccionar, vamos descobrindo obras e mais obras e mais obras e métodos e mais métodos e mais métodos ... e ...

Entrevistador: Mas esse programa oficial, portanto, consta a partir do primeiro grau ...

Exactamente. E de Iniciação cada vez mais existem também métodos ou compilações, digamos, de ... para violino de iniciação. Se era importante ou não haver uma unificação, uma uniformização, um programa, ok ... este ano entra em vigor o menino tocar a peça x, y, h, todos iguaizinhos, estilo fotocópia, acho que não ... os alunos são todos diferentes. Há uns que são mais calmos, há outros que são mais acelerados, há outros que são mais alegres. Embora eles tenham de saber distinguir essas sensações que a música nos transmite. Eles conseguem, eles são crianças mas conseguem ... agora, eu não acho que há necessidade de configurar um programa de Iniciação para violino ... Não diria um programa obrigatório, mas digamos, umas linhas ...

Entrevistador: Uma lista orientadora ...

Exactamente. Uma grelha orientadora de peças ... Existe ... Aqui no conservatório a nível interno existe ... Pois, portanto, refiro-me não a essa organização em que eventualmente os professores da própria instituição ... de departamento ... Mas de entre os conservatórios oficiais em sim, no país ... Isso não existe.

Não concordo. Continuo a dizer que não concordo porque existe muita coisa para iniciação, é uma questão de um professor verificar e adaptar ...

7. Que repertório utiliza, no primeiro ano de Iniciação?

No primeiro ano de iniciação é extremamente importante, e os meninos sabem disso ... escala, estudo e peça. Seja o mais simples ou mais complexo, é extremamente importante fazê-lo. Começar por escala, não começo. Começar pelos estudos, aqueles pequeninos de exercícios de cordas soltas, já a interiorizar a leitura na pauta ... pronto ... é extremamente importante e já o faço ... e depois a peça tenta-se trabalhar a memória

do menino, não é, acho que é extremamente importante, até porque depois, nas actuações, em público, ele o aluno levará a peça de memória ou se sentir mais seguro leva partitura.

7.1 E nos anos seguintes?

Iniciação 2, 3 e 4?

Entrevistador: Exactamente

Aí a estrutura começa a ser mais delineada, começa a ganhar mais forma, aí sim. Continuamos com a mesma continuação do ano anterior, portanto, com escalas, com estudos, com peças, alguns alunos que já conseguem atingir o nível no, quando se está na iniciação quatro, conseguem já atingir aquela execução dos concertinos para principiantes, dos compositores conhecidos Rieding, Kuchler e outros compositores, sim.

8. Utiliza escalas e estudos neste nível de ensino? A partir de que altura? Dê alguns exemplos.

A meio do ano lectivo, aqui neste contexto tem que ser. Se fosse, já dou aulas há algum tempo atrás, nas escolas no continente alunos que vinham com ... alunos que vinham com conhecimentos de execução de violino, já tocavam no primeiro ano de iniciação. Eu comecei também num projecto em que eu dava aulas a miúdos, a alunos com três anos de idade, aí o projecto é completamente diferente, temos que estrutura-lo de uma forma completamente diferente, é lógico que aí não vamos dar escalas aos meninos, mas aí também temos que utilizar uma linguagem completamente diferente para ensinar a execução do instrumento ao aluno, não é, não vamos dizer escala, mas podemos ... qualquer coisa que seja associada a uma escada, e eles vão tocando à medida que sabem. Mas na iniciação aqui, um, escala, meados do segundo período, para não traumatiza-los, senão ...

Entrevistador: E alguns exemplos de estudos ...

Exemplos de estudos ... Eu gosto muito, embora ... eu aqui vou-me habilitar e vou arriscar mesmo a dizer porque sou uma pessoa extremamente liberal ao que diz respeito a opiniões e não tenho esse tipo de problemas, eu gosto muito de utilizar e Neal MacKay. Porquê? Porque tem a parte do professor na execução ou de outro violinista mais avançado e eles gostam de ouvir os duetos do estudo, aquela parte metódica e a explicação da parte da teórica básica na leitura de uma pauta para violino ... depois também uns outros duetos que também servem de estudos, mas eu sinceramente não me estou a lembrar agora do nome, uma coisa que tenho lá em casa ... Também temos o ... sei lá ... estudos para ... mas normalmente eu gosto de Neil MacKay, embora Neil MacKay termos o cuidado de não estar sempre ... eu salto os estudos, porque senão estamos sempre a trabalhar nas mesmas tonalidades. Isso vicia o ouvido do aluno, portanto, temos que andar ali a trabalhar um bocado de vez em quando com outros estudos que não sejam Neil MacKay, lá maior, ré maior ... essas coisas assim.

9. Em que altura geralmente, na sua pedagogia, começa a ser exigido repertório com mudanças de posição?

Outra coisa que também depende do aluno. Tudo depende. Assim como o vibrato que vem numa das perguntas que vem a seguir ... depende. Mudança de posição eu adoraria dar a um miúdo que tivesse no quarto ano de Iniciação, isso era um sonho ... mas segundo grau, terceiro.

Entrevistador: Tal como o vibrato, então ...

O vibrato eu ... eu vibrato tenho sempre uma história de alguns professores com os quais tive masterclass e foi Boris Mirosharek, um excelente violinista russo ... ele dizia, e dizia bem, o vibrato é uma coisa que vem de dentro, temos que ser nós a ter a necessidade de o fazer ... e nunca querer forçar o aluno a fazê-lo ... porque senão sai um vibrato forçado ...

Entrevistador: Claro ...

É uma coisa que nós estamos a obrigar o aluno a fazer e a música não é isso que se quer. Não é isso que nós queremos na música. Nós estamos a trabalhar com sentimentos, com sensações ... e essencialmente com seres humanos. Estamos a educar um aluno a tocar um instrumento. É isso que eu tento realmente verificar nos alunos, quando é que eles querem e têm aquela necessidade de querer fazer o vibrato. Existem normas ... havia um pedagogo que dizia o vibrato não se ensina ... eu fiquei, a primeira vez que me disse eu fiquei não se ensina, então como é que é possível não se ensinar o vibrato? E depois mais tarde eu disse assim ele tem razão. Eu aprendi a fazer vibrato, mal ou bem, a ver pela televisão, e depois dou razão às ligações dos comentários que vários pedagogos disseram porque eu ao ver na televisão senti aquela necessidade de querer experimentar e já estava a querer fazer. E depois há outras componentes técnicas que nós temos que fazer antes de, quando nós verificamos que o aluno ... e os professor diz já experimentaste fazer em casa ... e ele já ... e nós então vamos começar por aí ... vamos trazer de casa para aqui.

Entrevistador: E isso já alguma vez aconteceu ao nível da Iniciação?

Iniciação não, nunca tive esse privilégio ... alguns miúdos perguntam oh professora porque é que a professora abana aí o dedo e eu ah eu esqueço-me sempre mas convém que eles tenham a noção que o vibrato existe como técnica de violino desde a primeira aula que é para aguçar um bocadinho o apetite de eles querem tocar mais e mais. Isso é extremamente importante também.

10. Em que altura, geralmente, começa a ensinar o vibrato?

(Respondido anteriormente).

11. O programa que utiliza, é sempre dado na mesma sequência a todos os alunos ao longo da sua evolução, ou vai variando de aluno para aluno?

Não é dado na mesma sequência. Há um projecto que eu coloquei cá em prática no ano passado que foi o projecto dos afinadinhos que vem um bocado ao encontro ao método que é extremamente conhecido o método Suzuki ... que aí há uma sequência, mas nós também conseguimos captar o objectivo de uma determinada peça e coloca-lo noutra peça, portanto quando temos de fazer aquela sequência toda ... e até podemos pegar numa outra peça que não está na colectânea do Suzuki e trocar. E portanto eu não utilizo a mesma sequência como estou a utilizar, como fiz no ano passado. Até porque para mim é sempre uma experiência nova, quero sempre ver a receptividade e a resposta do que o aluno dá na aula. Alguns professores gostam de, ok pronto, estás no primeiro grau toca isto e depois se tiver ou se tiver no primeiro ano de iniciação, que é o meu caso que este ano tenho 3 ou 4 alunos de iniciação um, se eu utilizar o mesmo programa ... eu no ano passado tinha quase todos os alunos a começar de iniciação um, bem que eu era uma professora frustrada, entre aspas, pois estava sempre a dar o mesmo programa. Isso é completamente diferente, não. E também temos de ter em conta uma coisa, as crianças são diferentes de pessoa para pessoa, de criança para criança. Nós não podemos utilizar o mesmo método, a mesma forma ... é fascinante mas é desgastante mas ... não utilizo, de forma alguma.

12. Pode dar exemplos de repertório que geralmente um aluno no final do ano lectivo atinge (por exemplo numa audição final ou prova de instrumento) para o 1º e 4º anos de Iniciação, tendo em conta que estes frequentaram quatro anos de Iniciação?

Iniciação um, pequenas peças infantis, alguns estudos também, é extremamente importante ... e escalas até uma oitava ... Iniciação quatro já consegui, aí está, alunos com o concertino de Kuchler, o opus 11, de Rieding ... variados.

13. Qual o repertório mais avançado que um aluno seu já atingiu ao concluir a Iniciação?

O concertino de Rieding e de Kuchler.

14. No seu entender, quais as três competências mais importantes que devem ser adquiridas por um aluno de Iniciação ao final do primeiro ano?

É assim, eu costumo a dizer que há três aspectos fundamentais que são exigidos no final do primeiro ano. Mas é assim, eu não costumo a ver o ensino do violino, que é a minha área, como o primeiro ano é uma etapa, o segundo ano é uma outra etapa, quer dizer ... isto é uma continuidade, é efeito bola de neve.

Entrevistador: Mas sendo uma continuidade, ao final do primeiro ano o que é que ...

Podemos estabelecer metas. A postura é extremamente importante ... a fixação do violino, o à vontade que já pode sentir ao executar o instrumento ... o manuseamento da pega do arco é extremamente importante porque aí resulta a produção e posteriormente a projecção sonora ... a postura da técnica da mão esquerda também é extremamente importante ... não posso dizer a afinação porque eu tenho, não me importo de dizer, 31 anos e continuo a dizer a mesma coisa, ainda hoje trabalho a afinação. E se eu tiver, por exemplo, a trabalhar com pianista naquela sala com aquele piano, eu tenho de trabalhar a afinação para aquele piano, porque é um instrumento de afinação fixa, não é? E já me aconteceu a mim, no local do concerto e ter outro piano, e à última da hora também ter que mudar de afinação porque o meu não é de afinação fixa. Portanto, a afinação, o conceito de afinação também já começa a ser desenvolvido desde o primeiro ano de iniciação, nunca acaba o conceito de afinação. Eu costumo a dizer que o conceito de afinação é um pau de 3 bicos, mas é que é mesmo. Para mim pode estar afinado, para o João pode estar desafinado, então eu digo isto é uma afinação dentro da desafinação mas que tem de estar afinado, portanto, desenvolve-se sempre ao longo dos anos, mas agora a postura, a pega do arco, posteriormente para a produção e projecção sonora, e claro trabalhando a afinação, a técnica da mão esquerda. Técnica da mão direita, técnica da mão esquerda, postura mas não digo postura de uma forma rígida mas em que eles se sintam confortáveis e consigam estar relaxados a tocar violino, com certeza.

15. E as três mais importantes ao concluir a Iniciação?

As mesmas que acabei de dizer, por exemplo ... por exemplo não, é que é extremamente importante, agora a afinação é que é aquela que vai ter sempre continuidade, nunca vai acabar, assim como a técnica da mão direita, não é.

16. Os seus alunos de Iniciação apresentam-se em audições no Conservatório frequentemente?

Sim, eu faço questão, no início do ano, de apresentar um plano anual de actividades da minha classe de violino. E o projecto ... a última audição no ano passado, que foi precisamente o primeiro encontro sons do verão, em que foi entregue um mimo que foi o diploma de participação naquele concerto, foi extremamente interessante porque os miúdos, os meus alunos, pela primeira vez tocaram a solo. Até lá vai-se falando no que é o tutti, o que é o solo, as palavras musicais que eles começam a interiorizar. Nunca aconselho o aluno de está na iniciação um no primeiro período a fazer um concerto a solo, isso faz com que a criança possa reagir bem ou possa reagir mal. Normalmente reage mal. Dá-lhe fobia ao público, fobia ao palco, fobias às palmas. Não é isso que nós queremos. Primeiro concerto é no Natal. Esse aí já vamos começar dia 20 de Novembro em ensaios de preparação com classes de instrumentos de outros professores convidados também ... até ao dia 13 de Dezembro que é o dia de audição de Natal.

Entrevistador: E a primeira apresentação, então, a solo, é posteriormente ...

Sim, sim, É lógico que se falarmos de iniciação dois, e eu verificar que o aluno já reagiu bem no primeiro ano ao público e está perfeitamente à vontade e sente-se digamos na sua casa, já vai nas audições de ... já toca nas audições a solo, sim, nas audições gerais, agora até hoje, por exemplo, não tocou em nenhuma audição geral um aluno meu. Foi sempre em audições de classe. Porquê? Porque está num ambiente familiar, o ambiente familiar de colegas, nós costumamos a dizer da equipa da Mafalda, não é, e então sentem-se mais seguros desta forma.

16.1 No primeiro ano, por volta de que altura fazem a primeira apresentação pública? Porquê?

(Respondido anteriormente).

16.2 Em média, quantas vezes cada um dos seus alunos de Iniciação apresentam-se em público anualmente?

3 a 4 vezes, aqui, em Ponta Delgada. No continente apresentavam-se muitas mais. Havia sempre escolas, principalmente primárias, que queriam que grupos fossem tocar e fazia questão de eles irem, quanto mais vezes eles fossem, melhor.

17. Quais os aspectos mais importantes que tem em conta quando realiza a avaliação neste nível de Iniciação?

Há um aspecto que eu dou extremamente ... há dois aspectos até ... a avaliação é contínua, como nós sabemos, mas há dois aspectos que eu valorizo imenso, é a atitude ... a atitude na aula, não estou a falar assim estilo militarista, não há distância entre mim e o aluno. Mas é a atitude que se tem e é o estudo individual, sem isso não se consegue fazer nada. Nada! Quer dizer, andamos aqui sempre à volta da mesma coisa, há um progresso mas não um progresso, uma evolução contínua, não é?

Entrevistador: Claro.

18. Algum aluno seu de Iniciação já participou num concurso de violino?

Já, já participou, não cá, como estou cá ... é o segundo ano que eu estou cá ... No continente participou no concurso Capela e depois no concurso Manuel Ivo Cruz.

Entrevistador: E ganharam algum prémio?

Ganharam as duas alunas o primeiro prémio na classe de iniciação e depois da classe de básico também primeiro prémio e a menina que participou no concurso Capela não ganhou prémio mas ganhou uma menção honrosa porque na data em que se inscreveu ela só tinha 5 anos e não tinha 6.

Entrevistador: Muito bem.

E só admitiam alunos a partir dos 6 mas ela continuou, nunca houve nenhum travão a dizer que ela não poderia ir, só soubemos no final quando ela fez a prova que ela ia receber uma menção honrosa, mas foi um orgulho para ela e para mim também e ela também ficou toda contente.

18.1 Se sim, em qual? Ganhou algum prémio?

(Respondido anteriormente).

19. Tendo em conta os contornos actuais do curso de Iniciação no Conservatório, na sua opinião, que aspectos considera positivos e os que poderiam ser melhorados?

É assim, nós estamos com aulas individuais, cada menino não é, cada aluno, de 45 minutos, o que é extremamente ... o que é fantástico, para nós trabalhar a técnica e não só ... e depois há uma aula dupla ... há uma dupla, quer dizer, há um conjunto de alunos que está a fazer aquela aula, não é, chamada aula colectiva, as parelhas ... eu acho essa oportunidade da lei que nos dão fantástica ... porque consegue-se trabalhar

outras componentes, que também se conseguiria fazer na aula individual, mas sem outros alunos, um bocadinho complicado, não é ... era quase impossível eu colocar 13 alunos a tocar ao mesmo tempo e falar na afinação do conceito tutti, o que é uma finação num todo, não é, o que é uma dinâmica num todo, o que é ... outros componentes técnicas que num todo funcionam de uma forma e solisticamente funciona doutra, não é? Portanto, isto é uma vantagem que esta lei veio favorecer a componente de formação artística e que, de facto, os professores e os alunos deveriam aproveitar, essencialmente. Esta lei, os professores e os alunos, deveriam de aproveitar e de explorar também, a explorar ao limite e ao máximo. Aspectos negativos, aspectos negativos ... não estou assim a ver consoante ... perantes estas novas leis que estão em vigor, até porque estas leis, João, já foram aplicadas no continente desta forma, depois por problemas ... por problemas financeiros, como nós sabemos, misturaram tudo, meteram tudo dentro de uma panela e quiseram fazer do professor um super-herói, ou seja, dar aulas de 15 minutos individual a um menino e dar os outros 15 minutos colectivo. O professor não é uma máquina e os alunos também não o são, os alunos quanto mais pequenos são conseguem se aperceber quando é que um professor está sob pressão de leis e de relógios ou não, não é? Isso não funciona.

Entrevistador: Muito obrigado.

De nada.

